A Arte da Direcção das Almas

(DIAGNÓSTICO E TRATAMENTO)

Versão de A. A. P.

Depósito:
«PAX» — Livraria Litúrgica Editora
Rua do Souto, 75 — BRAGA (Portugal)

Aprovação da edição francesa:

Nihil obstat.

L. BLONDIAU.

Da melhor vontade, concedemos o «*imprimatur*» ao presente livro.

TH. LOUIS, BISPO DE NAMUR.

Nihil obstat.

Cónego — L. ALMEIDA.

Aprovação por S. Ex.ª Rev.ma o Senhor Arcebispo Primaz, da versão portuguesa:

Imprimatur.

Bracarae, die 8 Aprilis 1925.

EMMANUEL, ARCHIEPISCOPUS BRACARENS.

ÍNDICE

ALGUMAS PALAVRAS

«E' freqüente ouvir-se a queixa de que são muito pouco os directores de almas», dizia ùltimamente um bispo belga, falando ao seu clero, reünido em exercícios espirituais...

Lacuna esta, na verdade, de assás ruína, para as almas e para a Igreja. Como explicá-la, havendo tão bons e zelosos sacerdotes?... Foi-nos dada a resposta pelo director dum Seminário, nestas palavras: «é que, na verdade, não há um *livrinho* verdadeiramente prático que possam manusear os sacerdotes, que se dedicam à direcção das almas... Por isso, um livro desta natureza, é preciso ainda compô-lo».

Foi por êsse motivo, leitor, que lançamos mãos à obra..., pois, efectivamente, trabalho desta ordem, é coisa nova. E' certo que existem obras importantes sôbre *ascetismo* e *mística*, mas, por isso mesmo que são grandes tratados, teem o grave inconveniente de trazerem a doutrina de mistura com tantas dissertações, que só por muito estudo poderá o padre encontrar as regras práticas da direcção. Daí, nem sequer a tentativa de folhear tais livros, tanto mais, que os sacerdotes, que teem almas a dirigir, estão, de ordinário, sobrecarregados por outras responsabilidades, próprias do seu ministério.

Em geral, o padre de hoje, de vida essencialmente activa, em contacto contínuo com as almas, não tem tempo para compulsar os grandes volumes, nem para se deixar absorver em estudos profundos.

Donde se vê a necessidade do presente *manual*, que,

encerrando em resumo, a essencial doutrina da direcção espiritual, representa para o sacerdote, estudo feito e economia de tempo. Digne-se Deus abençoar os nossos esforços, para glória sua e bem das almas — Até aqui, o autor. Que direi eu aos meus colegas portugueses? Também são para nós, Reverendíssimos Senhores, duma actualidade pasmosa as palavras do autor. Sim, há entre nós, com efeito, a mesma lacuna: não temos em português um livrinho, que, resumindo dum modo claro, a principal doutrina da dificílima *arte* da direcção das almas, — *ars artium regimen animarum*, — facilite ao Director espiritual, aliás pio e dela conhecedor especulativo pelo estudo dos bons *tratados*, uma sciência prática e adaptável, dos caminhos que segue o Espírito de Deus na santificação das almas. Porque, é de notar, três [illegible] mentos se conjugam ordinàriamente n[illegible] virtude e da perfeição: Deus com a [illegible] indispensável do homem, condição *sin*[illegible] sempre, da intervenção divina, — e a orientação externa dêste esfôrço por um guia competente e autêntico. E' certo que o guia principal é Deus. Mas como conhecer a sua vontade, o seu influxo, as luzes que infunde, se o espírito das trevas também sugere, e a inteligência humana, devido à sua fraqueza e às paixões, é tão abnóxia a preconceitos e a ilusões? Tem, portanto, o guia espiritual de descortinar claramente a acção divina, de desmascarar os manejos do demónio e de prevenir a natureza contra as más tendências, por uma direcção esclarecida, prudente e segura. E' êle, por assim dizer, que, como representante de Deus, seu ministro e vigário, assume o comando da graça e da vontade humana contra o demónio e a natureza corrompida.

E' um general que dirige a batalha mais árdua e mais prolongada (a vida inteira), em que é êle quási o único responsável e cujo desenlace final será um justo, um santo, na terra e depois no céu, ou um prescito eternamente no inferno.

A falta de direcção leva a alma, aliás cheia de boa

vontade e talvez de óptimas disposições para a virtude, a uma piedade, como vêmos, piegas, enfezada, miópe e ridícula, que mais não é do que a ficção da piedade, pois que fundada num labor mèramente humano. O que não admira: os efeitos são da natureza da causa, a qual, no caso, são os preconceitos, as ilusões, a vontade própria, o egoísmo, etc., isto é, a natureza humana, dominada não pela graça, mas pelas tendências más e pelas falsas sugestões.

Ao passo que a alma bem dirigida começa a viver vida sobrenatural e divina; desprende-se da terra e de si mesma, porque mais do que a criatura a captiva o Criador, bem supremo, vence, em conseqüência, as paixões perversas, vê o seu nada e humilha-se, só sente boa, santa e inefável a vontade santíssima de Deus, e, quanto mais confunde o seu querer, sentir e aspirar com o beneplácito divino, tanto mais se une com Ele, tanto mais O ama e goza, tanto mais se santifica e adquire a evolução perene do seu ser.

Para isso, é evidente, deve o Director sêr homem de Deus, no sentido estrito e absoluto da palavra, e conhecedor consumado dos trâmites e caminhos que o Senhor usa seguir com os que criou para O conhecer, amar e servir nesta vida e finalmente possuir perenemente na eternidade. Eis para coadjuvar em tão rude, como nobre emprêsa, o presente volume. Seja êle de eficaz auxílio aos meus colegas no sacerdócio e beneficiem tantas almas, sedentas de luz e de formação interior, que teem direito incontestável aos nossos esforços e ao impulso vigoroso duma direcção sábia, prudente, firme e caritativa.

Belinho, 19 de março de 1925.

P.e A. A. Pereira.

TRATADO DA DIRECÇÃO

CAPÍTULO DE INTRODUÇÃO

NOÇÕES PRELIMINARES

Consiste **a direcção espiritual** na acção do Confessor, posta à disposição das almas, para as ajudar a encontrar seguramente o caminho que as há-de conduzir à santidade a que Deus as chama, enveredando por êle e prosseguindo, através de todas as dificuldades.

E' de dois modos a direcção espiritual; 1.º **pastoral,** quando proporciona a certa categoria de almas os meios gerais para se santificar e chegar à salvação; e tal é a direcção do Sumo Pontífice em tôda a Igreja, a do bispo na diocese, a do pároco na frèguesia e a do Superior na comunidade religiosa; e

2.º — **Direcção de consciência,** que tem por objecto cada alma em particular, ajudando-a a triunfar das dificuldades pessoais e a prosseguir pelas vias especiais, que a hão-de levar para Deus.

A direcção de consciência subdivide-se em: a) **Ascética,** que conduz para Deus as almas pelas vias *comuns* ou *ordinárias* da graça, e b) **Mística,** que as conduz pelas *vias extraordinárias*: a contemplação infusa, os êxtases, as revelações, visões, etc.

DIRECÇÃO DE CONSCIÊNCIA

CAPÍTULO PRIMEIRO

Da Direcção, em geral

I — NECESSIDADE DA DIRECÇÃO

1.º — Será realmente *necessária* a direcção espiritual? — Como vimos, é dupla esta direcção: *pastoral* e *direcção de consciência*. A primeira é evidentemente necessária; basta a simples leitura do Evangelho para nos persuadir que ela é da essência do Cristianismo. Governar todas as nações, foi missão de que Jesus-Cristo incumbiu os seus Apóstolos, sob a direcção Suprema de Pedro: «*ide, ensinai todas as nações* .. e *ensinai-lhes a observar tudo quanto vos hei mandado*». — «*Simão filho de João, tu amas-me?... apascenta os meus cordeiros... apascenta as minhas ovelhas*».

E diz S. Páulo que o Espírito-Santo constituiu os bispos para regerem o povo de Deus.

Quanto à *direcção de consciência*, é certo que não vem expressamente declarada no Evangelho a sua necessidade, mas é fácil vê-la insinuada na Instituïção do Sacramento da Penitência.

A confissão dos pecados qual a instituiu Jesus-Cristo e a Igreja pratica, comporta evidentemente os elementos duma verdadeira direcção de consciência.

Demais, esta necessidade é reconhecida pela Igreja, que impõe a cada Comunidade religiosa um *confessor*

estável, ao qual se apresentam regularmente os seus membros, para patentearem o estado da sua consciência e receberem as devidas advertências.

2.º — A necessidade da Direcção, tal como a Igreja a pratica tem o seu fundamento:

A) — Na Escritura Sagrada.

a) *Vae soli, quia cum corruet, non habet sublevantem se* (Eccli. IV, 9) onde o Espírito-Santo estigmatisa o *isolamento* espiritual da alma, que entregue a si mesma, e sem auxílio, não tem um guia que a levante, quando cair, e encaminhe para o céu a sua marcha.

b) *Cum viro sancto assiduus esto, quemcumque cognoveris observantem timorem Dei, cujus anima est secundum animam tuam, et qui, cum titubaveris in tenebris, condolébit tibi* (Eccl. XVII, 35).

Quem é êste homem santo, com quem deves sêr assíduo e que te susterá quando tropeçares, senão o guia, o director espiritual? Mandando-te procurá-lo, ensina-te o Espírito-Santo, que deves seguir o caminho do temor de Deus, mediante a direcção espiritual.

c) *Domine, quid me vis facere? Et Dominus ad eum: surge, et ingredere civitatem, et ibi tibi dicetur quid tibi oporteat facere* (Act. IX, 7).

Chamado miraculosamente à conversão pelo próprio Jesus, S. Páulo pede no mesmo instante instruções sôbre o que lhe cumpre fazer. O Salvador não lhas subministra, mas envia-o para a cidade, onde um homem lhe dirá o que há-de fazer. Exemplo êste bem claro, que mostra o desígnio da Providência em não governar os homens directamente por Si, mas por outros homens. Tal é a interpretação óbvia e o sentir unânime da tradição cristã; de sorte que se tornou tão clássico o exemplo de S. Páulo,

que, não só não póde ser esquècido o iniciador do grande Apóstolo nas vias da vida espiritual, (Ananias) mas o seu nome será sempre dos primeiros na lista dos grandes e santos directores de almas.

B) — No ensino da Tradição.

a) Doutores dos Primeiros Séculos.

S. Basílio (Serm. de abd.) diz que é preciso todo o empênho para encontrar «o homem que há-de sêr o guia seguro em todos os segredos da vida espiritual».

S. Jerónimo (Ep. IV) recomenda a Rústico que não confie nas luzes da própria razão e que não entre sem mestre numa verêda, que lhe é desconhecida e na qual se póde extraviar ruìnosamente.

S. Gregório (Livro dos Diálogos): «é preciso um guia nos caminhos espirituais, *ne dum se quisque similiter Spiritu-Sancto impletum praesumit, discipulus hominis esse despiciat et magister erroris fiat*».

b) Doutores da Idade Média.

S. Bernardo (serm. 77 in Cant.): «oùvi-me, ó vós todos que ousais trilhar o caminho (da virtude) sem mestre ou guia, porque dais a mão a um sedutor, se a retirais ao conselheiro da vossa alma»?

Gerson (De dist. ver. revel. sig. 2): «o orgulhoso, que quer sêr guia de si mesmo, não precisa do demónio para ser tentado; é para si um demónio tentador».

c) Nos Tempos Modernos.

Citemos apenas *S. Francisco de Sales* (V. Devota): «quereis entrar a valer nos caminhos da devoção, procurai um homem de bem, que vos guie e conduza.

E' a maior das advertências».

c) — **Na razão.**

O *homem enfermo* submete-se às prescrições do médico, para recuperar a saúde; o *ignorante* procura um mestre douto para se instruir; o *viandante* segue confiado o guia que lhe indica o caminho. E no caminho de Deus e da perfeição cristã, cheio de escolhos, de enganos, de preconceitos e falsas sugestões, quanto mais preciso não é um médico, mestre e guia, para curar as enfermidades da alma, dissipar as trevas da inteligência e conduzir a passos firmes na via da virtude!

Porque, a necessidades idênticas na vida temporal e na vida sobrenatural correspondem certamente remédios análogos.

Deus, com efeito, imprimiu em suas obras um reflexo tão admirável e perfeito da harmonia sublime, que caracterisa a sua natureza, que a razão nos leva a admitir paralelismo manifesto na ordem sobrenatural, quanto mais admirável e sublime! E' pois, na ordem da graça, necessário para a alma êsse médico, mestre e guia, — o director espiritual.

3.º — Extensão desta necessidade.

A) — E' necessária, em geral, a todos os que *tendem para a perfeição*, como se deduz das razões apresentadas. Ora, todos os cristãos são chamados à perfeição, segundo a palavra de Jesus: «*estote perfecti, sicut et Pater vester coelestis perfectus est.*» Além disso, os Religiosos em virtude da *profissão religiosa* teem obrigação de tender para ela mais particularmente; logo, é necessária a todos e especialmente a estes últimos.

B — E' **ordinàriamente necessária** para aqueles que já estão em **estado de perfeição**, como os bispos e os sacerdotes. Esta asserção funda se:

a) Na Sagrada Escritura: «*Vae qui sapientes*

estis in oculis vestris, et coram vobismetipsis prudentes» (Is. v, 21). «*Nolite esse prudentes apud vosmetipsos»* (Rom. XII, 16).

Portanto, por mais versado que seja na sciência dos Santos, não póde o homem confiar plenamente em si, isto é, nas luzes da própria razão, como aqui nos adverte o Espírito-Santo.

b) Na Doutrina dos Doutores da Igreja.

Santo Agostinho escreve a Auxílio: «Eis-me pronto eu, velho como sou, a ouvir os conselhos dum jóven bispo, eu bispo há tantos anos! disposto a aceitar as advertências dum colega, que nem sequer um ano tem de episcopado!».

S. João Crisóstomo: «Não vos iludais, cuidando bastar-vos a vós mesmos! Deus já nos formou por tal modo que contìnuamente temos precisão uns dos outros; leva-nos a prudência a recorrer a outrem, pois muitas vezes acontece, — e o exemplo de Moisés obedecendo aos conselhos de Jetro é disso prova evidente, — que nem mesmo o sábio vê sempre o que cumpre fazer, ao passo que um menos culto o póde vêr claramente».

Santo Tomás (II : II. 19 a. 3): «é preciso que até o sábio receba lições sôbre certos pontos, pois no que diz respeito à prudência, ninguém se póde bastar a si inteiramente».

c) Na Razão.

a) — Por mais experimentado que seja, quantas vezes não póde o homem formar juíso seguro, sôbre o qual assente, sem errar, o seu modo de proceder!

O amor próprio e as paixões fazem ordinàriamente pender para o êrro a balança da verdade, de fórma a mais uma vez se confirmar o axióma: «ninguém é juiz em causa própria».

b) — Por mais alto que seja o gráu de santidade a que chegou um homem, ocasiões há comtudo na vida presente, em que as dificuldades são de tal ordem, que se torna indispensável um guia caridoso e experimentado; tais os casos de aridez espiritual, tentações, escrúpulos, etc.

c — Mas, a direcção é particularmente **necessária aos sacerdotes, directores de almas.**

a) Diz *S. Boaventura:* «Aqueles que teem a seu cargo almas para dirigir, devem para procederem com prudência submeter-se por sua vez, à direcção de outrem; para mim nem o Sumo Pontífice póde eximir-se a esta obrigação».

b) *E' uma verdade do bom senso.*

E' evidente que quanto maiores forem as responsabilidades, tanto maior é a necessidade de luz e conselho.

Um passo errado na direcção duma alma póde levar a funestas conseqüências e produzir no rebanho a nós confiado dolorosa repercussão. E, àlém disso, um pastor com o dever do bom exemplo, tem particularmente necessidade duma boa direcção, de fórma a realizar em si a palavra de S. Páulo: *«forma gregis ex animo».*

4.º — Rigor desta necessidade

Não póde afirmar-se que seja tão necessária a direcção de consciência, que sem ela se torne impossível em todos os casos, chegar à perfeição. Tôda a regra tem excepção. Com efeito:

a) Póde acontecer, por exemplo, que uma alma, ardendo em desejos de perfeição, não encontre guia que a conduza eficazmente pelo caminho da virtude. Se comtudo se conservar animada de sentimentos de humil-

dade e generosidade, e lançar mão dos meios ao seu alcance para se orientar prudentemente no caminho do céu (meditação, exâme de consciência, abertura de alma em confissão) Deus recompensará a sua boa vontade com graças extraordinárias, que virão suprir a acção do Director.

b) — Deus póde fazer excepção nas leis ordinárias da sua Providência e acudir directamente pela acção do Espírito-Santo às necessidades da alma. E' o que diz *S. Gregório:* há almas que de tal fórma sentem dentro de si as luzes e lições do Espírito-Santo, que embora lhes falte exteriormente conselho dum guia humano, ouvem perfeitamente a voz íntima daquele que se tornou seu Mestre» (Dial. I, I).

5.º — A direcção será necessária á salvação?

Já vimos que de ordinário, não é possível avançar prudentemente no caminho da perfeição sem direcção espiritual. Vamos mais longe e afirmamos que há-de haver muitos condenados no inferno, que se teriam salvado se tivessem encontrado nesta vida um hábil director. Logo, a certos pecadores é necessária para se salvarem, a direcção de consciência.

II — OBJECTO DA DIRECÇÃO

I.º — *Purificar, robustecer* e *aperfeiçoar* a alma que caminha para Deus, lançar mão de tudo quanto contribua para conseguir êste *desideratum*, eis a alta missão, o nobre munus do director espiritual. Há, com efeito, três estádios a percorrer no caminho que leva ao céu: no *primeiro* a alma *lava-se*, *purga-se* de todas as impurezas e restos do pecado, despoja-se de tôda a *incorrecção*; no *segundo*, veste-se com os adornos da *virtude* e no *terceiro* *une-se no tálamo mais santo* ao celeste Espôso, à espera da união perfeita no céu. A direcção

apodera-se do homem desde os seus primeiros passos e só o deixa, ao fazê-lo transpôr a entrada da sala nupcial; fiscalisa tôdas as particularidades da vida da alma e regula cuidadosamente todos os preparativos para a união eterna.

2.° — Deve o director, para poder guiar com prudência o seu discípulo, conhecer perfeitamente — *as suas necessidades* e àlém disso contar com os seus *recursos*: *a)* Saberá — auscultar hàbilmente o interior da alma, afim-de lhe conhecer as *misérias espirituais*, — traçar-lhe um plano de vida interior, com que se purifique, — impôr-lhe regras e prescrições, — e observar se põe em prática os seus conselhos.

Importa-lhe conhecer não só as faltas cometidas, mas ainda as *imperfeições*, *enfermidades espirituais* e *perigos* de ordem moral. *b* — Deve conhecer também os *recursos* de que a alma póde dispôr, para os reger com o seu critério de mestre, utilisando-os para a santificação da mesma, para o bem da Religião e da Igreja. Estes recursos espirituais compreendem, *aptidões*, *atrativos* para o bem, *hábitos bons* já contraídos e *socorros exteriores*, que facilitam a virtude.

III — FREQÜÊNCIA DA DIRECÇÃO

A freqüência da direcção depende *das necessidades* da alma e *do meio* em que se exerce.

Manda a prudência que pràticamente se observe esta regra: 1.° Conceder quanto seja necessário ou sèriamente útil; 2.° Cortar quanto seja inconveniente ou não contenha utilidade real.

Inconvenientes desta ordem, que variam consoante o meio em que se vive, são, o dar nas vistas e causar desconfianças; os zêlos ou ciúmes; o perigo de afeições humanas; as perdas de tempo, etc. Transcrevo a êste respeito um capítulo do meu livro «*Le secret des confessions ferventes*»:

Confissão qüotidiana

A). *Para os pecadores:* Se tiveres a desgraça de caír em pecado mortal, confessa-te quanto antes. E' êste o meio instituído por Jesus-Cristo para perdoar o pecado grave, que proíbe o acesso à Mesa-Santa, nos torna incapazes de todo o mérito e nos coloca em estado de condenação. Se, portanto, no princípio da tua conversão é tal a tua fraqueza e a sujeição aos máus hábitos, que, não obstante resoluções e esforços, é raro não caíres qüotidianamente em faltas graves, não receies confessar-te todos os dias até que chegues a triunfar completamente do mal.

B). *Para as almas piedosas.* — *a)* Em regra, não deve admitir-se. Para muitas almas, mulheres sobretudo, a confissão assim freqüente apresentaria inconvenientes tão graves, que difìcilmente compensariam as vantagens a esperar. Favoreceria as mais das vezes a triste doença dos *escrúpulos*, redobraria o perigo da *rotina*, daria ensejo a *suspeitas* e *críticas*, sem devida compensação; emfim seria para o confessor um excesso de trabalho incomportável.

b) — *Por excepção*, poderia permitir-se a confissão qüotidiana a almas a quem Deus chamasse a essa prática por um *atractivo* especial, devidamente reconhecido.

E' talvez o único caso em que nos parece imitável o exemplo de certos santos, como lêmos de S. Carlos Borromeu. Fóra disso deve o Director mostrar-se excessivamente difícil em reconhecer uma tal vocação, tratando-se particularmente de mulheres ou de pessôas, ávidas de consolações humanas, de piedade mais rotineira do que sincera, de ideias acanhadas ou escrupulosas.

Confissão hebdomadária

E' a regra geral para as *pessôas piedosas*, — e uma

alma eucarística aceita com agrado esta prática, tanto mais que a Igreja a aprova, concedendo que lucre tôdas as indulgências plenárias, que requerem confissão, quem tiver o hábito de se confessar todos os oito dias. Prática muito recomendável, àlém disso, à mocidade, pois nessa quadra da vida mais urge prestar contas com freqüência do estado da alma, bem como maior é a necessidade de luzes e de direcção assídua, para se chegar a uma segura formação de consciência.

Confissão quinzenal

Há dioceses, por exemplo a de Namur, às quais concede a Santa-Sé para a confissão quinzenal, a respeito de indulgências, o privilégio de que gozam as pessôas, que se confessam todos os òitos dias. Graça esta muito preciosa e de grande proveito para as almas, que sem comungarem todos ou quási todos os dias, não sentem necessidade de se confessar cada semana.

Confissão mensal

Há almas eucarísticas, que não podendo confessar-se mais a miúdo sem sérios incómodos, se contentam com a confissão mensal. De fórma que vida eucarística e confissão periódica, de mez que seja, não são incompatíveis com o espírito da Igreja, que também concede às almas que comungam diária ou quási diàriamente a facilidade de lucrar sem confissão as Indulgências, que a requerem.

Pessôas com efeito de consciência *formada* ou já *experimentadas na vida espiritual* podem levar uma vida fervorosa, confessando-se apenas de mez-a-mez.

E onde seja maior a tarefa dos confessores, tenham essa caridade as pessôas piedosas, que não precisando de conselhos especiais, prosseguirão não obstante com verdadeira piedade, e ao mesmo tempo darão lugar aos pecadores ou a almas necessitadas.

Igual conselho para aqueles que, não possam confessar-se com mais freqüência quando os *deveres de estado* ou *a má vontade da família* o não permitam. Saibam, sem deixar a comunhão, fazer o sacrifício da confissão que lhes não é necessária.

IV — O PADRE E A DIRECÇÃO DAS ALMAS

E' certo que podem encontrar-se fóra do sacerdócio, pessôas competentes para dirigir outras no caminho da perfeição, e isto mais em particular nas comunidades religiosas.

Comtudo é preciso reconhecer que é o *Padre especialmente destinado pela Providência para função tão santa* e delicada. Daí a obrigação no sacerdote de se tornar apto para tão alto ministério e de se aplicar a exercê-lo com o mais ardente zêlo. Vejamos em que se funda esta doutrina:

1. **Na Escritura:** «*Labia sacerdotis custodient scientiam, et legem requirent ex ore ejus, quia Angelus Domini exercituum est* (Malach. II); texto que nos ensina ser o padre enviado de Deus, e seu intérprete; de seus lábios deve desprender-se uma torrente de sciência sagrada e da sua bôca têm os fiéis o direito de ouvir a lei divina e os segredos da vida espiritual. Numa palavra, aos fiéis assiste o direito de serem por êles dirigidos na senda da perfeição.

Razões teológicas: *a)* O Evangelho reprova o procedimento daqueles que enterram os talentos, em vez de os fazerem frutificar. Ora, na sua formação, o padre adquire talentos preciosos que o habilitam para dirigir eficazmente as almas no caminho da perfeição: a provação na virtude durante o tempo dos seus estudos e a demorada iniciação em tôdas as sciências sagradas, fornecem-lhe cabedal e aptidões, com que procure às ovelhas óptimo pastio. Por isso, quam digno não é de reprova-

ção o sacerdote que lhes nega os talentos adquiridos, quando elas apenas reclamam um guia para progredirem na vida perfeita.

b) — Ministro privilegiado do Senhor, deve o padre arder no desejo de procurar a sua glória. Ora, é certo que uma alma perfeita póde dar mais glória a Deus do que muitos cristãos imperfeitos ou pecadores; por conseguinte, o padre segundo o Coração de Deus, sem esquecer as outras obrigações do seu munus sacerdotal, há-de experimentar forçosamente no seu fervor uma grande necessidade de ajudar as almas a elevarem-se ao mais alto gráu de perfeição. E' pois, dever que lhe impõe o seu ardente amor para com Deus.

c) — Cooperador de Deus na obra da salvação dos homens, deve o padre aproveitar com empênho tôda a ocasião de fazer bem às almas. Ora, no cumprimento dos deveres do seu santo ministério e em particular no tribunal da Penitência, encontra-se muitas vezes em contacto com almas, que só esperam o auxílio duma boa direcção para se encherem de virtudes e merecimentos. Seria bem repreensível, se não se prestasse a outorgar-lhes tão eminente serviço.

Como tornar-se apto o sacerdote para dirigir as almas. Deve primeiro adquirir as qualidades que distinguem um bom Director. Quer *S. Francisco de Sales* que êle seja cheio de *caridade*, de *sciência* e de *prudência* (Vida dev.-p. I, cap. VI).

Santa Tereza enumera quatro qualidades, que o P. Poulain, inspirado na doutrina da Santa, exprimiu assim: 1.º) — Seja *judicioso*, isto é, dotado de espírito sólido (Vida, cap. XIII). 2.º — Seja *piedoso*, sendo homem de oração e procurando primeiro a própria santificação; tenha portanto um conhecimento prático e pessoal da vida espiritual ao menos para os casos mais comuns;

daí lhe advirá certa aptidão para conduzir os outros (ibid.). Mas o melhor seria ter êle experimentado também os estados místicos.

3.º) — Seja *douto*, conhecendo bem a teologia, em particular a teologia ascética, porque desta fórma ser-lhe-hão familiares as regras fundamentais da direcção (ib.). Não quer a Santa padres de medíocre sciência, a quem tudo assusta e cuja ignorância a ela tanto danificou (Cast. 5, 1). Quando o confessor é piedoso e de bons costumes é preferível não ter sciência nenhuma a possuir uma sciência *medíocre*, porque nesse caso desconfiará das próprias luzes e tomará conselho com homem de saber (Vid. Cap. v).

4.º) — A quarta qualidade que Santa Tereza exige do Director, quando conduz as almas nas provações dos estados místicos é a *bondade*. «E' certo que póde submeter a alma a grandes sacrifícios, para que chegue a triunfar dos seus defeitos, mas isso não impede que lhe testemunhe interêsse e confiança e a console quando sofre... (Cap. XXIII, 40).

«Sabe-se pela regra do discernimento dos espíritos qual é o género de acção própria do bom e do máu espírito; um consola e fortifica, o outro desvanece, perturba e abate. O Director, consócio do Anjo da Guarda, deve regular por êste e não pelo adversário a sua acção; é também o auxiliar do Espírito-Santo, cuja influência consoladora tão bem descreve a prosa «*Veni Sancte Spiritus*».

S. Carlos Borromeu diz por sua vez: «Ita *sancte vivere* studeat, ut poenitentes, non verbis solum, sed exemplis quoque ad virtutum christianarum officia erudire possit; neque ejus dicta a factis ullo modo dissentiant: quanto enim magis omni virtute praecipueque *charitate paterna*, *zeloque* salutis animarum ipse praecellentior erit, tanto aptius erit instrumentum bonitatis Dei (Inst. poen.

act. p. IV). Opus est ut is tum *scientiam* atque *eruditionem*, tum *prudentiam* studeat sibi, quantum potest comparare (Ibid.).

Escolhos a evitar na direcção das almas

Segundo S. Carlos Borromeu são: «a *vanglória*, a *cubiça*, a *curiosidade*, e as *afeições humanas*», a que se póde acrescentar a *zelotipia*.

1.º — **Vanglória.** — Que aberração em certos padres confessores, cujo empênho e preocupação é ter grande clientela...; ambicionam até a reputação de «*mangas largas*», de homens do mundo, de directores fáceis, cómodos, passageiros! Até onde chega e até onde leva a vaidade e a falta de espírito sacerdotal!

2.º — **Cubiça.** — No intento de «levarem a água ao seu moínho» ou de obterem recursos para os seus empreendimentos, ou ainda para atraírem a si liberalidades, de que disfrutarão com certo gôso, descem miseràvelmente a lisonjas e condescendências, que de fórma alguma se podem coadunar com a sã teologia, nem com o verdadeiro zêlo... A estes, a tão grande necèdade, que diria o Apóstolo S. Páulo?!

3.º — **Curiosidade.** — Póde levar a indiscrições, torna odiosa a direcção e é origem de grandes perigos. Quem o duvida?

4.º — **Afeições humanas.** — Como não tremer diante dêste pensamento?...

Prender a si, à sua pessôa, almas que o padre devia guiar só para Deus... cavar-lhes um abismo em vez de as salvar, oh! insânia sem igual! «De tôda a conversação inútil, diz S. Vicente de Páulo, a mais perigosa é a que o penitente houver com o confessor; os bons confessores só vêem os seus penitentes no confessionário;

desde que há familiaridade, perdem a graça e o talento para promoverem uma boa direcção». Faz-nos Santo Agostinho uma grave recomendação para nos conservarmos de sobreaviso contra as afeições humanas e para nos prevenirmos contra seus perigos:

«*Amor spiritualis generat affectuosum, affectuosus obsequiosum, obsequiosus familiarem, familiaris carnalem*».

5.º — **Zelotipia.** — Como é ridículo o proceder de certos confessores ciosos, que visìvelmente querem brilhar e até rivalizar pelo número e qualidade de seus penitentes, e ao mesmo tempo empregam tôda a sorte de expedientes para roubarem a clientela a outros confessores...; e consideram grande triunfo terem o confessionário sitiado por grande cópia de penitentes!... oh! quanto os Santos temiam os sucessos que êles ambicionam e que acarretam tão pesadas responsabilidades! Quem poderá calcular o grave detrimento que advém para as almas de tão puéris e indecorosas contendas!

A quem são particularmente necessárias as qualidades de bom Director?

Aos Directores das comunidades religiosas.

As almas consagradas a Deus pela profissão religiosa estão mais particularmente obrigadas a tender para a perfeição.

Ora, algumas há entre estas, a quem Deus chama por vias extraordinárias à santidade, almas de eleição, que teem o direito a socorros exteriores que as façam corresponder ao chamamento divino. E como a legislação canónica, pelo facto mesmo delas precisarem de direcção séria e bem atenta, lhes restringe a liberdade na escolha do Confessor, seria traír os direitos dessas almas e os de Deus, assumir o encargo de confessor ordinário ou extraordinário, sem primeiro adquirir as qualidades necessárias para tão nobre ministério. Eis como a êste respeito se exprime Mgr. Lelong (Le bon Pasteur, Conf.

13): «Por isso, Senhores, o vossso primeiro dever relativo ao ministério da confissão das religiosas, é formar dele uma idéia elevada e tê-lo na mais alta estima, de fórma que não ouseis ingerir-vos levianamente e sem preparação neste munus sacerdòtal. A vossa fé e zêlo vos hão-de mostrar que os caminhos da vida religiosa, cimos sublimes da perfeição, não são vias ordinárias, e que para conduzir por êles os outros seguramente, não bastam guias inesperientes. De sorte que sòmente os que possam exclamar como o Anjo a Tobias: *novi et omnia itinera ejus frequenter ambulavi* (Tob. v, 8) — estes caminhos eu os conheço e muitas vezes os hei percorrido» — poderão tomar sôbre si tão pesado encargo.

V — QUALIDADES DA BOA DIRECÇÃO

Deve ser: *esclarecida*, *prudente*, *firme*, *caritativa* e *diversificada*, consoante as necessidades de cada alma.

1.° — **Esclarecida**; pois que foi o Espírito-Santo quem traçou o caminho que conduz à justificação e à santidade, não póde o guia oficial da viagem ser inspirado senão por Ele, como ninguém póde fugir às suas indicações, sem se perder. De nada vale, portanto, o que pomposamente apelidam de «*teologia do coração* e *do bom senso* ..»

E' nos *livros sagrados*, nos *ensinamentos da Igreja*, na *doutrina dos Santos*, nos *manuais autorisados da teo logia*, que se deve haurir essa sciência fecunda, sólida e abundante, que será base segura nas decisões a dar, nos conselhos, juísos e advertências. Sem esta formação intelectual, acumulada à fôrça do estudo da teologia e dos bons autores, ficará sempre o guia espiritual com a inteligência mais ou menos toldada de trevas, e a direcção não será, nem douta, nem esclarecida, verificando-se tristemente a palavra do Salvador: «*Coecus autem si coeco ducatum praestet, ambo in foveam cadunt*» (Math. xv, 14)

E então, quantas hesitações, incoerências, decisões

arrojadas, conselhos arbitrários e quantas almas extraviadas ou imobilisadas, por falta de direcção esclarecida!

2.° — **Prudente.** E' a prudência uma sabedoria sobrenatural, que leva o homem de Deus a *discernir o justo termo* e a encontrar *os meios mais aptos*, as combinações mais acertadas, para a santificação de cada alma. A direcção prudente — a) *evita a pressa imoderada, a atrapalhação, a precipitação* e as *intenções reservadas*; b) *recorre de contínuo às luzes da sciência* e *experiência, contando antes de tudo com o auxílio da graça; vale-se com habilidade dos socorros sobrenaturais* e *recursos naturais*; ao mesmo tempo, a sua grande fôrça é a *oração* e a *mortificação*..., a *reflexão* e o *estudo*..., com o empênho de descobrir e pôr em acção tôdas as energias que a *natureza* e a *graça* proporcionam a cada alma.

Postas e realizadas estas condições, e aplicados êstes elementos, terá o director garantia inegável de bom êxito; mas falte uma ou outra e a sua obra ficará mais ou menos comprometida: se falta a *oração*, póde Deus não abençoar; faltando o *jejum*, aliás a *mortificação*, a natureza, falha de disciplina e sem freio, permite que trevas densas anuviem o espírito e obscureçam o juíso; se a *sciência* e a *reflexão* é que faltam, não há luz, nem claridade no caminho a seguir; se ao penitente se não prestam os indipensáveis *socorros espirituais*, ei-lo dentro, em pouco, frio, tíbio, desalentado; ponha-se finalmente de parte a *natureza* e *seus recursos*, e eis que se enfada e paralisa o espírito, porque, como observa um piedoso autor, «muitas almas ficam sempre as mesmas na piedade, porque certos directores, aliás pios e cheios de zêlo, se limitam pura e simplesmente a combater nelas a natureza, em vez de pensarem com ardor em a *sobrenaturalizar*». Asfixiar, pois, a natureza ou suprimi-la, é não só êrro, mas ofensa à obra de Deus; reprimir nela o mal e cultivá-la no que tem de bom, é concorrer para a sua glória e para a santificação da alma.

E' de notar que para isso, importa estudar com cui-

dado, o temperamento, o carácter, as paixões dominantes e até a educação primeira de cada penitente. Concorda perfeitamente esta doutrina com o que ensina o Doutor da Piedade, S. Francisco de Sales: «não quer (o santo) que o Director de consciência derrube, esmague ou destrua a natureza, antes a estude e purifique, levando-a pelos ensinamentos da fé até o sobrenatural; porque Deus assenta sôbre as aptidões de cada um, o princípio e a base da santificação pessoal» (Método da Direcção de S. Fr.co de Sales).

3.° — **Firme**. — Dizem os Livros Santos que a divina Sabedoria prossegue com *fôrça* desde o princípio até ao fim a realização da sua obra: *«attingens a fine usque ad finem fortiter»*; eis o modêlo do Director de almas: seja forte, porque tem de sêr constante, afim-de patentear incessantemente à alma a meta a alcançar e de a impulsionar por um caminho, por vezes, emaranhado de precipícios e dificuldades. Se assim não fôr, verá o seu discípulo acobardar-se a cada instante perante os obstáculos; se hesita e teme, perderá o equilíbrio e ficará sem fôrças em face dos desalentos e passos titubiantes daqueles que não só devia conservar adentro do bom caminho, como impelir para maior perfeição. E' indispensável sêr firme... Calmo, mas ao mesmo tempo forte, deve *querer enérgica*, tenazmente o progresso do penitente; não obstante decepções e contrariedades, cumpre reavigorar de contínuo, impulsionar resolutamente, e se tanto fôr mistér, à imitação dos Ambrósios e Franciscos de Sales, com um vigor todo apostólico, *desanuviar os olhos dos cégos... corrigir com veemência os imprudentes e frouxos... estimular sem condescendência as almas* de alta têmpera, «que Deus chama a elevada piedade e às quais não desculpa faltas voluntàriamente cometidas».

4.º — **Caritativa**. — Com fôrça e *suavidade* no emprêgo dos meios e prossecução do fim, procede, diz a Escritura, a divina Sabedoria, *«disponens omnia suaviter»*,

donde vemos que a firmeza bem entendida deve revestir-se de doçura e suavidade. Com a sua encantadora simplicidade adverte-nos S. Francisco de Sales que é muito mais fácil apanhar môscas com uma colhér de mel, do que com um tonel de vinagre, por isso, o grande segrêdo que êste Santo possuia em atraír a si as almas para as conduzir a Deus, tinha o fundamento na sua inesgotável bondade, porque para insinuar a devoção, procurava primeiro torná-la amável. Ora, esta bondade que arrebata os corações é tôda *paciência*, *afeição*, *dignidade*, *abnegação* e *dedicação*; desagrada-lhe tudo o que fôr excesso, pelo que só se abriga na alma pacífica, serêna e tranqüila; desvia instintivamente para o lado tôda a paixão, que venha a viciar ou deturpar o coração; igualmente distante da familiaridade que rebaixa e da rigidez que repele, desconhece o rigor implacável e a indulgência comprometedora... detesta, ora a severidade extrema, ora a sensibilidade mesquinha e ridícula... trata com deferência, mas conserva dignidade... sabe dar-se inteiramente, mas sem nunca descomedir-se... inspira respeito e desperta confiança... torna-se agradável, não pelo refinado egoísmo, que tenta conquistar afeições e reconhecimento, mas porque o seu objectivo é tornar suave um jugo que pesa e dilacera... ; nunca despede a alma que teve de escalpelizar com amarga censura, sem primeiro verter no seu coração um bálsamo consolador de incitamento e suave tranqüilidade.

5.º — **Diversificada.** — Embora seja sempre a mesma nas linhas essenciais, deve a direcção ser variada e até acomodada, consoante as diferentes espécies de pessôas a que se refere:

1.º — Pecadores, almas tíbias, almas piedosas e almas perfeitas.

2.º — Crianças, jóvens, estudantes, adultos e velhos.

3.º — Casados, celibatários, religiosos e sacerdotes.

4.° — Pessôas de consciência recta e pessôas de consciência escrupulosa.

5.° — Pessôas que ingressaram nos estados místicos, e outras.

Nos capítulos subseqüentes nos ocuparemos em particular destas diferentes classes de pessôas no que toca a direcção espiritual. Por agora, transcrevemos, a propósito, o que nos diz, em conformidade de idéias, *S. Gregório*, papa: «Neque enim una eadem cunctis exhortatio congruit, quia nos cunctos par morum qualitas adstringit; saepe namque aliis prosunt... et medicamentum quod hunc morbum imminuit, alteri virus jungit; et panis, qui, vitam fortium roborat, parvulorum necat. Aliter namque admonendi sunt viri, aliter foeminae, quia illis gravia, istis vero injungenda sunt leviora. Aliter juvenes, atque aliter senes, quia illos plerumque severitas admonitionis ad profectum dirigit, istos vero ad meliora opera deprecatio blanda componit. Aliter inopes, atque aliter ocupletes; illis namque offerre consolationis solatium contra tribulationem, istis vero inferre metum contra elationem debemus». «Aliter laetos, atque aliter tristes; laetis videlicet inferenda sunt *tristia* quae sequuntur ex supplicio, tristibus vero inferenda laeta quae promittuntur ex regno».

«Aliter subjecti, atque aliter praelati, illos ne subjectio conterat, istos ne locus superior extollat; illi ne minus quae jubentur impleant, isti ne plus aequo jubeant quae compleantur; illi ut humiliter subjaceant, isti ut temperanter praesint». «Aliter sapientes, atque aliter hebetes; illi admonendi sunt ut sciant amittere quae sciunt, isti, ut, appetant scire quae nesciunt.

Aliter impudentes, atque aliter verecundi; illos namque ab impudentiae vitio increpatio dura compescit, istos autem plerumque ad melius exhortatio modesta componit».

Aliter impatientes, atque aliter patientes; illi dum reponere spiritum negligunt, per multa, etiam quae non

appetunt, iniquitatum abrupta, rapiuntur, quia mentem impellit furor quo non trahit desiderium. Isti studeant diligere quos sibi necesse est tolerare, ne si patientiam dilectio non sequatur, in deteriorem odii culpam vitiis ostensa vertatur».

Aliter benevoli atque aliter invidi: dicendum est benevolis ut cum proximorum facta, conspiciunt, ad suum cor redeant, ne bona laudent et agere recusent... Admonendi sunt invidi, ut perpendant quantae coecitatis sunt, qui aliena exaltatione contabescunt; quantae infelicitatis, qui melioratione proximi deteriores sunt».

Aliter humiles atque aliter elati... Audiant humiles quam sint aeterna quae appetunt, quam transitória quae contemnunt.

Audiant elati quam sint transitoria quae ambiunt, quam aeterna quae perdunt».

CAPÍTULO SEGUNDO

Código fundamental da Direcção de Consciência

I—DISPOSIÇÕES GERAIS QUE IMPORTA CONSEGUIR DOS PENITENTES

São quatro: — **sinceridade perfeita,** — **espírito de oração,** — **generosidade,** — e **docilidade.**

Se faltar uma ou outra destas qualidades, verá o confessor frustrado o seu zêlo e constatará com mágua que trabalhou em terreno estéril.

Sinceridade perfeita

1.° — **Porque é necessária?** —

a) porque faltando ela voluntàriamente, arrasta muito naturalmente para o tremendo crime de *sacrilégio;* ora êste é o maior dos obstáculos à vida da graça, pois converte em veneno os dois principais remédios das misérias humanas, a Penitência e a Eucaristia; por isso mesmo, torna totalmente improfícua a direcção espiritual.

b) — Em assuntos menos graves, mas atinentes à direcção, a falta de sinceridade induz a êrro mais ou menos grave o guia espiritual, e daí procedem muitas vezes, as decisões erróneas, desacertadas e até nocivas. Diz a êste respeito S. Francisco de Sales: abri com sinceridade e fidelidade o vosso coração (ao Director), manifestai-

-lhe claramente o bem e o mal, sem disfarce, nem dissimulação; desta arte será o bem examinado mais cuidadosamente, o mal corrigido e prontamente reparado; tereis conforto nas aflições e moderação nas consolações (V. devota, I, 4).

2.º — Sua extensão. —

a) Sob pena de sacrilégio, (é doutrina da Igreja) é obrigado o penitente a declarar em confissão — à parte o caso de obstáculos invencíveis, extrínsecos ao Sacramento — *todos os pecados mortais*, certamente cometidos, que, após sério exâme, acuse a consciência, com indicação para cada falta, do *número* de vezes, exacto quanto possível, da *espécie* e *circunstâncias* que a mudem.

b) Além disso, das mencionadas palavras do Doutor da piedade se conclui que o penitente deve levar o director espiritual ao conhecimento de tôdas as suas *disposições interiores*, como sejam *faltas principais*, *dificuldades*, *tentações*, *inclinações*, *esforços*, *êxitos* e *revêzes*, emfim todo o movimento da sua *vida interior*.

3.º — Como conhecer a falta de sinceridade.

Se Deus concede, por vezes, aos Santos o dom de lêr no íntimo dos corações, aos sacerdotes de vida interior não recusa as *graças de estado*, necessárias para o desempênho cabal do seu ministério e até no que respeita ao caso presente, o dom de discernir as consciências.

Demais, a prática contínua de lidar com as almas, confere ao director sagáz e experimentado, tal como acontece aos já idosos cultores da medicina, dados bastantes para um diagnóstico fácil e seguro.

Emfim, aos jóvens directores de almas apresentamos alguns sinais, mais ou menos certos, da não sinceridade do penitente; é caso para supôr reticências culpáveis — *a)* quando pessôas de vida evidentemente pouco fervorosa

se apresentam na confissão com enfado manifesto, para só acusarem uma ou outra falta, de ordinário, insignificantes; *b)* quando, sem piedade verdadeira, teem quási sempre a mesma fórmula de acusação, ainda que enredadas em sérias dificuldades interiores; fazem as declarações muito ao de leve, truncando-as até, e tudo resumem numa recitação maquinal, sem nunca necessitarem um conselho ou elucidarem uma dúvida; *c)* quando pessôas, exteriormente exemplares, se absteem, num meio onde é notável a freqüência dos sacramentos, de os procurar com assiduïdade, podendo fazê-lo sem dificuldade; *d)* quando pessôas, aliás pouco timoratas, se apresentam contra o costume inquietas e sobressaltadas e afinal apenas proferem as banalidades usuais das outras confissões; *e)* da mesma fórma aquelas que sem serem escrupulosas, se perturbam e confundem, ao ouvirem falar com calor sôbre as verdades eternas, novíssimos, sacrilégios — ou ainda, em casos idênticos, simulam não ouvir o prègador; *f)* também as que, longe de passarem pela provação das *securas espirituais*, manifestam pronunciado tédio pela oração e actos de piedade; *g)* finalmente, quando pessôas na aparência piedosas e constantes por carácter, se mostram, ao contrário, versáteis na escolha de confessor, ou preferem quási sempre confessor desconhecido.

4.° — **Que cumpre fazer para conseguir a sinceridade em confissão?**

Deve o director: *a)* conquistar a *confiança* do penitente por um porte digno e reservado, bondade paternal, discreção sem limites e inflamada piedade; b) *facilitar-lhes* as comunicações *custosas*, evitando ao ouvi-las espanto, admiração ou descontentamento; mostre, pelo contrário, bondade tanto maior, quanto mais custosa fôr a confidência particularmente tendo a seus pés almas tímidas, pusilânimes...

Chegue mesmo a felicitar discretamente o penitente

por sinceridade tão louvável, e a significar-lhe mais estima e simpatia; *c)* ao mesmo tempo, fará por conseguir a abertura plena do coração, mediante perguntas bem escolhidas e bem postas;

Quantas vezes ficará surpreendido por revelações inesperadas, se souber interrogar com arte e propósito!

Se assim não fizer, se apenas se contentar com as acusações que espontâneamente lhe fizerem, sobretudo tratando com almas pouco comunicativas ou que vivam em meios isolados, colherá muito frívolos resultados, bem como pobre e estéril será o seu trabalho. Cumpre portanto, indagar minuciosamente, porque há pessôas, que, parecendo aliás mui sinceras, apenas levantam — em matéria de castidade particularmente — a ponta do véu, que encobre as suas misérias, e não vão mais adiante, se o confessor lhes não estende a mão para as desvendar completamente...

Será ignorância?... dificuldade de expressão?... falsa vergonha?...

As causas pódem ser muitas, mas o certo é que o facto se dá freqüentemente; *d)* recorrerá á *oração* e *mortificação*, para que Deus lhes conceda a graça da humildade e ânimo forte para triunfarem do vão receio e vã repugnância, que experimentam em se confessar.

Espírito de Oração

1.º — E' necessário a tôdas as almas.

Sendo Deus o princípio de tôda a vida espiritual, ninguém póde caminhar para Ele, nem adiantar na perfeição sem o seu concurso, isto é, sem o auxílio da graça. Ora, é lei geral da Providência que a graça só é concedida a quem a pedir com insistência; «*qui petit, accipit*». Exortar, portanto, e levar as almas à prática da oração, é provocar a intervenção de Deus e garantir a primeira condição de progresso: «*quanto magis Pater vester dabit spiritum bonum petentibus se*». Da alma que descure

a oração pelo contrário, nada há a esperar, por melhores que sejam as suas qualidades e disposições naturais: «*sine me nihil potestis facere*». Verdade fundamental, que Santo Afonso resume nestas palavras: «*o que ora salva-se, o que não ora, perde-se*».

2.º — Em que consiste o espirito de oração.

O espírito de oração é um estado de alma que nos *dispõe a recorrer a Deus fàcilmente* para obter o seu auxílio.

O que tem o espírito de oração, assemelha-se à criancinha, que em face do perigo ou de necessidade urgente, ergue aflicta os braços para sua mãe, suplicando amparo e buscando refúgio.

Mas, como diz N. Senhor, não consiste o espírito de oração em proferir muitas palavras: «*orantes nolite multum loqui, sicut ethnici: putant, quod in multiloquio suo exaudiantur* (Math. VI, 7). Temos contudo a fazer a seguinte

Observação: Se por agora insistimos em que a oração deve ser breve, embora freqüente, não é que contestemos à oração prolongada valor ou importância, pois esta mortifica mais as nossas faculdades, favorece o recolhimento interior, tranquiliza a alma e dispõe-na para o espírito de oração: e por isso que nos desprende das coisas da terra pela união mais íntima com Deus, constitui uma homenagem mais digna, excelente e completa para com a divindade...; não se póde todavia impôr indistintamente a tôdas as almas, por não ser essencial à vida perfeita.

Qual é o Director prudente que sobrecarrega com práticas de piedade indistintamente os penitentes, sem atender que, ora vai de encontro ao cumprimento dos deveres do seu estado, ora os precipita por excesso de fadiga, no aborrecimento e tédio espiritual? E' êrro lamentável exigir muito nos começos da vida espiritual,

porque os longos exercícios de piedade, por reclamarem grande esfôrço, levam ao desalento e farão, talvez, abandonar uma piedade muito bem encetada.

3.° — Expedientes para conseguir o espírito de oração.

a) *Instruir o penitente sôbre a necessidade da graça e a importância da oração.*

Estes dois princípios teológicos são o éco das palavras do Salvador: «*Sem mim nada podeis fazer*»; — «*O que pede, recebe, o que procura, encontra,* e *ao que bate abrir-se-há*»; verdades que é preciso persuadir a cada alma e relembrar muitas vezes, porque, transformadas em *convicções*, dão impulso e estimulam a recorrer contìnuamente a Deus.

b) — *Sugerir invocações breves, fáceis,* que lembrem à alma as suas misérias e resumam as suas necessidades.

Temos no Evangelho grande cópia de tais invocações, e, nos livros de piedade, boa resênha de orações jaculatórias: «Senhor, tende piedade de mim! Senhor, se quizerdes, podeis curar-me... Senhor, aquele que amais, está enfermo... etc. etc.

c) —*Levar pouco-a-pouco o penitente ao emprêgo freqüente destas jaculatórias: Primeiro,* fidelidade às orações tradicionais: oração da manhã, da noite, antes e depois das refeições...; se não a fórmula completa destas orações, ao menos um Padre-Nosso muito bem rezado, um sinal da cruz com fé ardente e piedade, etc.; *depois,* a intervalos, durante o dia, tôdas as horas .. meias horas. quartos de hora... etc., e particularmente nas *tentações* e *contrariedades,* a prática das *jaculatórias.*

d)—*Actos externos de piedade, fáceis de praticar:* Colocar a mão sôbre o peito como prova de amor de Deus,... erguer ràpidamente os olhos ao céu,... bei-

jar o crucifixo,... olhar para êle contemplativamente,... saúdar uma imágem piedosa... descobrir-se diante duma igreja, duma cruz, etc. Tudo isto reavigora os sentimentos interiores, prende a atenção, facilita a oração e, reagindo sôbre o interior, alicerça firmemente o espírito de oração. E' de notar que, nestes exercícios, a *singularidade* e a *afetação* devem banir-se *implacàvelmente*.

e) — *Cercar-se dum ambiente impregnado de piedade:* objectos piedosos, imágens,... no quarto, no trabalho, nos livros... que lembrem saudáveis pensamentos e transportem para Deus.

f) — *Interrogar o penitente* sôbre os esforços que tem feito e os resultados que tem colhido no exercício das práticas aqui enumeradas e *acostumá-lo* a declarar-se a êsse respeito.

Generosidade

1.° — Importância.

Na obra da santificação e salvação, dá Deus o primeiro passo, esperando depois a nossa coóperação. Cada graça que nos concede, exige, sem falta, o nosso concurso, de sorte que a acção de Deus e a nossa teem de sêr inseparáveis e marchar conjuntamente, para que seja ao mesmo tempo sobrenatural e meritória a prática da piedade.

Ora esta correspondência da nossa parte, exige esfôrço e portanto generosidade.

Lá diz o autor da *Imitação de Cristo:* «tanto maior será o progresso espiritual, quanto maior violência vos fizerdes a vós mesmos».

Póde o Director ser sábio e santo, se a alma é preguiçosa e indolente, nunca obterá resultado; se, ao contrário, é pronta a todos os sacrifícios, progride admiràvelmente.

2.° — Como conseguir esta virtude?

Cumpre: a) — *Activar fortemente a vontade por motivos que a comovam e arrastem*, isto é, criar nela convicções profundas, despertando os sentimentos nobres que em gérmen possui o coração. Além dos *motivos gerais* que levam a praticar o bem e a cuidar com empênho na santificação, persuadir os *motivos especiais*, que levam ao exercício de tal ou tal virtude, à observância de tal ou tal dever. Os nobres sentimentos do belo, da dignidade, do amor, por um lado, — e sanções ou penitências hàbilmente escolhidas, tal leitura, meditação da Paixão de Jesus, etc., por outro, — conjugando razões e sentimentos, levarão a alma a considerações e estímulos fortíssimos para a virtude. Se a isto acrescem calorosas exortações do Confessor, incendem-se de comoção e de fôrça o coração e a inteligência, e a alma é arrojada para as resoluções mais sinceras e magnânimas.

Renovando êste processo por motivos diferentes e variados, mais arreigado se tornará o espírito de generosidade.

b) — *Despertar de contínuo no penitente a actividade espiritual* por resoluções *precisas, práticas e apropriadas*, consoante as suas fôrças e género de vida... e inquirir de cada vez àcêrca dos esforços realizados...; assim exercita e habitua a vontade e torna prestes a generosidade.

c) — *Secundar com palavras de incitamento* o esfôrço do penitente; um elogio discreto dá nervos à alma. A natureza humana já de per si necessita de ser reanimada pela aprovação; por isso quantas vezes virão a caír no abatimento e inércia, as almas, se de tempos a tempos o confessor as não retempera com testemunhos de satisfação! Cuidado, entretanto, com o *amor próprio* e com as *afeições naturais!* Por isso julgamos mais prudente e útil convidar a alma a dar efusivas graças ao Se-

pelos êxitos alcançados e graças obtidas e mesmo lhe como penitência sacramental exercícios de re-ento e acção de graças.

Docilidade

E' necessária, porque sem ela é inútil e baldado todo o esfôrço do confessor. De que vale estudar bem o interior da alma, sondar as suas necessidades, mostrar-lhe claramente o seu estado, fazer-lhe as precisas advertências, traçar-lhe consciencioso plano de vida, se, por falta de docilidade, ela fica com as suas idéias e sentimentos e seguindo a própria vontade?... E' contudo o que acontece a tantas almas que passam por piedosas! Se não estão em conflito declarado com o confessor, teem a habilidade e astúcia de o arrastar ao seu modo de vêr e ardilosamente lhe ditam a decisão a tomar... Infelizes! nunca lhes será aplicável a palavra da Escritura: «*Vir obediens loquetur victorias*».

Para conseguir esta virtude é preciso: 1.°) — *Persuadir* da necessidade primordial da *obediência*, arreigando no espírito esta convicção: *só pela obediência se póde alcançar o céu.*

2.°) — *facilitar a sua aquisição*, conquistando a simpatia do penitente por uma bondade tôda paternal e dedicação sem limites.

3.°) — *Não fazer imposições excessivas:* o superior que ultrapassa os limites do mando, nunca terá autoridade real.

4.°) — *Quando haja de impôr um sacrifício pesado, preparar* a alma com palavras mais ardentes para sentimentos dignos e magnânimos.

5.°) — Não esquecer nunca que o *mandar* com *fir-*

meza e *suavidade* opera sôbre a vontade saudável sugestão e infunde no espírito uma fôrça misteriosa, cujo efeito é a mais humilde submissão.

II — PRINCÍPIOS GERAIS QUE REGEM A VIDA SOBRENATURAL

Deve conhecê-los o confessor, porque são faróis luminosíssimos, que projectam raios abundantes sôbre as tortuosas vias da vida espiritual. Sem estes princípios, e portanto sem orientação, seria facílimo perder-se no labirinto assaz complicado, das leis que regulam a direcção das almas. Importa, pois, estudá-los:

1.º—**Princípio primeiro:** *A lei primordial da vida interior* é a «**conformidade perfeita**, absoluta, quanto possível, **com a vontade de Deus**».

As leis que observa a vontade divina com relação às criaturas, são as que devem regular a nossa atitude para com elas.

a) — Quando Deus *manda*, prescrevendo ou proscrevendo o uso de tal criatura, urge obedecer invariàvelmente; é uma obrigação, que pésa sôbre a nossa liberdade: *grave*, se da violação resulta rompimento absoluto de relações com Ele, *leve*, se apenas as arrefece.

b) — Quando Deus *aconselha*, é convenientíssimo obedecer aos seus desejos, porque Lhe procuramos glória, fazendo-o, e adquirimos perfeição e merecimento.

c) — Se, por excepção, quer por intervenção directa da sua Sabedoria, quer, como mais vezes acontece, pelo curso natural das causas segundas — cujo exercício regula soberanamente — *Deus nos coloca em situações inevitáveis*, só temos a curvar-nos respeitosamente perante as suas determinações, paternais e sapientíssimas.

Em resumo, *é indispensável a conformidade absoluta*

com a vontade de Deus, tanto *na acção* (mandamentos e conselhos), como no *sofrimento*, as duas asas potentes, que num vôo ininterrupto nos transportam ao céu.

Demonstração. — A propriedade essencial e primária da vida, é apoderar-se do ser que anima e conduzi-lo, de degráu em degráu, à perfeição de que é susceptível. Na vida espiritual é função principal elevar o homem até à expansão plena do seu ser, na glorificação do seu Creador. Glória divina e perfeição humana, eis o seu termo: *glória divina, fim principal e necessário* «omnia propter semetipsum operatus est Deus» — *perfeição e felicidade humana, fim subordinado e anexo livremente ao primeiro* por uma união indissolúvel, graças às admiráveis disposições da divina vontade. Mas, para o ser inteligente, o que é glorificar a Deus, senão mergulhar-se na sua essência infinita, fazer dela o centro da própria vida — e das perfeições divinas o termo de tôdas as aspirações e esforços?... *Conhecer estas perfeições, admirá-las, deliciar-se nelas, desejá-las e procurar, com o auxílio da graça, reproduzi-las em nós*, até que a glória eterna nos confirme na sua posse plena, tal é o esfôrço supremo duma vida sàbiamente ordenada! Tôdas as outras criaturas, cada qual na sua esfera, devem ao mesmo tempo associar-se ao homem, na aquisição final dêste bem supremo!

E qual é a medida desta comparticipação das criaturas? Só a divina Sabedoria a póde determinar, e, determinada, ao homem só cumpre tomá-la como regra de vida, o que equivale a repetir: tôda a vida espiritual se funda no princípio da conformidade absoluta com a vontade de Deus... Elevar-se para Deus, com *intermitências*, é sinal de vida espiritual débil e remissa; mergulhar-se, perder-se, abismar-se decididamente nas divinas perfeições, eis, na sua essência, a vida sobrenatural e *perfeita!*

2.° — Função primária da actividade espiritual.

E' dupla esta função e portanto duplo o

Principio segundo: *a)* **Fazer das criaturas uso prudente,** servindo-nos delas segundo as indicações divinas e emquanto, aproximando-nos de Deus, contribuem para o complemento sobrenatural do nosso ser;

b) **imprimir progressivamente às faculdades morais a devida preparação,** para que se prestem, sem obstáculo, á acção da alma, no uso das criaturas, em ordem a Deus.

Comparação. — Para compreensão palpável e concreta desta teoria, imaginemos a nossa alma a construir, sob a vigilância de Deus, a escada pela qual quer subir ao céu; os degráus vai-os colocando um por um, à medida que sóbe, mas, um aqui outro acolá, vê colocá-los o próprio Deus, — e estes são os acontecimentos e contrariedades que a Providência envia — ; a alma aceita-os, sobe por êles; vai a colocar os que faltam até ao fim e escolhe-os dentre as criaturas, preferindo umas e regeitando outras, conforme as indicações que a graça inspira.

3.º — Disposição fundamental da vida espiritual.

Principio terceiro: *E' basilar na vida espiritual* **a indiferença com respeito às criaturas.**

Trata-se evidentemente da indiferença *antecedente*, isto é, que precede as inspirações da graça, porque cessa imediatamente, logo que Deus convida a vontade a pronunciar-se por tal ou tal objecto. Dotada de tão santa disposição, a alma parece esquecer-se das inclinações da sua natureza e recusa inspirar-se nos encantos das cousas criadas.

Emquanto Deus lhe não significa a sua vontade e não indica as criaturas destinadas a seu uso, olha-as a

tôdas por igual: riqueza ou pobreza, alegria ou dôr, glória ou abjecção, não se pronuncia para um lado, nem para o outro, deixa a selecção ùnicamente ao Soberano Senhor, em cujas mãos se abandona filialmente.

Razão. — No plano geral da Providência, cada criatura tem no mundo, utilidade própria e função peculiar; a cada uma marcou a divina Sabedoria o seu lugar, coordenando-as entre si, consoante as *necessidades* e *aptidões* recíprocas e segundo as *exigências* do próprio fim. Deslocar uma dêsse lugar é lançar a desordem no plano da Providência e frustrar a obra de Deus.

E' evidente que não pertence ao homem corrigir as divinas disposições, como seria loucura da sua parte querer auferir delas uma utilidade que Deus lhes não outorgou. Não deve, portanto, alimentar preferências, isto é, cumpre tornar-se *indiferente* a tôdas.

Estes princípios expõe-no-los Santo Inácio admiràvelmente: o homem foi criado para *conhecer, amar e servir* a Deus; tal é o seu fim, e, realizando-o, tem o céu assegurado.

Os outros seres, colocados em volta do homem, são os meios para O conhecer, amar e servir, de sorte que deve utilizar-se deles, emquanto favorecem, e abster-se, quando estorvam a prossecução dêsse fim. Daí em nós, a indiferença mais completa pelas criaturas: doença ou saúde, riqueza ou pobreza, vida prolongada ou breve, honra ou humilhação, tanto nos vale, porque o objectivo é só um: considerar as coisas criadas ùnicamente como meios para o fim último.

III — MEIOS GERAIS QUE COADJUVAM O PROGRESSO ESPIRITUAL

São *tudo aquilo que secunda a alma na sua acção e esfôrço para se elevar até Deus*, procurando-Lhe maior glória, pela conformidade com o seu beneplácito. Comuns, mais ou menos, a todos os estádios da vida sobrenatural, há-os de duas categorias: 1.° — *uns*, *que activam*

e *impulsionam* os dois agentes íntimos da santificação, — a graça e a vontade, — a saber: os sacramentos, os exercícios de piedade e o ambiente favorável; 2.º — *outros que desembaraçam dos obstáculos*, que podem estorvar a actividade espiritual, e são: a fuga das ocasiões, a luta contra as tentações, a mortificação, a repulsa das ilusões e preconceitos e finalmente a paciência nas tribulações. Comecêmos por estes últimos.

I. — FUGA DAS OCASIÕES

A. — Da ocasião em geral

Ocasião de pecado é tôda a pessôa ou coisa, que, por qualquer fórma nos leva a *ofender a Deus*. *E' próxima*, quando arrasta para o mal com tal violência que só com *muita dificuldade* e, portanto, em *circunstâncias raras*, se póde superar; doutra sorte a ocasião é *remota*.

1.º — *Motivos* que tem o Confessor para combater as ocasiões de pecado: *a)* — o primeiro apresenta-o o Evangelho: «et si oculus tuus scandalizat te, erue eum et projice abs te...» — Quando a própria Bondade proferiu tão severas palavras, poderá o ministro de Deus tergiversar e deitar-se em comprometedora inércia?...

b) — O confessor é o pai espiritual das almas, que lhe estão confiadas, de sorte que deve procurar-lhes todo o bem, com o desvelo duma mãe, cheia de ternura e dedicação para com seus filhos; ora, todos sabem quanto as mães são solícitas e pressurosas em prevenir os perigos que possam ameaçar a prole: intrépidas em os combater, hábeis em os desviar. Eis o modêlo que deve imitar o pai espiritual: mal o perigo apareça, seja solícito em o debelar; doutra sorte, será comparável à mãe que, por ventura, deixasse entre as mãos do filhinho, a bebida nefasta, que o envenene, a arma cruel que o fira ou o brazeiro devorador, que o póde inflamar.

2.º — *Dos penitentes em ocasião de pecado:*

a)—Para remediar o mal, é preciso conhecê-lo; por isso, havendo razões sérias para *supôr* o penitente em ocasião **próxima**, importa *investigar cuidadosamente*, até se adquirir a certeza: *b)* se de facto, conclui pela *gravidade* da ocasião e adverte que, devido às paixões e preconceitos, o penitente a dissimula ou desconhece, *declare-lhe* imediatamente o perigo, pois seria crime deixá-lo na sua inconsciência;

c) — *Sob pêna de lhe negar a absolvição,* obrigue-o a retirar da ocasião próxima, se é possível; pois é indisposição grave, que torna irrita a absolvição, permanecer no perigo iminente de ofender a Deus.

d) — Se o penitente não póde, sem incómodo grave, deixar a ocasião próxima, é preciso *imunizá-lo* fortemente, obrigando-o a empregar os meios necessários e eficazes contra a influência perigosa, de modo a evitar sempre queda mortal, pois Deus não faltará com a graça a quem envidar todos os esforços.

e)—Quanto às ocasiões *menos graves* estimule o penitente a *evitá-las o mais possível*; faça apêlo à sua generosidade, mostrando-lhe quanto é nobre e digno e ao mesmo tempo um acto de respeito e veneração para com Deus, evitar tudo que O possa ofender.

E' um acto de zêlo, na verdade, socorrer no perigo a alma, com todos os meios para a salvar.

Que um teólogo, valendo-se da elasticidade dos princípios para mitigar certas obrigações, forneça ao Confessor opiniões seguras para, em casos perplexos, absolver tranqüilamente, admite-se e até é digno de louvor . .

Mas, valer-se de tais opiniões para deixar na inércia e expostas ao perigo, as almas que tem o dever de salvar, é compreender muito mal a sua obrigação.

B. — Da ocasião em especial

1. Danças e bailes

1.º — **Dança** *é uma combinação mais ou menos complicada e engenhosa de passos e movimentos, executados segundo regras bem definidas.* Neste sentido constitui uma arte, assim como a música, a poesia, a pintura, etc.

Explica-se pelo instinto da nossa natureza, que nos leva a manifestar exteriormente por tôdas as fórmas, as impressões fortes da alma — e revela-se esta tendência particularmente nas pessôas muito impressionáveis, nas quais a imaginação suplanta de ordinário a razão. Póde significar *alegria* e póde ser um exercício de *gimnástica*: entre os Antigos, e em particular entre os Hebréus chegou mesmo a constituir uma prática do *culto.*

2.º — Por sua parte, os **bailes** são formados *pela reünião de muitas pessôas que dançam.* Ha-os de várias espécies: *bailes de família, bailes públicos, bailes de máscaras, bailes de cerimónia, bailes de quermesse, bailados, etc.*

Motivos que tem o Director para retirar os penitentes dos bailes

1.º — *Certos bailes são inteiramente proíbidos, porque constam de danças ilícitas.*

Tais, em nossos dias, grande número de danças, porque exigem movimentos e gestos, que a Moral aponta como ocasião próxima de prazeres lascivos. Pois, se Santo Afonso taxa de pecado mortal um apêrto de mão demorado, o que não diremos dos abraços, tactos e contactos de tôda a espécie, que exibem as danças modernas? Quem poderá afirmar que não são de molde a excitar vivamente as paixões, mórmente entre pessôas que se amam loucamente ou naquelas que são frágeis

sob o ponto de vista da castidade? São movimentos e atitudes, que despertam tôda a sorte de pensamentos impuros, desejos, imaginações e impressões, que são ocasião eminente de p[illegible]do e a negação completa da virtude da castidade.

2.º — *Outros bailes*, ainda que não admitam danças em si condenáveis ou proíbidas, fazem-se acompanhar por tal concurso de *circunstâncias funestas e capciosas*, que se não podem permitir sem motivo grave e *sólida garantia*.

São dêste género os que actualmente se realizam entre nós sob o nome de quermesse.

Outrora, quando as danças não permitiam uma aproximação tão imediata dos dois sexos, e se exibiam de dia, em presença de pessôas respeitáveis ou honestíssimas, não admira que houvesse indulgência a seu respeito; mas, hoje, os bailes populares admitem uma *promiscuidade revoltante*, são o chamariz de paixões impudentes, ávidas de se saciarem e tomam ainda o carácter de *sessões nocturnas*. Ali tudo conspira contra a virtude; com a entrada livre, seja para quem fôr, hão-de forçosamente aparecer grupos e indivíduos, cuja licenciosidade desenfreada, menosprezando as leis da modéstia e do recato, espalhará finalmente por tôda a assembleia uma atmosfera de imoralidade e torpeza.

Osculos e abraços, meneios e desenvolturas, não só equívocos, mas indecorosos, expressões ambíguas ou torpes, eis pábulo eficacíssimo para a expansão plena de todos os vícios.

E que dizer, no meio de tudo isto, das retiradas oportunas ou fitícias e da conivência da própria noite? Num ambiente sufocante, devido á muita lotação, é fácil um pretexto para saír a respirar um ar mais fresco, a tomar uma merenda ou qualquer bebida, e, àparte do público, na solidão e nas trevas, nada póde conter o ímpeto dos apetites desregrados.

A música em acordes voluptuosos e as bebidas em

excesso, longe de atenuarem o perigo, antes *excitam mais os sentidos, inflamam as paixões, entorpeçam a consciência* e *confundem a razão*.

Juíso êste rigoroso, é certo, mas que a experiência obriga a formar e que ainda deve sêr reforçado de severidade para os bailes das alcovas e tabernas. Nem mesmo os bailes de cerimónia são isentos de censura; concedendo embora que deles sejam banidas danças imodestas e que a qualidade das pessôas que assistem seja garantia para as leis do decôro, *o espírito mundano* que aí se respira, os *trajes demasiado livres*, quási pagãos, imprimem aos divertimentos um tal colorido de sensualidade, que é impossível não melindrar a mais delicada das virtudes.

3.º — Emfim, supondo que, fechando os olhos aos tristes dados da experiência, e concedendo à pobre natureza humana a elevação de virtude, que de facto perdeu pela queda original, encontramos princípios teológicos para julgar sem rigor e tranquilizar a consciência dos apaixonados pelas danças, deveria o confessor digno abster-se de *aplicar com alarde tais princípios*; longe dele o intuito de conciliar por êste meio a estima e os favores dos mundanos e adquirir a reputação (às vezes tão desejada!) de homem do seu tempo.

Cioso antes da glória de Deus e bem das almas, não exponha os penitentes ao perigo das danças; e se muitas vezes o apodarem de intransigente e exagerado, console-se por ter consigo honrosa companhia: «das danças e bailes, escrevia S. Francisco de Sales, só digo o que dos cogumelos dizem os médicos: os melhores não prestam».

E, de facto, abstraindo já dos escolhos que nesses divertimentos encontra a pureza, quantos obstáculos a uma vida sinceramente cristã! o luxo imoderado, a dissipação contínua, a sobreexcitação da imaginação e dos sentidos, a ância louca de prazer e daí o tédio pelas coisas sérias e sãs, como podem conciliar-se com a vida de

piedade e recolhimento, com as emoções tão puras e suaves da alma em união com Deus?! Não! Deus não póde abrigar-se em corações habituados às sensações mundanas, predispostos a tôdas as seduções e prazeres dos sentidos!

Corolário: Resume Mgr. Gravez os princípios que acabámos de expôr nos seguintes termos: «Cum choreae nunquam sint ab omni periculo immunes, *muneri suo deesset Confessarius*, qui suos poenitentes a quibusvis choreis avertere *non satageret*. Si monitis et hortationibus non obtemperent, attendat tum ad periculum personale sui poenitentis, tum ad rationes quae eum ad assistendum choreis impellunt. Si periculum sit grave et proximum omnino severe agat; hoc autem periculum semper adest in choreis illis quae apud cauponas in locis angustis, intermixtis pravis colloquiis et compotationibus, extra parentum praesentiam, per totam fere noctem pertrahuntur, ac proinde qui hujusmodi choreas frequentant a sacramentis sunt repellendi: si autem periculum proximum absit, rationesque habeant assistendi, eas rationes perpendat, et si graves sint cum iis mitius agat, simul suppeditans media quibus periculum remotum fiat. Coeterum satis liquet non esse absolvendos qui assistunt choreis graviter inhonestis, sicut nec eos qui choreis larvatis assistere vellent, nisi id fieret ex voluntate parentum, in domo privata ubi omnia honeste peragi supponuntur, quod quidem contingere potest».

Como procederá o confessor para retirar os penitentes das danças.

Deve: — 1.º) *Inspirar-lhes* primeiro que tudo grande *estima*, verdadeiro *amor*, pela incomparável virtude da *pureza*, e ao mesmo tempo grande horror, horror instintivo, por tudo que a possa macular.

2.º — *Persuadir-lhes* que entrem em *associações piedosas*, cujos estatutos proíbam as danças.

3.º) — *Fazer-lhes vêr e compreender os perigos* a que se expõem e as graves responsabilidades em que incorrem por motivo do escândalo, dado ou recebido.

4.º) — Mediante *calorosas exortações*, comentar-lhes com firmeza, ardor e suavidade os seguintes pensamentos: «não sejas freqüente com a mulher bailadeira, para que não pereças pela fôrça dos seus encantos (Eccli. IX, 4).»

«Nas danças está a cegueira dos homens, a perdição das mulheres, a tristeza dos Anjos e o regosijo dos demónios (S. Efrem)».

«Que se aprende nas danças e que se vê nelas?... ficará virgem a vossa intenção... mas os olhos, os ouvidos, a bôca, não ficam ilesos! (S. Cipriano)».

«Melhor seria nos domingos trabalhar, cavar a terra, amarrar à charrua, do que dançar .. (S. Agostinho, in ps. 91)».

2. Companhias

Quais companhias se devem proibir aos penitentes?

Tôdas aquelas, cujo convívio (conversações e exêmplos) desvia da virtude e arrasta para o vício.

1.º) — Há pessôas cuja companhia constitui um perigo para a virtude da *pureza*.

Este perigo existe: *a)* nas *reüniões*, cujo objectivo é o prazer de se encontrarem juntas pessôas de ambos os sexos; ainda que justificadas pelos motivos mais honestos, não podem permitir-se senão com a máxima precaução; *b)* nos *serões*, em que entram pessôas viciosas ou frívolas; são funestíssimos, sobretudo quando fre-

qüentes e sem vigilância rigorosa; *c)* nos *namoros*, que devem ser banidos *implacàvelmente*, quando não tenham em vista um *casamento próximo*; e neste caso, urge cercá-los de tôda a vigilância e limitá-los ao tempo indispensável. Preserve o confessor indefessamente dêstes perigos as almas que se lhe dirijam.

2.°) — Há também pessôas, cujo convívio é um perigo para a *fé* e *sentimentos religiosos*: *a*) aquelas que censuram por todos os modos *os padres*, lançam mão de tudo para os desacreditar ou roubar-lhes a influência... que interpretam à má parte as suas acções, empenhando-se em fazer caír sôbre êles suspeitas odiosas, desvirtuando as suas palavras e intenções, ou emfim, falando com complacência dos seus desvarios, verdadeiros ou supostos; é evidente que tais pessôas desacreditam a fé e a piedade, porque o padre concretiza a religião;

b) — igualmente os que falam com desprêzo dos sacramentos, da oração, da instrução religiosa, das instituïções eclesiásticas..., que procuram cobrir de ridículo os que freqüentam os sacramentos, as cerimónias da igreja, a devoção e as pessôas que a praticam.

3.°) — Finalmente são más companhias as pessôas que atacam acintosamente quem cumpre com exactidão o seu *dever*, quem exerce a *caridade* e quem se esmera por viver *vida regrada* e *honesta*; assim, criticam de todos, censuram tudo, indispõem contra os superiores e... só falam de divertimentos, frivolidades e amizades suspeitas. Importa evitar a convivência daninha de tais pessôas.

4.° — **Para acautelar os penitentes contra as más companhias**, apresentamos para sua consideração, os seguintes pensamentos:

a) — Femina ignis, vir stuppa, diabolus flabellum

(Hieron.) — Sermo cum mulieribus sit rarus, brevis et austerus. Ex earum consuetudine vel fumus, vel flamma sequitur (S. Ign.) — Qui tetigerit picem, inquinabitur ab ea (Eccl, XIII, 1) — Recedite, exite, exite; pollutum nolite tangere, exite de medio ejus (LII, 11).

b) — Recedite a tabernaculis hominum impiorum, et nolite tangere quae ad eos pertinent, ne involvamini a peccatis eorum (Num. XVI, 26).

Fili mi, si te lactaverint peccatores, ne acquiescas eis... ne ambules cum eis, prohibe pedem tuum a semitis eorum; pedes enim illorum ad malum currunt (Prov. I, 10, 15.)

Sumuntur a conversantibus mores et ut quaedam in condactos corporis vitia transeunt, ita animus vitia sua proximis tradit (Seneca).

Nemo vitiosus non aliquod nobis vitium aut commendat, aut imprimit aut allinit (Seneca).

Amicus stultorum similis efficitur (Prov XIII, 20). Beatus vir qui non abiit in concilio impiorum, et in via peccatorum non stetit, et in cathedra pestilentiae non sedit (Ps. 1).

3. Leituras

São proibidas tôdas as publicações, cuja leitura produz a dissipação, enerva a disciplina, contagia os bons costumes e enfraquece a crença religiosa.

Portanto: 1.° — Sem *permissão expressa* da Igreja, católico algum, sob pêna de pecado grave, pode lêr os livros catalogados no *Index*.

2.° — Sem *razão grave*, ninguêm pode lêr as publicações que por qualquer forma atacam ou *amesquinham a fé e a moral católica*. «São de três espécies, diz Mgr. Heylen na pastoral da quaresma de 1905, êstes escritos: *uns mentem*, *outros corrompem* e *outros entorpecem*, e muitas vezes produzem os três efeitos juntamente.

3.° — E' tambêm prudente evitar *o mais que se possa*, os que tendem a semear *discórdias*, a desconsiderar a *autoridade*, a justificar *abusos* e a *desvairar* os ânimos.

4.°) — Quanto a *romances honestos*, é indispensável *dissuadir* da sua leitura quantos se propõem uma vida verdadeiramente cristã.

4. Vestuário

É o vestuário objecto particular da solicitude do Director espiritual, porque o *cuidado excessivo* no vestir tem por efeito mais ou menos próximo: perverter a inocência, insidiar à castidade, alimentar a vaidade, comprometer a saúde, consumir recursos preciosos que deviam utilizar-se para o bem e malbaratar em futilidades o tempo, que o cristão devia empregar dignamente.

E', por isso, origem de muitas faltas graves e óbice a uma vida de fé e piedade.

Princípios: 1. E' *pecado grave* trazer vestidos, que deixam a descoberto o peito e outras partes notáveis do corpo que o *decôro* manda subtrair aos olhares dos similhantes.

2. E' *pecado grave introduzir* nos costumes dum país ou duma localidade *decotes* muito *pronunciados*, estranhos ou escandalosos.

3. E' igualmente *falta grave* usar processos de vestir que prejudiquem *gravemente* a saúde.

4. E' *pecado pelo menos venial* trazer a descoberto partes menos notáveis do corpo, que a razão e a decência obrigam a esconder.

5. E' *pecado venial* ainda a *afectação* nos vestidos,

os arrebiques, o exagêro nos adornos, em desproporção com os haveres de cada um.

6. E' pelo menos óbice grande à perfeição, o cuidado excessivo com o vestir, a prontidão e solicitude em seguir as modas e tudo quanto é excesso e preocupação com o adôrno do corpo.

1.º) — **Especificando:** *São repreensíveis e condenáveis todos os modos de vestir, de molde a fomentar as paixões sensuais*, já patenteando membros que num país cristão é uso cobrir, já manifestando, veladamente que seja, logares, que no corpo, a mesma natureza convida a esconder; igualmente dignos de *reprovação* são os que constrângem em demasia os membros, martirizando o corpo e impedindo o seu desenvolvimento — ou sacrificam os interêsses do *pudor* e do *recato* aos da elegância e da vaidade.

O que persuadem as seguintes razões:

E' *grave desordem* desviar uma criatura do destino para que foi criada, frustrar o seu fim principal e subordinar êste ao fim acidental; ora, *os vestidos teem:*

a) — Como fim *principal e primário* o *resguardo do corpo*, para subtrair ao sentido da vista tudo o que possa melindrar o pudor, já por despertar inutilmente pensamentos perigosos, já por provocar movimentos sensuais;

b) — Como fim *principal secundário* precaver o corpo contra as intempéries ou acidentes, que só com o vestido se evitam.

c) — O fim *acidental* é ornamentar o corpo, de sorte a torná-lo agradável à vista, *satisfazendo* ao mesmo tempo ao *gôsto do belo* e *contribuindo*, num objectivo de caridade, para a sociabilidade entre os homens.

Obstar, portanto, a qualquer dêstes fins, ou pertur-

bar a sua ordem e relação, é desmando mais ou menos grave, a que não pode ficar estranho o Director espiritual.

2.o) — **Desenvolvendo:** *Após a queda original tornou-se para o homem uma necessidade o uso do vestuário.*

a) — Primeiro que tudo precisa êste de se precaver contra tôda a sorte de intempéries: frio, calor, chuva, vento, neve, etc.

Emquanto por um lado Deus protegeu contra os elementos os *irracionais*, dando a uns uma lã espessa, a outros aquècida plumagem, guarnecendo a estes com pele quási impermeável, àqueles com pêlos abundantes, não concedeu ao homem indumento natural de espécie alguma, mas, é sabido, concedeu a inteligência para que por si mesmo procure os meios de resistir às inclemências das estações, proporcionando-se vestidos que logrem êsse objectivo.

b) — Mas não é tudo; porque o homem *veste-se, mais para se libertar dos ímpetos das paixões*, do que para agasalhar o corpo.

No paraíso terreal, só depois da desobediência formal às ordens de Deus, é que os nossos primeiros pais ficaram surpreendidos pelo estado de nudez em que viviam; envergonharam-se, recearam e sentiram então a necessidade imperiosa de se cobrirem. Na sua confusão, começaram de coser umas às outras fôlhas de figueira para ocultarem o que, desde aquele momento, era objecto de vergonha e humilhação. Foi desde êsse dia para o homem uma lei o vestir-se.

E porquê? porque a conseqüência do pecado foi imediata: logo sentiram as tendências desordenadas e depravadas dos sentidos a ofuscar e superar a razão, ao passo que até àquela hora tôdas as potências inferiores foram submissas e reconheceram a soberania do espírito.

Mais ainda: Deus, prevendo a culpa original, não

quiz que fôssem frustrados os seus intentos, pois vê-se claramente que fôra desígnio seu que *todo* o corpo do homem andasse coberto. Nesse intuito, com efeito, sem comprometer as funções da vida individual, reüniu num ponto do corpo, chamado *rosto*, todos os orgãos destinados a pôr o homem em comunicação com o mundo exterior: os olhos, os ouvidos, o olfato, o gôsto e a língua, como a indicar que tudo o mais devia ficar coberto, até a própria cabeça, que Êle mesmo se incumbiu de revestir!

Sim! o rosto faz excepção à lei, porque é aquilo que no homem é menos animal: sôbre a fisionomia revela-se a inteligência, nobre apanágio da natureza humana e espelha-se a alma em relâmpagos de luz, de beleza e de vida, como imagem que é do próprio Deus!

Fazem ainda excepção as mãos, dóceis instrumentos da inteligência e executoras hábeis dos decretos da vontade.

Passando alêm dêstes limites, quebranta o homem às intenções do Criador e transgride as leis inefáveis da honestidade.

Ah! mas quanto em nossos dias estão postergados os direitos desta bela virtude!

Tresloucadas por um secreto desejo de atrair atenções criminosas e de criar em volta do ídolo da carne, uma atmosfera de simpatias indecorosas, ou, quando menos, dominadas por uma insaciável vaidade, que as faz escravas de modas crueis e escandalosas, — quantas pessoas aparecem em público com trajes de tal ordem, que antes os deveriamos taxar de roupas de dormir do que admitir como vestes de pessoas dignas e que se prezam! Com efeito, acentuam-se por tal forma os decotes e, em marcha para a supressão completa dos vestidos, usam-se uns tecidos tão finos e transparentes, a deixar entrever a epiderme, formas e contornos dos membros, que bem podemos dizer que é a equivalência da nudez.

Exibições desta ordem, lançadas como engôdo aos instintos voluptuosos da humanidade, que se deprava,

avilta, prostitue e brutaliza, são a negação declarada dos bons costumes, do senso moral, da própria razão e um desafio infame cuspido contra as austeras tradições do Cristianismo e contra o Deus que reduziu a cinzas e transformou em fétido charco as cidades de Sodoma e Gomorra!

3.º — Que fará o confessor em presença de penitentes desvairados pelas modas?

A. — *Quanto ao luxo no vestir*: *a)* atrair a atenção do penitente para o quadro lastimoso de tantos infelizes, que nem sequer possuem o necessário para viver, jazendo por isso sem arrimo na mais atribulada miséria — ou para o espectáculo doloroso de tantas igrejas pobres, cuja penúria condiz tão mal com a Magestade do grande Rei, que habita no Tabernáculo!

b) — Mostrar-lhes que a modéstia é o mais belo ornamento e que os vestidos por mais ricos que sejam, nada acrescentam ao que somos.

c) — Fazer-lhes meditar as seguintes passagens da *Escritura* e dos *Santos Padres*:

In vestitu ne glorieris unquam (Eccli. 9). Volo mulieres orare in habitu ornato, cum verecundia et sobrietate ornantes se et non in tortis crinibus, aut auro, aut margaritis, vel veste pretiosa (Tim. 2). Habentes alimenta et quibus tegamur, his contenti simus (1 Tim. 6).

Quam excusationem habebis quando Dominus te accusabit de margaritis istis et pauperes in fame perditos in medium aget (Chris. Hom. 21 ad pop.)

Quod ornari te putas quod putas comi, impugnatio est ista divini operis praevaricatio veritatis (Ambros. de hab. virg.).

Serica et purpura et tincturarum fucus, decorem habent, sed non praebent (Bern. ep. 113 ad Soph.)

Quod nascitur, opus Dei est; ergo quod fingitur, diaboli negocium est (Tert. de cultu mulier.).

B. — *Quanto aos decotes*: *a*) Inspirar horror ao grave escândalo daqueles que usam vestidos imodestos: lançam óleo sôbre o fogo das paixões e facilitam ao demónio a sua obra de perversão; tudo isto por um pequenino e mesquinho interêsse de vaidade!

b) — Aconselhar a leitura das vidas dos Santos, que até nas situações mais elevadas, deram exemplos tão belos de modéstia e recato!

c) — Ás pessôas cultas, expor os princípios acima desenvolvidos àcêrca do fim providencial dos vestidos.

d) — Convidá-los a meditar os seguintes pensamentos dos Santos:

«Spernat bombicum telas, vestimenta paret quibus pellatur frigus, non quibus vestita nudentur (Hieron. Ep. ad Laetam).

Si vir vel mulier se ornaverit et vultus hominum ad se provocaverit, et si nullum inde sequatur damnum, judicium tamen patietur, quia venenum attulit, si fuisset qui biberet (Acerm. Ep. ad Nepat.).

Vestium curiositas deformitatis mentium ac morum indicium est (Bern. 3-De consid.).

At corporis cultu innumera fiunt mala, arrogantia quae intus nascitur, despectus proximi, fastus spiritus, animae corruptio voluptatum illicitarum comes (Chris. Hom. in Gen.).

Vis ornare faciem? non margaritis orna, sed modestia et honestate (Chris. Hom. 21 ad pop. Antioch.).

5. Espectáculos e teatros

1.° — São objecto da solicitude do Confessor, porque: *a*) os teatros e cinematógrafos constituem geralmente, em nossos dias, ocasião próxima de pecado, — *b)* e o hábito de freqüentar os que não são repreensíveis, produz os inconvenientes que apontamos ao falar dos *romances*.

2.º — Máximas para meditar:

a) — Pensamentos dos Santos Padres:

Avertamus oculos nostros a vanitatibus theatrorum, ne quod oculus viderit, animus concupiscat (Ambr. in ps. 118).

Quae pudica fortasse ad spectaculum matrona processerat, de spectaculo revertitur impudica (Cypr. ep. ad. Donat.).

In his spectaculis, deposita verecundia, audacior aliquis fit ad crimina; discit facere dum consuescit videre. — Illicita sunt ista christianis fidelibus, tum vana quum perniciosa... Avocandus est animus ab istis; habet christianus spectacula meliora si velit (Cypr.).

b) — Declarações de autores dramáticos:

«Rogo-vos instantemente que não vades aos espectáculos; não ganhareis nada, se fôrdes, e perdereis muito (Chateaubr.).

A mãe prudente, ao teatro não vai, nem leva filha sua (A. Dumas).

Faz tremer o pensamento dos horrores que apresenta o scenário em França... Atesto e confirmo o espanto dos leitores: os morticínios dos gladiadores não eram tão bárbaros; corria o sangue, é certo, mas não se conspurcava a imaginação com crimes que fazem arripiar (J. Rousseau).

II — LUTA CONTRA AS TENTAÇÕES

Tentação é a excitação para o mal, produzida pela acção singular ou conjunta, dos três inimigos da alma: mundo, diabo e carne.

1.º — Antes do pecado original, o homem não podia ser instigado para o mal senão por uma causa inteligen-

te e externa, pois que adentro do seu composto tudo era ordem, subordinando-se perfeitamente às potências superiores as inferiores, só impelidas para o seu objecto sensível pelo beneplácito da vontade, por sua vez, obediente aos ditames da razão e da fé. Depois do pecado, tão nobre equilíbrio, que imprimia à natureza humana admirável elevação, foi quebrado irreparávelmente. No íntimo das nossas faculdades corrompidas, deram então voz de revolta *tendências cegas*, rompendo com a razão, para seguirem apenas os instintos depravados; daí o princípio da contínua agitação, que se chama *concupiscência.*

Não tendo em presença o seu objecto, pode ser que tais inclinações pareçam mortas... mas de facto só estão amortecidas, porque, se, por imprudência, o mesmo se lhes depara em frente, depressa se excitam e irrompem com ímpeto para êle, com fascinação tanto maior, quanto mais seductor o apresentarem os sentidos.

E' neste caso agente da tentação o *mundo.*

Porém, o mais importuno e temível é o *demónio*; inteligência privilegiada e secundada pela experiência de dezenas de séculos, empossa-se dos outros dois inimigos e, manejando-os com habilidade e astúcia, prossegue afoutamente na sua acção nefasta e maldita de inimigo de Deus e do homem.

2.º — Porque são objecto da Direcção as tentações.

E' dever do confessor, *arredar* ou, se possível fôr, fazer *enveredar* para o bem, tudo o que constitua uma ameaça para o adiantamento espiritual do penitente; ora as tentações podem ser um grande mal, se não forem combatidas, refreadas e subjugadas, ou um grande bem, quando após a luta, se colhem os louros da victória; portanto, na ofensiva e defensiva, é ao Director que compete comandar as fôrças da alma.

1.º — A noção de tentação denuncia os *perigos*, a

sua evolução natural mostra os *estragos.* Eis a génese da tentação, quando não é reprimida: *a*) aparece primeiro a *ideia do mal* e forma na fantasia uma imagem vivíssima do objecto que a consciência reprova, a convidar e seduzir o apetite; é a *sugestão;* logo depois, se, prendendo-se a êste quadro encantador, a atenção examina estática os atrativos e por fim se *compraz* e *delicia voluntáriamente*, temos o *mau pensamento consentido.* — *b)* Em seguida, desperta-se no coração uma ância de gozar com todo o prazer, mais de perto e em tôda a realidade, o objecto fantasiado; e eis, se a vontade admite, o *mau desejo consentido.* — *c)* Este vai-se precisando mais, e, detendo-se nas circunstâncias que lhe podem dar gôzo, gera o *propósito de praticar o mal.*

d) — Cada vez mais decidido, por novos aspectos, que vai descortinando, êste propósito põe a alma em *vias de execução* e consuma-se por fim a depravação da vontade, pelo *primeiro acto externo* praticado. *e*) — Perpetrado êste, outros se seguem de perto, porque a lembrança do mal, longe de se apagar, mais se aviva e redobra as tentações; repetidos assim, sem conta, nem medida, temos o *hábito mau. f*) — E a afeição às satisfações recrudesce e radica-se tenaz o hábito, que gera o *vício* e obstina-se o ânimo em não se converter!

2.º — Repelida, ao contrário, e vencida, a tentação acarreta à alma *preciosas vantagens*, e é essa a razão por que Deus a permite e deixa a Satanás certa liberdade de acção.

Eis, nos desígnios da Providência, quais os bons resultados das tentações: *a*) reanimar o nosso amor para com Deus, visto serem ocasião de o significar, e de o exercer; *b*) aumentar em nós a cópia de merecimentos e a recompensa final; *c*) arreigar na alma a virtude da *humildade*, a *desconfiança* de nós mesmos, a *vigilância* e o espírito de *oração*; *d*) Inclinar-nos à piedade com as misérias do próximo.

3.° — Atitude do penitente e do Confessor em presença das tentações.

A. — **Antes da tentação:** *a*) Não se expor a elas voluntáriamente sem razão suficiente: Deus não louva a imprudência, nem a presunção — «*vigilate ut non intretis in tentationem*» (Math. XXVI, 40).

b) — *Não as desejar*, porque seria temeridade, (S. Francisco de Sales, Vida devota, III, cap. 37); e diz Jesus Cristo no Evangelho: «spiritus promptus est, caro autem infirma». *c*) *pedir a Deus que não nos deixe cair em tentação*, e *empregar os meios* que Êle estabeleceu, em particular os Sacramentos, para lhes resistir e para as vencer «orate ut non intretis in tentationem».

d) — Esperar a tentação com firmeza e *sem inquietação*; a perturbação seria falta de confiança em Deus e poria em risco a resistência; nada tão precioso como a serenidade e o sangue frio no momento do perigo: «*acostumai o vosso coração a defrontar-se corajosamente com as tentações e a resistir-lhes*» (Vida Devota).

B. — **Na hora da tentação:** *Combater com tática: a*) Das tentações, umas são como cães que ladram e não mordem; são importunas, molestam rudemente, mas vencem-se particularmente com o desprêzo: «*aliter tentator non vincitur nisi contemnitur* (Aug. serm. 4 Verb. Dom.)

b) — Outras mais graves e perigosas, são como as serpentes venenosas que para alcançar a prêsa, primeiro a encantam e fascinam. Contra estas urge empregar a maior vigilância: se, não obstante todos os esforços, não é possível dissipá-las, cumpre *fugir prontamente*, transportando a alma para terreno impropício às investidas do tentador: volver o espírito para pensamentos de piedade e de fé, afim de neutralizar as sugestões más, por exemplo, para o Sagrado Coração de Jesus, nas afeições desordenadas do coração — para o pensamento da morte, nas tentações impuras, etc.

Se ainda assim a tentação perdura, importa imitar a

criancinha quando se vê em perigo, isto é, ***clamar por socorro***, endereçando ao céu preces ardentes, invocações humildes e fervorosas; — encher-se ao mesmo tempo de coragem, reanimando energias e reiterando resoluções: *«Meu Deus, antes morrer mil vezes, do que uma só Vos ofender»!*

c. — **Depois da tentação:** *a*) *Se triunfou,* alegre-se santamente com o Anjo da Guarda e dê graças a Deus pelos auxílios, que dispensou; *b*) *Se consentiu* humilhe-se, cobre ânimo e confiança, levante-se quanto antes por uma confissão bem feita — ou ao menos por um acto de contrição sincero — e imponha a si mesmo uma reparação; *c*) ***na dúvida***, não se detenha a examinar; se habitualmente tem horror ao pecado e triunfa, tranquilize-se; se ao contrário, costuma consentir, deverá presumir-se culpado.

4.º — Direcção das almas tentadas.

a) — Descubram estas primeiro que tudo as tentações ao Confessor, pois quando a doença acomete, consulta-se o médico. Este acto de humildade, preserva de muitas imprudências, bem como previne contra muitas ciladas do tentador.

b) — Examine o Confessor atentamente, com tacto e prudência, ***a natureza e a origem das tentações*** e bem assim as ***disposições do penitente em face delas***, porque para ser racional o tratamento duma doença, deve remontar à causa.

c) — ***Desperte*** e ***estimule*** as almas ***indolentes***, ***temerárias*** ou ***pusilânimes***.

Induite vos armaturam Dei, ut possitis stare adversus insidias diaboli (Eph. VII, 11).

Sobrii estote et vigilate quia adversarius vester diabolus, tanquam leo rugiens, circuit quaerens quem devoret: cui resistite fortes in fide (1 Petr. v, 8).

Tunc maxime oppugnamur cum nos oppugnari non credimus (Hier. Ep. ad Heliod.)

Dum parvus est hostis, elide, et nequitia elidatur in semine (id.)

Ne quis ultro tentationibus se offerre audeat (Chris. Hom. 13).

Si tentationi non festine resistitur, eadem, qua nutritur mora roboratur (Greg. XXI, Mor.)

Bellum grave, quia occultum, quia cum fortiore (Cassiod.) — Diabolus blanditur ut fallat, arridet ut noceat, allicit ut occidat (Cypr. De Hab. virg.).

d; — Reanime e fortaleça as timoratas e apreste-as para novos êxitos.

— Fidelis est Deus qui non patietur vos tentari supra id quod potestis, sed faciet etiam cum tentatione proventum (I Cor. X, 13) — Omnia possum in eo qui me confortat (Philip. IV, 13) — Beatus vir qui suffert tentationem, quoniam cum probatus fuerit, accipiet coronam vitae, quam repromisit Deus diligentibus se (Jac. I, 12).

— Omne gaudium existimate, fratres mei, cum in tentationes varias incideritis (Jac. I, 2). — Novit Dominus pios de tentatione eripere (II Petr. II, 9). — Sub tali rege, nempe Christo, militas, et de victoria dubitas? (Caesar. Arel. — Hom. 19). — Nullum certius argumentum quod daemones victi sint a nobis, quam si nos acerrime oppugnant (Joan. Clim.). — Ipse Christus luctatur in nobis, ipse congreditur, ipse in certamine agonis nostri, et coronat pariter et coronatur (Cypr. Ep. 9). — Ad mensuram permittitur tentare diabolus (Aug. ps. 59). — Vita nostra in hac peregrinatione, non potest esse sine tentatione, quia profectus noster fit per tentationem, nec sibi quisquam innotescit nisi tentatus, nec potest coronari nisi vicerit, nec vincere nisi certaverit, nec potest certare nisi inimicum et tentationes habuerit (Aug. ps. 6). — Deus hortatur ut pugnes, adjuvat ut vincas, certantem spectat, deficientem sublevat, et vincentem coronat (Aug. in ps. 32). — Non extorquet daemon a nobis consensum, sed petit; suadere enim et sollicitare potest, cogere omnino non po-

test (Aug. Lib. 50). — Quam debilis est hostis qui non vincit nisi volentem! (Bernard. Serm. 39).

III — MORTIFICAÇÃO

Consiste a *mortificação* em *combater*, *afastar* ou *destruir*, as obras e as *inclinações viciosas* da nossa natureza corrompida.

Tem, portanto, por objecto:

1.º — As *faltas* e *imperfeições*, para as deplorar primeiro e reparar em seguida por uma justa compensação, restituindo a Deus, já pelo *sofrimento voluntário*, já pela *privação de gôzo* permitido (mortificação por obras), a glória de que O privaram.

2.º — Os *defeitos*, para corrigir e extirpar, quanto possível (mortificação dos defeitos).

3.º — *As inclinações más*, para as reprimir, moderando a violência, atenuando o ardor e atalhando os extravios. (Mortificação das paixões).

4.º — *Os sentidos externos*, retirando deles o que possa conspirar contra a virtude ou alimentar as paixões. (mortificação dos sentidos).

Demonstração:

Pela etimologia da palavra, mortificar significa *dar a morte* e portanto neste caso, dar a morte a tudo o que em nós se oponha à glória de Deus e à realização do nosso fim último. Ora, são obstáculos à glória externa de Deus:

1.º — *As obras* ou acções, contrárias à vontade divina: *a)* o pecado, que transgride a lei do Senhor; *b)* as imperfeições, que se lhe opõem a desejos formais, pois,

já vimos acima, Deus não pode ser glorificado sem a conformidade plena com o seu beneplácito.

2.º — *As inclinações* e *hábitos maus*, que nos colocam em perigo constante de sacrificar a glória de Deus às satisfações da vida presente.

E' verdade que tôdas as nossas inclinações teem a sua origem no próprio Deus, que lhes marcou funções peculiares. Reguladas, subordinadas à vontade, que era dotada de rectidão perfeita, no estado de justiça original, não podiam por si mesmas transportar-se a excessos proibidos; mas, destruida esta harmonia pelo pecado, acabou a subordinação, nasceu a revolta, e eis que um instinto cego as precipita loucamente para o seu objecto, que alcançado, fruem sôfrega, impetuosamente. E cresce esta veemência terrivelmente, quando concessões condenáveis converteram estas más tendências em hábitos ou defeitos.

Necessidade da mortificação:

1.º — Foi Jesus-Cristo quem proclamou a sua *necessidade fundamental*, para todo aquele que queira segui-lO: «si quis vult venire post me, abneget semetipsum et tollat crucem suam quotidie et sequatur me». Ora, seguir a Jesus-Cristo, abnegar-se a si mesmo, levar cada dia a sua cruz, o que é senão a mortificação, no sentido, que a definimos?

2.º — São tão grandes os benefícios, provenientes da mortificação, que seria grave encargo de consciência privar deles os dirigidos. Eis muito breve a sua enumeração: *a) desviar* de nós o *pecado* e as *imperfeições*, que, opondo-se respectivamente às ordens formais de Deus e aos seus desejos, a mortificação evita, impedindo que as nossas inclinações atinjam o objecto proibido ou simplesmente reprovado.

b) Dar satisfação à justiça divina, restabelecendo o equilíbrio transtornado pela transgressão da lei; está a

compensação em que, sendo o pecado a usurpação de prazeres *proibidos*, é a mortificação, a privação de prazeres permitidos «ad praeteritorum peccatorum vindictam et castigationem».

c) Consolidar e *desenvolver* as virtudes, que beneficiam por cada vitória alcançada.

d) Activar o fervor e por isso mesmo multiplicar os merecimentos; o esfôrço contra as tendências depravadas necessita continuamente de impulso e quem o dá é a caridade: *«nutrimentum caritatis est diminutio cupiditatis»*.

e) Garantir a perseverança, porque sopeia as paixões e torna inofensivas as más inclinações: «ad novae vitae custodiam et infirmitatis medicamentum».

f) Tornar-nos similhantes a Jesus-Cristo, cuja vida foi de renúncia e abnegação: «semper mortificationem Jesu in corpore nostro circumferentes» (II Cor. IV, 10).

g) Afugentar o demónio e vencê-lo, nas tentações: «hoc genus daemoniorum...» (Math. XVII, 20).

Princípios:

1.° — A mortificação tem por fim *domar* a natureza, *sanando* e *aperfeiçoando*, e não *destruí-la*. Não deve, pois, o confessor *prescrever*, nem *permitir* mortificações que enfraqueçam notàvelmente o organismo; as que mutilam a natureza, arruínam a saúde, atrofiam as faculdades e a integridade do corpo ou impossibilitam o cumprimento dos próprios deveres, estão neste caso.

Assim, salvo o caso de vocação especial de Deus, deve proibir jejuns rigorosos, prolongados ou muito repetidos, austeridades e macerações, a capricho e sem discernimento.

2.° — A mortificação deve marchar do *principal* para o *acessório*, conquistando terreno progressivamente. Antes das penitências *supererogatórias*, cumpre suportar as

que *impõe* a Providência, as leis da Igreja, as obrigações gerais da vida cristã e os deveres do próprio estado.

3.º — Deve *acomodar-se às fôrças*, *necessidades espirituais*, *género de vida* e *temperamento* de cada penitente.

a) E' evidente que são necessárias as mortificações *de obrigação*, mas devem moderar-se prudentemente as de *supererogação*, sobretudo, nos princípios da vida espiritual, quando a alma inflamada em ardente fervor sensível, é capaz de excessos perigosos. Se neste período o confessor não intervem eficazmente, pode a alma, transportada de zêlo intempestivo, propôr-se um plano de vida, perene de austeridades e demasias, que não poderá realizar mais tarde, quando se dissiparem os primeiros fervores e as primeiras consolações, vindo então a cair muito fácilmente no desalento e tibieza, pelo achar incomportável.

b) Não *imponha* grande cópia de mortificações *supererogatórias*, sem primeiro as fazer *desejar*; em vez do efeito que pretende, teria desfalecimentos, tédio espiritual e melancolia.

c) Evite as que obrigam a *forte tensão de espírito* e grande esfôrço das faculdades, porque cansam a alma e privam-na da paz, que caracteriza a virtude verdadeira.

d) Contra dois escolhos particularmente, a *vanglória* e a *singularidade*, cumpre, nas mortificações corporais, prevenir o penitente; e nas de supererogação preferir as que são de natureza a combater o *defeito dominante*, começando pelas mais fáceis, para a pouco e pouco chegar às mais custosas.

Como dispor o penitente para a mortificação:

1.º — Fazer-lhe compreender a *importância* e *necessidade* da mortificação cristã.

2.º — Tornar-lhe *amável* esta virtude pelo exemplo do Salvador e dos Santos: «as palavras movem, os exemplos arrastam».

3.º — Propor-lhe para cada mortificação uma intenção *nova e apropriada*, v. g. hoje, para pedir tal graça, amanhã, em memória de tal sofrimento do Salvador, depois, para expiar tal falta, etc.

4.º — Interpretar e expor à consideração, estas e outras palavras da Escritura e dos Santos:

«Vae qui saturati estis! vae vobis qui ridetis nunc! (Luc. VI, 25). Debitores sumus non carni ut secundum carnem vivamus; si enim secundum carnem vixeritis, moriemini; si autem spiritu facta carnis mortificaveritis, vivetis (Rom. VIII, 13). — Castigo corpus meum et in servitutem redigo, ne forte cum aliis praedicaverim, ipse reprobus efficiar (I Cor. IV, 27). — Semper mortificationem Jesu in corpore nostro circumferentes, ut et vita Jesu manifestetur in corporibus nostris (II Cor, IV, 10). — Qui Christi sunt carnem suam crucifixerunt cum vitiis et concupiscentiis suis (Gal. V, 24). — Mortificate membra vestra quae sunt super terram (Coloss. III, 5). — Charissimi, obsecro vos tamquam advenas et peregrinos, abstinere vos a carnalibus desideriis, quae militant adversus animam (I Petr. II, 11).

Adimpleo ea quae desunt passionum Christi in carne mea (Coloss. I, 24). — Jure ea fortitudo vocatur, quando unusquisque seipsum vincit, nullis illecebris emollitur atque flectitur (Ambr. I, off. 40). — Habent sancti viri hoc proprium, ut quo semper ab illicitis longe sint, a se plerumque etiam licita abscindant (Greg. IV. Dial.). — Co-

gitandum summopere est ut qui se illicita meminit commisisse, a quibusdam etiam licitis studeat abstinere (Greg. in Evang.). — Non vis a Deo castigari, nec in hac, nec in altera vita? sis judex tui ipsius; rationem a te exige, te reprehende et corrige (Chris. in I Cor.). — Justorum fortitudo est carnem vincere, propriis voluptatibus contraire, delectationem vitae praesentis extinguere, hujusmodi aspera pro aeterno praemio amare (Greg. VII. Moral. 8). — Si temetipsum perfecte viceris, coetera facilius subjugabis; perfecta victoria est, de semetipso triumphare (Imit. III, 33). —

IV — PROVAÇÕES (tribulações)

A. — Da provação em geral

Provação *é toda a espécie de sofrimento, que a Providência nos envia para nos desapegar da terra e levantar para o céu.*

1.° — Além das pênas e trabalhos que nos impomos para mortificar a nossa natureza (mortificação cristã), ha muitos outros que nos *sobreveem inevitávelmente*, por vias várias, com repercussão em todo o nosso ser.

Tais os incómodos de cada dia, *corporais uns*, causados pelas privações, acidentes, enfermidades, doenças; *morais outros:* temores, angústias, tédios, sobressaltos, humilhações, tristezas, abatimentos, etc., emfim, um cortejo interminável de contratempos e misérias.

Causas de tudo isto são as contrariedades, os revezes, a pobreza, o luto, o abandôno, as securas e aridez espirituais, os escrúpulos, as misérias humanas, a obsessão e possessão diabólicas.

2.° — E quem desencadeia tantos flagelos sobre a pobre humanidade? E', em última análise, a *mão de Deus*. Se não fôsse o pecado, o homem nunca teria que sofrer. No paraíso terreal era impassível, imortal, rei da criação, nem o inferno podia nada contra êle, porque a

justiça original era garantia de tão preciosas imunidades... Mas, *veio o pecado, e Deus, como já havia prevenido, retira essa lei preservativa, e parece que desde logo começaram todas as criaturas de armarem-se contra o homem.* Réus do pecado, Adão e Eva e sua posteridade, ficarão á mercê da *fôrça* bruta e cega da *matéria* e das *energias conscientes* do mundo das inteligências. A água, o fogo, o tempo, as feras, obedecendo ás leis inflexíveis da sua natureza, a perversidade humana ou diabólica, entregando ao instinto as rédeas da liberdade, serão terríveis agentes a percorrer o mundo para o inundarem de sangue e de lágrimas. E por cima de todo êste espectáculo horrendo, onde gemem, sem tréguas, legiões de víctimas, vê-se á luz da fé, pairar magestosamente a Justiça de Deus, ora decretando os golpes a dar, e — muitas vezes, como a custar-lhe ferir por si mesma — confiando a outrem a sua execução, ora, deixando entrar nesta arena das suas vinganças, mãos criminosas e crueis, pronta a logo as despedaçar, após as ter empregado...; quer *ferir* sem contudo condescender com o punhal que dá o golpe... quer *ferir*, não pelo prazer de vêr sofrer, mas pela felicidade que tem em realizar a cura...; tal como a mãe que vê o médico dilacerar as carnes inocentes de seu filho, animosa, com a esperança de o ver recobrar a saúde.

3.º — Razões por que deve o director valer ás almas nas tribulações.

A. — **Bem aproveitadas**, as tribulações proporcionam grandes vantagens: a) *purificam:* o grande valor do sofrimento, consiste em reparar o pecado, «*o Senhor ao que ama castiga, e depois compraz-se como um pai em seu filho* (Prov. III, 12).

b) *Convertem:* «*vendo-se na tribulação, dar-se-hão pressa em voltar a mim; vinde, dirão, e tornemo-nos para o Senhor*» (Os. VI, 1).

Com efeito, a tribulação faz ver á criatura o seu nada e impotência, e ao mesmo tempo admirar e confes-

sar a omnipotência e justiça de Deus: «*castigaste-me, Senhor, e eu, qual indómito novilho, aprendi*» (Jerem. XXXI, 18).

c) *Santificam* e consolidam na virtude: *aos que sofrerem nesta vida, Deus aperfeiçoará, fortificará e consolidará*» I Petr. V, 10).

E na verdade, o desapêgo das criaturas desembaraça-nos o caminho dos obstáculos ao nosso adiantamento.

d) *Enriquecem-nos* para a outra vida: «*bemaventurado o homem que sofre a tribulação, porque depois da prova, receberá a corôa da vida, que Deus prometeu aos que O amam*» (Tiag. I, 12). — «*O que nesta vida é leve momento de tribulação, será no céu um pêso eterno de glória*» (II Cor. IV, 17).

e) São fonte de *consolações* inefáveis, que dilatam a alma: «*Estou cheio de consolação e superabundo de alegria em todas as nossas tribulações*» (II Cor. VII, 4). — *Bendito seja Deus, que nos consola em todas as nossas tribulações*» (S. Paulo).

B. — **Desprezadas,** causam as tribulações tal quantidade de faltas, que desorganizam inteiramente o maquinismo da vida espiritual: «*queixas* contra a Providência, talvez *blasfêmias*, *angústias*, *desânimos*, *desespêros*, *ciúmes*, *vinganças*, etc.

4.° — Direcção nas tribulações:

A. — **Não pedir a tribulação:** «Sem inspiração particular do Espírito de Deus, que só muito raras vezes é concedida antes do *quinto grau da piedade*, é sempre presunção e perigo pedir a Deus provações (Tissot, v. Int.).

B. — **Valer-se** das *cautelas* e *meios ordinários,* que a prudência indica, para evitar certos sofrimentos ou tribulações: «devo, com efeito, preservar a alma e o corpo, se eu puder, de lesões funestas, obrigação que não só a

natureza impõe, como tambem o dever de cuidar da saúde espiritual ou corporal; por isso devo evitar certos sofrimentos, que não sendo um perigo, são, entretanto, obstáculo real ao meu viver natural ou sobrenatural.

c. — **Aceitar,** como vindas da *mão de Deus*, as tribulações *inevitáveis*, aceitação que comporta vários graus: a) *aceitação paciente e resignada:* Deus é que manda, ah! aceito! inclino-me em profundo abatimento diante das suas impenetráveis determinações! Seja feita a sua vontade bendita!

b) — Aceitação *filial* e *reconhecida:* «é um pai, mais terno que a mais terna das mães, Aquele que me envia estas amarguras! lanço-me com confiança nos seus braços amorosíssimos, porque Êle só quer a minha felicidade; se fere, é para meu bem *(quos amo arguo et castigo)*, por isso, repito com Job: *sit nomen Domini benedictum!*

c) — Aceitação *amorosa* e *com júbilo:* sofrer é ser semelhante a Jesus; como não amar a Cruz, que Jesus abraçou com tanto amor? oh! sim! eu digo com Santo André: «O bona Crux, diu desiderata et jam concupiscenti animo praeparata; securus et gaudens venio ad te, ita et tu exultans suscipeas me, discipulum Ejus qui pependit in te! (Brev. Rom.).

5.º — **Para que sejam bem aceites as tribulações,** faça o Director — a) lembrar e compreender as vantagens acima enumeradas; b) persuada que *as muitas tribulações são prova tanto maior do muito amor de Deus para connosco:* «entre amigos, a prova última da amizade é o sacrifício em situação custosa ou crítica, levado até ao heroismo, se necessário fôr; ora, quantas vezes o amor verdadeiro obriga a prestar um serviço, que fere, que punge, mas que é necessário! é forte, mas é amigo verdadeiro o que o presta. Dizer amabilidades, dar prazer, não custa! mas dizer verdades amargas, anunciar uma nova funesta, aflictiva, pedir um sacrifício martirizante a

um amigo, porque é amigo e para seu bem, eis uma força que só a verdadeira amizade pode outorgar!» (Tissot, v. V. Int. S.).

c) — Faça compreender que nada mais sensato do que lançar-se nas mãos de Deus e abandonar-se confiante á sua misericórdia, como um filho que se entrega aos cuidados ternissimos de sua mãe. Não sabemos nada do que nos convem ou é funesto, porque a nossa inteligência o não alcança, mas Deus sabe tudo! Como não nos entregarmos com alegria à sua solicitude!

d) — Meditar os seguintes pensamentos:

«Cum ipsorum in tribulatione, eripiam eum et glorificabo eum, (Ps-90) — Et nos ergo non ulciscamur pro his quae patimur, sed reputantes peccatis nostris minora esse flagella Domini quibus servi corripimur, ad emendationem et non ad perditionem nostram evenisse credamus (Judith, VIII, 26).

Amen, amen dico vobis, quia plorabitis vos, mundus autem gaudebit, vos autem contristabimini: sed tristitia vestra vertetur in gaudium (Joan. XVI, 13). — Per multas tribulationes oportet nos intrare in regnum Dei (Act. XIV, 21). — Tribulatio patientiam operatur, patientia autem probationem, probatio vero spem (Rom. V, 4). — Existimo quod non sint condignae passiones hujus temporis, ad futuram gloriam quae revelabitur in nobis (Rom. VIII, 18). — A Domino corripimur ut non cum hoc mundo damnemur (I Cor. XI, 32). — Mihi absit gloriari nisi in cruce Domini nostri Jesu Christi (Galat. VI, 14). — Omne gaudium existimate, fratres mei, cum in tentationes varias incideritis, scientes quod probatio vestrae fidei patientiam operatur (Jac. I, 2). — Quem diligit Dominus castigat, flagellat autem omnem filium quem recipit (Hebr. XII, 6). — Quia acceptus eras Deo, necesse fuit ut tentatio probaret te (Tob. XII, 13). — Communicantes Christi passionibus gaudete, ut in revelatione ejus gaudeatis exultantes (I Petr. IV, 13). — Non te sine flagello spera futurum nisi forte cogitas exhoeredari: flagellat omnem filium quem

recipit. Ita ne omnem? ubi te volebas abscondere? omnem et nullus exceptus, nullus sine flagello erit. Quid est omnem? Vis audire quem omnem? etiam Unicus sine peccato, non tamen sine flagello (Aug. in ps. 32). —

Intelligat homo medicum esse Deum et tribulationem medicamentum esse ad salutem, non poenam ad damnationem. Sub medicamento positus, ureris, secaris, clamas. Non audit medicus ad voluntatem, sed audit ad sanitatem (Aug. ps. 21). — Non invenit locum sapientia ubi non est patientia (Aug. Serm. 4-de V. A.).

Sine ferro et flamma martyres esse poscimus, si patientiam in animo veraciter conservamus (Greg. Dial. x). — Quando Deus dat alicui ut mortuos suscitet, minus dat quam cum dat donum patiendi. Pro miraculis enim debitor sum Deo, pro patientia debitorem habeo Christum (Chris. Ep. Phil.). — Si quis mihi daret totum coelum, aut Pauli catenam, ego illam praeferrem (Id.-Ep. Eph.).

B. — Da provação em especial

I. — Aridez espiritual

Aridez espiritual *é o estado da alma, que a-pesar-de todos os esforços, não pode, no momento da oração excitar em si pensamentos piedosos, nem afectos de devoção.*

1.° — No estado normal, a alma, posta em presença de Deus e contemplando as suas perfeições, encontra o alimento superabundante que reclama a inteligência, sequiosa de *verdade* e imediatamente do coração brotam afectos de inefável amor; experimenta um bem-estar incomparável, ao sentir-se na posse do Bem supremo; porque, apesar da depravação original, o homem conserva em si o instinto da Divindade, e conhece-se, na origem e no destino, propínquo de Deus, causa primária e fim último. Mas quantas causas são óbice a esta união e a esta posse! O *pecado* e mais ainda o *vício*, comprimem e quebram os nossos transportes para Deus! intercep-

tam-se, qual barreira insuperável, entre o nosso coração e a Divindade; «*animalis homo non percipit ea quae sunt spiritus Dei*».

Depois, a *doença*, a *debilidade física*, o *cansaço*, uma *digestão custosa*, podem mais ou menos paralizar a actividade do espírito e tornar a oração laboriosa e árida. Enumeremos ainda *preocupações*, que prendem, *negócios*, que absorvem, e *leviandades* e *dissipações*, que impedem as faculdades de mobilizar forças, com que a alma se aplique às cousas de Deus.

Emfim, quem não compreende que Deus pode, por modo de provação, subtrair-se às pesquizas da alma, ocultar-se de seus olhares e deixá-la assim na mais deplorável impossibilidade de orar, na mais angustiosa e insuportável aridez?!

2.º — Atitude da alma provada pela aridez.

A. — Deve *reagir* contra êsse estado de alma, que é doentio, e, porque oferece perigos, exige cuidados: frias, frouxas, indiferentes as relações da alma com Deus, não irá ela procurar nas criaturas a felicidade que n'Ele agora não encontra? Faltando-lhe na oração e meditação, o calor que dulcifica e o bálsamo vivificante das doçuras espirituais a contrabalançar a influência das paixões, não correrá ela risco de seguir antes estas e de cair na mais deplorável tibieza? Importa, pois, reagir fortemente: *a)* investigue com a ajuda do Director as causas dêsse resfriamento para com Deus e suprima-as quanto possível; *b)* empregue todos os meios para se entregar devidamente á oração: recolhimento, preparação cuidada, método autorizado; *c)* peça a Deus instantemente, não já as consolações sensíveis, mas o *gôsto* pelos exercícios de piedade, e a *facilidade* em os praticar; desta espécie tem a Liturgia da Igreja muitas orações.

B. — *Aceitar* com *ânimo forte* a *provação* e *aproveitar* dela, até que Deus a dissipe.

Será de grande benefício para a alma, se, ***reagindo***, como dissemos, a aproveita para se humilhar, e sofrer, perseverando não obstante, em ser fiel aos exercícios de piedade.

3.º — Direcção da alma nesta provação.

a) Estimulá-la a reagir generosamente, (empregando os meios) contra a aridêz espiritual.

«Qui declinat aures suas ne audiat legem, oratio ejus erit execrabilis (Prov. XXVIII, 9). — Iniquitates vestrae diviserunt inter vos et Deum vestrum, et peccata vestra absconderunt faciem ejus a vobis, ne exaudiret (Is. LIX, 2). — Ante orationem praepara animam tuam et noli esse quasi homo qui tentat Deum (Eccli XVIII, 23).—Humilium et mansuetorum semper tibi placuit deprecatio (Judith. IX, 16). — Scitote quoniam exaudiet Dominus preces vestras si manentes perseveraveritis in jejuniis et in orationibus in conspectu Domini (Judith, IV, 12).

b) Animar e alentar as que mostram esfôrço e boa vontade nesta provação; lembre-lhes o exemplo dos Santos, que, como Santa Teresa, passaram pelas mesmas tribulações; recorde-lhes que lutando e sofrendo, adquirem merecimentos e obterão graças especiais, que hão-de suprir as considerações suaves e profundas.

c) Formá-las no costume de levantar muitas vezes ao dia o pensamento e o coração a Deus.

2. — Escrúpulos

O escrúpulo é um temor infundado e aflictivo de pecar ou de ter pecado (Poulain, grâces d'oraison).

Alma escrupulosa é aquela que, sob frívolo fundamento, que reputa sólido, tem por ilícito o que de facto

não é; e daí uma anciedade contínua e a convicção de pecar sempre e gravemente.

1.º — O temor *fundado* de pecar revela uma consciência *timorata* e por conseguinte uma alma *delicada* no serviço de Deus. Tais pessoas, porque são almas de eleição, que temem as mais pequenas faltas, quanta injustiça não ha em as invectivar de escrupulosas! é sentenciá-las sumáriamente para as expor ao desprêzo e ao ridículo!

— Se o receio só é fundado *insuficientemente*, e sem sobressalto, é antes *errónea* e não escrupulosa, a consciência.

As apreensões vãs que tiranizam o escrupuloso, podem ter por objecto toda a moral ou parte dela. Assim, ha pessoas escrupulosas em matéria de justiça, por exemplo, e laxas em matéria de castidade. Mas o terreno mais propício para escrúpulos é quasi sempre o que diz respeito a *intenções* e a *disposições interiores*: «*não declarei bem os pecados... não tenho contrição perfeita... decerto fui causa de tal maledicência... prejudiquei, parece-me, o próximo, por falta de cuidado.. quiçá, fui causa daquela tentação, porque fui imprudente... consenti, por certo, naquele pensamento desonesto... distraí-me, talvez voluntáriamente, durante a missa*... etc.». A tendência para os escrúpulos pode provir, ora dum *temperamento* melancólico e tímido, ora duma imaginação tão viva e impressionável, que falseie a razão; já da educação muito oprimida ou convivência com pessoas escrupulosas, já de direcção espiritual mal orientada, ou do desejo excessivo de obter a certeza no que respeita á salvação.

«Admitem os médicos que o escrúpulo inveterado tem fundamento no organismo; é por isso que os escrupulosos habituais estão sujeitos a toda a sorte de *nevroses*: nervosismo, neurastenia, etc. e entram assim na categoria dos doentes que chamam «*fóbicos*», isto é, que têm um temor instintivo, errado, desarrasoado e obstinado, por mais que se tente curá-los» (Poulain, Gr. d'oraison).

Ha ainda a notar que tambem o *demónio* pode intervir como causa principal do escrúpulo, e quando tanto não seja, empenha-se em o conservar e intensificar, para cansar a alma e conduzí-la por fim ao tédio espiritual e ao desespêro.

2.° — **Impõe-se como necessária a cura desta doença** porque *a)* o escrúpulo é um *êrro* e o êrro não pode levar a Deus, Verdade Suma; *b)* porque é origem de *perturbação* e *angústia;* ora diz o Espírito Santo: «*non in commotione Dominus*».

c) Criando o escrúpulo raizes inveteradas, torna-se, pode-se dizer, não só incurável, mas tambem a causa da *maior ruina espiritual:* estiola a piedade, invade com distracções a oração, extingue o recolhimento, paralisa a confiança, enfastia dos sacramentos.

Pode, demais, arrastar ás piores conseqùências: cansada a alma por tão incomportável martírio, desespera da salvação, volta-se para as satisfações dos sentidos e não raro procura no suicídio o términus de tanto sofrer!

d) Tambem sôbre a *saúde* e o *carácter* têem os escrúpulos funestíssima repercussão, fazendo das suas víctimas sêres ridículos e ineptos, insuportáveis, mesquinhos e incapazes até de cumprirem os deveres do próprio estado.

3.° — **Direcção das almas escrupulosas.**

A. — Quando na alma se revelam *sintômas* manifestos desta doença, cumpre *estudá-la* com empenho até diagnóstico seguro. E' ou não escrupulosa? se é, se ha certeza, em que se funda a doença? quais as causas e sobretudo qual é a causa principal? até que ponto já criou raízes? Só depois dêste estudo é que poderá formular os princípios e estabelecer os remédios para a cura.

B. — Arme-se então de paciência, caridade e zêlo

para prescrever os meios necessários e aplicá-los com bondade e firmeza inflexível.

C. — Em tarefa tão momentosa e difícil, condição necessária e fundamental é a *obediência cega às determinações do Confessor*. Para conseguir esta docilidade é indispensável primeiro *convencer bem* o penitente da sua *necessidade* e de quanto é *seguro* o caminho da obediência. Repita-lhe e persuada aquelas palavras de Jesus: «*o que vos ouve, a Mim ouve*» e estas de S. Bernardo: «*Devemos, no que não é declaradamente contra Deus, escutar como a Deus mesmo, aqueles que na terra são seus ministros*». Convença-se, repetimos, custe o que custar, de que o *único caminho seguro*, para chegar ao céu, é o da *obediência* e de que nunca Deus qualificará de delicto, as faltas que a alma, cheia de boa vontade, cometer por efeito de submissão dócil e perfeita. E' esta uma verdade tão fundamental e indiscutível, que se o escrupuloso se obstinar afincadamente no seu modo de ver, não resta recurso algum para o salvar, — àparte um milagre da graça, — e terá o Confessor simplesmente que resignar-se e desesperar por completo de realizar a cura!

D. — A este remédio geral e imprescindível, devem seguir-se outros particulares, *consoante as necessidades especiais de cada alma*. Combater primeiro e directamente a causa principal dos escrúpulos: se esta é o temperamento ou disposição doentia do organismo, obrigue-se o penitente a tratar devidamente da saúde; se é o demónio o principal agente, oponha-se-lhe a humildade, a pureza de coração e a oração assidua; se são os preconceitos ou ideias erróneas e falsas, instrúa-se e formem-se-lhe ideias novas, de harmonia com a verdade. *Há-de exigir tambem, indispensávelmente uma fidelidade inviolável ás seguintes regras: a)* não acusar nunca as *faltas duvidosas*, nem as tentações sôbre a matéria do escrúpulo. Não falar nunca, na confissão, dos pensamentos, desejos e intenções que falsamente julgam

criminosas e que são contínuamente o martírio dessas almas atribuladas.

b) nunca permitir que geral ou parcialmente reformem as *confissões passadas*, a não ser que haja absoluta certeza de haver faltado a precisa integridade ou a contrição.

c) Nas *decisões* seja *firme* o confessor e *firme* o penitente; deixe êste as dúvidas, as perplexidades, não vacile um instante; remova a irresolução, formando a consciência unicamente pelas palavras do confessor; ás próprias ideias, lembranças, apreensões, não dê o menor crédito, antes as despreze decididamente como êrro que são e mentira.

d) Práticamente, o escrupuloso deve considerar como *insignificante* e *para desprezar*, toda a dúvida que não pode garantir com *juramento*.

3. — Possessão e Obsessão

E' certo que o demónio pode, por permissão de Deus, exercer influência e dirigir ataques contra o homem, produzindo nos sentidos externos ou internos, *operações* e *impressões*, anómalas, dolorosas ou aflictivas. Radicalmente perverso e maligno, *lança mão de quanto possa contrariar a glória de Deus e a felicidade do homem.*

Antes de Jesus Cristo, que lhe arrebatou o império, conquistado pelo pecado original, era grande o seu poderio, acerba a sua tirania. Hoje visa o seu empenho a atormentar a alma antes do que o corpo, acorrentando-a, se pudér, com as cadeias do pecado, mas o ódio insaciável que tem à humanidade leva-o a lançar mão de todos os meios e, se lhe fôr dado, descarregar tambem sôbre o côrpo os mais pesados golpes.

Basta que Deus afrouxe as rédeas por um instante para êle se precipitar sôbre a víctima e fazê-la sofrer duramente.

A opressão e vexame terrível que, com a maldade e

astúcia que o caracterizam, pode exercer sôbre o homem, são para êle ocasião feliz de saciar toda a raiva, de manifestar poderio e autoridade e de prosseguir na obra nefanda de perder as almas. Freqüentes outrora, como vêmos pelo Evangelho, os seus ataques e vexames contra a humanidade, que calcava despótico, quási único senhor, tornou-se dêminuta entre cristãos a sua influência, desde que o Homem-Deus o venceu, triunfando da morte e do inferno, sôbre o Calvário.

Quando a sua acção se exerce *unicamente*, ainda que com violência, sôbre o *côrpo* e *faculdades sensitivas*, chama-se **obsessão.**

De sorte que neste caso, apodera-se, contra a vontade do paciente, dos membros, (língua, mãos, etc.) para o obrigar, ora a palavras, gestos e actos escandalosos e desonestos, ora a não realizar coisas e acções, que lhe desagradam; agora, exerce pressão rígida sôbre os sentidos e seus órgãos: visões estupendas, pavorosas, que apresenta á imaginação e á vista,—blasfêmias, obscenidades e alaridos ensurdecedores, aos ouvidos, — fétidos irrespiráveis, nauseabundos, ao olfato; logo, morde, bate, fere cruelmente ou provoca doenças extraordinárias, que até por vezes enredam sériamente a medicina. — Outras vezes invade tão profundamente o corpo, *que parece incarnado nêle;* por tal forma parece fazer as vezes da alma, que a priva do domínio das suas faculdades e lhe faz perder o conhecimento e toda a actividade intelectual, ficando de todo o exercício, movimento e acção êle o único autor. Eis neste caso a **possessão.**

Porque permite Deus ataques desta natureza a criaturas suas e ás vezes a almas justas?

Podemos indicar quatro razões: *a)* para nos inspirar *horror* ao demónio com provas palpáveis da sua malvadez; — *b)* para nos fazer temer o *pecado mortal;* quando é tão grande a tirania que êle exerce sôbre o corpo, coarctado e açamado, que não fará á alma, que se lhe entrega voluntáriamente pelo pecado? *c)* para nos fazer temer o *inferno:* os vexames que faz sofrer aos possessos

são pálida imagem apenas do que fará sofrer aos réprobos. *d)* para nos exercitar nas virtudes da *paciência* e *mortificação* e nos purificar das imperfeições.

Direcção das almas vexadas pelo demónio.

a) *Examine com cuidado* se de facto ha possessão ou obsessão. Para isso use de toda a circunspecção e deponha de si qualquer preconceito: não acredite fácilmente na vexação diabólica, bem como a não regeite *à priori*. Na dúvida, recorra a médicos entendidos e a teólogos doutos e experimentados...

Apresenta o Ritual vários sinais para averiguar da intervenção diabólica: «falar correntemente e compreender uma língua que nunca se aprendeu; revelar coisas ocultas ou longínquas, cujo conhecimento não pode ser obtido por meios naturais; dar provas de fôrça extraordinária, inexplicável naturalmente, etc.».

b) *Purifique*, por sua parte, o penitente *a consciência* pela contrição e estado de graça, de sorte a tornar insuportável em si a permanência do demónio e ao mesmo tempo conseguir de Deus o termo da provação.

c) Sujeite-se a tratamento médico e sanitário, de molde a tambem o organismo reagir contra a acção diabólica.

d) Recorra ao *jejum* e á *oração*, segundo a recomendação do Salvador: *hoc genus*.. ; aproxime-se santamente da comunhão e use dos Sacramentais que a Igreja instituiu para reprimir a acção dos demónios.

e) Pode empregar tambem os *exorcismos*, contanto que observe rigorosamente as normas da Igreja a êsse respeito. Emfim, lance mão de todos os meios que concorram para diminuir ou suprimir tão terrível provação.

4. — Perseguição dos homens

Consiste esta provação em que as pessoas virtuosas, as mais perfeitas sobretudo, estão muitas vezes expostas a tôda a sorte de *contradições:* desprêzos, calúnias, injustiças e até vexames — já por parte dos infieis, descrentes ou herejes, — já por parte dos maus cristãos e mesmo dos cristãos perfeitos e fervorosos: «*et omnes qui pie volunt vivere in Christo Jesu persecutionem patientur*».

Não admira que as pessoas piedosas, por praticarem a virtude, sejam perseguidas pelos maus e por pessoas mal intencionadas «*nolite mirari si odit vos mundus*» — mas o que é á primeira vista surpreendente é que tenham a sofrer imenso e sobretudo, por parte *das que deviam ser* o seu arrimo e sustentáculo na vida de piedade.

E' que Deus permite muitas vezes a ilusão sobre pessoas de elevada santidade, cuja virtude um certo concurso de circunstâncias desfavoráveis faz eclipsar ou ignorar; exemplos desta ordem temos com freqùência nas vidas dos Santos e nos processos de canonisação. Eis o que diz o Cardial Lauroea no opúsculo 6.º sobre a Oração: «Deus permite por vezes que homens inocentes e bons sejam mortificados e punidos pelos seus superiores hierárquicos, mal informados. Era-me fácil citar exemplos, mòrmente entre os Regulares.

Encontram-se com freqùência nos mosteiros, homens que, por ódio, inveja, ciúme e até por zêlo, mas zêlo que não é segundo a razão, perseguem sem tréguas e a-pesar-da sua virtude, um ou outro confrade, sem culpa, nem delito. Mas, não ha dúvida que é com o vinho melhor e mais delicado que se prepara o vinagre mais excelente».

«Outra provação, diz o P. Poulain, que à primeira vista parece insignificante, mas que por tempo enerva e desalenta, é a convivência com uma pessoa *irritável*, que por mais que se faça, tem sempre que dizer, que replicar e censurar.

Da sua boca não sai nunca uma palavra de aprovação. Terá entre os estranhos reputação de bondade e

doçura, porque se desfaz em atenções e obséquios quando precisa ou teme; fóra disso é insuportável, porque seus nervos, quais pilhas elétricas, estão sempre acumulados e prestes a descarregar. E' impossível com tais pessoas tratar seja o que for, com serenidade. Não se desculpe ninguem, nem ouse dizer-lhes que foram mal informadas ou que deram ordens equívocas e contraditórias; a tempestade que logo se levanta é de tal ordem, a excitação tão extrema, que dir-se-ia um vulcão em crepitante e activa erupção. Só elas é que teem razão, é que sabem, é que julgam certo. E' evidente que tal proceder envolve falta grave contra a caridade e é um verdadeiro flagelo para os subordinados.

As víctimas desta tribulação cumpre ao Director tratá-las com *bondade*, inspirar-lhes espírito de fé, grandeza de ânimo e paciência. Vejam N. S. Jesus Cristo e tantos Santos, como tiveram que sofrer! Temos ainda que tão grande contrariedade é *ocasião excelente* para a formação sólida na virtude, e é fonte de merecimentos, pelo exercício da humildade, paciência e caridade; demais, Deus concederá por isso muitas graças e até *graças extraordinárias*.

V — DAS ILUSÕES

Ha ilusão quando se vê como existente o que não existe ou diferente do que existe.

No sentido moral, a inteligência é víctima de ilusão, quando não apreende o objecto do conhecimento segundo a luz da verdade, mas sob um falso brilho que a transvia na directriz da vida. Tratamos aqui tão sómente das ilusões que teem repercussão na vida espiritual.

1.º — Origem das ilusões.

Proveem: a) *Da fraqueza da nossa razão.*

A nossa inteligência sentiu minguar-lhe a potência perceptiva e compreensiva, após o golpe com que a feriu o pecado original.

Ficou limitado a horisontes mais restrictos o alcance da sua visão e a eficiência da sua energia afrouxa, cansa-se ràpidamente com o esfôrço. Cativa da imaginação, perde-se fàcilmente na arena em que labuta e é por isso marcado com o sinete da caducidade o fruto do seu labor.

b) — *Do influxo das paixões.*

No íntimo do nosso coração, quantas tendências desordenadas, que obscurecem o espírito! Sob o seu impulso, por vezes terrível, a atenção vagueia por longe dos princípios sãos e arreda-se das considerações, scintilantes de luz e de verdade; desvia-se dos raios do sol que a ofuscam e fixa-se numa semi-obscuridade, quási trevas, onde abundam e medram máximas e preconceitos, que legitimam quanto nos apetece. E dentre as paixões assim a conspirar contra a razão, surge com mais influência, ora o amor, ora o orgulho, que alucinam e cegam por modo sempre crescente: «*amor facit insanire*».

c) — *Da influência do meio.*

E'-nos impossível por assim dizer, escapar na vida à acção fascinadora do mundo: são máximas errόneas, princípios falsos, que invadem todo o nosso ser; é o ar que respiramos, todo saturado do seu espírito, bem como o que nele vemos e ouvimos; de sorte que infiltra-se em nós por tal modo o veneno do êrro, que o pensar dos mundanos é o nosso pensar, o seu querer o nosso querer.

Que forte, fortíssima reacção não é precisa para nos libertarmos de tal espírito!

2.º — Principais ilusões; seus remédios.

«O terreno das ilusões, diz Mgr. Gay, é tão vasto como a obra da criação. Tudo nos pode iludir; a nossa alma, posta em relação com uma criatura qualquer, pode sempre considerá-la sob um aspecto que não tem; não ha nada que ferindo-nos, não possa produzir impressões inexactas. Comtudo na vida espiritual, as principais illusões dizem respeito, a *Deus*, ao *próximo*, e a *nós mesmos*. Eis a divisão que nêste estudo adoptamos.

Ilusões a respeito de Deus

Examinemos as que influem mais directamente sôbre a nossa vida moral.

Conceito errado sôbre as perfeições divinas:

1.º — Fazemos falsa ideia da **Bondade divina**, quando, desnaturando o conceito dêste atributo, a pomos em contradição com a Sabedoria, como que tornando Deus *cumplice nos nossos desmandos*.

Para compreendermos bem o que é esta ilusão, importa que façamos uma ideia clara da bondade, atributo de Deus. *Infinita na sua natureza, é limitada nas suas manifestações e efeitos* com relação ás criaturas; limite êste traçado — *pela essência das coisas,* cuja exígua capacidade não pode esgotar a fecundidade do amor infinito, — pelas *disposições da Sabedoria eterna*, que distribui seus dons por medida muito variada, — e pela acção *da liberdade humana*, que obriga por vezes a Justiça e a Sabedoria, a restringir e até suprimir a expansão da liberalidade divina. Assim, vêmo-la *quedar-se* às portas do Inferno e *despeitar-se*, por assim dizer, já nesta vida contra os que seguem mau caminho, ameaçando abandoná-los à sua impenitência. Portanto, para longe a ideia de que Deus, por exigência da sua misericórdia, tenha de salvar *necessáriamente* aqueles que, por livre vontade, abusaram da sua graça.

Se fôsse lei ordinária operar Deus um milagre na hora extrema de cada um, para converter os obstinados e abrir-lhes como que à força as portas do céu, a Liberdade humana, tranquilizada por êsse desfecho derradeiro, entregar-se-ia quàsi fatalmente a todas as desordens, engolfando-se em todos prazeres da terra com a persuasão de ainda gozar um dia todas as delícias do paraíso. Quem não vê que tal concepção da bondade divina, faz de Deus um joguête nas mãos da criatura, compromete

toda a ideia de Sabedoria e de Justiça e precipita o homem na mais estulta presunção?

2.° — E' fazer falso conceito da *Justiça divina*, atribuir-lhe rigor tão excessivo, que não deixe campo largo à misericórdia. Se Deus se vê obrigado a castigar com severidade, *post mortem*, aquêles que nêste mundo por forma nenhuma quizeram deixar-se cair nos laços do seu amor, empenha-se, antes disso sobre a terra, em os *salvar*, por mais que lhe resistam: sofre-os com longanimidade e ao menor indício de arrependimento, já abre os braços da sua misericórdia. Se assim não compreender a Justiça divina, não admira que a alma venha a cair no abatimento, no desânimo, nos escrúpulos e por fim na tibieza e desesperação, mais funestas.

Ilusões com respeito a nós

Podem ter por objecto — *o nosso estado de consciência*, — *o grau de santidade que alcançamos* — *as nossas luzes sobre espiritualidade* — *e as nossas aptidões e destino.*

1.° — **Ilusões sobre o nosso estado de consciência.** Quantas almas, crendo-se seguras, vivem, de facto, adormecidas mui perigosamente! E' que a segurança que cuidam possuir a respeito da salvação, não se funda no testemunho duma consciência recta, sobrenaturalmente alumiada, mas numa *cegueira* incompreensível e irrefletida *leviandade*. Crêem que nada teem a exprobrar-se, porque endurecidas pela indiferença e tibieza, já não ouvem a voz íntima da consciência, nem *o grito lancinante do remorso*; e se a si mesmas não podem ocultar algumas faltas, muito bem sabem imputar a responsabilidade delas às *pessoas* e *circunstâncias* que as rodeiam e atenuam-lhes assim por tal modo a malícia, que findam por não mais se inquietarem; ou então depositam confiança inabalável na simples absolvição sacramental dessas faltas, sem se lembrarem que não sendo fecundada por uma ge-

nerosa contrição, é mais que temerária tão plena confiança. Bastam duas palavras dos Livros Santos para dissipar esta ilusão: *«com temor e tremor operai a vossa salvação»*. .; *«ninguem sabe se é digno de amor ou de ódio»*.

2.º — Ilusões àcerca do grau de santidade.

Dominado e fascinado pelas impressões das cousas do mundo exterior, julga muitas vezes o homem pelas aparências e longe da realidade.

Da virtude podemos sem duvida, ter sinais certos, mesmo pela experiência dos sentidos, mas ha *indícios* de virtude muito *equívocos*, nos quais o amor próprio constrói uma certeza que eles não podem dar!

A) *Consolações sensiveis.*

Não ha pessoa piedosa, por pouco espiritual que seja, que não tenha experimentado em certos dias na região sensível da alma, uma suavidade particular, um bem-estar incomparável, fruto da intimidade com Deus na oração. Nestas horas deliciosíssimas, em que a felicidade em conversar com Deus é tanta, tanta a facilidade em cumprir as obrigações e tanto o entusiasmo pela virtude, como é facil a alma iludir-se a si mesma e julgar-se perfeita! E quantos inconvenientes em ceder a êste instinto! porque tais doçuras são para a vanglória alimento subtil e para o orgulho complacência egoísta e falaz, pelo que se tornam um grande perigo para a alma imprudente e desprevenida.

Inofensivas que fossem para a humildade, preciso era ainda não se equivocar acêrca do seu verdadeiro fim. Podem ser prémio, é certo, de elevada virtude, mas o mais das vezes são concedidas como estímulo às almas principiantes e imperfeitas. Porque, a mais subida piedade pode ser destituida de tais consolações e gemer na mais angustiosa desolação. Não constituem a santidade, nem indicam o grau de perfeição; mais ainda, podem não provir de Deus, mas derivar de fontes puramente na-

turais, como o temperamento e a saúde e até, para enrêdo da alma, as pode excitar falazmente o inimigo da salvação.

Depois disto, que fará o Confessor em presença duma alma toda deliciada por consolações sensíveis? —

a) — Veja primeiro quais os efeitos dessas consolações; se com elas se torna mais *humilde, mortificada, obediente e fiel aos seus deveres,* dê graças a Deus, porque são benefício e orvalho do céu. — *b*) Se tais efeitos se não verificam, cuide em os conseguir, rebatendo o amor próprio e o apêgo desordenado a essas doçuras; a ânsia, com efeito, por tais delícias, leva a alma a procurá-las, sequiosa, *para se satisfazer*, até com sacrifício dos próprios deveres: não é amor de Deus, é amor de si mesma. — *c)* induza o penitente a aceitar ***reconhecido*** tais benefícios e a aproveitá-los para se santificar e radicar melhor em si os bons hábitos e virtudes.

B) *Exercícios e obras de piedade.*

E' laborar em êrro crasso, confundir com a piedade as práticas externas de devoção. Escolhidas judiciosamente, bem combinadas e cumpridas, é certo que podem ser uma poderosa alavanca para nos transportarem a uma vida altamente fervorosa, mas em suma, são apenas meios, instrumentos, que por muitos motivos se podem malograr no seu resultado. Seria êrro portanto ver nelas garantia de santidade. Quantas pessoas, sobrecarregadas com inúmeras práticas de piedade, estão longe de serem modelo e objecto de edificação para o próximo!

Têem em muita conta as muitas orações, meditações, leituras, esta ou aquela devoção, tantos outros exercícios, e em conta nenhuma ou insignificante a prática da paciência, da humildade, da caridade e da fidelidade aos deveres de estado. *O que lhes dá a ilusão da piedade é a regularidade farisaica que usam nas suas devoções*, que para eles são tudo. De tais diz S. Paulo: «*Speciem quidem pietatis habentes, virtutem autem ejus abnegantes*». Obste o director com tacto prudente [illegible]

prichos e, quanto a devoções, obrigue a atender mais à qualidade do que à quantidade; fiquem no seu lugar de meios ou instrumentos e nunca se antecipem ao dever e à verdadeira virtude; dest'arte tirar-se-há delas o devido fruto, bem como já não serão objecto de vaidade e de exteriorismo.

c)—*Penitências corporais.* Podem tambem, tal como as devoções, ser inspiradas pelo orgulho ou por um sentimento secreto de vaidade, mas usadas com prudência, serão fortes auxiliares da virtude, sem constituirem contudo prova infalível de santidade. Hà pessoas que se entregam com resolução e boa vontade ás macerações corporais, sem pensarem sériamente em mortificar as paixões, quando é certo que as austeridades dêste género não devem ter outro fim. Depois, admiradas de si mesmas pela crueza que houveram em crucificar a carne, já se cuidam mais ou menos émulas dos Santos, quando a triste verdade é que rivalizam com os fariseus, que Jesus flagelou tão impiedosamente. — (Para os remédios destas ilusões, veja-se o que fica dito a respeito da mortificação).

D) — *Retumbância das nossas bôas obras.*

Deixámo-nos, é um facto, ofuscar fácilmente pelo brilho das boas obras, que o zêlo, a actividade e o nosso cargo nos levaram a empreender e realizar; e é tão fácil, quando os nossos trabalhos são coroados de êxito, quando vemos diante de nós frutos abundantes de zêlo, crermos ter prestado a Deus grande serviço e julgarmo-nos com direitos adquiridos para com Ele, quási seus crédores! Um prègador que arraste após si as multidões, ávidas de o ouvir, um pároco que consiga entre as suas ovelhas prodígios de renovamento e fervor, um autor piedoso que espalhe com profusão a sã doutrina, um favorecido da fortuna que derrame nas mãos dos pobres copiosas esmolas... eis tantos a quem clamam: «que boa recompensa tereis um dia no céu!» E como é fácil cair e acre-

ditar!... Contudo Deus não avalia o merecimento pelo resultado, que sem a sua ajuda seria nulo. Aquele que lê nos corações não se deixa iludir pelas aparências. No dia último, diz o Senhor que desconhecerá até daqueles que em seu nome operavam milagres e expulsavam demónios! Cuidado pois, e vigilância, porque é fácil aqui o accesso da ilusão! Aos penitentes, portanto, ofuscados pelos esplendores dos seus trabalhos recomende bem e convença o Confessor de que tão belos resultados são obra apenas da mão de Deus, que usa para isso servir-se dos mais débeis instrumentos! e quantas vezes êxitos inesperados, conversões, graças extraordinárias, são efeito das orações, penitências e jejuns de almas escondidas e santas, que só Deus conhece, pois mais considera a intenção pura, recta e humilde, do que o estrondo e brilho das acções realizadas!

E) — *A boa estima que nos tributam pessoas virtuosas.*

Quando constatamos que os outros descortinam e até admiram em nós alguns reflexos de virtude ou que pretendem talvez ver-nos com vislumbres de santidade, é natural não resistirmos à tentação de nos crermos perfeitos, porque, bajulado o nosso orgulho, resvalamos sem custo para aquilo que nos lisongeia; e... de nós para nós pensamos que se não estamos muito acima do comum, como é que nos testemunham tanta admiração?... sem repararmos que tais louvores ou louvaminhas, são exagêro e pura lisonja, prodigalizados até com hipocrisia e mentira — e que os homens julgam pelas aparências, quantas vezes enganadoras! Estão muito expostos a esta ilusão todos aqueles que são revestidos de autoridade, porque, acolhidos em toda a parte com respeito e veneração, escutados e ouvidos com aplauso em todas as suas palavras, incensados ora com a admiração, ora com a adulação, naturalmente se persuadem que tais encómios correspondem à verdade.

A êstes advirta o Director que não são os homens

que teem competência para nos julgar, mas tão sòmente Deus, que lê no íntimo dos corações, onde descobre misérias e deficiências, que os homens não podem descortinar..., que, segundo a palavra dum Santo Padre, aquele que está investido em autoridade, tambem há-de ter juizo mais rigoroso... e que importa pouco agradar aos homens, se não somos verdadeiros discípulos de Jesus Cristo.

F) — *A falta de dificuldades na virtude.*

Ha pessoas que, salvaguardadas desde muito tempo ou desde a infância, e além disso dotadas dum natural frio e calmo, cercadas tambem por camaradagem pacífica, retiradas de convívio impertinente, num meio insusceptível de ciúmes e emulações, desconhecem, parece, as tentações formidáveis que acometem tão rijamente outras almas; são puras, humildes, modestas, simples, parecem confirmadas na virtude.

E se já tiveram dificuldades não as teem agora, ou porque mudaram as circunstâncias ou porque um acontecimento súbito as feriu profundamente e revolucionou ideias e sentimentos. De sorte que se creem completamente mudadas e a verdade é que são ainda as mesmas, porque se as inclinações e maus hábitos doutrora se não manifestam, estão latentes e só esperam oportunidade para despertarem com violência mais terrível. E' frequente esta ilusão em alunos de colégios, seminários, pensionatos e em almas que triunfaram de grave tribulação ou terminaram exercícios espirituais com fervor extraordinário e decidido propósito. Nestes casos é imprescindível a intervenção do confessor; aliás, o amor próprio, as resoluções arrojadas, os propósitos imprudentes, a presunção temerária de vocação que se não tem, serão outros tantos escolhos, que terão como efeito o aumento crescente desta ilusão, até derrocada tanto maior quanto maior tiver sido o sônho utópico do penitente.

G) — *Vida exteriormente regular.*

Temperamentos ha que por tal forma se acomodam a uma regra, norma ou habituação de vida, que por tempo a natureza parece ter desaparecido, tal é a influência que um viver sempre igual neles imprime. Vivem tais pessoas como que automàticamente, sob o influxo do hábito adquirido, com vida, por isso, exteriormente perfeita e edificante. Mas para diante de Deus será real essa perfeição? essa regularidade não será toda ou quási toda maquinal, isentando a alma de esfôrço para a virtude e dum viver todo fervor?... O hábito ou rotina é o grande inimigo da santidade. Confessar-se, comungar, recitar muitas orações..., só por efeito duma fidelidade meramente mecânica, que valor e que merecimento podem ter?

3.º — Ilusões àcêrca dos nossos conhecimentos em espiritualidade.

As pessôas muito lidas e versadas na sciência da vida espiritual crêem sem custo que nada lhes aproveita a leitura, o estudo ou a meditação, respeitantes a êsse assunto, que para elas supõem esgotado.

E' êrro tão grave êste pensar que o autor do livro «*Pratique progressive de la confession*» diz com insistência: «reparemos bem; o que opera em nós e nos move não é o que sabemos, mas o que se nos patenteia e sentimos; ora o que já aprendemos e estudamos não realiza essa condição, porque é um conhecimento adormecido e latente; será uma ideia exaqta, cheia de verdade, mas sêca, árida, ás escuras, sem relêvo, que avive e sem minúcias que despertem. A verdade só, abstracta, não fere; o modo, a feição com que é apreendida, é que toca, é que sensibilisa. Contudo, ainda estas modalidades, retidas na memória e não renovadas, dentro em pouco voltam por sua vez ao estado de latentes, deixando de estimular e de enriquecer a nossa percepção, pois é um princípio certo que toda a vida tem de ter continuamente renovação. Basta atentar para o nosso coração; vive, trabalha,

não queda um instante, renova, estende a sua influência vital até às mais pequeninas ramificações dos tecidos; tudo é renovação e recomposição. Tambem a garantia da nossa actividade espiritual se encontra *nos são pensamentos*, que se transformam em sentimentos e depois em fôrça. Mas, onde haurir os pensamentos salutares e benéficos? quem os renovará de contínuo deante da inteligência? — a palavra de Deus lida ou ouvida, os livros de piedade, os sermões, as conversações com pessoas virtuosas... Aos que dizem: «não gosto de ler, prefiro meditar, porque me sinto melhor» respondo: está bem, pois nêsse caso a vossa vida de renovamento está assegurada. E se os pensamentos forem sempre os mesmos, que importa? é com as mesmas iguarias que nos alimentamos cada dia. Um perigo existe contudo para estas pessoas, cujas ideias são em geral diferentes das dos outros, e vem a ser a singularidade, que pode, ora transviar, ora acanhar o modo de ver, sendo bom recomendar-lhes variedade na forma da verdade e dos sentimentos».

4.º — **Ilusões acêrca das nossas aptidões e destino sobrenatural.**

Ouçamos Mgr. Gay (Instr. à l'usage des personnes consacrées à Dieu): Consiste esta ilusão em violentar a graça divina, crendo-se, sem exame, sem provação e apoio de conselheiro prudente, chamado a uma santidade eminente.

Ha uma ambição muito legítima que impele para o porto da salvação a barquinha da nossa vida interior, mas ha tambem a ambição temerária que a faz sossobrar nos recifes da travessia. Não é sómente na ordem da investigação que nos diz o Espírito Santo: «não procures coisas mais altas do que tu, nem especules o que supera as tuas fôrças (Eccli. III, 22). «Até na sabedoria deve haver sobriedade» (Rom. VII, 3); mas, é, com certeza, agradar a Deus, dizer com David: «Senhor, não se

exaltou o meu coração, nem tão pouco procurei marchar por caminhos maravilhosos e superiores à minha capacidade (Ps. xxx, 1). E para que o divino Mestre nos diga: «amice, ascende superius» — vámo-nos por nossa livre vontade sentar no último lugar.

Tenho tambem a fazer uma recomendação: é que não devemos lêr indistintamente as vidas dos Santos. São tão belas as suas virtudes, que correremos risco de ceder à tentação de os querer imitar e seguir por vias tão elevadas como êles».

O mesmo, me parece, se pode dizer dos livros que versam alta espiritualidade, porque almas com menos equilíbrio, podem estontear-se com tais doutrinas e chegar a um tal estado de exaltação, qne as desoriente e até cubra de ridículo.

Ilusões a respeito das creaturas

As principais a tratar aqui, dizem respeito — ao meio em que se vive, — às amizades e antipatias — e à direcção espiritual de cada um.

1.º — Meio em que se vive.

Nada mais cómodo do que atribuir ao que nos cerca as nossas faltas e defeitos. E quantas pessoas cuidam desculpar-se assim da vida imperfeita que levam!

Persuadem-se, de si para si, que se tivessem outra convivência, outra morada, outro emprêgo ou vocação, que, se ocupassem lugares como os que brilham e edificam, tambem elas teriam virtude e piedade, tambem elas operariam na sua vida uma maravilhosa transformação. Não são elas que são falhas de disposições, mas sim, dizem, as circunstâncias e o ambiente, que as não ajuda. «Ora é uma grave ilusão atribuir a nossa imperfeição a causas independentes de nós. Deus quer a nossa perfeição e proporcióna-nos sempre os meios; pensar doutra forma é negar a sua Sabedoria e Providência... Não

é com outras pessoas e em outros lugares, que encontraremos a piedade, se a não encontramos já agora onde Deus nos colocou». (De la ferv. à la perfection).

Recordem as palavras do Apostolo: «todas as cousas se transtornam em bem para aqueles que amam a Deus».

Aproveitem-se da situação em que as colocou a Providência, em vez de se lastimarem e suspirarem por outro viver; aceitem como da mão de Deus as circunstâncias em que se encontram e começarão sem demora a progredir numa vida de renovação e de fervor.

2.º — **Amizades.**

No dizer da Escritura, o amigo fiel é um tesouro inestimável e o que o encontrou possui um remédio precioso de vida e imortalidade, uma proteção à sombra da qual pode descansar. (Eccli. VI, 14). — «Sê assíduo em acompanhar com varão santo, quando reconheceres que observa o temor do Senhor (id. XXXVII, 15). Em dois escolhos é contudo fácil tropeçar: A) — Cativado pela afeição, o coração humano sente uma necessidade irresistível de justificar o amor e a admiração pela pessoa, objecto de seus anseios. E' o que significamos quando dizemos que o homem julga principalmente pelo coração. Quem não vê o perigo desta ilusão? porque, ainda os melhores amigos, teem muitos e muitos defeitos, que, se não atendermos bem, tomaremos por virtude, tal é a magia que em nós produz a afeição. — B) — Alêm disso, é fácil tomar por afeição verdadeira o que é apenas a sua ficção, porque para as deliberações do coração só a inteligência tem voz consultiva; os sentidos e a imaginação não esperam, quiçá antecedem o coração. Eis porque muitas vezes assenta a amizade sôbre alicerces frágeis e perigosos e torna-se antes grave escolho para a vida perfeita. Vamos então aos princípios. Três coisas requer a boa amizade: a) *que se radique na virtude*, porque do motivo que a inspira lhe advem quasi sempre a morali-

dade. -- Amar pelas tendências que despertam para prazeres ilícitos, é amizade falsa e perniciosa; amar pela beleza, formosura, qualidades físicas excepcionais, magia do exterior e da convivência, é frivolidade perigosíssima; amar pelo talento ou bom caracter, é amizade honesta; porém, amar pela virtude, é a verdadeira e santa amizade.

b) — *que encaminhe para a virtude*, porque deve procurar comunicação recíproca dos bens, em que se funda; como pode verdejar a planta que se arrancou do solo? Assim a afeição, virtuosa no seu princípio, degenera, se não é exercida adentro da esfera da virtude. — c) — *que seja regrada pela virtude.* Por melhor que se suponha a afeição, logo que inquieta e perturba, torna-se suspeita e repreensível; emquanto que a sã amizade pode electrizar a alma e o coração, mas deixa-os numa atmosfera calma e serena.

3.º — Antipatias.

Ha pessoas antipáticas, — ora naturalmente, em razão do carácter, maneiras, e porque nelas tudo nos repugna como instintivamente — ora, porque nos ofenderam, contrariaram ou lesaram; quanto às primeiras, devemos fazer-nos violência e amá-las, tanto mais que importa sermos justos para com elas; as segundas não as podemos excluir do benefício da nossa amizade. Mas que arte e habilidade para nos iludirmos neste particular! não temos coragem para triunfar da nossa repugnância e persuadimo-nos que temos ao nosso lado a razão: à atitude hostil que tomamos, queremos chamar honra, dignidade, carácter, defeza dos nossos direitos e correctivo indispensável da ousadia e malicia alheias, ao passo que em volta de nós, todos veem claramente que somos exagerados e injustos.

As insinuações, o azedume e até o nosso silencio são as testemunhas evidentes da bílis que envenena a nossa alma.

4.º — Ilusões sôbre a direcção.

a) — Consiste esta ilusão em nos persuadirmos que não precisamos de director espiritual para nos santificarmos. Já vimos precedentemente a necessidade e importância da direcção, de sorte que não voltamos a insistir neste ponto. «Não sentir necessidade de direcção, diz um autor, é sinal de virtude, pelo menos estacionária; dispensá-la, porque nada temos a dizer, nem a consultar, e porque não necessitamos de impulso para o bem, é prova evidente de vida lânguida e estéril».

b) — E' ilusão tambem pretender dirigir-se accidentalmente com um confessor de passagem. «Desconfiai, diz Mgr. Gay, da direcção por encontro, fortuita, ocasional. Ha excepções, é certo, e dum caso ou outro, quantas vezes confidências íntimas com prègadores de missão, com sacerdotes eminentes pela virtude e luzes sobrenaturais, serão de alívio grande e princípio fecundo de piedade verdadeira, para almas privilegiadas e cheias de boa vontade! Mas, de ordinário, para dirigir uma alma por caminho seguro e prestar-lhe os auxílios que reclama a sua necessidade, é indispensável couhecê-la bem, sondar-lhe perfeitamente o interior, não só pelo que ela diz de si mesma, mas tambem pela experiência de a ter provado, e até, se fôr possível, pelo testemunho imparcial de outrem». — *c)* — E' ainda ilusão confiar *exclusivamente*, na direcção, porque a missão do director é instruir, alumiar, alentar, sindicar e não substituir a iniciativa de cada um. A' alma compete perguntar, querer saber, abrir-se e manifestar-se, pôr em prática as exortações e submeter à aprovação os propósitos e resoluções. Se ha pessoas que se queixam de falta de direcção, a culpa é só delas, porque não prestam ao confessor elementos para se pronunciar. Quantas vezes o sacerdote só espera para intervir, terreno e premissas, que abram campo às suas considerações!

d) — E' ilusão, finalmente, *abusar da direcção.*

«Pessoas ha de espírito medíocre e acanhado, que levam a discussão para questões meramente materiais, — pormenores de familia, vída particular, etc. sem necessidade, nem exigência do estado da alma, — e fazem-no, umas para se tranquilizarem, outras para darem a todos os seus actos o mérito da obediência. E', sem dúvida, entender mal as cousas... Mas, outras levam o abuso muito mais longe: confidências inúteis ou ociosas, questões sem nenhum interêsse ou alcance, emfim, vê-se que teem em vista prender e cativar o confessor e interessá-lo a valer pela sua pessoa; não descansam emquanto se não convencem de que êle as estima e admira, nem se retiram de boamente por mais demorado que seja o colóquio, sem conseguirem plenamente essa persuasão. E', diz Mgr. Gay, a excessiva preocupação de si mesmas, o egoísmo e a vaidade; e daí o perigo grave de errarem na virtude, de colocarem entre si e Deus nuvens espessas, de o perderem de vista e de se afundarem totalmente no abismo, separando-se d'Êle. Portanto, se queres, ó alma, seguir direita para Deus na virtude e na verdade, se queres crescer progressivamente na graça e no fervor, *sê sóbria, muito sóbria na tua direcção*».

Remédios gerais contra as ilusões.

As ilusões, quer provenham da ignorância ou da irreflexão, quer da acção importuna do demónio sôbre a inteligência, do mundo ou das nossas paixões, teem para as dissipar os seguintes remédios: 1. *Oração* vocal, mental, comunhão freqùente, recolhimento e união com Deus: qui sequitur me, non ambu'at in tenebris (Joan. VIII, 12). — 2. *Mortificar* o amor próprio e a carne e viver com grande pureza de coração. — 3. *Estudar* em livros de doutrina clara e sólida as vias da vida espiritual. — 4. *Examinar*, muitas vezes, com diligência, o íntimo da nossa consciência. — 5. principalmente, confor-

mar-se com docilidade plena e obediência absoluta às decisões e advertências do Confessor.

VI — SACRAMENTOS

Entre os vários meios de santificação, nenhum ha que se possa comparar em eficácia com os Sacramentos.

Instituídos por N. S. Jesus Cristo, precisamente para nos santificar, conteem em si virtude divina, que estimula, alenta, fortifica e aperfeiçôa as nossas faculdades, na prática do bem. Por efeito da sua acção própria produzem a santidade em medida proporcionada ás disposições do adulto, que os recebe. E' pois evidente que o director espiritual não pode menosprezar tão valioso meio de perfeição.

Comunhão

1.º — **Comunhão quotidiana.** — *Doutrina da Igreja:* A — *Duas* condições são *essenciais* e obrigatórias: *a)* — pureza de consciência, que exclua *pecado grave*, e *b)* — pureza de intenção, fundada, não em motivos humanos, mas em motivos de fé.

B — *Tres* condições são *de conselho: a)* ausência de pecado venial deliberado e de afecto a êle; *b)* preparação cuidada e acção de graças, consoante as forças, a condição e as obrigações de cada um; *c)* indicação do Confessor.

2.º — **Aplicação prática desta doutrina.**

A. — Exorte *freqùentemente* e *com ardor* à prática tão salutar e pia da comunhão assídua (Regr. 6.ª-Decr. Sacra Trid. Syn.).

B. — Empenhe-se com zêlo ardente em conseguir primeiro que tudo, as duas disposições essenciais e obrigatórias: estado de graça e recta intenção.

C. — Nas suas exortações, inspirar-se-ha, não em razões de Sabedoria humana, mas em motivos de ordem sobrenatural: *a)* não *proibirá* a comunhão, a não ser que tenha a certeza moral de que o penitente está em pecado grave, — vai à sagrada Meza por motivo repreensível, — com detrimento grave dos seus deveres, ou com escândalo culpavel. *b)* Não *dissuadirá* da comunhão freqùente senão as pessoas, cujas disposições essenciais lhe inspirem séria inquietação.

c) — Não *obrigará* à comunhão quotidiana ou freqùente senão no caso de ser o único meio para arrancar um hábito mau, gràvemente culpavel, ou para precaver eficazmente contra falta grave, bem como quando reconheça necessário o exemplo do penitente para afervorar uma colectividade e criar uma atmosféra de profícua piedade; ou ainda para arrastar à mesa santa tal pessoa muito necessitada de comungar.

d) — Ás pessoas que se reconheça bem dispostas, *aconselhe* com instância a pràtica da comunhão frequente.

D. — Envidará todos os esforços para que as comunhões sejam *fervorosas,* lembrado de que pode ser muito mais profícua uma comunhão verdadeiramente fervorosa, do que muitas, feitas com disposições menos ardentes; «os sacramentos da nova Lei, ainda que operem *ex opere operato,* tornam a graça mais ou menos abundante, consoante as disposições dos que os recebem»; por isso: *a)* deve o penitente purificar-se o mais que possa, antes da comunhão, do pecado venial e do afecto a êle; *b)* deve preparar-se devidamente, e dar graças fervorosamente.

Confissão

1.º — Deve o penitente confessar-se tantas vezes, quantas exigirem as necessidades da sua consciência, atendendo às circunstâncias de tempo e lugar e aos interesses da sua alma.

A. — **Razão.** — A absolvição, dignamente recebida, purifica, robustece e aperfeiçôa. «Se a comunhão é um remédio, diz um autor, a confissão ainda o é mais: dá vida, estimula, imprime alento e direcção. De facto, não precisa senão de si mesma para ser uma grande fôrça... E' censurável o costume de não procurar a confissão senão em ordem à comunhão, fazendo dela apenas uma condição *sine qua non*... Estais, pelas circunstâncias, em condições de não poder comungar? mais uma razão para aproveitardes pelo menos da confissão, de que podeis lançar mão a toda a hora, em todo o lugar e quantas vezes quizerdes».

B. — **Regras pràticas.** — I. *Confissão quotidiana.* a) *Admiti-la* aos pecadores, que se esforçam por perder o hábito do pecado mortal; b) *não a consentir* ás pessoas piedosas, senão por excepção, isto é, no caso de chamamento de Deus, especial e autêntico; doutra sorte são de temer: por parte do penitente, escrúpulos e perigo de rotina; por parte dos estranhos, murmurações, críticas, suspeitas e para o confessor tarefa incomportável.

II. *Confissão hebdomadária.* E' de conselho para todos, recomendada pela Igreja e geralmente seguida pelas pessoas piedosas; é tambem bastante para se lucrarem as indulgências que a requerem como condição.

III. *Confissão mensal.* Para pessoas de consciência já formada e experimentadas na vida espiritual pode, em rigor, bastar para que vivam fervorosamente; e será para elas uma regra quando não possam confessar-se mais bastas vezes, já em razão das obrigações de estado, já para não molestar a família, se tem de roubar tempo considerável, já para não sobrecarregar o confessor, em épocas de trabalho excessivo.

2.º — *Cada confissão deve ser proficua quanto possível.*

A. — **Razão.** «Os sacramentos da nova Lei, ainda que produzem a graça *ex opere operato*, causam na alma efeitos tanto maiores, quanto mais perfeitas forem as disposições dos que os recebem». (Decr. S. Trid Syn.).

Quererá dizer que o facto de se confessar muitas vezes, seja sinal infalível de maior perfeição? não, por certo, porque o abuso pode produzir efeito contrário.

Por isso nem sempre é infundadamente que os inimigos da confissão apregoam que ela amesquinha e deprime.

Atribuem ao Sacramento o que é efeito unicamente do abuso. E na verdade, se acusais os pecados e depois do perdão, esqueceis — arrependimento, propósitos e o receio de tornar a pecar, que mudança operou em vós a confissão? Mas, ireis mais adiante: ora, direis, para que acautelar-me, se tenho sempre à mão um recurso inexgotável contra outras faltas? é só confessá-las!

Sim! conceito tão errado da confissão e abuso tão detestável, pervertem o senso moral, amesquinham, degradam!

B. — **Regras práticas.** — *a)* E' indispensável prevenir o penitente contra os escolhos, que arriscam o fruto ou a dignidade da confissão: demoras inúteis ou precipitação, orgulho e vaidade, indiscrição, leviandade, rotina, zêlos, etc.

b) — Instruí-lo tambem nas práticas que tornam fervorosa a confissão: meios eficazes para conseguir a graça de se conhecer, de se abrir confiadamente, de se arrepender; meios para encontrar um bom confessor e aproveitar bem da sua direcção; para, finalmente, alcançar as disposições que tornam eficaz o Sacramento, como a sinceridade perfeita, o ódio ao pecado, o amor à confissão, as resoluções firmes, etc.

VII — DA ORAÇÃO

A oração é um colóquio com Deus, a quem exprimimos os nossos sentimentos de devoção e expômos as nossas necessidades. E' *vocal* ou *mental*, consoante é o corpo ou a alma o principal agente.

1.° — *E' um colóquio.* Etimologicamente oração significa conversação de *boca*, isto é, a fala nos sêres inteligentes, mas o uso, consagrado pelo cristianismo reserva esta palavra para significar exclusivamente o colóquio com Deus.

Na conversação com Deus entram, mais ou menos, os dois elementos constitutivos da nossa natureza, a alma e o corpo; é diminuta numas orações a acção do corpo, como na meditação, predominante noutras, como nas préces liturgicas, etc.

2.° — *Toda a oração é preito e homenagem ás perfeições divinas, a)* porque exprimimos a Deus os afectos que elas nos inspiram, *b)* porque lhe pedimos o que sentimos sêr-nos necessário.

Demonstra-se esta asserção pela análise da oração modêlo, a oração dominical; o «Padre Nosso», com efeito, é um colóquio com Deus: «*Padre nosso, que estais nos céus...*» *b)* exprime os nossos afectos para com Êle, nas tres primeiras petições, *c)* expõe-lhe as nossas necessidades nas quatro últimas.

Corolário. Por extensão, chamamos oração tambem às préces que dirigimos à SS.ma Virgem, aos Anjos e Santos, porque, participando estes em certo grau das perfeições divinas, são preito prestado a Deus, as homegens e petições, que lhes endereçamos.

Motivos que persuadem a prática da oração.

A. — **É necessária.** A oração é um dever imposto pela lei divina: «*orationi instate vigilantes* (Coloss. IV, 2)

e ensina a teologia que é necessária «*necessitate medii* e *necessitate praecepti*».

B. — **Função que desempenha.** *a)* Tem por fim essencial glorificar a Deus, prestando homenagem ás suas perfeições: omnipotência, bondade, suprêmo domínio; *b)* produz em nós ao mesmo tempo disposições para nos santificarmos; quem ora, deve ter fé, e portanto confiança e humildade e, ao menos em princípio, amor de Deus.

C. — **Eficácia.** São formais e repetidas as declarações de Jesus Cristo: *si quid petieritis me in nomine meo, hoc faciam* (Joan. XIV, 14), e em ordem à salvação a eficácia é absoluta: *qui dat omnibus affluenter et non improperat et dabitur ei* (Jacob. I, 5).

Condições exteriores da Oração.

A.— **Lugar.** Podemos orar em toda a parte: «louva, minha alma, ao Senhor, em todos os lugares, submetidos ao seu império (Salmo CII, 22); contudo ha lugares consagrados ou preferidos: igrejas, capelas, oratórios, os nossos aposentos, etc.

B. — **Tempo.** Podemos orar sempre e em todo o tempo: «benedicam Dominum in omni tempore» (Ps. XXX, I), mas há ocasiões, horas, momentos, mais próprios para orar, quais são os que favoreçam mais a piedade e o recolhimento, o que depende muito das disposições subjectivas de cada um. Ha tambem momentos mais ou menos consagrados: pela manhã, ao meio dia, à noite, ao deitar, etc.

C. — **Posição do corpo.** *a)* Fóra dos actos litúrgicos, ha a mais ampla liberdade a êste respeito: «a posição melhor é aquela em que mais se inflame a nossa piedade e mais se acenda a nossa fé, aquela em que o

corpo embarace menos o espírito, podendo portanto, *na oração particular*, conservar-nos de pé, sentados ou de joelhos; rezar em voz alta, levantar as mãos, estender os braços, estar parados ou a caminhar» (Schram. P. XXXVI).

b) — Pode haver, contudo, lugar para restricções, em razão das circunstâncias. Em público, por exemplo, seria ridículo estar com gestos espalhafatosos ou manifestações extraordinárias; singularidades, que além de produzirem espanto e distração nos outros, de forma alguma se coadunam com a reserva devida e com a palavra de Jesus: *«et cum oratis... non eritis... ut videantur ab hominibus»* (Math. VI, S).

c) — E' de notar que a alma mortificada preferirá, em vistas de maior perfeição, posições incómodas e custosas, mas até nisto deve haver moderação. «E' preferível orar de joelhos, diz Schram, quando se possa, mas em regra a posição não deve ser nem muito cómoda, nem muito incómoda, de sorte que o melhor é rezar, ora de joelhos, ora de pé, agora sentado, logo a caminhar», porque variar é facilitar a oração.

Qualidades da Oração.

Attente ac devote, diz a Igreja; portanto:

a) **Atenção.** Deve o espírito aplicar-se em pensamentos que elevem a alma acima das coisas dêste mundo; orar, por isso, sem esfôrço, sem atenção, é desrespeitar Deus, é fazer da oração uma prática vã, uma fórmula maquinal, destituida de valor santificante.

b) **Devoção.** Não basta que o espírito vá para Deus, é preciso que o coração o siga, doutra sorte deixaria a alma afastada d'Ele a melhor parte de si mesma; seria a oração incompleta, improfícua e exígua a glória prestada a Deus. A participação do coração inicia a prece por sentimentos de confiança e consuma-a, num

acto de puro amor; nem é necessário que intervenha o afecto sensível.

Condições que tornam infalível a oração.

a) Pedir o que realmente interessa à salvação.

Pertencem a esta categoria os bens de ordem sobrenatural, que santificam por si mesmos, como a graça habitual e as graças actuais; os de ordem natural pertence à Providência fixar para cada um de nós, os que a sua Sabedoria nos destina como meios de salvação; portanto, é bom de vêr que só os devemos pedir *condicionalmente*, sem contar com êles com confiança absoluta, nem em medida superior às nossas necessidades. Tais são, a saúde, a boa reputação, a sciência, as honras, as riquezas. De facto, escapa-nos o futuro e não podêmos prevêr com certeza o que mais contribuirá para nosso bem; é tão errada e escura a nossa visão, que muitas vezes conspiram os nossos desejos para nossa ruína.

Mas Deus, cujo coração paternal suspira pela nossa felicidade, cujo olhar investiga todos os mistérios, ouvirá ou não os nosso pedidos, conforme concorram ou não para a nossa santificação. «*Quid oremus nescimus, sed ipse Spiritus postulat pro nobis*» (Rom. VIII, 26).

b) Pedir com boas disposições.

Quanto mais santa, humilde e confiante fôr uma alma, tanto mais se mostra Deus pronto a ouvi-la: «*orationem justorum exaudiet*» (Prov. XV, 29). «*Voluntatem timentium se faciet* (Ps. 144). — *si manseritis in me et verba mea in vobis manserint, quodcumque volueritis petetis et fiet vobis* (Joan. XV, 7). — *Oculi Domini super justos et aures ejus in preces eorum* (Ps. 33). — *Aspexit Deus orationem humilium et non sprevit precem eorum* (Ps. 101). — *Omnia quaecumque petieritis in oratione credentes, accipietes*» (Math. XXI, 24).

O mínimo das disposições para Deus nos ouvir, é *o desejo sincero de adquirir a sua graça*: «*scimus quia peccatores Deus non audit, sed si quis Dei cultor est et voluntatem ejus facit, hunc exaudit.* (Joan. IX, 31). — *Qui declinat aures ne audiat legem, oratio ejus erit execrabilis* (Prov. XXVIII, 9).—*Peccata vestra absconderunt faciem ejus a vobis, ne exaudiret*» (Is. LIX, 2).

c) **Pedir com perseverança.**

Conclui-se evidentemente da parábola apresentada por Jesus Cristo, que refere S. Lucas, capítulo XV: *si ille perseveraverit pulsans, dico vobis et si non dabit illi surgens eo quod amicus ejus sit, propter improbitatem tamen ejus surget, et dabit illi quotquot habet necessarios.*

Para nos experimentar, para nos proporcionar maior cópia de merecimentos, para nos obrigar a recorrer a Ele com insistência e tambem para manter connôsco união mais continuada, difere Deus às vezes, por muito tempo, atender as nossas súplicas; com sabedoria, impregnada de amor como que marcou a cada uma das nossas petições, o limite, a conta, o número de vezes, que as havemos de repetir, alcançando o qual seremos finalmente ouvidos. E enquanto a êsse termo e medida não chegam as nossas preces, parece que o Senhor se violenta para esperar e conter em si a efusão das suas misericórdias. «Está à espera, diz Tissot, que eu me chegue muito perto d'Ele, para me cobrir com as suas liberalidades, e é por isso que me faz esperar antes de me atender, de sorte que a dilação só tem em vista uma aproximação mais íntima. Como é bom o Senhor, por me obrigar a bater-lhe à porta muito tempo! é assim que me fôrça a abraçar-me a Ele, a estreitar-me contra o seu Coração, é assim que me obriga a lançar-me no seio da sua misericórdia!»

Argumento. — A prova de que estas três disposições são garantia infalível de sermos ouvidos, têmo-la naquele juramento soléne do Salvador: «*amen, amen dico*

vobis, siquid petieritis Patrem in nomine meo, dabit vobis» (Math. VII, 7). Pedir em nome de Jesus Cristo é ter a certeza de ser atendido, porque pedir em Seu nome é como se Ele mesmo pedisse, é fazer a nossa deprecação infalível como a dEle, é orar com eficácia como Ele orou quando pronunciou a oração dominical e como quando suplicou na última Ceia.

Um simples olhar sobre estas orações mostra que realizam as condições supra.

Gradação entre as várias fórmulas de orações.

Primeiro as orações de obrigação. E' por isso que o padre, por exemplo, terá empenho em primeiro recitar o oficio divino e depois as orações que subjectivamente julgue para si mais benéficas. Contudo não é regra o gôsto e o agrado de cada um. Sendo os exercícios de piedade meios de santificação, cumpre escolher os que actúam mais vivamente na alma e seleccionar os que reconheçamos mais profícuos ao nosso adiantamento espiritual. Depois dêstes, se ainda fica tempo para mais práticas de piedade, são preferíveis as mais excelentes *objectivamente*, por exemplo, um sermão, em si, é preferível a uma leitura espiritual, às devoções particulares as *orações da Igreja* e as que contribuem para *edificação do próximo.*

Advertência. — E' possivel tambem algumas vezes, acumular todas estas vantagens; quem não disponha, v. gr., senão de meia hora para as suas devoções, pode ouvir missa, comungar e fazer a meditação durante êsse tempo.

Formação na prática da oração.

a) Importa que o confessor faça vêr com clareza e convicção, a necessidade, a importância, a excelência e as vantagens da oração.

b) — *Exercite*, a princípio, em práticas, breves e simples, mas *bem feitas*, porque custará menos a fazer bem o que exige pouco esfôrço; pouco e pouco, virá o gôsto em repetir o que se faz sem custo, nasce depois o afecto, segue-se a fidelidade e radíca-se o hábito.

c) — Vá depois acrescentando outras práticas, consoante as aptidões e vagar do penitente.

d) — E alimente a alma com as instruções da Escritura e dos Padres, àcêrca da oração:

A. — Vigilate et orate ut non intretis in tentationem. (Math. XXVI, 4). — Vigilate in orationibus (Petr. 7). — Oportet semper orare et non deficere (Luc. XVIII, 1). — Sine intermissione orate (I Thessal.-V, 17). — Ante orationem praepara animam tuam et noli esse quasi homo qui tentat Deum (Eccli. XVI, 23). — Iniquitatem si aspexi in corde meo, non exaudiet Dominus (Es. 65). — Petitis et non accipitis eo quod male petatis (Jacob. IV, 3). — Si cor nostrum non reprehenderit nos, fiduciam habemus ad Deum, et quidquid petierimus, accipiemus ab eo (I Joan. III, 22). — Orate pro invicem ut salvemini: multum enim valet deprecatio justi assidua (Jacob. V, 16).

B. — Recte novit vivere qui recte novit orare (Aug. Hom. 40). Aptissima arma oratio est, thesaurus certe perpetuus, divitiae inexhaustae, parens fons et radix bonorum omnium (Chrys. Hom. 30 Gen.). Vis loqui cum Deo? attentus sis. Vis audire te ipsum prius quod loquaris audi (S. Ephrem). Magnam injuriam Deo facio, cum illum precor ut meam precem audiat, quam ego qui fundo, non audio: deprecor illum ut mihi intendat, ego vero nec mihi, nec illi intendo (Bern.-De anima). Ne deficias in oratione: Deus quod promisit concessurus est, et, si differt, non aufert (Aug. Ps. 65). Cum aliquid aliquando tardius dat Deus, commendat dona, non negat; desiderata diu dulcius obtinentur, cito autem data

vilescunt (Aug. de Verbo Dom.). Deus non exaudit ad voluntatem ut exaudiat ad salutem (Aug. Ps. 85). Ipse Christus Salvator est, non solum quando facit quod petimus, sed etiam quando non facit: quia quod videt peti contra salutem, non faciendo potius se exhibet Salvatorem (Aug. Tract. 37 in Joan.) Quando temporalia petitis, cum modo petite: illi committite, ut si prosint det, si scit obesse, non det. Quid autem obsit, quid prosit, novit medicus, non aegrotus (Aug. serm. 3 de Verbo Dom.).

Oração vocal

A oração vocal é o colóquio da alma com Deus, manifestado exteriormente pela palavra ou pelos sinais que a suprem: escrita, lagrimas, elevação das mãos, dos olhos, etc. (Schram. p. 109). E' de várias espécies:

E' *pública*, quando é feita em nome dos fieis pelos ministros do culto, na forma determinada pela Igreja; assim o Oficio divino. Não publica ou *privada*, a que é feita por qualquer pessoa em nome próprio.

Uma e outra pode ser *comum* ou *particular*.

Oração *litúrgica* é a que tem regras e normas, prescritas pela Igreja. — A oração pode ser cantada, recitada, modulada ou de fórma livre. As diferentes *fórmulas* de orações foram compostas, umas por Jesus Cristo (a missa, na parte essencial, o Padre Nosso), outras pela Igreja (oficio divino) e outras pelos Santos e autores piedosos, aprovadas pela Igreja; são umas indulgenciadas, outras não indulgenciadas.

Razões que persuadem a oração vocal.

a) A oração vocal *associa o corpo* às homenagens da alma e leva-o a pagar a sua parte do tributo de adoração, ao Criador.

E' uma homenagem completa do nosso ser para com Deus.

b) O sentido das fórmulas *fixa a atenção*, dirige e regula os pensamentos e afectos e torna-se um fulcro verdadeiro para a piedade.

c) *Faz perdurar os nossos sentimentos de devoção*; o esfôrço que fazemos para os produzir, estimula a acção das nossas faculdades, opera do corpo para a alma uma suave reação e corrobora os transportes do coração.

d) Em virtude da íntima união do corpo e do espírito, é *natural* que a efervescência dos pensamentos e afectos, que invadam a alma, transborde com repercussão sôbre os sentidos.

e) A oração vocal foi *ensinada por Jesus Cristo*, que ditando o Padre Nosso, nos outorgou a oração mais sublime; a Igreja repete-a desde o princípio e prescreve-a a seus ministros nas ceremónias e funções litúrgicas.

f) Bem feita e por continuação, «*basta para uma alma se santificar*, quando Deus a não chame a mais alto grau de oração; é bastante mesmo para chegar à perfeição, quando paralela Deus concede um dom especial, e conhece-se êste dom pelo seu efeito infalivel, qual é excitar a nossa piedade e fervor». (Schram, 125).

«Não cuideis, diz Santa Terêsa, que é pouco profícua a oração vocal, bem feita; eu vos asseguro que enquanto recitais um Padre Nosso ou uma oração vocal qualquer, pode Deus elevar-vos a uma alta contemplação». (Via da perf. c. 25).

Uso que devemos fazer da oração vocal.

Depende do vagar, das aptidões, das obrigações de estado e tambem das inspirações do Espírito de Deus. Para decidir, contudo, em cada caso, podemos regular--nos pelos princípios gerais, que seguem:

a) Quanto ao resultado da oração, *mais vale rezar pouco e com fervor, do que muito com tibieza.* A não ser que, por espírito de mortificação, aconselhe a prudência maior numero de devoções ou que se trate de orações de obrigação, convem nunca sobrecarregar o penitente com demasia de orações vocais. Cumpre ponderar e pesar o esfôrço de que a alma é capaz (atenção e aplicação) e determinar depois o programa das suas orações, pois que, se êste é muito pesado, a alma aborda-o sem coragem e até com receio, e executa-o com precipitação e sem vontade.

Diz S. Jerónimo: «mais vale cantar cinco salmos com pureza de coração, serenidade de espírito e alegria de alma, do que o saltério inteiro com desleixo e distração».

b) Não é o número de orações o que releva (abstraímos por agora do caso das indulgências), mas o tempo e a aplicação do espírito. Se tenho meia hora para a oração, que importa que reze três terços ou sòmente dois? não é o número de palavras que cativa o coração de Deus, mas a piedade e devoção. O que tambem se depreende claramente das palavras de Jesus, no Evangelho.

c) As pessoas dadas com fruto à oração mental podem e às vezes devem *restringir o exercício da oração vocal.*

d) E' preciso entretanto fidelidade *às orações vocais que são de uso geral na Igreja:* oração da manhã, da noite, antes e depois das refeições, etc. Quem por costume se esquiva à prática das orações usuais, sem as suprir por outra forma, dá provas de tibieza e não se exime de falta venial.

Fórmulas que devemos preferir.

Primeiro, as que mais inflamam a piedade e melhor se coadunam com os afectos do coração.

Por modo nenhum concordamos com a prática dos que obrigam sempre às mesmas fórmulas, pelo facto sòmente de serem em si as mais excelentes.

E' repreensível, exagêro e falta de compreensão, submeter todo e qualquer penitente á uma mesma regra de piedade, de modo a imprimir-lhe sempre a mesma feição, isto é, moldar, por assim dizer, por uma *bitola* comum a súmula das práticas de devoção; por exemplo, não admitir, nem permitir outro método para assistir à missa e aos oficios divínos, senão as orações litúrgicas,— obrigar à preparação para a comunhão e acção de graças, qual usa o sacerdote para a missa, etc. Admitimos, sem dúvida, que os textos oficiais da oração pública da Igreja teem por si grande virtude santificante, que a piedade encontra nêles farto alimento e até que muitos fieis não recebem doutras práticas tão salutar influxo, mas entendemos que não obsta a que outros, acidentalmente ou de ordinário, em razão das disposições subjectivas de cada um, empreguem mais proficuamente, métodos e fórmulas diferentes. Evitemos os princípios muito rígidos e absolutos, os processos exclusivistas e as preferências inconsideradas. Porque um alimento é muito nutritivo, não se ha-de usar de nenhum outro? nas prescrições de alimentação, atende o médico sòmente ao valor intrínseco de cada alimento, ou tambem e particularmente, às qualidades digestivas e propriedades de assimilação?.. Assim a Igreja, conhecedora das necessidades múltiplas dos vários membros da sua imensa família, concede uma santa liberdade, aprovando e aconselhando muitas outras fórmulas e devoções. Atentas estas considerações, eis, em regra, a selecção que convem fazer: 1.— Orações da Sagrada *Escritura*, como o Padre Nosso, os salmos e os canticos; 2.— Orações da *liturgia*, em particular as da missa; 3.— Orações *indulgenciadas*; 4.— Orações que, na sua inspiração, compuseram os Santos; 5.— Orações publicadas, que a Igreja aprovou.

Oração Mental

A oração mental é uma elevação da alma a Deus, — para o reverenciar e suplicar, — para melhor o servir e glorificar.

Esta elevação da alma na oração transporta, por assim dizer, para o estudo de Deus, as nossas faculdades espirituais, e visa a exercitá-las e aperfeiçoá-las, em ordem a glorificá-lo mais perfeitamente. Ora, como já vimos, a glória de Deus reclama da nossa parte a conformidade mais absoluta com a sua vontade. Eis, portanto, o objectivo de toda a oração bem feita. A isto deve ordenar-se todo o mecanismo da oração. Quem não sabe que a vontade se move após a convicção e o afecto? pois, quem desperta um e outro é a reflexão, que inundando de luz a Verdade, o Belo e o Bem, cativa irresistivelmente o espírito e o coração.

Eis como a oração mental põe em exercício as três principais faculdades da alma, espírito, coração e vontade:

1.º — Quando é principal o trabalho da *inteligência*, por considerações e raciocínio, chama-se a oração **discursiva** ou **meditação**.

2.º — Quando a luz é tão abundante que não exige à inteligência grande esfôrço, permanecendo em exercício quàsi exclusivo o coração e a vontade, chama-se oração **afectiva**.

3.º — Se, finalmente, os afectos e resoluções, em vez de se estenderem a todo um assunto, se *simplificam e fixam*, concentrados *num só pensamento afectivo dominante*, prêsos nêle, em toda a actividade, a inteligência e o coração, chama-se **oração de simplicidade** ou **intuitiva**. E' um olhar, uma atenção amorosíssima, diz Bossuet, que se lança para um mistério divino ou verdade teológica: Deus, êste ou aquêle atributo; Jesus Cristo, êste ou aquêle mistério da sua vida, ou qualquer outra verdade.

Vantagens de cada espécie de oração.

1.° — A **meditação** congrega as faculdades íntimas da alma e fá-las pagar, cada uma, o tributo de louvor à Magestade divina; pondo em exercício todas as potências, contribue para a formação completa do homem, e, activando todas as energias é duma eficácia incomparável para a formação sólida na virtude. Vejamos o seu mecanismo: *a)* a *memória* apresenta à alma uma ideia ou um facto piedoso, trabalho que pode ser facilitado por exposição oral ou escrita; *b)* a *inteligência* aplica-se a êste assunto, examina os aspectos, escolhe os mais piedosos e práticos, compenetrando-se dêles profundamente .. — aprecia a necessidade, a utilidade, as vantagens, a beleza, a facilidade de tal virtude, de tal prática de piedade, — os inconvenientes, o dano, a fealdade de tal defeito ou fraqueza; *c)* o *coração*, reprimindo as inclinações depravadas, recorre então aos sentimentos de admiração e entusiasmo pelo bem, de aversão e horror pelo mal; *d)* a *vontade*, finalmente, prevenida, detem-se em precisar as resoluções de utilidade imediata e prática, cuja observância constante e plena pede a Deus fervorosamente.

2.° – A oração **afectiva** é superior à meditação ou oração discursiva, porque «é maior a sua eficácia e conduz mais depressa à perfeição» (Poulain). Com efeito, sem se deter nas considerações, vai direita ao fim, que é a união da alma com Deus, ao mesmo tempo que desperta a actividade da vontade e consolida a virtude pela produção intensa de actos internos. Nao despreza, contudo, o auxílio da razão, a que recorre quando precisa de fortalecer melhor os afectos. Difere da meditação, porque só em pequena escala recorre à reflexão.

3.° — A oração **intuitiva**, consistindo numa atenção amorosíssima para Deus, concentra tôdas as energias no amor e, por isso, põe em acção o mais poderoso agente da actividade humana, o coração. Santo Agostinho pro-

feriu esta frase sublime: «ama et faç quod vis»; mas para que tenha toda a eficácia, diz o P. Poulain, cumpre que a alma conheça bem os deveres da vida espiritual, que os observe e esteja na disposição actual de os empregar para se santificar.

Como será fructuosa a meditação?

I — No momento da oração: Duas grandes escolas nos oferecem cada qual o seu sistema.

1.° — Escola de Santo Inácio. — A) Princípio da oração: a) *adoração* com exterior pleno de respeito; b) *oração preparatória:* pedir a Deus que sejam para sua maior glória todas as intenções e operações da alma, durante o exercício; c) *prelúdios*, que são sempre dois, pelo menos; consiste o primeiro em apresentar ao espírito o assunto da meditação, já por um esfôrço da imaginação, já por um simples acto da memória; o segundo, em pedir a graça especial, em ordem ao fruto que se deseja tirar; quer Santo Inácio que, quando o assunto é histórico, se recordem, antes dos prelúdios, os traços principais.

B) — Corpo da oração *a)* Exercício da *memória:* traz-se ao espírito o assunto, como no primeiro prelúdio, com dupla diferença: em vez de representar todo o assunto, limita-se a memória à parte que se propõe meditar; e em seguida renova esta representação, mais ampla e cuidada: atender bem ao sentido de cada palavra e examinar todas as circunstâncias.

b) Exercício da *inteligência*. A função desta faculdade é a reflexão sôbre as verdades trazidas pela memória, acomodando-as ás necessidades actuais da alma, tirando conseqùências práticas pesando as razões que nos devem mover, emfim, considerando, à luz destas verdades, qual foi o nosso proceder no passado e qual deve ser no futuro.

c) Exercício da *vontade.* E' duplo o ofício desta faculdade: deve excitar afectos fervorosíssimos e formular propósitos ou resoluções firmes, sem o que, não passaria a meditação duma simples espèculação. São muito variados os afectos, consoante o assunto e o estado da alma: admiração, louvor, acção de graças, amor, temor, humildade, confusão, dôr, etc. As resoluções devem ser práticas, apropriadas ao estado de cada um, fundadas em motivos sólidos e humildes, e firmadas no auxílio da graça.

d) Conclusão da meditação. Colóquio, dirigido a Deus, a Jesus Cristo, aos Santos, pedindo auxílio e fidelidade às resoluções.

2.ª — **Escola de S. Sulpicio.** — A) **Preparação.** Compreende tres pontos: pôr-se na presença de Deus, — remover os óbices à acção divina por um acto de contrição, — invocar as luzes do Espírito Santo.

B) **Corpo da meditação.** Compreende tres partes: *a)* a *adoração:* reflectindo a alma piedosamente em Deus, em Jesus Cristo, nas virtudes dum santo, num mistério ou numa perfeição, entrega-se, consoante o assunto ou a inspiração, aos sentimentos de adoração, admiração, louvor, acção de graças, amor, alegria ou compaixão; *b) A comunhão:* é o acto pelo qual a alma procura comunicação da perfeição que contemplou no primeiro ponto; para êste efeito, convencida pelo raciocínio, da necessidade, importância e vantagem dessa perfeição ou virtude, num olhar retrospectivo sôbre si mesma, constata, com pezar e confusão, quanto esta ou aquela lhe faltam, e em vistas disso, pede-as a Deus com insistência, fervor e confiança. Onde vemos que três operações se realizam: convicção, reflexão e súplica. *c)* A *cooperação:* a alma, de colaboração com a graça que ora implorou, toma com humildade e confiança, uma resolução firme, de aplicação presente e prática.

c) **Conclusão:** agradecer a Deus, pedir perdão das

faltas que houve na meditação e colher o *ramilhete espiritual*, isto é, recolher um ou dois pensamentos, dos que mais feriram a alma e são abôno de maior bem.

II — **Fora do tempo da oração:** para que seja bem feita, cumpre prepará-la: *a)* — a *preparação remota*, consiste em retirar quanto seja óbice, — o afecto ao pecado, a vida mundana ou distraída, a soberba, — e em empregar os meios que auxiliam, pureza de coração e de intenção, recolhimento, união com Deus, leitura espiritual, etc. *b)* — A *preparação próxima* consiste em fixar nos traços principais, na véspera à noite, o assunto da meditação, recordando-o ao deitar e relembrando, pela manhã, ao levantar.

Modos de meditação.

a) — *O primeiro grau* consiste em *recitar muito vagarosamente as orações vocais*, quedando a cada frase ou membro de frase, a cada palavra importante, como que a aspirar todo o sumo espiritual que encerram. E' forma de orar que muito recomenda Santo Inácio.

b) — *Meditar num assunto lido e preparado;* é processo recomendável às pessoas inábeis e ignorantes, às que são atreitas a securas e a cansaço e em geral a todas que não teem dotes de inteligência para reflexões pessoais.

c) — *A contemplação atenta e piedosa* dum quadro religioso ou estampa comovente pode ser assunto para belíssimas meditações.

d) — O ultimo grau é a *oração metódica*, tal como fica exposta acima.

Como conduzir à prática da oração o penitente idóneo?

a) — Fazendo-lhe ver a excelência e vantagen da oração mental.

b) — Ensinando-lhe claramente os métodos.

c) — Interpretando-lhe calorosamente, em breves exortações, os seguintes pensamentos da Tradição cristã:

A. — Concaluit intra me cor meum et in meditatione mea exardescet ignis (Ps. 38). — Praevenerunt oculi mei ad te diluculo, ut meditarer eloquia tua (Ps. 118). Nisi quod lex tua meditatio mea est; tunc forte periissem in humilitate mea (Ps. 118). — Consurge, lauda in nocte, in principio vigiliarum: effunde sicut aquam cor tuum ante conspectum Domini (Thren. 19). — Desolatione desolata est terra, quia nemo est qui recogitet corde. — Maria optimam partem elegit (Luc. 10). —

B. — Consideratio regit affectus, dirigit actus, corrigit excessus (Bernard). — Ex orationis assiduitate stabilitur mens, purgantur cogitationes, solitudo sapit, delectatur Deus, ingenium acuitur; illustratur ratio, animus ad alta suspenditur (Laur. Justinianus — De casto connub). —

LEITURA ESPIRITUAL

E' necessária, porque exerce influência importante na vida espiritual. «E', como diz um autor, um admiravel e fácil instrumento de educação». A alma efectivamente forma-se pelas ideias e sentimentos; ora como hão de germinar as ideias, sem *a presença* do objecto que as provoque — e é êste o meio mais perfeito — ou sem a palavra, lida ou ouvida, que os livros apresentam em segunda mão? Mas, como o objecto da fé é

remoto e invisivel, só a palavra e a leitura são veículos das verdades desta ordem.

Demais, as ideias só actuam pela presença; pódem-nos estar tão propínquas que despertem ao primeiro alarme, mas se êste se não produz, ficam latentes e inactivas. De sorte que a leitura espiritual tem por objectivo *alargar o campo dos nossos conhecimentos*, particularmente das verdades, que ficariam inuteis nos recônditos da memória. Há ainda que, pela leitura, torna-se-nos mais claro o conhecimento daquilo que já sabemos; pois que *apreendemos as coisas à luz que lhes imprimiu a inteligência de outrem*. Até o homem douto dirá muitas vezes: «eu já sabia tudo isto, mas compreendo muito melhor desde que li tal livro»... Os afectos e sentimentos nascem das ideias e ampliam-se pelo contacto prolongado com elas; e a meditação é sem rival para a sua eclosão e aumento. Quando não souberdes, ha outros fócos para esta elaboração sagrada: o ardor das outras almas pode comunicar-se à vossa pela flama dos seus escritos.

Regra na escolha de boas leituras.

a) — Não admitir livros, cuja doutrina espiritual não seja incontroversamente *sólida* e *ortodoxa*.

b) — Ha livros, excelentes em si, mas cuja leitura não convem a todos, jà porque versam doutrina *muito elevada*, jà porque, mal interpretada, daria aso a perigosas ilusões (Cf. Ilusões, supra).

c) — Logar de honra merecem os que nos põem em contacto íntimo com a *Sagrada Liturgia* e com as *determinações actuais* da Igreja; o Espírito Santo, com efeito, vela de contínuo pela sua Esposa e acomoda às necessidades dos tempos a sua assistência.

d) — Urge em particular inspirar-se nas necessida-

des de cada alma para a orientar nas leituras a conceder-lhe. Se é falha de luz, leia livros de exposição clara e fácil; se geme e estiola na aridez e desolação, dar-lhe-hão unção e alento páginas como as da Imitação de Cristo ou de S. Bernardo,... se necessita estímulo, as vidas dos Santos e os seus exemplos, lhe prestarão relevante auxílio: são leituras que ferem o espírito com a limpidez da verdade e de suas exigências, inflamam o coração em face do belo e construem o ser moral pela freqùencia de tais impressões...; se é de ar e de espaço a sua indigência, pode respirar a plenos pulmões nas obras admiraveis dos bons autores, em que a par de teologia profunda, transparecem inspirações de ardente piedade.

e) — Não ler *àvidamente, nem muito por cada vez*; variar por vezes o assunto sem volitar de livro para livro.

RETIRO ESPIRITUAL

Deduz-se a necessidade do retiro espiritual, de tempos a tempos, das grandes vantagens que proporciona.

E' um dos mais poderosos meios para arrancar a alma do pecado, para lhe imprimir nova orientação e comunicar vigoroso impulso para o bem. Com efeito, não só arranca completamente o homem, naqueles dias, do ambiente doentio do mundo, que assás por vezes envenena a vida, não só acalma a febre de dissipação, que, balouçando-o, inconsciente, por cima de escolhos mil, o conduz a naufrágio certo, mas principalmente, apodera-se dêle e submete-o a todas as potentes ìnfluências, que podem reconfortá-lo e transformá-lo. *Imersa numa atmosfera de recolhimento e piedade, abre-se a alma amplamente à acção divina e é rociada por uma chuva fecunda de graças. O tumulto das paixões*, vencido e sufocado pela voz austera e solene das grandes verdades, reduz-se completamente a silêncio, para só deixar ouvir os suaves convites do Senhor. Sob o impulso forte de santos ter-

rores, destacam-se os empachos parasitas do pecado e do vício, para darem logar às florações dulcíssimas da verdadeira sabedoria: *initium sapientiae timor Domini.* Raios vivificantes dardeja então, sem intermitência, o sol da palavra divina, inundando o coração com jactos abundantissimos de luz e de calôr. *Desanuviam-se os olhos, dissipam-se as ilusões, cáem os preconceitos, aquieta-se a consciência, eleva-se, sem descontinuidade, até à efervescência, a temperatura da alma e revolvem-se para o bem todas as energias interiores. Eis, enfim uma completa renovação e transformação.*

1.º — *Para que seja profícuo o retiro, é indispensável: a) recolhimento profundo e solidão completa.*

«Ducam eam ad solitudinem et ibi loquar ad cor ejus». O recolhimento é uma predisposição necessária para reflexões graves e súplicas fervorosas; a solidão é auxiliar potente para este resultado;... fazendo o vácuo em volta de nós, suprime o desperdício da nossa actividade nas coisas exteriores, rarefaz, em seguida as lembranças inquietadoras, atenuando a sua acção em nos distrair, depois, entrando no santuário íntimo da alma, onde repousa amortecido o senso da Divindade, desperta-o e lança para as plagas do Infinito, onde o coração se sente vivificado, por uma atmosfera de preces e reflexões sagradas.

b) — Requer-se, como factor preponderante, *a oração.* E' ela que canaliza e derrama na alma as torrentes de graças, que a divina bondade usa ter em depósito para dias tão cheios de bênçãos; é ela a chuva fecunda e benéfica que faz germinar no íntimo do coração a semente sagrada que lançou a palavra divina. O fruto dum retiro pode ordinariamente aquilatar-se pelo termómetro do fervor e da oração.

c) — Escudadas no recolhimento e na piedade, tornam-se mais profundas *as reflexões,* mais penetrantes e salutares: são como o grão de semente, que lançado em terra fértil, produz fruto ubérrimo, a cento por um.

2.º — O que é que principalmente deve ser objecto de reflexão?

Consoante o estado de alma do exercitante. E' dado, em princípio para bom retiro, a meditação das **grandes verdades**, expostas dum modo *empolgante* e *sugestivo*, que revolvam fortemente o íntimo e subjuguem logo no primeiro dia.

Ao clarão horrífico do facho tremendo da eternidade, queda-se fascinada a alma e atira para o esquecimento os prazeres terrenos; a uma vaga de terror que lhe invade todo o ser, eclipsam-se espavoridas as paixões e começa a consciência de olhar-se à luz límpida, que a verdade scintíla, e prepara-se a fazer convergir para o campo do dever e da virtude as reflexões que tão vigorosamente a feriram. Nada mais salutar então do que pregar os olhos no *divino Modelo*, que é o caminho, a verdade e a vida, que disse: «dei-vos o exemplo para que como eu fiz, façais vós tambem». A meditação inteligente dos mistérios gozosos, dolorosos e gloriosos da vida do Salvador, acarreta por sua vez, luzes e estímulos incomparáveis, que transformam a alma, infundindo energias potentes e desejos santos de alta perfeição.

Corolário: Não é um retiro uma série de prègações, que se vai ouvir durante alguns dias. E a razão é que, faltando o recolhimento e a piedade, falecem de resultado, por mais eloqùentes que sejam. Não produzirão o trabalho profundo, que subjuga e empalma o homem na sua vida íntima, nem produzirão o bem estar inolvidável, que comunica o contacto inflamado com o sobrenatural.

EXAME DE CONSCIENCIA

O exame de consciência é uma inquirição cuidada do estado da nossa vida moral, para a revigorar e aperfeiçoar, corrigir e levantar, consoante, no todo ou em parte, a acharmos orientada ou não para Deus e para a sua glória, pela conformidade com o seu beneplácito.

O estado da nossa vida moral depende dos nossos actos livres e dos hábitos e disposições que os originam.

Ora, importa *a)* que tenhamos consciência dos actos repreensíveis, afim de os reparar e expurgar e para que se nos revelem os hábitos e tendências mais ou menos perniciosos, qne temos a combater; *b)* que conheçamos bem os hábitos e disposições, para que cultivemos os que nos beneficíam e arranquemos os que nos são funestos.

Para êste efeito, é indispensável vigiar sôbre nós mesmos e verificar com imparcialidade o que se passa; auscultar o coração para conhecer os afectos e disposições, sondar a natureza para observar as tendências e hábitos e estudar o nosso procedimento para apreciar o valor das acções. A esta constatação, que fazem com freqùência e quàsi habitualmente as pessoas recolhidas e fervorosas podemos chamar *exame de vigilância.*

Quantas vezes, mergulhando um olhar penetrante até ao íntimo do coração: «que faço eu agora?... que sinto?... donde nasce este afecto?...» se descobrem as verdadeiras disposições actuais da alma! Mas, à parte tais penetrações íntimas, as pessoas empenhadas em progredir e particularmente as menos experimentadas em se vigiar, sentem a necessidade de escolher momentos especiais, para os consagrarem exclusivamente ao estudo da consciência: *a)* quando a pesquiza tem por objecto os *pecados cometidos*, para os deplorar, apagar e reparar, chama-se *exame geral.* E' o que se faz todas as noites e por ocasião da Confissão. *b)* Quando o objecto da investigação são as *tendências* e *disposições*, e a busca se limita, localiza e circunscreve a uma delas, chama-se *exame particular.* E' o que fazem nas comunidades religiosas ao meio dia e à noite. Mas, para ser bem feito e profíquo deve ser metódico, ter assunto bem preciso, deve ser fácil de realizar e apropriado às necessidades da alma. Tem êste exercício como auxiliar o *exame de previdência*, que consiste em prever as ocasiões em que a alma tem de pôr em prática as resoluções que tomou no exame particular.

Corolário. Expõe admiravelmente esta doutrina S. Francisco de Sales, quando diz: «é necessário limitar o exame à sindicância das nossas paixões, porque o exame dos pecados, êsse é para os que se confessam sem intenções de progredir: os afectos que peiam o coração, as paixões que o dominam e tudo aquilo que o traz desvairado. Quanto às paixões da alma, conhecêmo-las, tateando-as uma após outra; assim como o tocador de guitarra, ferindo cada uma das cordas, afina, retesando ou distendendo, as dissonantes, assim tambem, tateando as cordas do ódio, do amor, dos desejos, do temor, da esperança, da tristeza ou alegria da alma, se as não topamos acordes com a área que queremos entoar, qual é a glória de Deus, podemos afina-las com o auxílio da graça e concurso do nosso pai espiritual». (Filotea, v parte, cap. VII).

Importância do exame de consciência e em especial do exame particular. E' de todos os meios humanos, o mais eficaz para conservar a alma em actividade e impelí-la para maior progresso interior. Diz o P. Tissot: «os exercícios de piedade teem por objectivo conduzir-me a Deus, de sorte que primeiro devo ver onde estou, por onde caminho, as condições em que prossigo, os obstáculos e perigos que se me defrontam e os meios que empregarei para avançar.» Sem isto não é segura a minha viagem.

Ora o que me desanuvia assim o caminho é o exame de consciência; posso, pois, concluir que é êle o exercício norma e centro do meu viver moral. Assim pensava Santo Inácio que durante muito tempo não empregou para a direcção espiritual de seus companheiros senão o exame de consciência e a freqüência dos Sacramentos.

E' dada, nas Constituições do seu Instituto, tal importância a êste exercício, que cousa nenhuma pode dispensar de o fazer; pode a doênça ou qualquer incómodo

grave dispensar da oração e dos outros exercícios, do exame, nunca.

Tal necessidade já reconhecêra pela luz da razão Pitágoras, quando o impunha a seus discípulos, como meio verdadeiro de adquirir a sabedoria. S. João Crisóstomo tinha-o em tão grande conta, que dizia ser bastante, feito durante um mez que fôsse, para conquistarmos o hábito da virtude; nas suas Constituições declara S. Basílio, que para nos preservar do mal e consolidar no bem, urge colocar êste exercício, como sentinela, à frente de todos os nossos pensamentos, que com o seu olhar os contenha e dirija. Enfim, são unânimes todos os Doutores em atribuir ao exame de consciência tão alta importância». (La vie Int. S. 3.ª-10).

Como fazer bem o exame de consciência.

1.º *Exame das disposições.* Segundo a expressão de S. Francisco de Sales, devo ferir cada uma das cordas, para ver se alguma, em dissonância, precisa de afinação; as cordas, cujas vibrações podem ser desiguais, são as paixões de ódio ou amor, de desejo, de temor ou esperança, de tristeza ou alegria. Então, qual é por agora a disposição que me domina e imprime direcção principal aos meus pensamentos, afectos, palavras, acções? ... *a)* Estou sob a impressão dominante de contentamento? ... e provêm esta alegria da satisfação de ter cumprido o meu dever, ou do orgulho, da vaidade, da ambição, da cubiça, da sensualidade, apetites que eu satisfis? ... — Sinto-me avassalado pela tristeza? donde é que provêm? qual é a causa?... *b)* O meu coração, possuido de amor intenso, procura Deus com complacência, ou antes tal creatura? ... e qual é o motivo dêste afecto? — ou então, roído pelo ódio, transfunde do seu azedume nos meus pensamentos, palavras, atitudes e acções? ... e a causa desta aversão? — *c)* Para que objecto se dirigem com mais ardor os meus de-

sejos?... qual é o principal motivo das minhas esperanças?... dos meus receios?...

2.º *Exame geral à noite.* A primeira pergunta a fazer à consciência é se durante o dia houve pecado grave ou venial deliberado; *esquadrinhar bem estas faltas para as deplorar* é imperioso, senão, ao fim de certo tempo tornam-se habituais e nem se dá por elas. O exame de cada dia desperta a consciência, tem-na vigilante e facilita a preparação para a Confissão.

Catalogar-se-hão em seguida na memória ou por escrito, todas as faltas inventariadas, para lhes passar revista novamente cada noite. Esta lista pode ser redigida pela ordem dos mandamentos, ou subdividir-se dos tópicos — *obrigações para com Deus, — para com o próximo, — para com nós mesmos* — ou subordinar-se a — pensamentos, — desejos, — palavras, — acções, — e omissões. Bem ordenada, é um espelho fiel, onde a alma se remira diàriamente, contemplando a sua verdadeira fisionomia espiritual.

3.º *Exame particular.* Tem por objecto um *ponto especial*, sobre que exerce toda a diligência e concentra todos os recursos da actividade espiritual.

Este ponto, bem escolhido, determinado e circunscrito, é ora um *defeito*, ora uma *virtude*, já tal *prática* ou exercício, logo tal *disposição* interior. De harmonia com o Director precisará o penitente o tema dêste exame, tendo em vista o bem individual e a edificação do próximo. Quando existam defeitos que *escandalizem* o próximo, para bem da religião, da piedade e da caridade, urge principiar por êles; aliás, em boa táctica, deve atacar-se primeiro o *defeito dominante*; — quando foi decapitado Holofernes, os Assírios, desorientados, sem chefe, na iminência da derrota, começaram de retirar apressadamente; — e para o descobrir, atenda-se ao temperamento, à primeira educação e ao meio em que se tem vivido, pois teem forte influência sobre as disposições na-

tivas de cada um. Se não aparece defeito preponderante, concentrem-se os esforços sobre uma virtude ou uma disposição, e até, no caso de defeito a extirpar, convem às vezes combatê-lo pelo exercício da virtude contrária. Entre as virtudes, hábitos e disposições tenham primeiro lugar as que são *fundamentais*: a *humildade*, a caridade, o respeito na oração, a pureza de intenção, a conformidade com a vontade de Deus, o pensamento na sua presença... e conceda-se tambem lugar de honra às que respeitam o nosso estado e profissão.

Quanto às práticas, selecionar as que são de efeito mais salutar para adquirir uma virtude ou extirpar um vício: assim para a *prática da caridade* vêr, por exemplo, no próximo a pessoa de Jesus Cristo, saúdar o Anjo da Guarda das pessoas que encontramos, etc.; para debelar o orgulho, habituarmo-nos a um porte cheio de deferência, etc.

Mas não basta escolher bem o têma do exame particular, cumpre aplicar a máxima: *divide et impera*; recorde-se a fábula do leão e do rato: os esforços gigantescos do rei dos animais não conseguiram por forma nenhuma romper as malhas da rêde que o tinha cativo, enquanto que o humilde roedor, cortando fio por fio e malha por malha, pôs em liberdade o grande prisioneiro. Tal devemos fazer na cura dos defeitos e na obtenção das virtudes; empreender pouco de cada vez, mas investir com decisão e valentia; ao passo que em presença de tema muito extenso, divide-se a atenção, afrouxam os esforços, e verifica-se o provérbio: «quem muito abraça, pouco abarca». Enfim, para obstar a uma operação vaga e indecisa, que dissolve tristemente e dilui toda a energia fecunda, torna-se necessário que êste exercício seja *ordenado* e metódico, de sorte mesmo a poder apontar com uma cifra as faltas e os êxitos.

Actos secundários e concomitantes do exame metódico de consciência. São quatro, formando, por assim dizer, a vanguarda dois e os outros a rectaguarda.

São os primeiros a *adoração* e a *súplica*.

A.— Importa, com efeito, que nos ponhamos na presença de Deus com humildade, no momento de ajustarmos contas com Ele acêrca da nossa consciência, compenetrando-nos da sua grandeza, santidade e bondade infinita: torna-se dêste modo mais profundo o olhar a dentro da alma, mais eficaz a contrição e dissipam-se as nuvens que pesam sobre a consciência e sensibilizam o coração. Em segundo lugar, pois que sem a graça é estéril o humano esfôrço, é preciso impetrar do Senhor um raio de luz divina para descobrir, contra toda a ilusão e repugnância do amor próprio, todas as faltas, das quais, é certo, nenhuma escapou ao olhar divino; implorar tambem a *acção especial* da graça, para que defeitos e culpas apareçam com tôda a sua torpeza, e, inspirando-nos horror profundo, preparem a vontade para um acto enérgico de repulsa.

B. — Depois dêste olhar penetrante que rebusca no mais íntimo da consciência todas as infracções, dispõe-se a alma para os outros dois sentimentos: a) *Contrição* perfeita, em que mostra a Deus o pesar de o haver ofendido e para isso recorra a considerações piedosas, que excitem santas aspirações, despertem ardentes afectos, que postas em confronto com os nossos agravos, hão-de provocar sincera dôr e arrependimento. b) — *resolução* firme de não pecar.

Para ser fecundo êste propósito, deve reunir num só ponto, bem determinado e restricto, o esfôrço da alma; seja tambem vivificado pelas suaves influências da graça, que é a única a poder obstar à miséria da nossa natureza.

Como propôr aos penitentes de boa vontade o método do exame particular.

A. — *Processo abstracto.* Depois de, como preâm-

bulo, nos compenetrarmos bem do pensamento da presença de Deus, passa-se ao corpo do exercício, que será subdividido em cinco pontos, dos quais os dois últimos prenderão especialmente a atenção: a) *reconhecimento* profundo para com Deus, recordando em geral os benefícios recebidos, ou em especial tal graça ou mercê, que nos cumulou de júbilo; se acharmos bem, marcar numa lista as graças e benefícios e passar-lhe os olhos rápidamente. b) *Desejo ardente* de ver o que vai na consciência, para o remediar; sob o impulso dêste desejo, volver para Deus uma prece fervorosa.

c) — Ler atentamente, interrogando-se a si mesmo sôbre cada ponto, um *questionário* preciso e pormenorizado, feito de harmonia com o director ou tirado dum autor piedoso; depois, apontar num livrinho ou em folha à parte, as faltas constatadas, afim de conferir dia a dia e prestar conta mais exacta ao confessor; é bom tambem impor-se a cada *déficit* alguma penitência, como beijar o chão, recitar a Ave-Maria, etc.

d) — *Contrição muito viva,* fundada em motivos gerais ou especiais, referidos ao tema do exame; expressar-se a si mesmo com convicção êstes motivos de pesar.

e) — *Resolução firme* de maior fidelidade, pedindo a Deus ou aos Santos, graças especiais, para generosidade mais decidida.

B. — *Processo concreto.* Pegar no crucifixo e fixando nêle os olhos alguns instantes, com o coração cheio de fé, colar successivamente os lábios sôbre cada uma das chagas divinas, intercalando a cada ósculo os cinco pontos acima enumerados.

C. — *Terceiro processo.* Representarmo-nos Nosso Senhor, sentado junto de nós, de joelhos a seus pés, para ouvir a nossa confissão: com profundo respeito e confiança humilde, fazemos-Lhe circunstanciadamente e exposição das nossas misérias; depois, ouvimos, caídas de seus labios, exortações dulcíssimas, fitamos no seu olhar

como que a censurar-nos misericordiosamente, o nosso olhar; volvemos em seguida os olhos para o seu coração, transbordante de amor e mansidão, e terminamos por lhe pedir a absolvição, curvados para a receber, e protestando não mais ferir com as nossas ingratidões tão misericordioso juiz.

Provações

Já vimos o que são, em sentido sinónimo de tribulações, quando directa ou indirectamente delas é Deus o autor; aqui entendemos por *provações um sistema de formação espiritual, que, inspirando-se simultâneamente no pensamento basilar de Santo Inácio e de S. Sulpício, especializa e universaliza, ao mesmo tempo, o esfôrço da alma, circunscrevendo-o a uma área muito restricta e só o conservando nela um tempo determinado, de sorte a percorrer sucessiva e progressivamente os diferentes estádios que conduzem à vida cristã e à perfeição evangélica.*

1.° — Escudado naquele pensamento da Imitação: «se conseguíssemos emendar-nos cada ano dum defeito, breve nos tornariamos perfeitos», Santo Inácio manda a seus discípulos que dirijam sucessivamente todo o esfôrço, ora para *cada uma das inclinações más, afim de as combater sem tréguas, até que sejam debeladas*, ora para *cada uma das virtudes, até que sejam adquiridas.*

Assim procedeu S. Francisco de Sales durante vinte anos para conseguir a virtude da mansidão cristã. E, advirta-se, é prática tão importante, porque ha defeitos tão adversos ao adiantamento espiritual, que é imprescindível, mediante ela, expurgá-los impiedosamente por uma vez, perseguindo-os com ardor até os colocar decisivamente fora de combate; e ha práticas por tal modo fundamentais, que não ha meio de avançar na virtude, sem primeiro as radicar sólidamente.

2.° — A escola de S. Sulpício, pela pêna de Tronson, propõe *para cada dia uma prática nova*, um aspecto

diferente de cada virtude ou obrigação, por forma a percorrer sucessivamente, segundo um plano metódico, tudo o que possa contribuir para a boa formação da alma. A grande vantagem dêste sistema é fugir à monotonia e por conseguinte ao tédio, que conduz tão fácilmente à sonolência e tibieza.

3.º — Santo Afonso auxilia-se dum e doutro sistema: propõe aos seus religiosos a *prática duma virtude determinada para cada dia do ano e convida-os a consagrar a cada uma trinta dias sucessivos.* Convem êste método particularmente às almas isentas de grandes defeitos, mas sujeitas ainda a umas tantas misérias.

4.º — Nalguns Institutos adopta-se o sistema de Santo Afonso, mitigado no seu exclusivismo. Consagram *apenas certos mêses* ao exercício duma virtude ou duma prática fundamental: durante trinta dias, a meditação, a leitura, as aspirações e orações, o exame e mais exercícios, não teem outro objectivo senão essa virtude ou prática, ficando livres os outros mêses para as demais necessidades de cada um. Tem a vantagem de, por um sistema de exercícios escolhidos e úteis a todos, proporcionar à alma uma formação sólida e completa — e ao mesmo tempo, deixar a cada um a faculdade de prover nos mêses livres às necessidades particulares.

Que sistema preferirá o confessor?

Seja qual fôr teóricamente a excelência comparativa de cada um, convem práticamente evitar todo o ostracismo, e, para o que se há-de escolher, atender às circunstâncias de pessoas, tempo e lugar. A máxima que devemos ter presente nêste caso é: «em tudo o que fizermos, consideremos o fim». Ora o fim supremo é a glória de Deus, pela perfeição da nossa alma e edificação do próximo; importa, pois, preferir o mais conducente a êste efeito.

A. — O sistema de Santo Inácio, que teóricamente parece mais racional, terá aplicação em três casos particularmente: *a)* para as almas de carácter e tendências firmes, de decisões generosas e seguras, fora do comum; *b)* quando uma alma, já bastante purificada, se sente fortemente atraída para uma virtude ou disposição importante: pois, neste caso, para que distraí-la sistemáticamente durante um mês ou mais, para assunto que se não coaduna com as suas aspirações, carácter ou género de vida? — *c)* quando um defeito notável e pernicioso é óbice considerável à vida espiritual. Obriga então a caridade a empregar todo o empenho em o rebater e subjugar: por conseguinte, em vez de tomar outro assunto para exame, envidem-se todos os esforços para o debelar, até que se arranque e extirpe completamente; a não ser que o penitente, cansado pela monotonia ou desanimado pelo inêxito, caisse em tédio invencível, que o reduzisse mais ou menos à inércia; é evidente que melhor seria suspender por algum tempo o terreno da luta, mudar de táctica, do que deixá-lo nessa apatia opressiva e penosa; aplique-se antes o esfôrço para exercício mais atraente, que pela novidade desperte as energias entorpecidas e consiga, reavivando o fervor, atacar indirectamente o defeito em questão.

B. — Os sistemas de Santo Afonso e de S. Sulpício conveem sobretudo às comunidades religiosas, porque nelas se fazem os exercícios conjuntamente e a vocação impõe a cada um o mesmo género de vida, as mesmas necessidades e aptidões fundamentais; são aplicáveis tambem às almas já formadas, que não teem preferências, nem inclinações imperiosas, nem tão pouco obrigações especiais.

C. — E' recomendável igualmente o sistema das provações, às pessoas piedosas, que, vivendo no mundo, necessitam, ainda que bem iniciadas e instruidas na vida espiritual, de limar e polir o carácter e de se aperfeiçoar no seu género de vida.

APÊNDICE

Diagnóstico e influência das disposições físicas na direcção espiritual

I — TEMPERAMENTO

Temperamento é a constituição física duma pessoa, considerada enquanto fundamento das suas aptidões e inclinações naturais.

E' sabido que existe estreita afinidade entre a compleição física do homem e o carácter. E compreende-se... os dois elementos constituitivos da natureza humana, alma e corpo, posto que distintos, conjugam-se numa união tão íntima, que é difícil tocar num sem repercussão no outro.

Pelo que, é bom de vêr, a parte física do homem tem influência importante sôbre a sua vida intelectual e moral. Uma constituição excelente ao serviço duma alma previlegiada é um instrumento magnífico nas mãos dum bom artífice... Pelo contrário, assim como um fraco instrumento, embora em mãos hábeis, nunca pode produzir maravilhas, assim tambem a compleição defeituosa nunca pode dar a esperança de resultados brilhantes.

Ora, a compleição corporal, a que chamamos temperamento, varia infinitamente, porque se nos traços essenciais a natureza é sempre a mesma, são contudo inúmeras as variantes acidentais, que diversificam tantas vezes, quantos fôrem os indivíduos. Ha, portanto, tantos temperamentos quantos homens sôbre a terra.

Há, entretanto, quatro temperamentos tipos, aos quais se subordinam, mais ou menos, todos os outros: *sanguíneo, bilioso, nervoso* e *flegmático* ou linfático.

Com efeito, não obstante a grande variedade de fisionomias, que vemos, é inegável que ha pessoas que

oferecem entre si semelhanças surpreendentes. Na compleição existe a mesma analogia, de forma que idênticas são também as tendências e aptidões. É o que permite uma certa classificação, não só útil, mas importante para a análise do temperamento de cada um, tal como as classificações da zoologia e da botânica, em história natural. Advirta-se, contudo, que é impossível o tipo puro de cada temperamento que nos serve de base.

Para compreensão mais fácil da distinção estabelecida, note-se ainda que constituição perfeita seria a que reùnisse numa proporção impecável e contivesse em actividade normal, todos os aparelhos do organismo humano, em que, portanto, as funções da respiração, da digestão, do sistema nervoso... se harmonizassem absolutamente. Acontece, porêm, que o equilíbrio se quebra ordinàriamente, predominando êste ou aquele sistema, em detrimento dos outros; ou até que todos sofram mais ou menos certa atonia e temos nêste caso, o temperamento *flegmático*. Se predominam as funções da respiração e circulação teremos o temperamento *sanguíneo*, se os da digestão, o *bilioso;* e o *nervoso*, se o sistema dos nervos é o preponderante.

Deveres do director, relativos ao temperamento do penitente.

a) — *Diagnosticá-lo*, estudando a constituição física e, portanto, as aptidões e inclinações predominantes.

b) — *Utilizá-lo*, valendo-se, em benefício da virtude, dos recursos que oferece.

c) — *Tê-lo em conta,* para avaliar o meio termo de condescendência ou de exigência, que tem de haver com o penitente.

d) — *Aperfeiçoá-lo*, reprimindo-o, quando fogoso e estimulando-o, quando apático; procure conseguir uma

justa proporção entre as diferentes funções fisiológicas, de sorte a provocar por repercussão, o equilíbrio moral. Serão utilíssimos neste caso, a medicina, a higiene, o género de ocupação e o ambiente.

Na «Medicina das paixões» diz o Dr. Descuret: «Sendo o homem modificado continuamente por tudo que o cerca, não só não fica muito tempo a mesma a sua constituição, mas até pode passar por uma metamorfose completa. Não falando nas alterações que operam os anos, se um indivíduo sanguíneo se transportar para os trópicos, virá a ser sanguíneo-biliosa a sua constituição; habite ao contrário, um paiz frío, um local húmido, pouco arejado, e o seu organismo, saturado pelos líquidos ambientes, experimentará diminuição de actividade e por fim definhar-se-há inteiramente». E' evidente que, a pretexto de medicina espiritual, não deve o Director constituir-se médico do corpo: *cuique suum;* mas não tira de adquirir uma ideia precisa das coisas, a fim de, com a requerida circunspeção, dar os conselhos que reclama o bem espiritual de cada penitente.

Sinais característicos dos temperamentos

1.º — Temperamento sanguíneo.

a) — *Sintomas corporais:* cabelo loiro ou castanho, — olhos azuis, — tez rosada, — fisionomia viva, — pele branca e transparente, — pulso activo e regular, — peito largo e proeminente, — corpo gordo, flácido, crescendo depressa e suando muito, — voz firme, suave e plangente.

b) — *Predisposições patológicas:* hemorragias, inflamações no cérebro e orgãos torácicos, hipertrofia do coração (Descuret).

c) — *Disposições psicológicas:* inteligência pronta, espontânea, pouco profunda, antes superficial; memória feliz, — imaginação ardente, donde fáceis sucessos nos pri-

meiros estudos, mas nos estudos superiores, que exigem espírito de investigação, eclipses parciais; — Coração afectuoso, torturado pela ância de amar, — vontade versátil, consoante à impressão do momento, — sonhos agradabilíssimos.

d) — *Aptidões sociais:* apresentação insinuante, relações fáceis, — franqueza, afabilidade, cordealidade, modos expansivos, jovialidade. Seduzem, encantam, arrastam, hipnotizam, mas colhem resultados mais brilhantes do que sólidos

e) — *Inclinações morais:* amigos da boa mesa e do jôgo; — amores apaixonados; — leviandades e propósitos inconsiderados; — mais ardor do que constância; — generosidade, dedicação.

2.º — Temperamento bilioso.

a) — *Sintomas físicos:* cabelo prêto ou escuro e maleável; — olhos prêtos, vivos e faiscantes; sobrancelhas espêssas; — expressão enérgica e severa; — tez morena; estatura mediana; — pele aveludada, com as veias subcutâneas salientes; — músculos vigorosos; — pulso resistente e rápido; — voz precipitada e abrupta.

b) — *Predisposições patológicas:* inflamações intestinais, e do fígado; — doenças graves com delírio; — afecções crónicas.

c) — *Disposições psicológicas:* inteligência variável; aptidões para sciências abstractas, grande capacidade de concepção, juizo sólido, mais génio do que espírito, mais largueza de vistas do que originalidade; — imaginação fecunda; vontade firme, inflexível, impulsiva e audaz; — coração duro; — paixões fortes, enérgicas, antes egoistas e concentradas do que afectuosas e expansivas. — Sonhos guerreiros.

d) — *Aptidões sociais:* decididos, intrépidos, de actividade impaciente, os biliosos avançam por cima de todas as dificuldades, nem desanimam em face de nenhum empreendimento. Quando se saibam dominar, podem prestar relevantes serviços; contudo o génio altivo, dominador, que naturalmente possuem, suscita-lhas irredutíveis oposições. Teem apresentação sêca, brusca e convívio impertinente, desabrido.

e) — *Inclinações morais:* dissimulação e desconfiança, espírito previdente, — ciúme, ambição desmarcada, — ódio entranhado, — cólera terrível, — às vezes, amor violento, — teimosia, — actividade.

3.º — Temperamento nervoso.

a) — *Sintomas físicos:* cabelo e olhos claros, barba precoce, — pele sêca, face oval, fronte ampla, mento esguio, — corpo esbelto e magro, — pulso lento, mas sensível, — voz baixa, — palavra muito articulada, — modos tímidos e desastrados, — sensibilidade física muito viva.

b) — *Predisposições patológicas:* tôda a sorte de nevroses.

c) — *Disposições psicológicas:* inteligência variável, mas espírito vivo e penetrante; — apreensão pronta de verdades metafísicas; — imaginação brilhante e fecunda; — sentimento do belo; — gôsto pelas artes e pela literatura; — sensibilidade profunda, sob aparente insensibilidade; — coração delicado, profundo e fiel; — vontade intermitente; — sonhos tristes.

d) — *Aptidões sociais:* convívio fácil e agradável, se não lhe excitam a sensibilidade; aliás melancólica e misantropia; — alternativas de sobreexcitação e depressão.

e) — *Inclinações morais:* sentimentalismo afectado,

— exaltação, excentricidade, — versatilidade, — ância por comoções suaves e sensações agradáveis.

4.° — **Temperamento flegmático.**

a) — *Caractéres físicos:* cabelo fino, loiro, cinzento, russo ou ruivo, — pouca barba, — olhos rajados ou averdados, sem fogo, — tez pálida ou levemente rosada, — saliva abundante; — corpo cheio, gordo, — músculos débeis, — pulso lento, — movimentos vagarosos e compassados, — voz fina.

b) — *Predisposições patológicas:* apatia, engurgitamento das glândulas, doenças crónicas (Descuret).

c) — *Disposições psicológicas:* inteligência lúcida, quási sempre judiciosa; — imaginação pobre; — insensibilidade; — coração bom, mas frio; dedicado, mas reservado; — sonhos agourentos.

d) — *Aptidões sociais:* trabalhos de grande fôlego, mas sem originalidade; — pouca habilidade em negócios; — timidez; — amor da solidão; — boas pessoas.

e) — *Inclinações morais:* inércia, desleixo, preguiça; paciência e longanimidade; — perseverança; — falta de carácter; — tendências para a intemperança nas bebidas e no tabaco.

O confessor e o temperamento de cada penitente

1.° — Precisam os *Sanguíneos* de direcção benévola, firme e constante e dum regulamento de vida bem ordenado. Apliquem-se primeiro às virtudes que condizem com o seu carácter: beneficência, caridade, dedicação. A pouco e pouco cortem ao supérfluo no comer e disponham-se para uma alimentação simples e frugal. Os afectos e ternuras do coração encaminhem-se antes para a

Eucaristia e para os pobres. Entreguem-se a trabalhos manuais prolongados e enfadosos, para amortecer os *estímulos* da carne, e habituem-se a ser considerados e prudentes.

2.º — Os *biliosos* necessitam de formação na pràtica da humildade, da condescendência e da mansidão; desconfiem dos primeiros movimentos e impressões, não falem, nem obrem sem reflexão séria e ponderada; previnam-se contra arrebatamentos, intransigências, actividade febril, zêlo inconsiderado e sonhos utópicos de fervor indiscreto.

3.º — Cumpre prevenir os *nervosos* contra excentricidades, sobreexcitações artificiais, impotências imaginárias, caprichos de carácter, depressões morais, desânimos. Chamem-se à piedade mais pelo sentimento do que por razões sêcas, rígidas e austeras. Moderem discretamente as impressões e transportes febrís, nas horas de incendrado fervor.

4.º — Os *flegmáticos* poderão tornar-se virtuosos, influenciados por um director, que estimule, arraste e desperte as energias latentes. Teem geralmente, diz o P. Debreyne, dois vícios capitais, dificílimos de combater ou prevenir, o onanismo na adolescência e o alcoolismo na idade viril. Debelados estes, fácil é formá-los nas virtudes, mas em virtudes que não exijam grande soma de sacrifícios, porque torna-os incapazes de grande esfôrço a flegma apática, que os especializa.

II — DOENÇAS

1.º — Repercussão na vida moral.

E' variável, diz Descuret, consoante forem *agudas* ou crónicas as enfermidades.

A. —*Doenças agudas*: *no princípio*, causam desigualdades de carácter, acabrunham o espírito e trazem ideias sombrias, tédios e aborrecimentos;—*No paroxismo*, prostração da inteligência, tristeza, ira, impertinência, depravação dos sentidos e susceptibilidades extraordinárias; *para o fim*, certa mudança das disposições morais.

B. —*Doenças crónicas*. Diz Descuret: «tornam quási sempre o carácter inquieto, irascível, sombrio, egoísta e teem acção lenta, mas pronunciada sôbre a inteligência. Os bilio-nervosos, contudo, conservam ás vezes nas maiores doenças toda a loquacidade e lucidez de espírito, sómente a palavra torna-se-lhes acrimoniosa e repassada de melancolia. Na maior parte dos doentes, é pesada a imaginação, nula a memória, nos casos de afecção mental, particularmente».

Atitude do director com os doentes.

O *histerismo* conduz à impaciência, ao amor e às antipatias preconcebidas, — a *paralisia* às comoções lacrimosas, — a *hidropisia*, o *reumatismo* e a *artrites* (gota) à irascibilidade, as moléstias *cutâneas*, igualmente, as doenças *intestinais* à tristeza, aborrecimento, enfado e espasmos e a *tísica* às ilusões. De sorte que: *a)* — atenderá o confessor à influência da doença para pesar a *responsabilidade dos actos* e *do procedimento*, porque as disposições morbosas podem diminuir notávelmente o *voluntário*.

b) — Deve tratá-los com indulgência, atenção e comiseração.

c) — Persuadí-los-há a que tomem com ânimo e perseverança os remédios receitados para a cura,

d) — e a que santifiquem pela paciência a enfermidade e os sofrimentos, *e)* procurando em *motivos de fé*, consolação e confôrto para não sucumbir, nem dar lugar ao desalento, aos queixumes e azedume.

CAPÍTULO TERCEIRO

Diferentes espécies de Direcção

Vimos no capítulo precedente, não só as disposições gerais a exigir de todo e qualquer penitente, que procura santificar-se, mas tambem os princípios que devem inspirar constantemente o confessor na direcção espiritual, e bem assim os meios que importa empregar.

Vamos ver agora na espécie, as leis que regem a vida espiritual, proporcionando a cada classe de penitentes os remédios mais salutares, para triunfarem das suas misérias e prosseguirem afoutamente no caminho da virtude. A direcção, embora a mesma sempre nas linhas gerais, varia de forma, ao adaptar-se às diferentes idades, vocações e estádios da vida espiritual.

Estádios da vida espiritual

I — DIRECÇÃO DOS PECADORES

1.º — **Guerra que ao pecado deve mover o director espiritual.** Há-de consistir o seu primeiro empenho em arrancar os penitentes do domínio nefasto do pecado. Nunca será demais o zêlo em tão árduo mister, porque impugnará o maior de todos os males, ou melhor, o único mal que existe, que por sua natureza visa a destruir as divinas perfeições e por conseguinte, a aniquilar o próprio Deus, soberano Bem; o pecado arrebata, outrosim, ao homem a vida eterna e priva-o do objecto su-

premo, que pode ùnicamente satisfazer todas as suas aspirações...

Com efeito, ora iludido e enleado nas ciladas do demónio, ora fascinado pelas aparências sedutoras dos bens limitados, ou então arrastado pela fôrça das paixões impudentes da natureza decaída, quão fácil não é ao homem extraviar-se por caminhos tortuosos, que o desviem do Bem Infinito de que falamos! Não pode pois haver obra mais humanitária e santa do que lançar mão firme do pecador, arrancá-lo ao império do mal e por conseguinte, à eterna condenação e mesmo já neste mundo a êsse grande cortejo de misérias, que formam o séquito lúgubre do pecado. Eis o que melhor do que ninguem deverá compreender o sacerdote digno, isto é, o padre abrasado no amor de Deus e no zêlo pela salvação de seus irmãos enfêrmos. Recordará constantemente a palavra do Salvador: «*non veni vocare justos sed peccatores...*», e assim tornará incansável o seu zêlo e incessante, de preferência para os infelizes que tanto necessitam de médico.

2.º — Expedientes para desarraigar do pecado.

Em toda a doença grave prescreve o médico regime higiénico e fortificante, como base para ulterior tratamento. Antes de indicarmos remédios especiais para cada enfermidade, apontêmos os remédios gerais, qual regimen fundamental na luta com o pecado.

Alêm do espírito de oração e de generosidade, que garantem, no combate, a cooperação da graça com a vontade humana, necessário se torna *incutir à alma um horror profundo ao pecado*. Firmado no coração êste sentimento, com raizes, não tanto fundamentadas em impressões passageiras, como em convicções sólidas, depressa se tornará impulsivo, comunicando à alma uma tenaz energia de resistência contra o mal. E' certo que nada é comparável à aversão instintiva ao pecado, que desde a infância comunica ao indivíduo uma educação

profundamente religiosa, mas a acção do confessor pode até certo ponto suprir a primeira educação, e, fecundada pela graça, levar o penitente a detestar quàsi habitualmente, quanto possa macular a consciência, ferir a alma e ofender a Deus. E, adquirida esta disposição, fácil é decidir-se a tomar cuidados contínuos e a empregar os remédios que prescreve o médico espiritual. E', portanto, de suma importância infundir-lhe no ânimo um horror santo por quanto possa ser nocivo à vida da graça. A. — **Para o que será táctica excelente abordar a alma pelo seu lado mais fraco e acessível.**

1.º — *A's pessoas muito amigas do aceio e limpeza*, cujos hábitos revelám tambem gôsto pelas artes e pelo belo, será oportuno descrever as monstruosidades, que na ordem moral encerra e produz o pecado: *a)* um ser despojado da sua beleza nativa, perde todo o encanto e mui depressa, em contraste com a antiga gentileza, só inspira horror e repugnância; assim o homem, quando cadáver, a quem com a vida foram arrebatados encantos e formosura.

Eis o que acontece tambem à alma morta pelo pecado: *privada da graça santificante*, que era a sua vida sobrenatural, perde os encantos, brilho e formosura que a faziam émula dos Anjos! desaparecem dela, apagam-se, os reflexos da divindade, para cederem o lugar a uma hediondez asquerosa, como cadavérica!

b) — Mas, antes disso, nada tão repugnante, já de per si, como o pecado!... se tudo o que é *desordem* é detestável, que diremos dum interior todo revolto, todo sobressalto e inquietação, na maior de todas as desordens, pela derrocada do edifício belíssimo, que Deus construíra pela graça e pelos mandamentos!

c) — *E' abominável o espírito de revolução e anarquia.* Quanto não foi indigno, revoltante e infame o procedimento de Absalão em luta contra seu pai... e quanto não é indigno, grosseiro e ignóbil o proceder do pecador, revoltado contra Deus!!...

d) — *E' triste, lastimoso, o estado daquele que é demente?* e que maior falta de senso, de juizo, do que a do pecador, que sacrifica os bens eternos às vilezas da terra, o Ser Incriado, o Infinito, ao transitório, criado e imperfeito! Não pode o pecador admirar-se de que haja Esaú trocado a primogenitura por um prato de lentilhas!

e) — *Causa horror a crueldade* no homem sanguinário, particularmente quando se sacia em sangue inocente. Pois, com òs judeus que sacrificaram uma vez sobre o Calvário, a Víctima mais inocente, rivaliza o pecador, que fere com crueza a mesma Víctima muitas vezes! *Rursum crucifigentes sibimetipsis Filium Dei* (Hebr. VI, 6.

f) — E a *ingratidão*, a negra ingratidão?! ha coisa mais horrenda?... pagar o bem, com o mal mais atroz, fazer do benefício recebido uma arma, uma espada para cravar no peito do bemfeitor?... Como não estremecer de horror, ao ouvir o povo de Deus reclamar em forte grita o sangue de Jesus!... E que não faz o ingrato pecador?...

1.° — *Aos penitentes que teem paixão e arte em aumentar os haveres terrenos*, precavendo-os contra tôda a sorte de ruína, urge descrever os horríveis estragos que nos domínios da alma produz o pecado, as ruínas que acumula e a inépcia a que reduz as faculdades morais. Os incríveis flagelos que num só dia desencadeou Satan sôbre o santo patriarca Job, são apenas uma imagem pálida dos grandes destroços que sôbre a alma, no momento do pecado, vêem acumular-se num instante os Anjos de Deus.

Naufrágio tremendo, onde se submergem tantos merecimentos, tantas graças, tantos sacrifícios!...

E, por mais que faça o pecador, emquanto perdurar a desgraça, não pode ser meritória para Deus acção alguma!...

3.° — *A's almas, a quem repugna o sofrimento, mas fascina o prazer*, descrevam-se claramente os terríveis

castigos que já neste mundo Deus inflige pelo pecado, a crua expiação que exige a sua justiça pelos pecados já perdoados, e os incomportáveis tormentos que no inferno torturam os réprobos. Por outra parte, recordará as inefáveis consolações que dispensará no céu às almas generosas Aquele que prometeu não ficar sem recompensa um copo de água dado em seu nome e o cêntuplo nesta vida de quanto se abandonar por seu amor.

4.º — *Aos de carácter altivo e notória independência*, mostre quam humilhante e indigna é a escravidão ao pecado. . . ; — como são pesadas e degradantes as cadeias, com que Satanás algema as suas infelizes vítimas, não só com a esperança sinistra de as não restituir à liberdade, ou ao menos de as vexar rudemente a cada passo que dêem para se levantarem, mas tambem no anseio crescente de as conquistar por completo para o seu império cruel e tirânico. . . ; — como são humilhantes os enrêdos das paixões e dos maus hábitos que por tal forma apertam e enlaçam o pecador, que nem a vergonha, nem o remorso, nem a perspectiva das mais cruciantes misérias, conseguem, por vezes, desenlear!

5.º — *Aos de natureza sensível e delicada*, em esbôço rápido e surpreendente, represente o martírio atroz do divino Crucificado. . ., desvende os horríveis estigmas de seus pés e mãos, tôdas as chagas de sua carne santíssima. . ., e revele sobretudo a agonia crudelíssima do seu imaculado Coração, sob a lúgubre visão dos pecados dos homens.

Observação: 1.ª — Outras circunstâncias há em que se pode inspirar o confessor para, por forma nova e original, sugerir considerações mais eficazes, porque não repisando ideias, hão-de ferir melhor e avivar a atenção e contrição.

2.ª — Não se pense que pretendemos circunscrever a cada uma das esferas supra enumeradas, correspon

dente categoria de almas e que não devamos apresentar a todas, reflexões diferentes ainda que não apropriadas à sua mentalidade. Somos adversos a exclusivismos e exagêros, pois tôdas as almas teem embrionáriamente as mesmas tendências e gôstos e todas as considerações lhes podem mais ou menos convir.

B. — Textos eficacíssimos para excitar à contrição perfeita:

1.° — *Escritura:* Egressus est a filia Sion omnis decor ejus. Quomodo obscuratum est aurum, mutatus est color optimus? (Thren. I, 6. IV, 1). Violabant me propter pugillum hordei et fragmen panis (Ezech. XIII, 14). Deum qui genuit te dereliquisti, et oblitus es Domini creatoris tui (Deut. XXXII, 18). Si averterit se justus a justitia sua, omnes justitiae ejus quae fecerat non recordabuntur (Ezech. XVIII, 24). Quasi a facie colubri fuge peccata. Dentes leonis, dentes ejus, interficientes animas hominum (Eccli. XXI, 2-3).

2.º — *Santos Padres:* Unusquisque peccando, animam suam diabolo vendit, accepta tanquam pretio dulcedine temporalis voluptatis (Aug. in Rom.). Luges corpus, a quo recessit anima, non luges animam a qua recessit Deus (Aug. Serm. 9). Qui facit peccatum servus est peccati et, quod pejus est, multorum servus: qui subjectus est vitiis, multis se mominis addixit, ut servitio ei exire vix liceat (Ambr. II Jacob. 3). Hoc sunt peccata lapsis, quod grando frugíbus, quod turbidum sidus arboribus, quod armentis pestilens vastitas, quod navigiis saeva tempestas: omnes scilicet, bonorum operum fruges destruit, animi facultates corrumpit, totum hominem ad interitum ducit (Cyp. S. 5 de lapsis). Malorum omnium maximum constat esse peccatum (Chyrs. Hom. 5. ad penit.). Crudelis et plane execranda malitia quae Dei potentiam, justitiam, sapientiam perire desiderat (Bern. De resurrect.). Quod in se est, omnia quoque quae Dei sunt tollit et diripit. (Bern.). Cur me graviori tuorum

criminum cruci affixisti? Gravior apud me peccatorum crux, in qua invitus pendeo, quam illa in quam, tui mi sertus, ascendi (Bern. Serm. 18). Cur addimus afflictionem afflicto? Magis aggravant Christum vulnera peccati nostri, quam vulnera corporis sui (Bern.).

II — DIRECÇÃO DAS DIFERENTES CATEGORIAS DE PECADORES

Reduzem-se pràticamente a três estas categorias, consoante a vida no pecado tem como origem: A) *a impureza*, — B) *a injustiça*, — C) *a irreligião*.

A. — Direcção das almas dominadas pela impureza

Merecem toda a compaixão e reclamam todo o zêlo do Director as almas dominadas por êste vício, como se verá pelas seguintes considerações:

1.º — *A paixão impura gera uma infinidade de faltas e de crimes.* O que não admira, constatado como está, que é ela, em suma, a aberração dum dos instintos mais impetuosos da natureza humana. E' de notar que a Providência se empenhou em facilitar ao homem, mediante o prazer, o cumprimento dos deveres primordiais que lhe impõe a natureza: conservação da espécie, conservação do indivíduo e desenvolvimento das faculdades humanas; proporcionou mesmo à importância do dever a intensidade do gôzo e a impetuosidade da paixão. A estas inclinações providenciais, radicalmente honestas, soltou as rédeas o pecado original, e desde êsse dia elas se lançam inconsideràdamente para o objecto dos seus apetites; com mais ímpeto porêm a mais fogosa, a paixão impura, de facto brutalmente arrastada para os prazeres mais violentos. Sem disciplina austera que a obrigue a entrar na ordem do seu fim providencial, conduz fatalmente de abismo em abismo os infelizes que se submetem à sua tirania. Paixão maldita, que nunca diz: «basta»

porque jamais se sacia. E' o que a experiência de todos os dias comprova, pois o impudico multiplica de contínuo as suas faltas, sobretudo interiores, com uma abundância incalculável, e não pode passar dia, nem hora, sem pecar gravemente, por pensamentos e desejos, pelo menos. Donde para êle, impossível realizar a importantissima recomendação do Salvador: «*estote parati*».

2.º — Estas faltas, por efeito do abalo profundo que produzem no sistema nervoso e da violência do prazer orgânico, que as acompanha, ***imprimem à natureza traços indéleveis***, que facilitam repetirem-se sem conta e geram depois o hábito, que por sua vez se torna quasi indestrutível; é o que constitui o perigo principal da impureza.

3.º — Emfim, êste vício torna-se para os cristãos praticantes um perigo freqùente de sacrilégio, por duas razões: a primeira, porque não há pecados que tanto custem a declarar na confissão como os pecados impuros; têem em si algo de tão degradante, que procuram de contínuo as trevas, o disfarce e o esquècimento. Para escapar à vergonha e desprêzo, habitua-se o impudico à mentira, à dissimulação e à hipocrisia, encobrindo até o mal com aparências de virtude, de sorte a incarnar-se por tal modo nêle o hábito da duplicidade que nenhum meio humano há capaz de o mover a declarar-se, e assim, ou esconde as faltas completamente, ou então faz uma acusação tão vaga e omissa, que o mesmo é que reticência sacrílega.

A segunda causa de sacrilégio dá-se com os que, tendo adquirido o hábito de se acusarem perfeitamente de todas as misérias, isto é, com verdade e sinceridade, não teem, nas confissões, contrição verdadeira, nem propósito firme. Abrem a consciência, declaram todas as torpezas, mas não sacodem o jugo pesado do hábito impuro, não renunciam enérgicamente ao vício maldito, de que se tornaram escravos. E quantas vezes, por isso,

perdem o gôsto pela oração, endurecem o coração e fecham a porta da alma à graça e ao arrependimento. Donde, não admira que Santo Afonso afirme que noventa e nove por cento dos que se condenam, devem à impureza a sua eterna perdição. Bastem estas considerações para inflamar o zêlo do homem de Deus, que tem a seu cuidado lançar mão firme aos naufragados na impureza. Feliz o impudico que tenha a sorte de encontrar, no caminho, o bom Samaritano, que derrame sôbre as suas chagas o remédio santo e salutar, que lhe proporcionará a cura!

Note-se, entretanto, qne a tarefa é *árdua e penosa*. Para tirar do abismo o desgraçado, quantos estádios a percorrer!... arrancar-lhe, à força de paciência e de santas indústrias, uma sincera acusação... dissipar de diante dos seus olhos a nuvem tenebrosa que lhe oculta o horror e o perigo do estado da sua consciência..., restituir-lhe a dignidade e nobreza, de que se privou... tonificar-lhe a vontade, que tanto rebaixou, sob os vis impulsos das míseras paixões... retemperar com o sobrenatural, uma alma que tanto se materialisou com a violência infrene da carne... soerguer para o céu aspirações que completamente se mergulharam na lama e na imundície.. oh! emprêsa magna, rude e escabrosa, que exige a maior soma de zêlo no que se abalançar a efectuá-la!

4.° — Obrigações do Confessor.

a) — *Empenhe-se em obter confissão sincera*

Como dissemos, o vício impuro procura as trevas, esconde-se; e, o impudico obrigado a declarar-se, treme e cora, por isso que tais acusações repugnam mais que quaisquer outras. Pelo que, as pobres almas, feridas pelo contágio imundo, que no princípio não tiveram a felicidade de topar com director hábil e sagaz, que prescrutasse até ao mais íntimo as suas misérias e as levasse a

uma sincera e completa declaração, resignaram-se, infelizes! a um triste e criminoso silêncio, ou quando muito, apenas denunciaram tìmidamente algum pensamento consentido ou desejo mais ou menos demorado. Mas, é indispensável, custe o que custar, para curar a chaga, descobri-la completamente; quando a gangrêna começa de invadir o organismo, ai do médico que não corta e retalha, a tempo de salvar o que está são! Urge, pois, que o confessor revolva e explore até ao mais íntimo da alma. Com toda a arte, qual médico experimentado, com toda a delicadeza qual irmã de caridade, sonde corajosamente a chaga em toda a profundidade. Sem curiosidade lasciva, mas tambem sem pejo descabido e culpável, leve as investigações até ao mais recôndito da consciência, revolvendo imaginações, pensamentos, desejos, palavras, olhares e acções, inteirando-se das circunstâncias que agravam ou mudam a espécie, até juizo perfeito e pleno de toda a enfermidade. Realize êste trabalho, debaixo do olhar de Deus, movido pelo espírito de fé, com a segurança e firmeza do perito, que sàbe da sua arte e com a paciência e bondade da mãe que trata seu filho. Hesitações importunas, manifestações de espanto, enfado e precipitação, podem frustrar declarações já esboçadas; por isso, antes animado pelo auxílio que implorou do Senhor em prece ardente, convicto e firmado na autoridade de sacerdote, com o coração a arder em zêlo e a alma retemperada no amor inviolável da pureza, incline-se misericordiosamente para a alma ferida, ausculte-a minuciosamente e só se levante quando tenha posto a descoberto todo o mal.

b) — *Investigue as causas do mal.*

Para criteriosamente tratar uma doença é necessário conhecer-lhe as causas. Indague, portanto, com diligência, o médico espiritual as origens donde procedem as faltas. Umas vezes, é uma afeição sensual, mal reprimida, que sugere devaneios lúbricos e imaginações voluptuosas..., outras, serão comunicações e trato imprudentes,

que originam ocasiões perigosas e sensações impuras...; pode ser tambem a freqüência com pessoas incontinentes nas acções e nas palavras... Indagando mais, não serão as revoltas da carne fomentadas por mesa lauta e abundante? por qualquer ocupação, menos conforme ás exigências da modéstia? por leituras febrís e apaixonadas? por divertimentos demasiado livres e impróprios? ou será Satanás o instigador, ou mesmo os tres inimigos juntos? Conforme a resposta a estes quesitos será, mais por um modo ou por outro, a decisão do confessor, quando em tal estudo empregue todo o esfôrço e sagacidade.

c) — *Procure remediá-las.*

Feito o diagnóstico, *advirta-se o enfêrmo da gravidade do mal, receitem-se os remédios e estabeleça-se o regime.* Prevenir de tão grave estado os infelizes, tarefa é tão difícil quão delicada. Fazê-lo com despropósito, não seria ferir profundamente a disposição actual do penitente e redobrar para o futuro a dificuldade em se declarar, bem como dar aso a novos sacrilégios? fazê-lo cair no abatimento, de forma paralizar qualquer esfôrço de conversão? e, o que é pior, causar-lhe no ânimo horror pela confissão e desprêzo pelos sacramentos?

— E' indispensável, por certo, abrir os olhos a cegos desta natureza..., despertar-lhes a alma entorpecida, sensibilizar-lhes o coração, formar-lhes rectamente a consciência e fazer-lhes ver quanto é melindrosa a bela virtude da pureza; mas tudo isto deve fazê-lo o confessor sem desabrimento, sem brutal severidade, antes com paciência e extrêma caridade. Feita esta prevenção, urge fortificar a vontade, retemperá-la num banho santo de santa energia, dispô-la fortemente para a luta e levá-la com esfôrço valoroso para o combate. Topar-se-há, por vezes, desanimada e abatida. Imprima-se-lhe alento e confiança, reacenda-se-lhe o entusiasmo pela beleza da virtude e electrize-se-lhe o espírito pela consideração dos triunfos obtidos, pela perspectiva de novos louros e pelos exemplos admiráveis, que lêmos nas vidas dos Santos;

numa palavra, emposse-se da alma, dominando-a pela influência fascinadora duma santa sugestão.

Desde logo, ela estará disposta a receber todas as prescrições e a observar a regra de vida regeneradora de que precisa; estará pronta a todos os sacrifícios e decidida a todas as medidas de precaução.

Por fim, só ficará o cuidado de garantir a perseverança mediante contas prestadas regularmente e assídua vigilância do Director. E' então que necessário e importantíssimo se torna, para o pobre enfêrmo, que, longe de vaguear de confessor em confessor, procure ser fiel às prescrições de um só médico, que sonde e pense todas as chagas, com zêlo ardente e caridade extrêma.

5.º — Considerações utilíssimas para esforçar o penitente na prática da virtude da pureza.

A. — *Fundar-se* primeiro em motivos de *ordem sobrenatural;* só estes podem produzir a contrição necessária para a absolvição e tambem, são por si os mais eficazes:

a) — *Infundir no ânimo do pecador grande horror ao vício impuro.* O próprio Deus recorreu a tal processo no A. Testamento, para reprimir as paixões do seu povo: feriu com golpes terríveis e por fim com o dilúvio, o mundo corrompido e no tempo de Abraão consumiu e abrasou com uma chuva de fogo as cidades de Sodoma e Gomorra, bem como toda a Pentápole.

Demais, considerem os impudicos as seguintes passagens dos livros Santos e dos Padres da Igreja:

Non permanebit spiritus meus in homine in aeternum, quia caro est (Gen. VI, 3). Neque fornicarii, neque adulteri, neque molles... regnum Dei possidebunt (I Cor. VI, 10). Nescitis quoniam corpora vestra, membra sunt Christi? Tollens ergo membra Christi, faciam membra meretricis? (I Cor. VI, 5). Sciat unusquisque vestrum

vas suum possidere in sanctificatione et honore (I Thess. IV, 3). Fornicatores et adultores judicabit Deus (Hebr. VIII, 3). Fornicatio et omnis immunditia nec nominetur in vobis, sicut decet sanctos (Eph. V, 3). Hoc scitote intelligentes, quod omnis fornicator aut immundus non habet haereditatem in regno Christi et Dei (Eph. V, 5). — Ubi incipit quis luxuriari, incipit deviare a vera fide (Amb. Ep. ad Sab.). Ex quo luxuria cujusquam mentem occupaverit, vix eum bona cogitare permittit. (Greg. 22 moral.). De luxuria coecitas mentis, odium Dei, affectus praesentis saeculi, horrcr autem aut desperatio futuri generantur (Greg. 13 moral.). Quanta iniquitas et quam lugenda perversitas, ut animam quam Christus sanguine suo redemit, luxuriosus quisque, proppter unius momenti delectationom, diabolo vendat (Aug. Serm. 250 de temp.). Lascivia mater impoenitentiae (Cypr. de bono pud.)

b) — *Inspirar-lhe ao mesmo tempo grande estima pela virtude da pureza*, porque só o temor da luxúria pelos seus efeitos perniciosos, nem sempre convence, pelo motivo de só serem palpáveis e terríveis após longa série de excessos; por isso, tais considerações deixam quàsi sempre insensível e até scéptico o penitente, que consigo pensa nunca chegar a grandes desregramentos. E, mesmo que concebesse sério horror pelo vício impuro, bem depressa êste sentimento se apagaria, porque facilmente nos familiarizamos com o perigo e, além disso, «*violenta non durant*». E' preferível, pois, insistir sobre a beleza e encanto da virtude, até radicar por ela no ânimo de cada um grande apreço e amor verdadeiro.

Mostre-se como a pureza nos aproxima do estado da integridade original, nos torna émulos dos Anjos, filhos de Deus e herdeiros da recompensa eterna; como Jesus testemunhou sempre predileção por ela, nas pessoas da Virgem, sua Mãe, de S. José, de S. João, das criancinhas..., a glória particular que na eternidade reserva o Cordeiro Imaculado à virgindade.., como a

pureza aviva a fé, consolida a esperança, alimenta a caridade, imprime vigor e fortaleza cristã, opera prodígios admiráveis de dedicação e encontra ocasiões numerosas de pagar, na luta, a pena temporal e de alcançar merecimentos incalculáveis..., como emfim foram incomparáveis e sublimes os triunfos desta virtude no decurso dos séculos, depois de Jesus Cristo, particularmente no tempo das perseguições...

B. — Subsidiàriamente, — recorrer, com almas de fé lânguida, particularmente, a motivos e *considerações de ordem natural:* estragos que causa a impureza em tudo quanto é nobre apanágio do homem: enfraquecimento das faculdades mentais, efeminação da vontade, ruína dos sentimentos nobres e delicados, falta de dignidade humana, escravidão vergonhosa, remorsos, tédios, tristeza... enfermidades, ruína da saude, velhice precoce... emfim, um cortejo interminável de calamidades que a luxúria acarreta comsigo!

Observação. — E' evidente que não devem ferir-se todas estas cordas ao mesmo tempo e esgotar por uma vez reflexões tão profícuas e valiosas. Cumpre variá-las e alterná-las, para que o interêsse da novidade fira a atenção e reforce as considerações do director; e como a guerra de bloqueio contra a impureza, é ordinariamente demorada, vantagem será haver no arsenal, de reserva, munições em abundância. Procure tambem as considerações mais consentáneas à mentalidade e temperamento do indivíduo..

6.º — Remédios e garantias de triunfo na luta contra a luxúria.

Resume-se em dois enunciados o que cumpre fazer no tratamento das almas atacadas pela luxúria: *enfraquecer a carne* — e *fortificar o espírito.*

De facto, é a impureza o triunfo da carne sobre o

espírito. Com um egoísmo revoltante e crueza inaudita, o corpo sacrifica às suas ignóbeis satisfações os interesses superiores da alma, e reduz à escravidão mais miserável esta sua companheira, que Deus lhe deu para o governar. Contudo esta não chega sem luta a tal abjecção, porque tem consciência da sua dignidade e superioridade; tenta primeiro reagir e fazer valer as suas nobres prerogativas, entrando em duelo com o seu feroz inimigo, deante do qual quando sucumbe, é por falta de preparação para o combate e porque muitas vezes o poupou, em vez de jugular; ao passo que êste, por sua parte, se preparava e avançava ousadamente, de concurso com os seus aliados temíveis, mundo e diabo. *Importa, pois, para retomar a ofensiva, recuperar forças e dividir, para debilitar até à derrota, o adversario.*

1.º — *Debilitar a acção dos inimigos:*

a) — submeter *a carne* à disciplina da mortificação cristã; os de temperamento sanguíneo praticarão a sobriedade no comer e no beber, banindo em particular alimentação muito reconfortante; os nervosos hão-de evitar excitantes, e os de natureza exuberante hão-de recorrer a penitências corporais, às vezes a macerações, na medida da prudência, como deixamos dito, a quando «da mortificação»; e todos, de necessidade, se hão-de entregar ao trabalho e a ocupações, porque a ociosidade, é grande inimiga da virtude. *b)* — O segundo inimigo — *o mundo* — tenha-se a distância pela fuga das ocasiões: companhias, espectáculos, divertimentos, módas contrárias à modéstia cristã... (*Vid. supra-Das ocasiões*). *c)* — Afugente-se o *demónio*, absorvendo o espírito em ocupações sérias e úteis, frequentando a Eucaristia, empregando os Sacramentais, emfim, vigiando-o continuamente.

2.º — *Fortificar a alma,* — *a)* pelo concurso das suas aliadas espirituais, especialmente pelo alto patrocínio da Virgem Imaculada, Mãe de Deus e mãe da castidade; —

b) reconfortando-a na piedade pelo auxílio da graça, sob todas as formas: oração, meditação e particularmente a confissão e comunhão.

Corolário. Práticas muito úteis e eficazes para viver castamente: 1. — Enquanto não estiver extirpado de todo o mau hábito, confessar-se muitas vezes, mesmo logo depois da queda e, quanto possível, ao mesmo confessor. E' prática que recomenda Toleto na sua Suma, l. 5, cap. 13, 2. 2. — Comungar frequentemente e até todos os dias, com o maior fervor. 3. — Recitar pela manhã e à noite 3 Ave-Marias, com a invocação: ó Maria, concebida sem pecado...; a oração: ó Senhora minha, ó minha mãe! eu me ofereço... 4. — Ao adormecer, ficar com o terço na mão e meditar nos «novisimos». 5. — Pela manhã, ajoelhar diante duma imagem da Virgem, estendendo para ela as mãos, com promessa de as não manchar nêsse dia. 6. — Reiterar todos os dias diante do Crucifixo a resolução de conservar puras as mãos, em honra das Chagas das mãos do Senhor e do Sangue puríssimo que derramaram. 7. — Ter a coragem de se impor uma penitência por qualquer falta grave contra a pureza, v. g. a Via-Sacra, uma esmola, tal privação, etc, 8. — habituar-se a trazer no pensamento a lembrança da presença de Deus, do Anjo da Guarda e recorrer freqùentemente às orações jaculatórias.

B. — Direcção das almas, atreitas à injustiça

E'objecto de solicitude particular do confessor a injustiça, porque é ela prejudicialíssima à vida da graça, tanto mais que se comete muito fàcilmente e por muitos modos.

1.° — *A cubiça, (a sêde de ganho e de riqueza), arrasta muitos homens para os caminhos da injustiça.*

O furto pratica-se por muitas formas, às vezes bem sabtís: cobrar lucros demasiados no comércio... lograr no pêso e na qualidade... contraír dividas, que depois

se não poderão solver... colocar-se em condições de as não satisfazer... receber, por fraude, salário que não foi ganho... aconselhar à injustiça e participar... reter objectos achados, emprestados ou roubados, etc.

2.º—*A injustiça deve repugnar a toda a alma cristã.*

a) — E' uma falta das de maior risco para a salvação, porque quando instalada na alma, arrasta-a aos peores excessos; na posse do fruto do seu crime, é dificílimo desapossá-la dele e obrigá-la a restituir.

Mostra a experiência que furtos se cometem muitos, e restituições se fazem poucas, e contudo é certissimo o axioma: «sem restituição, não pode haver perdão»; «*neque fures regnum Dei possidebunt*», diz S. Paulo (I Cor. VI, 10). *b)* — A injustiça é um dos principais fermentos da *desorganisação social.* Favorece o culpado e deprime o inocente; confia ao crime a distribuição dos bens deste mundo, que bruscamente desloca; é mãe da mentira, da violência, da ferocidade, outros tantos flagelos, que perturbam o viver social. Quantos crimes não teem como móbil apenas o furto! *c)* — Entre cristãos, o furto *desprestigia a religião...*, porque, é de notar, o hábito de furtar concilia-se bastante com uma certa religiosidade...; será o senso da probidade corrompido e embotado, que não faz sentir, como faltas, hábitos que a princípio se justificou com escusas faceis?.. será o instinto de hipocrisía, que pretende iludir suspeitas ou incriminações já esboçadas?. . O facto existe e os efeitos são: descrédito para a religião e certo receio de solidariedade com os crentes e probos, porque com êstes se acotovelam êsses tais frequentemente nos exercícios de piedade.

3.º — *Para radicar no ânimo do penitente o espirito de probidade,* submeta-o com persuasão, às considerações seguintes: — *a)* — Deus tem horror à injustiça e palavras terríveis de reprovação para os que a cometem: «*neque*

fures regnum Dei possibedunt». — *b)* — Deus vela pelos direitos de cada um; disposição providencial, sem a qual é impossível equilíbrio na sociedade. Demais, o furto não enriquece, porque Deus tem modos mil de fazer falir o que foi mal adquirido. — *c)* — E' a injustiça, depois da luxúria. a principal causa da perdição dos homens, pois que sem restituição não pode haver perdão. Ora, quantos e quantos se escusam de restituir! — *d)* — pelo que, forte loucura!... se tem o injusto de restituir, como tem, que lucrou? e quantos embaraços para o efectuar!... se não restitue, não se salva. — *e)* — As causas principais de cubiçar o alheio são: a inveja, o ódio, o orgulho e a ambição. — *f)* — a injustiça é desonra e indignidade para o homem que se preza: se a comete secretamente, é vileza, se declaradamente, é brecha que abre na sua reputação. — *g)* — Para que farei a outrem o que não quero que me façam?...

Descoberta a causa ou causas da injustiça, — a cubiça? a vaidade? o ciume? a inveja? a intemperança? a preguiça? — hão-de combater-se pelos meios que oportunamente registaremos no decurso dêste trabalho.

C. — Direcção das almas dominadas pela irreligião

Como se reconhecem? — *por faltas graves de respeito para com Deus, ou por ataques directos contra a Divindade.*

Os nossos deveres para com Deus agrupam-se sob categorias, em numero de oito; infringir qualquer, é indício de falta de espírito de religião.

1.ª — *Respeito devido à Magestade de Deus.* Peca-se gravemente contra este dever: *a)* passando tempo considerável sem pensar em Deus e sem lhe dirigir preces e culto devido; *b)* desnaturando as práticas religiosas, convertendo-as (ou misturando-as) em práticas supersticiosas e ridículas; *c)* referindo ao demónio relações que só devemos ter com Deus: adivinhação, magia, feitiçaria, sor-

tilégio, nigromância, etc. *d)* apoiando com votações os inimigos de Deus e da religião.

2.ª — *Respeito devido ao nome de Deus.* — Ha infracção grave: *a)* quando se invoca o nome de Deus em testemunho da mentira ou como garantia de compromissos iníquos (perjúrio e juramento promissório); *b)* quando se fala desdenhosa ou injuriosamente, de Deus, dos Santos e coisas sagradas, ou quando se coopera (escrevendo ou assinando) com revistas ou produções blasfêmas (blasfêmia oral ou escrita).

3.ª — *Respeito à palavra de Deus.*

Quem duvidar voluntàriamente..., pusér a ridículo, passagens da Sagrada Escritura... ou tratar com desdêm e desprêzo a doutrina revelada, comete falta grave.

4.ª — *Respeito às pessoas consagradas a Deus.*

Falta-se a êste dever *a)* maltratando-as físicamente, *b)* violando os votos que as consagram a Deus; *c)* insultando-as, ou criticando injuriosamente, *d)* desprestigiando o padre pela calúnia... por insinuações malévolas... pela propalação de escândalos sensacionais .. *e)* atacando com afinco, desdêm e sistemàticamente as ordens religiosas.

5.º — *Respeito devido às coisas sagradas e instituições divinas.*

Ha falta grave: *a)* quando alguem se confessa sem sinceridade e sem propósito firme; *b)* quando scientemente recebe em pecado mortal a SS.ma Eucaristia; *c)* quando recebe indignamente qualquer sacramento; *d)* quando subtrai em quantidade grave qualquer haver, pertença da igreja ou coopera para isso; *e)* quando pratica tráfico venal com cousas espirituais (simonia).

6.ª — *Respeito devido aos lugares sagrados.*

E' pecado mortal: *a)* praticar em lugar sagrado

acções gravemente criminosas; *b)* profanar os Cemitérios com inumações proibidas; *c)* violar as leis da clausura monástica.

6.ª — *Respeito devido aos Domingos e dias santificados.*

Ha violação grave: *a)* trabalhando sem necessidade evidente por tempo considerável em obras servís; *b)* faltando à missa, sem impedimento legítimo, ou estando a ela voluntàriamente sem atenção.

8.ª — *Respeito devido às promessas e votos.*

E' pecado mortal violá-los quando obrigam sob pena grave.

1.º — Como, dum modo geral, levantar, o sentimento religioso de tais penitentes?

Por considerações como as que seguem:

a) — Os deveres para com Deus são os *de maior importância.* Ninguem como Deus tem sobre nós tantos direitos... Não é contrasenso respeitar os direitos dos outros e não os de Deus?

b) — São os deveres *mais urgentes.* Acatá-los e reconhecê-los é corresponder à necessidade mais imperiosa, profunda e íntima da nossa natureza. E' um monstro o homem irreligioso; um sábio definiu o homem por estas palavras: *«o homem é um animal religioso».*

c) — São os *mais profícuos.* Orientando-nos para o Bem Supremo, necessàriamente encaminham para a Suprema Beatitude...; predispondo em nosso favor a divina Misericórdia, acarretam ao mesmo tempo bençãos incomparáveis.

d) — *Flagelos tremendos* tem descarregado sobre os

povos a violação dêstes deveres. Com fomes, estiagens e mortandades, feriu Deus muitas vezes o seu povo, por se voltar para *deuses alheios.*

e) — Ai do homem, da família e da sociedade sem Deus! Em que princípios se hão de fundar para a paz, concórdia e harmonia social? que freio hão-de opôr às paixões? e onde buscar bálsamo e consolações nas contrariedades da vida?...

1.º — Como elucidar e convencer (em especial) um espírito anti-religioso?

Procure-se a causa da irreligião para a combater e desarreigar; dissipe-se ignorância e preconceitos; retirem-se ou neutralizem-se influências más ou perigosas; torne-se simpática, quanto possível, a pessoa do padre.

E' claro, que, sendo o homem obra de Deus, a verdadeira religião, que regula as suas relações com o Criador, há-de com certeza, corresponder às necessidades mais íntimas da natureza, e, por conseguinte às aspirações tambem de todo o coração bem formado e não depravado. O facto de haver homens realmente adversos à religião, é apenas efeito da depravação, de deformação mental ou da ignorância. Pelo que, se impõe urgentemente a necessidade de extirpar a causa dum tal estado de espírito.

a)—Para certos espíritos superficiais e malévolos, os nossos dogmas não passam de concepções ingénuas, indígnas de inteligências nobres e que se respeitam; as prescrições morais são disciplina arbitrária, deprimente e até anti-natural; as ceremónias da Liturgia, comédia ridícula, superstição, idolatria; os padres uns ociosos, ignorantes e déspotas; as despezas do culto prodigalidades vergonhosas, arrancadas ao suor dos que trabalham e à miséria dos pobres; a Igreja, uma agência cúpida e am-

biciosa, que explora hipócritamente em seu proveito a credulidade da humanidade.

Ha quem diga que tais modos de vêr, derivam dos preconceitos em que creaturas tais foram educadas; porém a maior parte das vezes são hauridos nos jornais anti-católicos e na frequentação de sociedades ímpias. De sorte que, para transformar mentalidades desta natureza, é indispensável que tais pessoas deixem as más leituras e as más companhias. Lévem-se a assistir a conferências e prègações religiosas, entreguem-se antes a leituras que insinúem e provem a verdade e necessidade da religião. E' evidente que só à fôrça de muita paciência, bondade e dedicação se poderá conseguir algum resultado.

b) — Para outros, a religião é unicamente o padre; portanto, é ela a responsável por todas as invectivas aos seus ministros. Se o padre comete uma falta, real ou imaginária, eí-los de lança em riste contra a Igreja, que perseguem com o desprêzo, o ridículo e campanhas infames intermináveis. A tais infelizes procure-se convivência com um sacerdote pio e caritativo, que os desanuvie de atmosfera tão falsa como maligna.

c) — Mas o que é muito certo é que quàsi sempre a imoralidade e o desregramento são a origem de tanta animadversão. O vicioso vê na religião um freio e tenta rompê-lo com ódio e aversão tenaz contra ela. Neste caso, é bom de ver, comece-se por lhes sanar o coração.

3.º — Como triunfar da indiferença religiosa?

Vencendo as causas, a saber, os respeitos humanos, os cuidados excessivos da vida presente, o meio em que se vive e a má educação da primeira idade.

Como meio geral, será excelente levar o penitente a fazer exercícios espirituais. Depois, conseguir-se-há que entre em alguma associação pia, onde, a solidariedade e

o exemplo são fôrça poderosa contra os respeitos humanos..., as instruções, persuasivo fermento de reacção contra a apatia... e o regulamento, uma voz a convidar continuamente ao cumprimento dos deveres religiosos. Mas convem que se ataquem uma por uma as causas especiais: a) *respeitos humanos: é cobardia* e falta de dignidade, envergonhar-se de manifestar as convicções religiosas, quando os maus mostram suprema audácia em ostentar a sua impiedade; *é traição* infame renegar as promessas tão solemente feitas no báptismo e reiteradas na primeira comunhão; *é escravidão* e vileza acobardar-se perante as palavras: «que dirão de mim? ...» e assolapar-se estólidamente sob a férula dos maus; *é quasi* uma *apostasía* e um passo para a incredulidade disfarçar vergonhosamente a sua crença, quando propalam afoutamente seus erros os ímpios; *é ingratidão* monstruosa e afronta ignóbil contra o Salvador, envergonhar-se dÊle diante dos homens sabendo que nos deu o exemplo duma vida tão pura e uma doutrina tão santa e sublime.

b) — *Cuidados da vida presente.* — «Procurai antes de tudo o reino de Deus e a sua justiça e o mais vos será dado em acréscimo» — diz Jesus no sermão da montanha.

c) — *Meio em que se vive.* — O ambiente mau, sem reacção, é sempre fatal. Viver em familias, escolas, oficinas, bairros... onde se não pratica a religião, o mesmo é que deixar-se sugestionar a pouco e pouco por tais exemplos e familiarizar-se com a indiferença religiosa. Com almas nestas condições precisa o Director de exercer magna vigilância e curar de as pôr em contacto com pessoas probas e virtuosas, afim de neutralizar a influência desmoralizadora do meio.

d) — *Educação deficiente.* — São mais tenazes e arreigados, os hábitos contraídos na infância. Práticas religiosas não inoculadas nessa idade, são dificílimas de infiltrar posteriormente; mas um zêlo ardente e porfiado, muito pode conseguir. Recorde-se o provérbio: «Labor improbus omnia vincit».

4.º — **Como desviar das más leituras?**, — sugerindo:

a) — que dizer dum filho que com agrado comprasse e lêsse escritos, em que seu pae e mãe são verberados cruàmente, caluniados, insultados?...

b) — Um veneno, ainda que em pequena quantidade, que se vá absorvendo, dia a dia, termina por contaminar todo o organismo, que satura de germens de destruição e de morte.

c) — Sintôma é de péssimas disposições, por escritos sãos e benéficos, ler os que blasfemam de Deus e da lei que deu aos homens.

d) — «Dize-me com quem vives, dir-te-hei as manhas que tens».

e) — E como são miseráveis as desculpas que apresentam: — «nada encontro que me faça mal!» Mas a Igreja que é juiz competente e único em matéria de fé, proclama que tais leituras são perniciósas... Se não vês, é porque é viciada a tua visão ou não compreendes... Não te fazem mal? não será isso orgulho e presunção?... Como colocar a mão sobre as chamas e não se queimar? — Como aspirar gazes deletérios e não asfixiar?...

5.º — Como corrigir o hábito de blasfemar?

a) — Concebendo por êle *grande horror*.

E' um pecado diabólico, que não tem atenuantes: noutros pecados é móbil o prazer, o interêsse, a honra, nêste não pode admitir-se escusa alguma.

b) — Incitando o penitente a impôr-se o propósito firme, cada manhã, de não blasfemar e a penitenciar-se

por cada falta, com o arrependimento, aspirações para Deus (Laudetur J. C., etc) ou obra pia.

Advertência. — Só é blasfêmia a palavra ou palavras injuriosas a Deus ou aos Santos, ou, pelo menos, proferidas com intenção ímpia.

6.º — Como obviar à profanação do domingo?

Reflexões: a) — Temos tanto tempo para consagrar aos interêsses da vida, às nossas ocupações, cuidados e divertimentos, e não teremos ânimo de consagrar ao Senhor e ao bem da nossa alma, um dia, cada semana?

b) — Temos talvez em brio sermos cavalheiros com os nossos semelhantes, e para Deus não teremos sequer a mesma delicadeza?

c) — Não é abominável fazer do dia do Senhor o dia de Satanás? E' o que praticam os que, nos dias de descanso, se entregam aos vãos divertimentos e à imoralidade, como que preferindo-os para saciarem as suas paixões.

d) — E' facto da experiência, que os castigos e maldição do Deus todo poderoso pésam particularmente sobre os cristãos que profanam o domingo. O trabalho dêstes dias nunca foi lucrativo.

e) — Demais, quanto é necessário e benéfico o respeito pelo dia do Senhor! Suspendendo o trabalho, o homem descansa, recobra fôrças, goza as alegrias da família e lança uma gota de bálsamo no mar amaríssimo da sua existência!

7.º — Como arrancar o penitente à sociedade anti-religiosa?

Considere que a Igreja é mãe santa, que cerca de carinhos a seus filhos; só por ela nos podemos salvar. E não lhe serêmos gratos? que diriamos do filho que se coligasse com os inimigos de seus pais, os beneficiasse

com desvêlo, não obstante amargurar duríssimamente o ânimo dos que lhe deram o ser!?

8.º — Como obstar ao sacrilégio?

Convencendo o penitente da malícia e hediondez dêste pecado e de suas terríveis consequências. Deus tem fulminado de morte repentina muitos profanadores das coisas santas... E, que audácia! uma vil criatura ousar calcar aos pés, profanar indecorosamente, o que é santo aos olhos de Deus, dos Anjos e dos homens!

III — DIRECÇÃO DAS ALMAS TÍBIAS

São tíbias as almas, cuja vida sobrenatural, frouxa e lânguida, lhes não permite praticarem a virtude e cumprirem os seus deveres, senão com indolência e fastio espiritual.

A actividade das energias divinas, na alma infundidas pela graça, elevando-a e aplicando-a à consideração de Deus, eis o que constitui a *vida sobrenatural.*

Manifestam-se estas energias primeiro na inteligência pelo germen da *fé*, esboçando na alma uns inicios de vida...; ocorrem em seguida os eflúvios da *esperança*, que lançam para Deus os seus desejos e operam no coração uma fermentação benéfica, onde já a vida se revela activa...; finalmente, a *caridade* difunde em toda a alma as suas chamas, produzindo uma saùdável efervescência, que, consumindo-a gradualmente em amor, a transvasa completamente em Deus.

Quando estes fenómenos de transfusão em Deus se produzem com *plena actividade* pelo trabalho da caridade e virtudes que a acompanham, diz-se metafòricamente que a alma é *fervorosa* (calidus, *quente*, apoc. III, 15). Quando, pelo contrário, ainda que na graça de Deus, se encontra a alma tão remissa na sua vida sobrenatural que a fé, a esperança e a caridade apenas revelam actividade *ténue* e apagada, diz-se que é *tíbia;* quando, destituida da

graça santificante, já não pode merecer sobrenaturalmente, chama-se *fria*; contudo, neste caso, sob o impulso da fé, da esperança e das graças actuais, pode produzir *actos sobrenaturais*, que tornem o seu estado menos perigoso que o da tibieza: «*utinam frigidus esses an calidus*».

1.º — Sinais da tibieza.

São muitos; os mais caracteristicos são: *a)* a alma cai *facilmente* no pecado venial voluntário..., tem-no em pouca conta e comete-o sem remorso. *b)* Sinal mais grave: permite-se, sem escrúpulo, quanto, a seu ver, não é pecado *mortal evidente*; às vezes até sem afecto para êle. *c)* Sinal gravíssimo: não tem nenhum horror ao pecado mortal; se evita as faltas graves, é por temor do inferno; conclusão: tem afecto ao pecado mortal.

2.º — Causas da tibieza.

Ha três espécies: — A. — a) *Certas disposições*, que corroem na sua base a vida espiritual: a dissipação, as afeições desordenadas, os ódios; b) *certos defeitos*, que se apoderam das tendências fundamentais da alma e a precipitam em inúmeras infidelidades (pecados capitais).

B. — *A omissão dos exercícios de piedade.*

C. — *O abandono da Comunhão freqüênte.*

Explanação.

O corpo cai prostrado e exausto, pela *doença*, pela falta de *alimentação*, ou pela falta de *estimulante*, que o retire da inacção. Assim a alma.

1. — *Tanto a facilidade em cometer o pecado, como a falta de energia em praticar a virtude, podem provir de doenças espirituais*, que definham a constituição moral, isto é, de defeitos e hábitos perniciosos, que absorvem a alma e paralizam o vigor da vontade: *a)* assim, a *dissi-*

pação absorve, nas preocupações de ordem humana, úteis ou frívolas, todas as energias do espírito. (Freqùente nas pessoas dadas ao comércio, ou amigas de viajar e de divertimentos). *b)* Da mesma sorte as *afeições desordenadas*, corrompem com emoções *daninhas e torpes*, a nobre potência do amor, e transviam o espírito e a imaginação para fantasias importunas e projectos insanos, revolvendo a alma com alternativas, de alegria delirante, e tristeza aflitiva; *c)* item, as *aversões e ódios* envenenam o coração, desperdiçam-lhe recursos valiosos e projetam o espírito num dédalo de intenções más e traças maléficas; *d)* igualmente emfim, os *pecados mortais*, que apoderando-se da direcção das inclinações primordiais da natureza humana, as lançam impetuosas de excesso em excesso e esgotam a actividade da alma.

2.º — *Tambem pode provir a indolência espiritual da falta de alimento*, porque pode ser insuficiente o pábulo espiritual para infundir as energias dum amor activo e generoso. E porquê? porque se comunga poucas vezes... ou então, sem apetite, sem esfôrço de assimilação!

3.º — *A vida, seja qual fôr, precisa de excitante para sair da inércia.*

Teremos, na vida espiritual, essa inércia, se não recorrermos aos estimulantes, que despertem e excítem, fazendo vibrar ardorosamente todas as cordas da nossa alma...; motores desta natureza são: a leitura espiritual, os exemplos comoventes..., a via-sacra, apresentando à inteligência intuições edificantes..., o exame de consciência, despertador legítimo da actividade adormecida..., a meditação, que imprime têmpera de sólidas convicções... e principalmente a confissão freqùente a sacerdote pio, zeloso e firme.

3.º — Cura da tibieza.

1. — *Concebam os tibios um horror grande ao seu*

triste estado, pois como desejar a cura, sem sentir a doença?

a) — A tibieza, ao passo que enfraquece a alma, rouba energia e fôrça para resistir às tentações...; afastando-a de Deus, retira-lhe auxílios e graças, que no perigo são precisas..., de sorte que é facil de prever o triunfo do tentador, logo que a venha acometer.

b) — Familiarizando a alma com as suas infidelidades, dissipa-lhe o horror ao pecado e, portanto, arranca-lhe um forte elemento para a hora da tentação.

c) — Á fôrça de caminhar à beira do abismo, cai-se nêle..., à fôrça de brincar com o fogo, é-se atingido pelas chamas..., à fôrça de calcar terreno incerto e arriscado, termina-se por errar e perecer...; ora, quanto é incerto e indeciso o limite entre o pecado venial e o pecado mortal? Quando tantas vezes hesitam os teólogos em terreno tão perigoso, como não temer, como fiar-se, como correr tão temeràriamente à borda do precipício!...: é um jôgo de acróbata, em que não pode sustentar-se o equilíbrio por muito tempo.

d) — A tibieza leva à impenitência...; quando por ela se chega ao pecado mortal, o hábito contrai-se rapidamente, porque a alma, de ha muito trabalhada pela inércia, deixou embotar as suas energias; sem ânimo de reagir, resignou-se no seu triste estado, caiu numa sonolência miserável, familiarizou-se com o pecado mortal como antes se familiarisara com o pecado venial. E que se fará agora para a socorrer? — Já se empregaram todos os meios: as verdades eternas, ouvidas sem fruto, já não movem, o coração resistiu, endureceu, calejou, tornou-se invulnerável a santos afectos... que fazer? esperar o milagre duma conversão sincera, verdadeira? — Não desespere o Director. Insista, convença, aqueça. Invoque e desenvolva as terríveis palavras do Apocalipse: *«conheço as*

tuas obras: tu não és frio, nem quente; antes fosses frio ou quente. Mas, logo que és frouxo, nem frio, nem quente, começo de vomitar-te da minha boca! Tu dizes: sou rico, adquiri muitos bens, de nada preciso; e não sabes que és um miserável, um infeliz, um pobre, cego e nú! persuado-te que me compres ouro provado pelo fogo, para que te tornes rico e te vistas com trajes brancos, de modo a não aparecer a confusão da tua nudez, e unge os teus olhos com um colírio, para que vejas. Quanto a mim, corrijo e castigo os que amo; por isso, cobra ânimo e arrepende-te» (III, 15-20).

4.° — Remédios.

Tenha o cuidado de auscultar atenciosamente a alma tíbia, afim de descobrir a causa da sua indolência e preguiça. Só depois de efectuar êste diagnóstico, é que poderá receitar os verdadeiros remédios, que lhe hão-de restituir o vigor e a saúde. Não deverá administrar-lhos todos a um tempo, por contraproducente, mas com um olhar penetrante que atinja toda a extensão do mal e o que será preciso para o debelar, vá-lhe preceituando por doses êste ou aquele medicamento, pouco, a princípio, o bastante apenas para sacudir e despertar, doutra sorte correrá o risco de a desalentar.

A. — Primeiro, ministre-lhe uma alimentação sàdía e mesmo abundante, segundo a quantidade que ela puder suportar: quando o estómago enfraqueceu em extrêmo por dieta demorada, não volta o enfêrmo ao regime normal senão a pouco e pouco, com alimentação muito moderada; assim a alma, até voltar aos exercícios elementares da piedade. Se nestes já houver regularidade, façam-se bem e não só «*pro forma*».

B. — *Depois que a alma comece verdadeiramente a* **orar,** *ordéne-se o ataque aos defeitos mais nocivos,* em primeiro lugar àquele que mais profundamente domina a

constituição moral e absorve as energias da actividade espiritual. Lugar importante, primacial, deve dar-se ao *exame particular*, ordenando com precisão o assunto dêle, de sorte a conseguir resultados práticos; para o quê muito contribuem a fidelidade em prestar contas ao Director e as sanções oportunas, no caso de transgressão.

Observação. Assim como no tratamento duma anemia, à boa alimentação se ajuntam exercícios físicos, que activem a circulação e estabeleçam firme equilíbrio nas funções vitais do indivíduo, assim no tratamento da tibieza, convirá, muitas vezes, ao trabalho de expurgar êste ou aquele defeito, acrescentar alguma prática de piedade que desperte e active; por exemplo, ocupa-se a alma em combater afeições sensíveis e carnais, faça interiormente muitos actos de amor, v. g. ao Sagrado Coração de Jesus — e até, tantas vezes, quantas lhe apareça ao pensamento a pessoa que é ocasião de afectos sensuais.

5.º — Práticas de piedade, mais convenientes às almas tíbias.

A princípio, sejam estas breves, fáceis e fortificantes, para não esquècerem e despertarem eficazmente a vida da alma.

1. — Nas ocasiões oportunas para isso (entre cristãos são muito frequentes) fazer com atenção, fé e respeito, o sinal da Cruz.

2. — Rezar, antes e depois das refeições, uma breve oração; a não ser mais, fazer muito bem o sinal da Cruz.

3. — Em vez de longas orações, rezadas precipitadamente e sem grande atenção, repetir pela manhã e à noite, muito vagarosamente, parando a cada palavra ou frase, em espírito de meditação, o Padre Nosso e a Ave, Maria.

4. — Diante duma imagem do S. Coração de Jesus ou da SS.ma Virgem, acendendo por momentos uma vela e depositando flores, prostrar-se cada dia, recitando com doce confiança alguma oração, e pedindo encarecidamente a graça duma vida fervorosa.

5. — Trazer consigo o terço, escapulários, medalhas, e beijar muitas vezes êstes objectos com respeito e suaves aspirações do coração.

6. — Descobrir-se, ao passar por uma igreja, capela, crucifixo ou emblema religioso; fazer uma leve inclinação de cabeça, dizendo com o coração: «Sagrado Coração de Jesus, desentranhai-me do abismo da tibieza!» e semelhantes.

7. — Fazer cada dia algum sacrifício (uma posição mortificada, em dado momento, privação de tal curiosidade, de tal sensação agradável, etc.) e dar a conhecer ao Sagrado Coração de Jesus, que é por seu amor.

8. — Dispor, quotidianamente, de alguns momentos para ler a Imitação de Cristo, as vidas dos Santos, etc.

6.° — Sobre que fazer o exame particular, para corrigir os defeitos, causas da tibieza.

1. — **Quanto à soberba.** — *Contra a vanglória:* escrever uma lista com os meus defeitos, lê-la todas as manhãs e recordá-los em momentos certos do dia; inventariar as boas qualidades das pessoas minhas rivais e revêr muitas vezes essa relação; falar delas com benevolência, sem nunca me referir aos seus defeitos. Não quedar o espírito na consideração das minhas qualidades, dos meus êxitos ou proêzas, nem nêles falar. Por cada falta, exprimir a mim mesmo um acto interior de desprezo. Não defender com obstinação os meus modos de vêr.

Contra a vaidade: reprimir todo o desejo e ância de atrair sobre mim o agrado e estima dos outros, evitando presunção e afectação no porte, na linguagem, no vestir, alardes de erudição e atitudes de desdêm ou fátua altívez.

Contra a ostentação: exercer, às ocultas o mais possível, os actos de caridade, de piedade, de mortificação... Quando tenha de me exibir ou distinguir, sopear interiormente toda a intenção de vanglória.

Contra a jactância: nunca me vangloriar; não encaminhar a conversação para o que me respeita ou redunda em meu louvor; nunca dizer mal de mim no propósito de ouvir os outros dizerem bem ou para passar por modesto.

Contra a hipocrisia: nunca afectar sentimentos de virtude que não tenho.

Contra a ambição: reprimir cerce todo o sônho de grandeza; não praticar acções com o fim de atrair louvores ou honras inúteis.

2. — *Contra a inveja e o ódio:* nunca interromper conversas lisonjeiras para as pessoas com quem tenho ciúmes ou antipatiso. Ter a grandeza de ânimo de proferir em seu proveito, cada dia, alguma palavra ou dirigir a Deus alguma oração. Desculpá-las quando erram... varrer do pensamento toda a lembrança contra elas; não lhes mostrar enfado, nem ressentimento, quando as encontrar. Pensar antes nos agravos com que tenho ofendido a essas pessoas talvez, a tantas outras e especialmente a Nosso Senhor Jesus Cristo.

3. — *Contra a cubiça:* nunca falar das vantagens da fortuna, nem da felicidade dos ricos. Não falar de projectos de especulação. Evitar a todo o transe preocupações de ordem material no momento da oração; fugir da companhia das pessoas, muito aferradas aos bens da terra; reprimir desejos ardentes, febrís, de riqueza; produzir actos de abandôno à Providência; dar aos pobres

esmolas abundantes. Nunca sacrificar ao desejo de enriquecer os exercícios de piedade, a saúde ou o descanso.

4. — *Contra a ira*: quando calmo, habituar-me a moderar a vivacidade nas palavras e propósitos. Na contrariedade, lançar para o Crucifixo um olhar de amor e ternura. Fugir das ocasiões adversas e calar-me ou retirar-me quando sentir, referver em mim a ira. Reconhecer e reparar as faltas de impaciência.

5. — *Contra a luxúria*: não procurar a companhia daquela pessoa que amo com tanta ternura, não falar dela, nem nela pensar; fazer antes um acto de amor de Deus, ao aparecerem lembranças desta natureza. Não lhe exprimir, encontrada, provas especiais de afecto, nem carícias singulares. Afastar da imaginação sonhos ou ideias de efeminação. Proibir ao sentido da vista belezas muito sensíveis. Evitar melodias que dissipam, perturbam ou estonteam. Não me permitir atitudes e posições, moles e efeminadas, nem leitos entufados ou assentos extra-cómodos.

6. — *Contra a gula*: respeitar meticulosamente os dias de jejum e abstinência. Não me queixar da meza, quando não agrada, evitar excesso no comer e no beber, bem como mesa lauta. Não falar de iguarias, não comer entre as refeições, purificar a intenção antes de me sentar à mesa. Não saborear deleitosamente as iguarias e ocupar, entretanto, o espírito com pensamentos úteis.

7. — *Contra a preguiça*: manter certa energia e virilidade, no porte, no andar e falar; suprimir repouso desnecessário. Nunca estar desocupado. Ter regulamento que me imponha horas de trabalho e de esfôrço físico. Propôr-me cada dia ocupações que me obriguem à actividade.

Apêndice. — Pecados capitais

I. Soberba

E' a soberba o apêgo desordenado à pròpria excelência ou a tendencia para nos *engrandecermos;* o que pode ser por dois modos: *a)* pela estima ou conceito exagerado que temos de nós mesmos; *b)* pela estima imoderada que pretendemos os outros tenham de nós.

A. — *Estima exagerada de nós mesmos.* A estima de nós mesmos pode ser legítima, e é-o, quando corresponde à verdade. Com efeito, *a)* tem direitos o bem, onde quer que o encontremos; reconhecer-lh'o, é justo: como de per si a perfeição e excelência suscitam admiração, segue-se que está dentro da ordem reconhecer e apreciar a elevação natural e sobrenatural, que Deus liberalizou à natureza humana, criando-a à sua imagem e fazendo-a compartícipe da sua Divindade, pela graça. *b)* não nos é ilícito ver e admirar em nós, as prerogativas de ordem natural ou sobrenatural, outorgadas por Deus; pelo contràrio é um dever de gratidão para com Êle. *c)* O conhecimento da própria excelência comunica-nos respeito por nós mesmos e desperta na alma sentimentos de dignidade que são baluarte fortíssimo, no desfalecimento. Torna-se, porém, ilegítima a estima própria, logo que transpõe limites para excesso, o que é fácil; sai então da verdade, atribuindo-nos o que é de Deus; converte-se em desordem e vício. Conhece-se neste caso, quer pelos efeitos que produz, v. g. o desprêzo dos semelhantes, quer — *d)* pela falsidade dos motivos que a geram: considerar-se a si mesmo em grande conta por motivos imaginários, exagerar de si para si as qualidades próprias, atribuir a si o mérito principal delas.

B. — *A segunda tendência é a estima que pretendemos receber dos outros.* Não é vício o amor da estima dos outros, quando racional e tranquilo; é antes estí-

mulo para a virtude e fundamento de sociabilidade. Está a desordem: *a)* em apreciar mais do que as qualidades em si, a estima que por elas nos tributam e em intentar de preferência essa estima, em vez de ter mais em conta os resultados, *b)* em desejar maior estima do que merecemos e *c)* em a procurar com solicitude e ansiosa preocupação.

Corolário. — O orgulho gera: *a)* a *vanglória*, isto é, o desejo desmedido de fazer brilhar os nossos supostos merecimentos, uma febre ateada de atraír atenções e louvores, — ou de nos esquivarmos a situações deprímentes; no que, recorremos por vezes, a expedientes não sòmente desonrosos, como insensatos (singularidade, vaidade, jactância, ostentação, hipocrisía, inveja, teimosia, insubordinação, discórdia, etc.). *b)* a *presunção* que é a tendência para empreendimentos acima das nossas fôrças, com desdêm pelo concurso dos outros; *c)* a *ambição*, ou a ânsia imoderada pelas honras e dignidades, disputando, por exemplo, lugares que não merecemos ou não podemos desempenhar cabalmente; *d)* A *vã complacência* de nós que tem como redundância imediata, o desprêzo do próximo, os escârneos, etc.

c. — Razões contra o orgulho.

a) — Deus puniu-o severamente.

Superbia turrim evirtit, prostravit Goliath, suspendit Aman, interfecit Nicanorem, Pharaonem submersit, et Sennacherib interemit. Sedes Ducum superborum destruxit Deus, et radices gentium superbarum arefecit (Inn. de Vil. Cond. hum.).

b) — O Espírito Santo estigmatiza os soberbos:

Quid profuit nobis superbia, aut divitiarum jactantia quid contulit nobis? Transierunt omnia illa tanquam umbra (Sap. v, 8). Non glorietur sapiens in sapientia sua, et non glorietur fortis in fortitudine sua, et non glorietur dives in divitiis suis (Jerem. IX, 23). Quid superbit terra

et cinis? (Eccli-x, 9). Non est creata hominibus superbia (Eccli 22). Odibilis coram Deo est et hominibus superbia (Eccli x, 7). Deus superbis resistit (Jac. IV).

c) — Perigos da soberba.

Inanis gloria est dulcis spiritualium operum exspoliatrix, jucundus animarum nostrarum hostis, blandissima bonorum nostrorum depraedatrix (Basil. Const. mons. 10). Ut tinea et vermes corrumpunt, ita et inanis gloria (Chris. Hom. 42 in gen.). Depraedari desiderat qui thesaurum publice portat in via (Greg. Hom. 11 in Evang.). Omnia vitia marcescunt et devicta per singulos dies infirmiora redduntur: hoc, vero, dejectum acrius resurgit ad luctam et, cum putatur extinctum sua morte vivacius convalescit (Cass. 11 Inst. T.).

(Vide Parábola do Fariseu e do Publicano).

d) — **Malícia da soberba.** — O orgulho é: *um roubo* porque arrebata em proveito próprio a glória que só a Deus pertence; «Soli Deo honor et glória»; *uma mentira*, porque atribui a si qualidades que não possui e visa a enganar os semelhantes; *um venêno*, pois corroi secretamente as acções mais virtuosas e expõe a toda a sorte de contrariedades e decepções.

2. Avarêza

A avarêza é o amor desordenado das riquêsas, isto é, dos bens dêste mundo e, em particular, do dinheiro.

E' lícito ter aos bens da terra um certo apêgo, proporcionado à utilidade que dêles nos advém pois que tendo por objecto valer ao homem nas necessidades da vida, empregá-los com êste fim, é corresponder aos desígnios da Providência.

Mas, torna-se ilícito o amor das riquêsas quando se desejam estas desordenadamente. Eis os casos: *a)* quando o apêgo é tal que, para não gastar, nem sequer se ocorre ás necessidades inevitáveis da vida, *b)* quando se procu-

ram por meios ilícitos, com ansiedade ou com detrimento dos devêres espirituais.

Razões contra a avarêza.

A. — Avari regnum Dei non possidebunt. (I. Cor. VI, 10). Avaritia nec nominetur in vobis sicut decet sanctos (Efés. V. 3). Hoc scitote, intelligentes, quod omnis... avarus quod est idolorúm sérvitus, non habet haereditatem in regno Christi et Dei (Efes. V, 5). Qui volunt divites fieri incidunt in tentationem et in laqueum diaboli, et desidéria multa inutilia et nociva quae mergunt hóminem in interitum et perditionem (I Timót. VI, 9). Qui festinat ditari non erit innocens (Pros. XXVIII, 20). Qui aurum diligit non justificábitur (Eccli XXXI, 5). Divitiae si affluant nolite cor appónere (Ps. 61). Nihil est iniquius quam amare pecuniam, hic enim et ánimam suam venalem habet: quoniam in vita sua projecit intima sua (Ecl. X, 10). Videte et cavete ab omni avaritia, quia non in abundantia cujusquam, vita ejus est ex his quae possidet (Luc. XII, 15). Agite nunc divites; plorate ululantes in misériis vestris quae advenient vobis. Divitiae vestrae putrefactae sunt et vestimenta vestra a tineis comesta sunt; aurum et argentum vestrum aerugávit et aerugo eorum in testimónium vobis erit: thesaurisastis vobis in iram in novissimis diebus (Jacob. V, 1. 2. 3.).

B. — A avarêza conduz ao esquecimento de Deus e da nossa alma..., à dureza com os pobres.. , às fraudes e injustiças, com o próximo.

3.º Inveja

A inveja é aquela tristeza que experimentamos, ao vermo-nos igualados ou sobrepujados pelos outros.

É filha do orgulho. Não devemos confundir a inveja com os sentimentos muito legitimos que passamos a enumerar: *a*) o receio de sermos prejudicados por êste ou

aquele êxito do próximo; *b*) a indignação proveniente de concessões de que o próximo é certamente indigno; *c*) a emulação, isto é, tristeza, não pelo benefício de que gosa o próximo, mas por não termos igual ventura; *d*) o zêlo, que se aflige por não empregar tanto ardor no serviço de Deus como os outros, sendo por conseguinte motivo de mais nos empenharmos na nossa perfeição.

Razões contra a inveja.

a) — Da Sagrada Escritura.

Deponentes igitur omnem malitiam, simulationes et invidias (I Petr. II, I). Non efficiamur inanis glóriae cupidi, invicem invidentes (Gal. v, 26). Invidia diáboli mors intravit in orbem terrarum, imitantur autem illum qui sunt ex sorte illius (Sapient. I, 24, 25). Charitas non aemulatur (I Cor. XIII, 4).

b) — Dano que causa a inveja.

Est radix malorum omnium, fons cladium, seminárium delictorum, serpentis praeceptum (Cypr. serm. de invidia). Est diaboli inventum, pietatis impedimentum, via ad gehennam, privatio regni coelorum, interitus vitae, pestis naturae, adversa omnibus bonis ex Deo provenientibus, demum ipsi Deo contrária (S. Basil. hom. II).

c) — Frutos directos da inveja: ódio, detracção, discórdia; murmurações, traições e embargos a obras de zêlo.

4. Ira

A ira é um movimento desordenado da alma que se irrita com violência, para desviar de si o que considera nocivo.

O mal, como tal considerado, deve ser sempre para nós, objecto de horror; portanto, em si, nada mais natural e legítimo do que empenharmo-nos em o profligar. Ha, por isso, casos em que a ira é lícita, mas torna-se

ilícita, *a*) quando procede dum sentimento mau, como o ódio, a vingança, a inveja; *b*) quando recai sobre inocentes, ou mais do que é justo, sobre os culpados; *c*) quando usa processos reprováveis, como a maledicência, a calúnia, o dano injusto; *d*) quando atinge tal violência, que não comporta proporção com o motivo que a provoca, tornando-se por isso desrazoável (delírio, brutalidade).

Razões contra a ira.

A. — Escritura.

Ira et furor utraque exsecrabilia sunt (Ecclis. XVII, 33). Ira viri justitiam Dei non operatur (Jacob. I, 14). Ne sis velox ad irascendum (Eccli. VII, 10). Non te superet ira (Job. XXXVI, 18). Vere stultum interficit iracundia (Job. V, 2). Spiritum ad irascendum facilem quis poterit sustinere (Prov. XVIII, 13). Qui ad indignandum facilis est erit ad peccandum proclivior (Prov. XXIX, 22).

B. — Dano que ocasiona a ira.

Ira si ultra modum effervuerit, atrociter mentem exulcerat, sensum hebetat, linguam immutat, oculos obumbrat totumque corpus perturbat (Ambros. in praec. ad Miss.). Jánua vitiorum omnium iracundia est: qua clausa virtutibus intrínsecus dabitur quies; aperta vero ad omne facinus armábitur animus (Hieron. in Prov. III, 29).

5. Sensualidade

A sensualidade é a busca imoderada dos prazeres dos sentidos.

Tanto os prazeres dos sentidos, como os da inteligência e da vontade, foram criados, com destino providencial. Uns e outros teem como fim facilitar ao homem o cumprimento de qualquer dever: a conservação e a perfeição do indivíduo teem a secundá-las os prazeres da vista, do ouvido, do olfato e sobretudo do gôsto (na ali-

mentação), que proporcionam a saúde e o desenvolvimento do gôsto da estética; a conservação da espécie encontra sustentáculo e garantia nas doces consolações do coração, que fazem a paz e união nas famílias, bem como nos prazeres da carne que asseguram a multiplicação do indivíduo. E' portanto, honesto e virtuoso o uso dêstes prazeres dentro dos limites traçados por Deus. Mas, convertem-se facilmente em cilada, em razão mesmo da intensidade da deleitação, que Deus, para assegurar os interesses primordiais da humanidade, neles encerrou, quando o homem, criatura decaída, se deixa fascinar pelo atractivo do gôzo e procura o prazer pelo prazer, o que é a destruição da ordem estabelecida, uma autêntica aberração. Nos prazeres da carne chama-se ao abuso luxúria ou impureza, nos prazeres da mêsa chama-se gula, e nos outros prazeres sensíveis o excesso é sensualidade.

Razões contra a sensualidade.

Textos da Tradição cristã que mostram o que devemos pensar àcêrca desta tendência.

A. — Averte faciem tuam a muliere compta et ne circunspicias speciem alienam: propter speciem mulieris multi periérunt et ex hoc concupiscentia quasi ignis exardescit (Eccli. IX, 8). Cum saltatrice ne assiduus sis, nec audias illam ne forte pereas in efficácia illius (Eccli. IX, 4). Sepi aures tuas spinis et linguam nequam noli audire (Eccli. XXVIII, 28). Cum aliena muliere ne sedeas omnino, nec accumbas cum ea super cúbitum, et non alterceris cum illa in vino, ne forte declinet cor tuum in illam (Eccli. IX, 12). In illa die auferet Dominus... olfactoriola... et erit pro suavi odore faetor. (Isai. IIJ, 18 etc.) In novissimis diebus erunt homines voluptatum amatores magis quam Dei, habentes speciem quidem pietatis, virtutem autem ejus abnegantes. (II Tim., III, 5.) Noli me tangere. (Joan., XX. 17.) Cor tuum phantasias patitur; sed ne dederis in illis cor tuum. (Eccli., XXXIV, 6.).

A. — Rector mi, averte a me oculorum elationem et curiositatis pruriginem. (Aug., Med., I.) Specula plena imaginibus miseriarum nostrarum et fomitibus ignis nostri (Aug., Conf., I, I-3.) Voluptates aurium tenacius me implicaverant et subjugaverant. (Aug., Conf., I, 10.) Miles est spiritualis: talem vero non oportet olere oleum: sed spirare virtutem: nihil enim immundius anima quoties corpus talem habet fragrantiam. (Chris., Hom. 4 de Laz.) Turpe enim est viro sapienti et bono, si unguentis oblinitus et floribus coronatus incedat: quod qui facit, utique insaniens, ineptus et nihil est, et quem ne odor quidem virtutis attigerit. (Lect. 6, Inst. XXII.) Tactus est omnium sensuum perniciosissimus et saevissime blandiens; sensusque reliquos ad voluptatis illecebras pelliciens, toto corpore diffusus, et per omnem ejus superficiem adversus animam saeve dominatur. (S. Basil.) Reseca in me, factor mei, mentis hebetudinem, cordis caecitatem et inanium phantasmatum turbam. (Aug., Med., 2.).

6. Gula

A gula é o gôsto desordenado pelos prazeres no comer e no beber.

Sendo o prazer na alimentação intentado por Deus, é lícito experimentá-lo e fruí-lo. Mas, longe de o procurar por êle mesmo, deve o homem utilizá-lo tão sòmente como estimulante que facilite a absorpção dos alimentos, realmente úteis à saude e à vida. Está a desordem: *a*) em comer unicamente por prazer; *b*) em comer em quantidade que ultrapasse as exigências da saúde e a decência social (excesso na quantidade); *c*) em procurar iguarias delicadas e caras (excesso na qualidade); *d*) em comer com avidez e sofreguidão (imodéstia no modo).

Razões contra a gula.

A. — Escritura.

Attendite vobis ne forte graventur corda vestra in

crapula et ebrietate. (Luc., XXI, 34.) Noli avidus esse in omni epulatione, et non te effundas super omnem escam: in multis enim escis erit infirmitas et aviditas appropinquabit usque ad choleram. Propter crapulam multi obierunt. (Eccli., XXXVII, 32.) Sapientia non invenitur in terra suaviter viventium. (Job, XXVIII, 13.) Vae qui saturati estis quia esurietis. (Luc., VI, 25.) Sanitas est animae et corpori sobrius potus. (Eccli., XXXI, 27.) Qui diligit epulas in egestate erit; qui amat vinum et pinguia non ditabitur. (Prov., XXI, 4.) Ululate omnes qui bibitis vinum in dulcedine quoniam periit ab ore vestro. (Joel., I, 5.) Vae qui potentes estis ad bibendum vinum, et viri fortes ad miscendam ebrietatem. (Isai., V, 22.).

B. — Consequências da gula: Entorpece o espírito, dissipa a alma, enerva o coração, predispõe para a luxúria e torna o homem descomedido em todas as cousas.

7. Preguiça

A preguiça é o amor desordenado do repouso.

O descanso é legítimo e necessário, dentro de certa medida, porque é indispensável para reparar as forças, extenuadas pelo trabalho. Deus ordenou o descanso do domingo e sujeitou-nos à lei e necessidade de dormir. Mas não pode abusar-se dêle de modo a ficar o indivíduo em contínua e funesta inacção, origem das mais perigosas tentações, nem de forma a tornar-se inútil para a sociedade e a descurar os próprios deveres, particularmente os da alma.

Razões contra a preguiça.

A. — Escritura.

Multam malitiam docuit otiositas. (Eccli., XXXIII, 27.) Ecce haec fuit iniquitas Sodomae sororis tuae: superbia, saturitas panis et abundantia, et otium ipsius et filiarum ejus. (Ezech., XVI, 49.).

B. — O receio do trabalho e do esfôrço é quanto há de mais oposto ao espírito do Evangelho, que continuamente preceitúa a renúncia e a penitência; o reino dos céus sofre violência e só o alcançam os que fazem violência a si mesmos.

C. — A preguiça empece gravemente o bem individual e social do homem.

D. — Doutrina dos Padres da Igreja.

Omnium tentationum et cogitationum malarum colluvies est otium, summa mentis malitia, malorum omnium sentina, mors animae. (Bernard., Ad Patres de Monte.) Sicut aqua quae caret decursu et patet in foveis putrescit, ita et corpus otii labe confectum, concupiscentiarum et voluptatum carnalium parit et nutrit insaniam. (Bernard., De grad. perfect.) Sicut terra non occupata semente aut concisione quamlibet herbam producit, sic et anima quoties non habet quod agat rerum necessariarum, cum omnino cupiat aliquid agere, pravis actionibus semet tradit. (Chris., Hom. 9 in II Con.).

IV — DIRECÇÃO DAS ALMAS PIEDOSAS

Dá-se vulgarmente o nome de almas piedosas às pessoas *que com certa solicitude se entregam à prática das obras supererogatórias de religião*: frequência de sacramentos, missa e exercícios de piedade, comparticipação nas confrarias, etc. — É lamentável que muitas pessoas que passam por piedosas, estejam muito longe de realizar as caracteristicas da verdadeira piedade, merecendo antes a invectiva de S. Paulo: «*speciem quidem pietatis habentes, virtutem autem ejus abnegantes*». As suas práticas de piedade são mais o efeito do hábito, da rotina, da hipocrisia, de certas rivalidades, do que do verdadeiro amor de Deus.

Quem diz piedade, diz *uma benéfica disposição do coração para amar a Deus, uma atracção veemente para as*

cousas divinas. Num estado de alma nestas condições, consiste com efeito a verdadeira piedade.

Importância da direcção das almas piedosas.

1.º — **Sem direcção,** ficam estas almas à mercê dos *caprichos mais ridículos*, vegetam enleadas pelos *defeitos* mais grosseiros, perdem-se no dédalo de *práticas incoerentes* ou absurdas e arrastam-se miserávelmente na senda abominável da rotina, que lhes envenena toda a vida espiritual... Então, quantas se tornam a maldição e escândalo da frèguezia, o flagelo do seu pastor, a cruz de quantos as cercam e o triunfo dos maus, que se aproveitam de tais desatinos para depreciar e enxovalhar a religião!

2.º — **Bem dirigidas,** ao contrário, principalmente desde o princípio, elas são a glória da religião, os anjos da família, o escol precioso da frèguezia e o fulcro firme e fecundo de todos os santos empreendimentos. Quanto não vale, portanto, uma boa direcção, que cultivando hàbilmente as inclinações sãs do coração, impele as almas por caminho ameno e seguro, até às virtudes mais sublimes!

O objectivo que cumpre ter em vista na formação das almas piedosas é:

Torná-las bemquistas quanto possível, de Deus e dos homens e conseguir que se tornem social e individualmente sêres espirituais completos.

1.º — *Não desprezar nenhum dos elementos que constituem a sua personalidade:* a) *Inteligência:* esclarecê-la na piedade, formar-lhe largos horisontes, vistas nobres e alevantadas; b) *Coração:* dilatá-lo, nobilitá-lo pela cultura dos sentimentos elevados, de que só o Cristianismo dá o exemplo; c) *Vontade:* desprendê-la das influências

terrenas pelo exercício da renúncia, tonificá-la pela prática do esfôrço, expurgá-la pela mortificação das tendências más, que estorvam a perfeição das suas aspirações. d) *Consciência:* aprimorá-la pela vigilância sôbre os menores movimentos interiores, isto é sobre as mais leves oscilações da sua responsabilidade; e) *a alma:* adorná-la com as virtudes; f) *o exterior:* cultivá-lo moralmente, suprimindo primeiro o que possa escandalizar ou causar reparo e melhorá-lo depois, quando bem alicerçadas as disposições essenciais.

2.° — Formar tambem estas almas sob o ponto de vista do *apostolado*, que venham a ser humildes auxiliares do padre, trabalhando activamente na extensão do reino de Deus, sob a obediência aos ensinamentos da Igreja e dos seus representantes.

Formação da Inteligência

Muitas almas são pequenas ou mesquinhas na sua piedade, cheias de ilusões e preconceitos, por falta de formação intelectual adequada. Como conseguir-lhes uma respiração ampla e pujante, que as dilate e torne magnánimas?... Como acender nelas uma chama de vibrante entusiasmo, que as faça atingir a meta, que uma penumbra, quási a apagar o seu brilho radiante, esconde e anuvia?... Como fazê-las avançar confiadamente, quando névoas espessas lhes encobrem por todos os lados o horizonte?...

Se, por um lado, a religião bem estudada e aprofundada por um espírito recto e sem preconceitos, se nimba com uma auréola, cujos lampejos são cada vez mais scintilantes e lança na alma uma admiração sempre crescente, — por outro, aparece-nos amesquinhada e ignobilizada, quando contemplam através das trevas da ignorância, com indiferença e falsa compreensão, a sua imponente majestade, no conjunto, e a sua harmoniosa proporção, nas partes. Não ha pois que hesitar: quando intentarmos

conduzir uma alma à perfeição, é indispensável colocar no centro da sua inteligência, um projector poderoso, que estenda largo e longe os seus raios fulgurantes, encher de luz abundante as regiões, onde evolui a vida espiritual, as veredas que a cruzam e os estádios, que a compõem numa ordem perfeita e completa harmonia, meta suprema para onde convergem todas as vias. Sem êste olhar profundo do todo e da parte, sem esta visão claríssima, quantas hesitações, quantos enfados, passos incertos, escolhos, extravios!...

Efeitos da formação religiosa da inteligência.

São os principais: 1.º — *Infundir na alma luzes claras e empolgantes*, que, radicando-se profundamente, dão às suas disposições base sólida, bem como a ressalvam contra a inconstância e versatilidade, tão ruinosas na piedade.

2.º — *Difundir com profusão na inteligência ideias grandes, nobres, abundantes, a respeito de Deus*, dos seus atributos, da obra admirável da Redenção, da graça, dos destinos nobilíssimos do homem, das harmonias do dogma, da beleza da moral e do papel benéfico e fecundo do Cristianismo sôbre a terra.

3.º — *Formar ideias claras, precisas e justas, àcêrca das exigências e delicadeza da virtude* e ao mesmo tempo àcêrca dos diferentes aspectos do vício.

4.º — *Fixar o espírito no mundo sobrenatural.*

Meios para a formação religiosa da inteligência.

a) — Proibir aos penitentes livros de doutrina confusa, produções superficiais e balofas e opúsculos em que predomina mais o sentimentalismo do que a doutrina; — *b*) — mandar lêr assíduamente o Evangelho e livros ascé-

ticos de doutrina segura, sólida, abundante e elevada, tais como as obras de *S. Francisco de Sales*, de *Bossuet*, de *Monsabré*, de *Sauvé* (Elev. dogm.), de *Mgr. Gay*, do autor da «*Formation de l'humilité*», de *Bouchage*, etc, etc. — *c*) — Para a prática quotidiana da meditação, recomendar as obras de *Vercruysse*, *Duquesne*, *Hamon*, *Petit*, etc. — *d*) — Conseguir que frequentem cursos de religião, onde a doutrina é exposta com clareza e adaptada às actuais circunstâncias; — *e*) — alistá-los nas irmandades e pias uniões, onde as substânciosas instruções do director ministrarão sàdio alimento; — *f*) — impôr como penitência sacramental a leitura de páginas ou capítulo, onde é mais fulgurante e elevada a doutrina; — *g*) — para obstar a cansaço, aborrecimento ou confusão, aconselhar leituras breves, com ordem, método, aplicação e perseverança; — *h*) — desfazer as ideias errόneas e depurá-las com exposição clara e convicta.

Formação da Vontade

É importante, porque é a vontade a *faculdade soberana*: é ela a fortaleza, onde se encerra a liberdade humana, que fôrça alguma pode superar... é quem governa as outras potências... é a que tem a responsabilidade do mando...; garantir a uma alma uma vontade de boa têmpera é dar a um exército um general de valor. Quando a vontade está à altura da sua missão, as outras faculdades, posto que rebeldes, bem depressa se tornarão disciplinadas e dóceis, e, chefiadas por ela conseguirão grandes triunfos. Nada pode resistir a uma vontade firme e decidida; ao passo que, com uma vontade fraca e versátil, vegetará na mediocridade, com resultados ténues ou funestos, a natureza mais bem dotada. Os Santos e os herois, foram primeiro que tudo homens de vontade.

1.º — Que terá em vista o Confessor na formação da vontade?

Deve torná-la *firme na resistência*, *resoluta nas decisões*, *enérgica no esfôrço*, *constante na execução*, *pura e desprendida nas aspirações*. São contudo muitos os obstáculos que se opõem ao exercício da vontade, os quais por isso, frustram muitas vezes o resultado da sua acção:

a) — *Quantas arremetidas desonestas se não levantam das regiões inferiores do apetite sensitivo*, e quantas não surgem ateadas pelo instinto perverso das outras paixões!... e a vontade em inevitável promiscuidade com êstes agentes irrequietos, quanto não é influenciada por êles e oprimida funestamente! Intoxicadas pelo seu álito asfixiante, adormecem e apagam-se as nobres aspirações da alma. Urge, por isso, destacar a vontade de visinhança tão nociva e contagiosa, para que se eleve num vôo desprendido e livre até à esfera serena, onde paira o ideal que a deve fascinar.

b) — Por outro lado, *influências exteriores* tentam peá-la e dominá-la! os respeitos humanos, o hábito, o instinto de imitação, as relações e amizades, comparecem sucessivamente para coarctar a sua liberdade e comprimir os seus transportes. Não se há-de libertá-la, quebrando tais liames e prisões?

c) — E depois, a *preguiça* e a *inércia*; porque por si a natureza tende para o repouso e se acaso o deixa por algum tempo, a êle volta fàcilmente. E como é miserável a vontade que assim, sem exercício, se atrofiou tristemente! Nada com efeito tão infeliz como uma vontade remissa: teme o esfôrço e contudo cada dia lho impõe fatalmente a vida. Indispensável é, pois, que a vontade se fortifique e consolide, de sorte a manter sempre um império enérgico e irredutível. Urge formar-lhe, por assim dizer, uma constituição vigorosa, activar nela a

energia apetitiva, tê-la prestes para investidas porfiadas, para esforços decididos e bem orientados, na prossecução do bem; tonificá-la, emfim, tão fortemente que, quando a prudência ditar um empreendimento, ela seja resoluta e firme na execução, porfiando, sem tergiversar, até ao fim.

2.º — Como proporcionar à vontade tão forte têmpera?

É indispensável exercício aturado e sàbiamente graduado. Pouco e pouco intensifica-se o esfôrço: mostra a experiência que os orgãos vitais se desenvolvem pelo exercício. Começando por pouco, (pois, sob pressão forte qualquer mola se desconcerta), a um resultado obtido, suceda outro mais importante, e aumentando insensívelmente a dose de exigência, chegar-se-há, por fim, quàsi imperceptívelmente a um imenso resultado. Mas, como couseguir este esfôrço, que pelo exercício criará o hábito da energia?

A táctica consiste em facilitá-lo. Vários factores para isso concorrem: as excitações da graça..., a fôrça impulsiva dos motivos que nos determinam..., o concurso dos sentimentos que conspiram no mesmo «desideratum» .. o ambiente..., os exemplos dos outros em emprêsa idêntica..., a virtude de uma santa sugestão, ateada por calorosas exortações. Lançar mão, simultânea ou sucessivamente, consoante as circunstâncias, de todas estas influências, activar e acumular energias, provocar esforços, é proporcionar à vontade um acréscimo vital, cujo resultado felicíssimo será o hábito seguramente radicado.

Corolário. *Recomendações práticas* para o exercício da vontade nas principais qualidades, que urge possuir:

A. — *Vontade resoluta.* — Para que a vontade consiga iniciativa, acostume-se o penitente a escolher por si as resoluções: adquira decisão em combater os escrúpu-

los, a timidez, os loucos arrebatamentos do amor próprio, o receio demasiado da censura ou da intriga.

B. — *Vontade enérgica no esfôrço.* — Além do esfôrço imprescindível no cumprimento do dever, exerça a vontade a vencer-se nas pequenas cousas, mais ou menos dependentes do capricho. Por exemplo: levantar-se a uma hora matemáticamente fixa; em tais conjunturas, procurar posição incómoda; comer algo que repugne; prolongar uma ocupação fastidiosa; empreender uma diligência que contraria; vencer a timidez em tal ocasião; obsequiar uma pessoa que nos molestou; mostrar-se bem humorado na contrariedade.

C. — *Vontade constante na execução.* — Exigir que o penitente se empenhe porfiadamente em manter e realizar um propósito, a que deu o *placet* o Director e obrigá-lo a dar fielmente conta do esfôrço empregado; impôr-lhe rigorosa exactidão na observância do regulamento e no cumprimento dos exercícios de piedade.

D. — *Vontade firme na resistência.* — Ocasiões de a exercitar: quando insistem para comermos além do que nos propusemos; quando nos arrastam para tal divertimento, que nos era aprazível; quando nos retiram, sem razão, de tal prática piedosa ou do cumprimento de tal dever, etc.

Formação do Coração

Não menos do que a inteligência é *o coração um poderoso motor da faculdade responsável.*

Quando a inteligência, coadjuvada pela vontade, propõe motivos de persuasão, acode tambem o coração com os estímulos do sentimento...; e quanto reforçam de energia e firmeza as influências das convicções, tanto comunica vigor e entusiasmo a intervenção do sentimento...; quando no mesmo objectivo convergem as impulsões destas duas fôrças, que poderosa e saùdável

influência não exercem sôbre a alma!... É uma actividade pronta, fácil, vigorosa, característica do verdadeiro fervor. Mas, se o coração se atrofia e se enervam os sentimentos, como será fria a vontade, frouxa, sem energia! então, se persevera ainda por algum tempo no dever, é lento o exercício, arrastado e difícil, qual máquina, cujas rodas por lubrificar, rangem ruìdosamente. Por isso, o director prudente, ao mesmo tempo que sem descanso deve alimentar o sentimento, condensará como em fonte inexaurível, uma forte reserva de óleo, que lubrifique de contínuo as engrenagens das faculdades activas, inevitàvelmente embotadas pelo funcionamento.

Facilitará assim o esfôrço, diminuirá a fadiga, obstará ao tédio e assegurará a perseverança.

1.º — Efeito da formação religiosa do coração.

Comunica esta ao coração *grande delicadeza*, que o transporta a fáceis comoções sob as inspirações da fé, e dilàta-o com a explosão de sentimentos nobilíssimos, de sumo proveito para a virtude e para o dever, os quais se resumem no amor, com todas as suas modalidades e expressões diversas. E' feito êste amôr de admiração, reconhecimento, complacência, gôzo e compaixão; deriva em benevolência, dedicação e união; compreende Deus, os Anjos, os homens, os irracionais e a mesma natureza, como lêmos de certos Santos, particularmente S. Francisco de Assìs.

Dum modo geral podemos dizer, que o amor se cativa da verdadeira beleza para a admirar, da bondade para a amar e da miséria humana para se compadecer.

2.º — Como formàr na alma a sensìbilidade religiosa?

a) — Embotam o coração a *gros[illegible]ia* [illegible] *vol[illegible]*... [illegible] a *crueldade*..., donde é indispen[illegible] de actos, derivados dêstes vícios.

b) — Como toda a faculdade vital, precisa a sensibilidade de exercício para se aperfeiçoar. É indispensável, pois, proporcionar-lhe *ocasiões de actividade*, tanto frequentes como variadas... Ora, visto com os olhos da fé, é capaz de mover e formar o sentimento religioso, quanto reflete as sublimes perfeições de Deus, quanto participa da vida e possui a faculdade de fazer sentir.

Tais são os espectáculos maravilhosos que oferece a natureza, os admiráveis instintos dos animais, mas especialmente o vasto campo de acção, que nos apresenta a religião! quantas belezas concretas, cativantes. . quantas particularidades preciosas, na fisionomia sagrada do Salvador, nos passos da sua vida, nas circunstâncias dolorosas da sua Paixão..., na história dos mártires e dos Santos!... quantos aspectos surpreendentes na exposição do dogma: o espectáculo do juízo, a doutrina do Purgatório, etc.

c) — Tome o sentimento religioso feição concreta e duradoura; será na alma o efeito mais profundo. Exemplo: sinto compaixão por um infeliz? não fique estéril este sentimento; devo incarná-lo num acto externo (esmola, palavras de confôrto, etc.).

Corolário.—Meios práticos para a formação do sentimento: a Via-Sacra em face de quadros expressivos; o crucifixo, contemplado em silêncio, atentamente; uma imagem bela do S. Coração de Jesus, da SS.ma Virgem, ou um episódio religioso. — Ler piedosamente trechos impressionantes da S. Escritura, ou exemplos admiráveis de virtude. Meditar amorosamente as belas scenas do Evangelho, representando-as ao espírito muito bem vestidas, já pelo trabalho inventivo da imaginação, já pelo recurso a autor que bem as descreva. — Visitar os pobres, tomar conta das suas necessidades, deixando-lhes com a esmola, palavras e provas de afeição. Comparecer à cabeceira dos enfêrmos, ouvir as suas máguas, interessar-se pelo seu estado, procurar pessoalmente aliviá-los, e [illegible] depois, recordarmos todos êstes males, quando nos

sentarmos à mêsa, quando nos formos deitar em leito confortável ou quando nos aquecermos a um braseiro, que nos retempera. Quando uma pessoa, particularmente da família, sofre, cercá-la de cuidados, de atenções e afecto. — Sem descer à familiaridade com os inferiores, abster-se de dureza e desabrimento com êles, lembrar-se muitas vezes do lado penoso da sua condição social e animá-los com palavras e condescêndencia. — Ser reconhecido com as pessôas que nos beneficiam, e testemunhar-lhes gratidão principalmente quando as circunstâncias e o uso a isso se prestam, por exemplo, no aniversário, no dia de ano novo, etc., — Testemunhar especialmente esta gratidão às pessôas, cujos benefícios são menos apreciados, porque menos tangível é o efeito do seu esfôrço, v. g. aquelas que se sacrificam pelo nosso bem espiritual. — Em ocasião oportuna, contemplar, silenciosamente, por algum tempo, a imensidade do Oceano, o firmamento, o profundo silêncio dos bosques. — Passear pelo campo, e escutar deliciadamente a linguagem misteriosa das avesinhas, que gorgeiam, das ervinhas que verdejam e das flôres que sorriem aos raios do sol. — Admirar a sabedoria do Criador no instinto admirável dos insectos, nos hábitos dos animais e nas maravilhosas surprêsas das leis físicas e químicas. Tratar com humanidade, não igualdade, os animais e suprimir-lhes todo o sofrimento inútil. — Na igreja, particularmente, encher a alma das belezas da liturgia, interrogar piedosamente cada objecto sagrado... deliciar-se no esplendor das ceremónias místicas... e inebriar-se das harmonias auteras do canto sagrado.

Observação importante. Não confundir *sentimento* com *sentimentalismo*. Nada ha tão ridículo e estulto, tão baixo e inepto, como uma pessoa, cuja sensibilidade se desenvolve e amplia com desiquilíbrio. Para ficar dentro da ordem deve a sensibilidade obedecer à fé e à razão e inspirar-se nas suas exigências. Deve dar a Deus a primeira e melhor parte, e ao expandir-se pelas criaturas, distribuir-se com equidade, prudência e dignidade. Quem

não flagelará um sentimentalismo degradante que se volta com actividade febril para o hóspede inconsciente duma estrebaria, para um animal acarinhado insolentemente, dando-lhe o melhor das suas preocupações, das suas alegrias, máguas e dedicação? Quem não compreende que dar inteiramente o coração a sêres em tanta desigualdade, admití-los quási como irmãos, é degradar-se e abdicar do lugar de honra que nos assinalou o Criador?!... É triste encontrar tais anomalias particularmente em almas, que se dizem piedosas!

—Por outro lado, é preciso tambem reprimir a piedade exaltada, que nas relações com Deus, leva a devoção até ao sentimentalismo apaixonado, doentío mesmo! não é piedade, é um formulismo de afectos delirantes, que não admira, os encontremos tambem nas produções mundanas e românticas. Emfim, observêmos que se a piedade bem compreendida dá largas ao sentimento, não abdica nunca da razão, antes a requer como fundamento. A razão e o sentimento apoiam conjuntamente a vontade, como base principal a primeira, e a segunda como base secundária. Notemos ainda que Deus, antes de se manifestar aos sentidos pela Incarnação, comunicou-se ao espírito pelas révelações primitivas.

Formação da Consciência

Porque é importante a bôa formação da consciência?

Porque é a consciência o guia prático da alma na vida moral. É ela que díta à vontade o que deve fazer, como preceituado e o que deve omitir, como proíbido. É ela ainda que *post factum,* aprecia e julga, aprova ou reprova, consoante constata que foi bem ou mal. É evidente que da sua formação, como de primeira origem, depende absolutamente a rectidão moral. *Mal formada,* ao contrário, lançará a vontade num báratro de desva-

rios; e, *insensível*, deixará a alma estagnar-se completamente no abismo do mal.

Qualidades que deve ter a consciencia bem formada.

Uma consciência bem formada deve ser esclarecida, recta e delicada.

a) — Para que seja guia seguro, há-de ser a consciência bem instruida nos seus devêres; há-de reconhecer as exigências da moral, pelo menos nas circunstâncias ordinárias da vida; há-de ter ideias claras, precisas, assás completas, àcêrca da lei cristã, dos deveres habituais e comuns e das obrigações do estado; há-de saber duvidar, nos casos excepcionais, e interrogar, até se fazer luz; há-de procurar conhecer a vontade de Deus e as exigências duma vida perfeita.

b) — A *rectidão da consciência* supõe *juizo prático*, que arreda por igual do laxismo e dos escrúpulos, e interpreta acertadamente para cada caso, o alcance da lei moral. Há-de a consciência desprender-se da influência dum meio relaxado e das máximas comuns à mentalidade dos mundanos; há-de precaver-se contra os exagêros de muitos livros de espiritualidade, contra as interpretações rigorosas de certas leituras e discursos, contra a aceitação absoluta de regras, cuja intransigência tem de condescender com as contingências da vida.

c) — Será *delicada* a consciência, quando, por hábito, conceba pelo mal horror tão grande, que a faça estremecer e recuar a menor aparência do pecado...; quando a mais pequena falta verdadeira lhe pese tanto, que não descanse sem a reparar e sanar.

Como informar com estas qualidades a consciência.

a) — **Esclarecida.** Facilitar aos penitentes *exames de consciência*, correspondentes à sua cultura intelectual, ao seu género de vida e à sua envergadura moral. Prestar-lhes decisões claras e precisas, nas dúvidas e consultas. Aparte o caso de ser preferível deixá-los na boa fé, reformar e rectificar as suas ideias, quando notarmos que transviam.

b) — **Recta.** Combater os escrúpulos pela forma já estatuída neste tratado. Combater o laxismo, trazendo a alma para nobres pensamentos, para a meditação dos novíssimos e para o estudo atento das verdades austeras do Evangelho. Prevenir contra a singularidade e o fanatismo e impregnár a alma nos princípios seguintes, que irradiam tanta luz sobre a solução dos principais casos que se nos deparam: — *o acessório segue o principal; o necessário primeiro e só depois o útil e o agradável; primeiro Deus, depois a criatura; primeiro a alma do que o corpo; céde ao bem comum o bem individual. Importa, em todas as coisas, atender ao fim, isto é, pesar se os prós conpensam os contras e se o resultado será o que se pretende. — Não faças a outrem o que não queres te façam a ti. — Não faças às ocultas o que não farias na presença de testemunhas virtuosas.*

c) — **Delicada.** Inspirar grande aprêço pela beleza moral e conseguir zêlo ardente nas práticas de conselho. Acostumar o penitente a vigiar sôbre os menores sentimentos interiores e movimentos da alma, para sacrificar quanto desagrade a Deus. Acostumá-lo a sensibilizar-se pelas mais pequeninas faltas e a repará-las com salutar reacção: contrição, acto da virtude contrária, confissão; porque caleja fàcilmente a consciência, se a deixam familiarizar-se com irregularidades morais.

Corolário. *Máximas para a formação da consciência.*

1. — Lêr cada semana um exame de consciência, onde só apareçam pecados bem caracterizados. Lêr, pelo menos na ocasião do retiro mensal, um exame bem pormenorizado dos pecados e imperfeições. (Vide «Secret des confessions ferventes». — «Examens particuliers de Tronson»).

2. — Assunto de exame: propor-me-hei muitas vezes esta pergunta: «que pensaria eu de F. se o visse praticar a acção que vou praticar?» nos momentos de inàcção: «desejaria que o Superior estivesse ao par dos pensamentos e projectos, que me dominam actualmente?» — Nas relações com o próximo: «ficaria contente se fôsse tratado como eu trato a F.?» — Nos meus deveres para com Deus: «Trataria o Superior como trato o Ente Supremo?» — *Quid hoc ad aeternitatem?*

3. — Após cada defecção, humilhar-se, deplorá-la e produzir algum acto de reparação: bater no peito, beijar o solo, impor-se um sacrifício; — para faltas maiores, fazer a Via-Sácra, dar uma esmola avultada, etc.

Formação do Exterior

Conexão que com a direcção tem a formação do exterior. Os defeitos visíveis nas pessoas piedosas, particularmente os defeitos muito pronunciados, desacreditam a virtude e afastam da religião os espíritos fracos. Cai pois sob a alçada do Director êste particular. Demais, em virtude da dependência recíproca que entre a alma e o corpo estabelece a união natural, opera-se reacção manifesta do exterior para o interior e conseqùentemente o aperfeiçoamento efectuado sôbre o elemento visível do nosso ser, terá repercussão sôbre as disposições interiores.

Sôbre que pontos, em especial, quanto ao exterior, diligenciará o Director?

1.° — Sôbre os defeitos mais opostos à edificação do próximo, impondo-se expurgá-los inexoràvelmente.

2.° — Sendo perfeitas assás as disposições íntimas essenciais, é quando mais importa aprimorar o exterior: porte digno e natural, maneiras polidas e afáveis, respeito pelas regras de conveniência social, que se harmonizam com o espírito do Evangelho, fisionomia franca e agradável; conversação sincera, simples e cuidada, grave e amena; trajo limpo e correcto, sem desleixo, nem afectação.

Observação. Pode servir qualquer destes pontos para motivo de mortificação e acentuar o merecimento, por virtude do esfôrço a que obrigam. São tambem ensejo de praticar a caridade e de testemunhar respeito pela presença de Deus, como o prova o exemplo de S. Francisco de Sales.

Virtudes Sobrenaturais

1.° — Importa formar a alma nestas virtudes, *tanto mais que para elas já existe na verdadeira piedade uma tendência natural.* Compreende-se que a piedade leve de per si, instintivamente, à virtude, porque dizer «uma alma piedosa» é dizer uma alma atraída para Jesus Cristo, a quem ama dedicadamente. Ora, o amor conduz à semelhança com a pessoa amada; portanto, apaga-se, desvanece a piedade que não tenha por alvo imitar o Salvador, e esta imitação só se consegue pela prática das virtudes, de que nos deu o exemplo.

2.o — Já vimos no presente tratado, *que a formação das faculdades da alma não tem outro escopo final senão a prática constante das virtudes.*

Para que se ha-de alumiar o espírito, tonificar a von-

tade, exercitar o coração, formar a consciência, senão para dispor a alma para esforços generosos e constantes na verdadeira virtude?

3.º—Qual é o objectivo do exercício na virtude?

Não é outro senão tornar a alma *uma cópia viva da Pessoa de N. S. Jesus Cristo, de sorte a poder repetir com o Apostolo: «Imitatores mei estote sicut et ego Christi»*. Adornar pois a alma com todas as virtudes que Jesus proclamou e das quais foi o primeiro a dar o exemplo, eis todo o nosso trabalho. Necessitamo-las todas, até certo ponto ao menos, mas ha quatro especialmente, que merecem todo o empenho do Director, não só porque particularmente as recomenda o Salvador, mas porque desempenham, importantíssimo papel no trabalho da santificação: ***a humildade, a mansidão, a prudência*** e ***a simplicidade***: *Discite a me, quia* **mitis** *sum et* **humilis** *corde. Estote* **prudentes** *sicut serpentes et* **simplices** *sicut columbae.*

Se compararmos a perfeição cristã à um edifício, é a humildade o alicerce, e a mansidão, supremo ápice da caridade é o tecto...; a prudência é o engênho do arquitecto que prevê todas as particularidades, obstáculos e combina os meios..., a simplicidade é como que o dirigente, que pelos meios menos dispendiosos, mais eficazes e expeditos, consuma todo o edifício espiritual. Juntêmos a estas virtudes a disposição que S. Paulo, éco fiel da doutrina do Salvador, reclama como de utilidade geral para a vida cristã: *a piedade. «Exerce autem teipsum ad pietatem... pietas autem ad omnia utilis est»*. É a piedade como que o provedor oficial da alma na construção do grandioso edifício espiritual da nossa santificação; é uma grande riqueza, diz ainda o mesmo Apostolo: *«questus magnus pietas»*. (I Tim. VI).

Uma **disposição prévia, muito necessária para o exercício das virtudes, é o desejo ardente da perfei-**

ção. Diz N. Senhor no Evangelho que bemaventurados os que teem fome e sêde de justiça, isto é, de santificação e santidade. A êste respeito eis alguns textos da Sagrada Escritura e dos Santos Padres:

A.—Sancti eritis, quoniam ego sanctus sum. (I Petr., I, 45.) Qui justus est, justificetur adhuc. (Apoc., XXXI, 5.) Hæc est voluntas Dei santificatio vestra. (I Thes., IV, 3.) Estote vos perfecti, sicut et Pater vester cœlestis perfectus est. (Matth., V, 48.) Justorum anima quasi lux splendens procedit et crescit usque ad perfectam diem. Prov., IV, 18.) Facile videtur (sapientia et sanctitas) ab his qui diligunt eam, et invenitur ab his qui quærunt illam. (Sap., VI, 13.)

B. — Felix est ille qui quotidie proficit, qui non considerat quid heri fecerit, sed quid quotidie faciat ut proficiat. (Hieron., in ps. 83.) Tota vita christiani sanctum est desiderium proficiendi. (Aug., tr. 4 in I Ep. Joann.) Nunquam justus arbitratur se comprehendisse, nunquam dicit «satis est» sed semper esurit sititque justitiam. (Bernard., Epist 254 ad Carin.) Magna confusio, magna valde: ardentius (peccatores) perniciosa desiderant quam nos utilia: citius illi ad mortem properant quam nos ad vitam. (Bernard., Serm. I, De latit. cord.) Verus amor gradu uno contentus non est: sed altiora semper nititur, et ad perfectiora indesinenter concupiscit attingere, quas habet non magni facit virtutes, proficiendi accensus desiderio. (S. Laur. Justin, De casto connub., 2.)

C. — *Devemos progredir:* a) — *Se amamos a Deus* verdadeiramente, como podemos desinteressarmo-nos da sua glória?... Afirma Santo Afonso de Ligório que dá mais glória a Deus uma alma perfeita, do que centenas delas imperfeitas.

b) — *Se nos amamos a nós mesmos,* como renunciamos aos imensos benefícios da perfeição: complacência

de Deus connosco, a sua protecção... tesouros abundantes de merecimentos... glória de nos parecermos com Jesus Cristo... felicidade íntima de nos encontrarmos junto do coração de Deus?

Piedade

É a piedade uma disposição que nos leva a cumprir assìduamente, com generosidade e ternura filial, todas as práticas religiosas, congruentes ao nosso género de vida.

Uma piedade, bem aquilatada, supõe — *uma selecção bem feita* nos exercícios religiosos, — *uma fidelidade constante* — e *solicitude generosa* em os cumprir, perfumado tudo *de amor filial*, terno e dedicado.

1.º — São boas tôdas as práticas de devoção aprovadas, mas importa entre estas *selecionar as melhores*, atendendo à *excelência absoluta*, par um lado, e ao *valor relativo*, por parte das disposições do penitente: atractivo, vagar, ambiente, temperamento, hábitos, etc. (Vid. supra-Cap. II-Da oração). Com o *placet* do Director e sob a sua vigilância, traçará o penitente o programa dos exercícios de piedade, concedendo à Eucaristia, como centro, o primeiro lugar (Missa, comunhão, visitas), e o segundo à devoção à SS.ma Virgem.

2.º — Feito devidamente êste regulamento, considére-o *inviolável*, àparte o caso de transitòriamente o derogar por razões de fôrça maior, que nunca poderão ser a preguiça, os respeitos humanos, nem as securas espirituais.

3.º — Nunca a piedade se pode contentar com fidelidade maquinal ou farisaica; ao contrário, reveste de respeito e diligência os exercícios e sabe fazer-se violência para obstar às distracções e manter uma atitude impregnada de deferência.

4.° — Enfim, faz perpassar por todos os exercícios uma *rajada* santa de *abandôno filial*; em todas as suas orações e devoções domina o amor e a confiança.

Como ha-de comunicar o Director esta piedade ao dirigído?

Formando-lhe na inteligência uma noção exacta da piedade, fazendo-a desejar, amar e praticar.

A) — A piedade tem de ser bem regulamentada e alicerçada, e ao mesmo tempo impregnada de respeito e amor. Exorte com ardor nêste sentido, fundado nos textos da Escritura, que apresentamos: «*para tudo é útil a piedade; ela tem as promessas da vida presente e da vida futura* (1.ª Tim. IV, 7). *É uma grande riqueza a piedade* (I Tim. VI)... *Importa orar sempre e nunca cessar* (Luc. XVIII, 1). *Nas vossas orações não multipliqueis as palavras como os pagãos que pensam serão ouvidos à força de muitas palavras* (Math. XV, 7). *Deus é espírito e importa que aqueles que O adoram, O adorem em espírito e verdade* (Joan. IV, 24). *Antes da oração, prepara a tua alma e não sejas como um homem que tenta a Deus* (Eccli. XVIII, 22.

B) — Exêrça-o nas diferentes qualidades de piedade, dando-lhe sucessivamente como tema de exame particular os pontos seguintes:

Exactidão em fazer, sem precipitação, os exercícios que lhe marca o regulamento, aprovado pelo director. Conservar em cada exercício uma atitude respeitosa, recolhida e até, para os principais, edificante. Lembrar a presença de Deus tôdas as vezes que fizer o sinal da Cruz e repelir ao mesmo tempo qualquer pensamento profano. Formar intenção especial no princípio de qualquer oração. Fazer os exercícios diante do SS. Sacramento, ou ao menos com o espírito para o Tabernáculo. Fazer as orações principais em união com a SS.ma Vir-

gem. Excitar no coração sentimentos e afectos de confiança filial. Comungar todos os dias, ao menos espiritualmente, na impossibilidade de o fazer sacramentalmente.

Dividir o dia em duas partes, das quais uma com tôdas as acções servirá de preparação, de acção de graças a outra. Fazer com o mais profundo respeito os actos exteriores que permita o género de vida: sinal da cruz, genuflexões, reverências, prostrações, etc. Meditar cada dia alguns minutos uma ou outra parcela das orações vocais. Estando só, beijar muitas vezes, o crucifíxo, — uma medalha, — uma imagem, — uma relíquia. Voltar-se, várias vezes, para o Sacrário, colocando a mão sobre o peito ou genuflectindo. Meditar todos os dias alternativamente, qualquer dos mistérios do Rosário, — as estações da Via-Sácra, — as sete petições do Padre Nosso, — os quinze mandamentos da lei de Deus e da Igreja, — os quatro actos de Fé, Esperança, Caridade e contrição.

Humildade

É a humildade uma virtude que nos dispõe ao desprêzo de nós mesmos e à aceitação do desprêzo alheio.

Inspira-se simultâneamente nas luzes da fé e da razão *para nos conservar adentro da ordem no que respeita à estima pessoal e à estima dos estranhos.* Exerce, portanto, a sua acção sobre a *inteligência* para a compenetrar ìntimamente do conhecimento do nosso valôr real; baseia, na consideração da nossa impotência natural e sobrenatural a convicção do nosso nada... e, na das nossas faltas e misérias morais, o conhecimento bem sentido da nossa abjecção. Actúa em seguida sobre a *vontade* para a regulamentar à face dêstes dados...; leva-a a consentir mais ou menos generosamente no desprêzo de si e a aceitar pacificamente, a desejar e amar o desprêzo de outrem. Portanto, 1) para ser completa no sentido cristão, deve a humildade não sòmente preservar-nos das desordens do orgulho, tais como o aprêço

exagerado de nós e a ância febríl e fraudulenta da estima dos outros, mas àlêm disso, criar em nós êsse desprêzo próprio e a aceitação espontânea do desprêzo alheio.

2) Para ser verdadeira e autêntica não deve inspirar-se por tal modo no próprio desprêzo, que despenhe o interior num estado de depressão a confinar com o desespêro, ou num estado de pusilanimidade que comprima tôda a iniciativa e tôdo o ardor para santos empreendimentos . . ; por outro lado, não ignore a alma humilde o bem real de que é dotada, afim de não descurar, nem esquecer o reconhecimento para com Deus, que o liberalizou.

Corolário. Podemos distinguir: 1.º — A humildade *interior*, que consiste em *sentir* verdadeiramente o desprêzo de si, e a humildade *exterior*, que é a mesma humildade interior manifestada e traduzida por actos;

2.º — a humildade *intelectiva*, que se cultiva com reflexões graves, convictas e freqùentes, sob a influência de luzes sobrenaturais . . ., e a humildade da *vontade*, do coração, de inclinação, que se desenvolve pelo exercício e prática assídua de actos generosos, sob o influxo da graça.

Como formar as almas na humildade.

A. — *Persuadí-las da importância capital desta virtude*. Para isso, recomende o seu estudo em livros de doutrina sã e sólida (por exemplo, Rodrigues, Formation progressive de la confession, etc.); estimule, desenvolvendo alguns dos pensamentos que seguem:

a) — Ser humilde é ser justo: 1. — por mim não sou nada; que importa, portanto, que seja ignorado? os bens que possúo recebi-os de Deus, não os posso arrogar como próprios; «*que motivo terá de se orgulhar quem é cinza e pó?*» (Eccli. x, 9).

2. — Pelo pecado decaí do estado de verdadeira grandeza, fiquei reduzido a um estado de abjeção . . . sou

com efeito, digno de desprêzo..., mais desprezível do que se cometesse a maior inépcia do mundo.

3. — Não tenho autoridade para julgar o próximo e tenho obrigação de me julgar a mim; devo ter-me em menos do que os outros, segundo adverte S. Paulo: *cada um pela humildade repute os outros acima de si* (Fil. II, 3).

b) — A humildade assemelha-nos a Jesus Cristo e aconchega-nos ao seu Coração: *aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração.* — Jesus humilhou-se até tomar a forma de escravo, humilhou-se até à morte e morte ignominiosa de Cruz. — A vida eucarística é o cúmulo do aniquilamento.

c) — Proporciona vantagens preciosas: 1. — *Onde estiver a humildade, está a sabedoria* (Prov. XI, 2).

2. — *Trespassa as nuvens a oração do que se humilha.*

3. — *Aquêle que se humilhar e se tornar como um dêstes pequeninos que crêem em mim, êsse será o maior no reino dos céus* (Math. XVIII, 4).

4. — *O que se humilha, será exaltado* (Luc. XIV, 11). *Nada é comparável à humildade! é ela a mãe, a raiz, o apoio e o fundamento de todo o bem, o bem de todas as virtudes* (S. Crisost.).

B. — **Exercê-las na prática da humildade** pelo exame particular sôbre os seguintes pontos: «repelir os pensamentos que lisongeiam o amor próprio e a vaidade, — e para reagir melhor, ler e lembrar a lista circunstanciada das minhas misérias. — Procurar, no exame de consciência e na confissão, o que particularmente me humilha e exprimir com jaculatórias o sentimento de quanto me abate. — Praticar actos externos de humildade: beijar o chão, servir-me, na intimidade, dos objectos mais desprezíveis, recordando a minha abjeccão. — Não falar de mim, nem das minhas emprêsas, senão por verdadeira nocessidade ou utilidade, e purificando primeiro a minha

intenção. Os elogios que me tributarem, referí-los a Deus. — Não ligar importância a encómios e ficar com a impressão de que, se me conhecessem bem, me não cercariam de honrarias. — Na exprobração e crítica que me façam, não atribuir ao ciúme a censura, mas reconhecer nela um fundamento de verdade. — Depois da humilhação, continuar benévolo e obsequioso com as pessoas que me feríram..., dizer bem delas, se o permite a prudência..., dirigir por elas uma prece, com a persuasão de que, de facto, me fizeram grande benefício, fossem quais fossem as suas intenções. — Fazer por encontrar de tempos a tempos as pessoas que me desdenham, para lhes testemunhar afeição e simpatia. — Ficar calmo e satisfeito na humilhação, exclamando: bendito seja Deus! — Interessar-me pelas pessoas de condição humilde e participar alguma vez do seu viver. — Excluir do meu uso objectos de luxo, que não comporta a minha condição. — Na sociedade, ofuscar-me quanto possível, deixando aos outros a honra e a direcção da conversação. — Não falar dos defeitos das pessoas que me não agradam, não pensar neles, mas antes nas qualidades e virtudes. — Conviver com os iguais como se fossem superiores. — Não fazer cousa alguma, nem dizer, para atraír a atenção ou o louvor. — Conservando sempre a confiança e o respeito dos inferiores e mantendo toda a autoridade, considerar-me interiormente o ínfimo de todos, recordando que muitos dêles serão no céu a mim superiores. — Honrar os pobres e os humildes. — Pedir a Deus o amor das humilhações. Após uma consolação espiritual ou prova de estima que me testemunhem, fazer interiormente um acto de profunda humildade. — Procurar a união com Jesus tão humilde e tão humilhado no Tabernáculo.

Mansidão

A mansidão é uma virtude que nos leva a proceder com o próximo pelo modo mais agradável e aprazível.

Para que o nosso trato seja agradável, é necessário

que se funde num sentimento intenso de caridade, que nos torne generosos e dedicados pelos interêsses dos outros, que nos leve a suportar com paciência os seus defeitos e a compor graciosamente a nossa apresentação, de sorte a ser-lhes aprazível a nossa sociedade. Requerem-se para a mansidão no sentido do Evangelho quatro qualidades: *caridade*, *paciência*, *dedicação* e *afabilidade*, contidas tôdas na primeira, que só as leva a expánsão plena, quando muito perfeita. É portanto, a mansidão a suprema evolução da caridade.

Como formar os penitentes nesta virtude.

A. — *Incutir-lhes grande aprêço por ela.*

a) — *Escritura Sagrada*: «*aprendei de mim* que sou manso... e encontrareis repouso para as vossas almas (Math. xi, 29). Bemaventurados os mansos, porque êles possuirão a terra (Math. v, 4). Meu filho, opéra com mansidão e serás amado dos homens e agradável a Deus (Eccli. iii, 17). Faze-te agradável à sociedade, presta atenção ao pobre e dá-lhe como resposta uma palavra que o console.

b) — *Vantagens*: assemelha-nos a Deus..., ao Salvador..., e obtem-nos em proporção o seu agrado; é ornamento no cristão e dá eficácia especial às nossas orações; é de grande valia no exercício da autoridade, conquista-nos muitos amigos e é fonte abundante de merecimentos.

B. — *Exercê-los*, pela prática do exame particular, sôbre as quatro virtudes que constituem a admirável virtude da mansidão: caridade, paciência, dedicação e afabilidade.

Caridade: amor sincero, sobrenatural e ilustrado. Acostumar-me a ver o que ha de divino no próximo e fechar os olhos ao que repugna ou desagrada. — Quando

me abeirar duma pessoa, saüdar Deus no seu coração... ou o Anjo da Guarda ao seu lado... Ver nos inimigos instrumentos da Providência para me purificar, santificar e provar, — e tratá-los, sobrenaturalmente reconhecido. Repelir inexoràvelmente do espírito qualquer pensamento de queixa contra o próximo. — Rebater as afeições carnais e amizades particulares, que são o dissolvente da verdadeira caridade.

Paciência. — Calar-me e ficar socegado quando me beliscarem com propósitos e remóques ofensivos..., quando mostrarem grosseria comigo... e retirar-me, se precisar de acalmar a minha indignação. — Não fazer queixumes, nem dirigir censuras, sob o impulso da exasperação. — Levantar os olhos para o crucifixo quando sentir esgotada a paciência. Suportar os defeitos alheios com magnanimidade..., reconhecimento..., amenidade..., espírito de fé, de penitência e caridade.

Dedicação. — Prestar aos outros com agrado os serviços que desejo me prestem.

Afabilidade. — Ter com o próximo palavras amáveis; — observar com espírito de caridade, as regras do decôro, da cortezia e da civilidade; — mostrar habitualmente fisionomia agradável; — testemunhar estima a todos; — mostrar-me atencioso quando desabafem comigo as suas misérias; — evitar modo altivo e desdenhoso, deixando antes transparecer nobre simplicidade, que a todos cative e deixe à vontade.

Prudência

A prudência cristã ou discreção é uma virtude que nos faz discernir e adoptar o que mais convem espiritualmente à nossa alma, e previnir contra a exageração no exercício das boas obras.

Êste justo discernimento envolve várias condições: a) — *conhecimento profundo das cousas divinas;* b) — *a oração;* c — *a reflexão;* d) — *a circunspecção;* e) — *a docilidade.*

Importa, pois, que o penitente lance mão de todos os conhecimentos para se ilustrar, quer lendo e estudando obras de doutrina segura, quer assistindo a instruções e conferências religiosas, quer recorrendo às prelecções do director.

Importa que se dedique afanosamente à oração, consultando Deus a cada instante, sobretudo nos negócios mais importantes..., que se aplique pela reflexão assídua ao conhecimento do que mais convem à glória de Deus e ao interêsse pessoal..., que recorra de bom grado às luzes dos outros, principalmente dos que teem a graça de estado para o guiar.

Faça tudo com ordem e medida, evitando a precipitação e o exagêro, até nas cousas mais louváveis, e dando a cada acção o lugar que lhe compete sob o ponto de vista cristão: o bem geral antes do particular... o espiritual antes do temporal... o principal antes do accessório... o necessário antes do útil. Emfim, requer a prudência a circunspecção, que fará, muitas vezes, por circunstâncias graves ou importantes, modificar um intento em vias de realização... e sacrificar por motivos de caridade ou outros louváveis, certos exercícios de piedade supererogatórios.

Como formar o penitente nesta virtude?

A. — **Fazendo-a desejar,** dada a sua importância:

Eis os motivos a expender: *a)* Nosso Senhor disse aos seus Apóstolos: *Sêde prudentes como serpentes... pois estais como ovelhas no meio de lobos.* *b)* São notáveis a êste respeito as advertências do Espírito Santo: «*Possuí a sabedoria porque vale mais do que o ouro; adquirí a prudência, porque é mais preciosa do que a prata.* (Prov. XVI, 16) — *Possui a sadedoria, possui a prudência: não a abandones e ela te guardará, ama-a e ela te conservará.* (Prov. IV, 5). — *Bemaventurado o homem, que achou a sabedoria e que está rico de prudência: melhor é a sua aquisição do que o tráfico de prata, e seus*

fructos melhores do que o ouro mais fino e mais depurado: mais preciosa é que tôdas as riquezas: e tudo o mais que se deseja, não se pode comparar com ela... Os seus caminhos são caminhos formosos, e de paz tôdas as suas verêdas. É arvore de vida para os que lançarem mão dela e bemaventurado o que a não deixar. (Prov. III, 15 e seg.) — *Faze com reflexão o que tiveres resolvido e não terás depois de que te arrepender.* (Eccl. XXXII, 16).

c) — **Necessidade da discreção:**

Sem ela, a virtude degenéra em vício (Bern. Ser. 49 in Cant.). — A discreção é a medida e ornamento das virtudes (Bern.-ib.). — Assegura estabilidade à virtude: Diz S. Gregório que sem prudência a virtude se perde, e que se fortalece com a discreção. (L. Moral. 28).

B. — **Exercendo** nela o penitente, mediante o exame particular sôbre os seguintes pontos: entrar em si mesmo antes de cada decisão para consultar com Deus: em negócio importante, dirigir-se junto do Tabernáculo em procura de luz ou fazer uma novena nesse intuíto. — Proceder com socêgo e nunca com precipitação. Não tomar determinação alguma sob a impressão do momento, sob a influência duma paixão, tal como a impaciência... a antipatia... uma afeição viva, etc.

Simplicidade

É uma virtude que nos coloca na disposição habitual de evitar a dissimulação e deslize que não impõe a prudência e todo o rodeio que nos desvia do fim supremo.

Contrária à duplicidade e a complicações, dirige-se directa e sinceramente para o fim que lhe indica a razão cristã.

I.º—Foge de revestir-se de *aparências falazes,* que induzam o próximo a êrro àcêrca de reais disposições; detesta a mentira, a hipocrisía, os artifícios mundanos e só recorre à dissimulação, quando é absolutamente ne-

cessário para salvaguardar, não o amor próprio, nem mesquinhos negócios de ordem temporal, mas os supremos interêsses da glória de Deus.

2.º — *Abomina os circunlóquios.* Não tem pensamentos reservados, nem afectação pessoal, não visa a preocupações do amor próprio, mas, ciosa da glória divína, olha unicamente direita ao fim.

Como formar as almas nesta virtude?

A. — *Comunicando-lhes aprêço por ela,* dada a sua importância e vantagem:

a) — Palavras de Jesus: «sêde simples como pombas... se vos não tornardes como um dêstes pequeninos, que crêem em mim, não entrareis no reino dos céus».

b) — Advertências do Espírito Santo: sentí bem do Senhor e buscai-o com simplicidade do coração (Sap. I, I). — Deponentes omnem malitiam et omnem dolum (I Petr. II, I).

c) — Doutrina e exemplos do Doutor da Piedade: «eu daria cem serpentes por uma pomba». — Dizia mais: «para vos falar francamente, não sei mentir, nem dissimular, nem fingir, o que é o apogéu da política. Não aceitaria o mundo inteiro por dizer uma palavra falsa; eu falo à antiga, como os gaulezes, simplesmente e de bôa fé. Os meus lábios expressam sempre o meu pensamentos». — Um dos seus biógrafos diz: «Não sabia o que é a adulação, nem promessas vãs; eram as suas palavras simples e chãs. Procedia com simplicidade e franqueza».

d) — *Vantagens: a)* conduz à familiaridade e intimidade com Deus, que conversa com os simples (Prov.

III, 32). *b)* abre-nos o caminho do céu: «aquêle que anda em simplicidade será salvo (Prov. XXVIII, 18).

B. — *Exercendo-as* nesta virtude pelo exame particular nos seguintes pontos:

— Nunca mentir, seja qual fôr o incómodo. Não tomar atitudes especiosas, como lisongear e bajular na presença e censurar e zombar na ausência. Detestar a hipocrisía. — Não fazer promessas, nem garantir benefícios sem poder cumprir. — Falar habitualmente com toda a franqueza, sem ingenuidade, mas tambem sem afectação; principalmente na confissão, falar com toda a sinceridade do coração. Ter como divisa: «faze o que deves, aconteça o que acontecer». — Suprimir do viver habitual todo o supérfluo. — Ter horror à afectação. — Guiar-se pela máxima: *«ad majorem Dei gloriam»*. — Recolher-se adentro de si para ver se a intenção é pura e dirigida para Deus.

V. — DIRECÇÃO DAS ALMAS PERFEITAS

São estas as almas que, tendo domado as inclinações perversas da natureza, adquiriram suficientemente o hábito das virtudes, para prosseguirem generosa e tenazmente na prática do bem.

1.º — Para a perfeição é indispensável *a rectidão da vontade*, que existe quando a alma está disposta a todos os sacrifícios e a impôr-se todos os esforços, que comportam as exigências da moral cristã, no seu sentido mais lato.

2.º — Requer ainda uma *formação completa da constituição moral*, que assegure à vontade um apoio constante na prática do bem. Com efeito, enquanto se não estabelecer equilíbrio estável nas tendências da alma, a vontade, por mais generosas que sejam as suas resoluções, fica sempre mais ou menos exposta a surprezas e

retraimentos, que não podem por forma alguma coadunar-se com o estado de perfeição.

Assim, pelo terminar duns *exercícios espirituais* pode por algum tempo realizar disposições perfeitas, mas não pode por isso chamar-se alma perfeita, porque lhe falta a formação necessária para imprimir consistência e persistência a tais sentimentos.

Porque urge tomar a peito a direcção das almas perfeitas?

1.° — *Para as precaver contra o perigo da tibieza.*

«*Qui stat, videat ne cadat*». Enquanto vivermos na provação e «*in statu viae*» temos sempre a recear dos inimigos da salvação. Só se garante a perseverança, mediante muito esfôrço e vigilância.

2.° — *Para as incitar a novos progressos.*

Não expira no limiar da vida perfeita, a obrigação de tender a maior santificação: «*qui sanctus est sanctificetur adhuc*»: a) — *é ainda possível progresso*: «ha perfeições mais *perfeitas* umas do que outras, diz o autor da «*pratique progressive de la confession*».

Uma alma, hoje perfeita, se continuar com fidelidade, será muito mais perfeita daqui a anos. A alma perfeita pelo concurso persistente da graça será mais perfeita do que outra menos orvalhada. A perfeição consiste no equilíbrio, a intensidade e a elevação são a medida do seu grau. Pode-se, pois, sôbre a terra, crescer sempre em santidade, mesmo no estado de perfeito; ora, crescer em perfeição é crescer em amor, é augmentar a união com Deus. A união da graça neste mundo será a medida da união da glória no céu.

b) — *O progresso importa à glória de Deus*, porque [illegible]lma perfeita que progride, pode prestar mais louvor a [illegible] do que muitas almas imperfeit[illegible]

A que deve visar o esfôrço do Director?

A congregar todas as faculdades da alma no contacto mais íntimo com Deus.

a) — A *inteligência* ajuizará de tôdas as coisas, segundo a luz altíssima da fé e dados da revelação: verá Deus em tôdas as criaturas. *b)* — A *vontade* dará às suas intenções uma orientação divína, perfeita quanto possível; — *c* — Derramar-se-ha em Deus o *coração* e envolverá a suprema Bondade com os eflúvios ardentes dum amor puro, sempre crescente.

Como efeituar esta união íntima com Deus?

1.º — *Pela oração assídua.* Na familiaridade com Deus, deixa-se a alma impregnar de pensamentos e vistas sobrenaturais e forma para si uma mentalidade divína; dá curso livre a todos os sentimentos bons e aperfeiçôa-os com o exercício; particularmente pela oração afectiva renova incessantemente as generosas energias do amor divíno.

2.º — *Pelo exercício da presença de Deus.* — Conservar-se-ha habitualmente sob o olhar de Deus, sentindo, ao menos virtualmente, a impressão da sua presença, de sorte a influenciar tôdas as acções.

«*Ambula coram me et esto perfectus*». Diz Rodrigues a êste respeito: «é uma cousa certa, que se trouxerdes Deus continuamente deante dos olhos, vos tornareis perfeitos e que se aplicardes tôda a atenção à sua presença, vos podeis convencer que o sois; porque, assim como os planetas recebem do sol tôda a luz e virtude, assim tambem os justos que são como astros na Igreja de Deus, auferem da presença do Senhor e da elevação contínua do coração para Êle, tôda a luz com que brilham no interior, a seus próprios olhos, e no exterior, aos

olhos dos homens, e tôda a virtude que os torna úteis ao bem geral do mundo inteiro».

3.º — *Pela pureza de intenção:* O mesmo autor afirma que é indispensável êste exercício àqueles que começam a andar no caminho da virtude, porêm muito mais necessário aos mais avançados, que fàcilmente se deixam cativar pela vanglória. (T. I, III, cap. V). É tal a sua importância, diz ainda, que se chamam «plenas» as acções praticadas com esta disposição, e advertem S. Jerónimo e S. Gregório que é ao que se refere a Escritura quando fala nos que viveram dias plenos ou morreram plenos de dias, posto que tenham tido talvez vida breve.

4.º — *Pelo espírito de fé,* que radica em nós, se assim podemos dizer, uma mentalidade divína. Faz-nos pensar das cousas, não segundo o sentir humano ou os dados da razão, mas segundo as indicações e luzes da fé. Dispõe-nos, demais, ao amor da pobreza, do esquècimento das humilhações, do sacrifício, da perseguição, do martírio, etc.

5.º — *Pela conformidade com a vontade divína.*

Querer o que Deus quer, porque Êle o quer, como o quer, na medida que o quer, eis o efeito suprêmo do amor, a última palavra da Sabedoria, o segrêdo da grandeza verdadeira.

Não é mais manifesto o amor, quando só pretende agradar?... e não é o melhor meio de agradar, o adoptar a vontade e desejo da pessôa amada?... e que poderá haver mais recto e sábio do que a vontade divína, cheia de conhecimento de causa, sob os ditames do amor e da Sabedoria?... E não será elevarmo-nos e engrandecermo-nos, o entrarmos plenamente em participação com a Divindade, pela comunhão com a sua santíssima vontade?...

6.º — *Pela prática do amor.* — «Ama et fac quod

vis», disse Santo Agostinho. Acentos sublimes na descrição dos benefícios do amor divíno tem a Imitação de Cristo: «Magna res est amor, magnum omnino bonum... Amor vult esse sursum nec ullis infimis rebus retineri... Nihil dulcius est amore, nihil fortius, nihil altius, nihil jucundius, nihil plenius, nec melius in coelo et in terra... Amor volat, currit et laetatur... Valet ad omnia et multa implet et effectui mancipat, ubi non amans deficit et pavet... Sicut viva flamma et ardens facula, sursum erumpit, secureque pertransit». Pode comparar-se o amor a uma fornalha, que tanto alimenta as chamas (com os exercícios que precedem), como ao mesmo tempo as activa: o amor vive da oração, do recolhimento, da união com Deus e conformidade com a sua vontade, — e, por repercussão, activa tôdas estas práticas.

7.º — *Pelo exercício do zêlo.* O zêlo verdadeiro é como um transbôrdo do puro amor de Deus. Como sentir abrasar o coração no amor de Deus e não sentir irresistível fôrça para o ver amado?... *«qui non zelat, non amat»*, disse um Santo Padre. Nada mais lógico por conseguinte do que aplicar às obras de zêlo as almas perfeitas que dirigimos.

Como exercer a alma na prática da presença de Deus?

Segundo as indicações da fé e utilidade do penitente.

1.º — *Indicação da fé.* A fé mostra-nos Deus realmente presente ao homem por diversos modos: *a)* em virtude da *ubiquidade*, está Deus em toda a parte pela sua essência, pela sua omnipotência e supremo conhecimento; — *b)* pelo mistério da *graça* habita na alma do Justo, tão realmente como reside no céu, só com a diferença de não ser visível, de sorte que o coração puro é verdadeiramente um Santuário da Divindade; — *c)* Graças à *Incarnação*, o Filho de Deus *conversou* entre os

homens nos diversos mistérios da sua vida terrestre; hoje, está sentado à mão direita do Padre, em corpo e alma, no mais alto dos céus; — *d)* — O milagre da *transubstanciação*, expressemo-nos assim, torna Jesus Cristo real e substancialmente presente sôbre o Altar, no Tabernáculo, na Comunhão e no peito dos fieis.

2.º — *Utilidade do penitente.* *a)* Pode acontecer que o penitente sinta uma tendência persistente, devidamente verificada pelo director, para contemplar o mistério da presença de Deus, sob certo aspecto, de preferência a outro, ou que, graças ao concurso espontâneo da imaginação, encontre facilidade em se representar Deus a seu lado dum modo sensível ou forma concreta (Vid. Rodr. 6.º Trat., c. 2.º); — não há motivo para combater esta tendência, entendemos nós, a não ser que sobrevenha o perigo de ilusão. *b)* — *Se as aptidões do penitente se não conformam com tal método exclusivo*, convem variar de vez em quando, afim de evitar a monotonia, dar vida nova ao exercício e prestar sucessivamente homenagem aos diversos modos da presença de Deus.

Mas entendêmos que é para a presença eucarística de Jesus que mais deve voltar-se a nossa atenção, porque, se no Tabernáculo se tornou nosso companheiro de exílio, não foi para que O esquecessemos, mas para que ficassemos com Êle Sacramentado numa união íntima de vida, onde encontraremos o exemplar da vida perfeita e graças abundantes para o imitar.

Que intenção terá a alma perfeita em tôdas as acções?

Evitará tôda a intenção culpável e empenhar-se-há em proceder sempre, sob a influência principal ou virtual, de motivos elevados de puro amôr de Deus, sem excluir sistemàticamente os motivos imperfeitos ou os de ordem puramente natural.

Explanação: 1.° — *Excluir tôda a intenção viciosa.* Por mais excelente que seja uma acção, torna-se culpável logo que intende, subsidiariamente que seja, um fim gravemente mau ou que se pratica por motivo venialmente repreensível. Tambem não é isenta de culpa, quando voluntàriamente intervem qualquer intenção menos recta: proceder por vanglória ou mèramente pelo prazer natural que se experimenta.

2.° — *Inspirar-se nos motivos do puro amor de Deus.* O motivo mais excelente, mais nobre e mais meritório é o puro amor de Deus. «Deus agrada-me eminentemente pelas suas infinitas perfeições; portanto, empenho-me em causar-lhe quanto prazer eu possa, glorificando-o e cumprindo o mais perfeitamente possível sua vontade... Intenção nobilíssima, que deixa muito após si quaisquer outras.

3.° — *Não excluir os motivos imperfeitos.* Os motivos admissíveis, que encerram o amor perfeito, são de duas espécies: a) *o fim intrínseco* da acção, isto é, a utilidade imediata que lhe destinou a Providência; ex.: o fim do alimento é a conservação do indivíduo; b) *o fim extrínseco,* como se convencionou chamar-lhe, para o qual a acção não é necessàriamente ordenada.

Êste motivo, por nós ajuntado livremente pode ser natural ou sobrenatural. — Na primeira categoria ingressam certos *sentimentos honestos,* muito sugestivos na prática do bem: a dignidade, a compaixão, etc., na segunda, os motivos seguintes que a *fé sugere:* temor do inferno, do purgatório, dos castigos que naturalmente acarreta o pecado, da mancha que êste deixa na alma, o desejo de alcançar merecimentos, de conquistar mais alto lugar no céu, de atraír as bênçãos de Deus.

Embora inferiores em excelência, teem utilidade todos êstes motivos e adoptam-nos eficazmente as almas perfeitas. Os segundos, conjugados *subsidiàriamente* com o puro amor de Deus, comunicam às acções novo género

de merecimentos e proporcionam à vontade estimulante precioso para a fortificar. Podem tambem os primeiros estribar as faculdades no exercício da virtude e sobrenaturalizar-se pela influência do amor de Deus, que os admite ao seu serviço.

Regras práticas para formar a intenção.

1.º — *Colocar as intenções segundo a ordem de dignidade:* primeiro, o mais puro amor de Deus, depois os outros motivos sobrenaturais e em último lugar os motivos puramente humanos. Exemplo: dou uma esmola, primeiro, para glória de Deus, e tambem para expiação dos meus pecados, para obter tal graça, tal virtude, para alcançar merecimentos, sem pôr de parte o prazer que naturalmente sinto em aliviar o pobre.

2.º — *Dar a estas intenções, à primeira sobretudo, a expressão mais precisa.* O puro amor de Deus exprime-se muito claro na seguinte fórmula: «para agradar a Deus!» — e encontra-se implícitamente nestoutras: «seguir o exemplo de Jesus...; cumprir a vontade de Deus...; salvar as almas...».

3.º — *Renová-las muitas vezes.* Quanto mais actual e intensa for a intenção, com tanto mais valor e vitalidade a faz passar ao acto.

Principais actos do puro amor de Deus.

1.º — *Complacência em Deus:* experimentar prazer intenso em o ver glorificado...; rejubilar pela felicidade que na sua inefável sociedade, experimentam entre si as três divínas Pessôas...; sentir amplíssima satisfação pelas homenagens, que prestam os Anjos e os Santos à Augustíssima Trindade..., pelos louvores que Lhe são tributados na terra..; conceber gôzo inefável com o pensamento das sublimes perfeições do Verbo Incarnado...;

admirar as disposições da Providência, deliciar-se no divino beneplácito.

2.º — *Compartilhar* das injúrias, ingratidões, sacrilégios, com que férem o Coração de Deus tantos ímpios e maus cristãos.

4.º — *Arremessar-se* para Deus com ardor, para o abraçar e possuir mais intimamente.

5.º — *Felicitá-lo,* pelas suas perfeições, glória externa.., cantar seus louvores.. , falar dÊle com gôzo..., reparar os agravos com que é ultrajado.

6.º — *Procurar a companhia e presença de Deus:* ouvir com prazer as pessôas que falam dÊle..., amar a oração, a meditação e orações jaculatórias.

7.º — *Aceitar com alegria quanto nos venha da mão de Deus,* até os acontecimentos mais funestos.

8.º — *Empenhar-se com zêlo em fazer conhecer, amar e servir a Deus.*

Observação. — Segundo Bento XIV conhece-se a caridade heroica pelos seguintes sinais: zêlo da honra e glória de Deus, desejo de morrer para se unir eternamente com Éle; alegria interior, exteriormente traduzida por palavras quentes, inflamadas, à Seu respeito; paz na adversidade; júbilo em sofrer por amor de Deus. Estes actos, são indício de caridade heroica, como demonstra Lauroea (in 3 d. 22).

Règras que seguirão às almas perfeitas no exercício do zêlo com o próximo.

Hão-de trabalhar na salvação das almas, quer na

vida de intimidade com Deus, quer na vida de acção, ou mixta, consoante a via que lhes traçar a Providência.

Para trabalhar na glória de Deus pelo exercício de obras de zêlo, importa que a alma tenha em consideração as inclinações diversas *(atractivos)* que no seu íntimo imprime a Providência.

Esta inclinação, diz o autor da «*Pratique Progressive*» é como a resultante do conjunto das disposições e aptidões: «a inclinação *(atractivo)*, quasi nunca é um dom arbitrário de Deus, se assim podemos dizer, sem prévio fundamento; é antes a expansão plena das nossas faculdades morais ao encontrarem o seu objecto, porque, tôda a qualidade é uma fôrça e tôda a fôrça tende por si para o exercício.

A inclinação é o sentimento desta tendência, é a atracção para o objecto que lhe corresponde...; a atracção é acompanhada de gôzo e êste dá ao acto a perfeição e à faculdade a expansão; será no céu a última evolução do nosso ser. Favorecer a inclinação é torná-la mais operativa, é pôr ao serviço do bem as fôrças vivas da nossa natureza. Sem a inclinação, aliàs o *atractivo*, pode com certeza conduzir-nos a vontade ao mesmo *terminus*, mas com que custo! Os actos *preceituados* não se susteem senão com o esfôrço continuamente renovado. Deus, na sua Sabedoria, concede simultâneamente a qualidade e o atractivo, em concordância mútua: e se nalguns casos parece exigir duma alma coisas inteiramente contrárias a seu gostos, (sobrenaturais tambem), é que entranhou numa camada mais funda, a paixão santa do sacrifício, o que tambem é um atractivo.

Ora, existem duas classes de atractivos: *o da vida de oração* e *o da vida de acção.* A acção pode referir-se principalmente *às obras de misericórdia, tanto corporais, como espirituais.*

Quer se entregue à vida de oração, quer se consagre a obras de zêlo..., quer distribua o tempo igualmente pela oração e acção, isto é pelas obras de zêlo e

de beneficência, pode a alma tornar-se eminentemente útil à salvação do próximo.

— **Pela vida de união intima com Deus** pode conquistar no céu influência grande e fazer caír sobre a terra chuva abundantíssima de graças, que tocarão os corações e hão-de preparar efeitos surpreendentes de conversão e de renovamento espiritual. — **Pelas obras de misericórdia corporais** ha-de conciliar simpatias à religião, elevar até Deus uma messe copiosa de sacrifícios e por conseguinte rasgar amplo caminho ao regresso das almas e ao seu avanço para o céu... — **quanto às obras de misericórdia espirituais** é tão visível e evidente o seu escopo, que nos dispensa de algo mais acrescentar.

Não se lancem no exercício das obras de misericórdia corporais, sem que Deus as convide manifestamente, as almas que possuem atractivo real para a vida de união com Deus; com efeito, (já Jesus o declarou em Betânia), sobreleva a tôdas a vida contemplativa, constitui a melhor parte, que não deve ser preterida (*non auferetur ab ea*).

Por sua parte, sejam generosas e renunciadas as almas, que teem a vocação da vida activa.

Esta, prenhe de cuidados, fadigas, amarguras e decepções, oferece ocasiões freqùentes de exercer e dispender as energias do amor; penetra e sônda os desígnios de Deus, procura a sua glória e, pois que é vocação, é a verdadeira via para o fim último. É essencial premunir-se contra os escolhos da vanglória e da distração, pelo pensamento da vontade divína, pela fidelidade aos exercícios de piedade e pelo recolhimento interior. — Outras almas poderão entregar-se simultâneamente à contemplação e à acção ou seguir, ora uma, ora outra. Pertence ao Director aplicá-las, consoante as circunstâncias, à que proporcione mais glória a Deus e santificação à alma.

Matéria do exame particular das almas perfeitas

Fazer um acto de fé na Omnipresença do Deus, no princípio da oração. Saüdar interiormente a Deus na

pessôa do próximo, ao encontrar alguem. Ao principiar um trabalho, ao defrontar com a contrariedade, recolher-se interiormente e entrar em contacto com Deus. — Quando o relógio bater horas, colocar-se na presença de Deus. Formar o propósito de percorrer durante o dia, com o pensamento muito concentrado, ora as Chagas do Salvador, ora as sete petições do Padre Nosso, já as catorze estações da Via-Sácra, logo os quinze mistérios do Rosário, ou emfim as doze horas do quadro da Guarda de Honra do S. C. de Jesus, em união para cada hora — com a *SS.ma Virgem* — com *S. José e os Santos* — com *os justos da terra* — com os *Serafins* — com os *Querubins* — com os *Tronos* — com as *Dominações* — com as *Virtudes* — com as *Potestades* — com os *Principados* — com os *Arcanjos* — com os *Anjos*. — Estando só, acompanhar êstes transportes da alma para Deus, com um acto externo, como colocar a mão sôbre o peito, levantar os olhos para o céu ou para uma imagem do Salvador, fezer pausadamente o sinal da Cruz, beijar o Crucifíxo, genuflectir voltado para o Tabernáculo mais próximo etc.

— Percorrer com o espírito duas ou três vezes por dia as diferentes expressões do amor de Deus: complacência, gôzo, acção de graças, louvor, desejos, suspiros, reparação, compaixão, condolência. — Por cada consolação recebida, fazer um acto de agradecimento e por cada inquietação ou pesar um acto de amorosa resignação. — Levantar o olhar da alma para Deus, no uso das creaturas. — Purificar a intenção, na forma acima descrita, na ocasião da oração ou mais vezes ainda. — Em qualquer circunstância, lisongeira ou funesta, repetir do íntimo do coração com S. Francisco de Sales: Deus seja bendito! — Fazer tôdas as acções em união com Maria SS.ma ou com o Anjo da Guarda. — Mandar pelo Anjo da Guarda ao Tabernáculo uma mensagem de amor a Jesus Cristo. — Familiarizar-se com as orações jaculatórias. — Fazer tudo com muito cuidado, sob a impressão da lembrança: Deus vê-me... ! — Fazer a miude a comunhão espiritual. — De meia em meia hora unir-se espiritualmente às

missas que na ocasião se celebram sôbre o glôbo. — Oferecer a Deus, cada dia, actos de reparação pelos pecados que quotidianamente se cometem contra os mandamentos; etc.

II — DIFERENTES IDADES

I — DIRECÇÃO DAS CRIANÇAS

A Direcção das crianças *é da mais alta importância e, bem compreendida, torna-se relativamente fácil.*

a) — A quadra infantil, tem sôbre a vida inteira influência grande e quàsi sempre decisiva. Cumpre, portanto, reprimir dêsde tenra idade, as más inclinações do coração e procurar desenvolver as virtudes essenciais; prescrutar bem as disposições interiores e formar com tacto e habilidade a consciência. Esboçada no lar, deve ser continuada depois a tarefa, pelo concurso dos pais e mestres, mas ficará ainda incompleta e insuficiente, se lhe faltar o auxílio regular duma boa direcção, que estenda a sua acção até ao mais recôndito da alma e do coração.

b) — É evidente que não pode privar-se a criança do auxílio tão precioso da direcção. — *A sua alma joven, feita de candura e confiança, petrifica mais fàcilmente do que em qualquer outra idade.* Lance mãos à obra a tempo e verá o director que com zêlo, habilidade e amor, abrirá o seu coração às disposições de sinceridade, generosidade e docilidade, que a tornam susceptivel de direcção e a preparam para progredir...; temos ainda que a alma simples e inocente se inclina de bom grado para a oração, e o céu violentado, fará chover saùdável orvalho de graças e bênçãos. Quem não vê que tem então o director dos pequeninos entre mãos os elementos mais comprobativos de éxito, o esfôrço e a oração? Não o esqueça o padre e; àlerta dêsde os primeiros lampejos da inteligência infantil, redobre de zêlo, à medida que mais de perto antevê a hora da primeira comunhão.

c) — É emprêsa que deve prosseguir com inteligência e tacto. É indispensável proporcionar a direcção à capacidade intelectual e moral da criança, sem nunca esquècer que a sua leviandade natural se não acomoda bem a constrangimentos excessivos, nem a vigilância por demais rigorosa. Comece por descortinar o defeito dominante do pequenino, apresente-lho à lembrança muitas vezes, interrogando-o brevemente quanto aos resultados efectivados, dirija-lhe ràpida e suave censura e estimule-o a prosseguir com mais ardor. Nada de discursos ou exortações extensas, nem de arrazoados difíceis. A pequenina inteligência perder-se-ia com tais considerações, sobrevindo-lhe incontinente o enfado e a distracção, e tornando-se êste labor de nenhum proveito.

Terão mais efeito palavras simples, adaptadas à sua mentalidade, proferidas com doce firmeza: fixam estas a atenção, tocam o coração e impelem com eficácia a vontade.

A criança é como a cêra; assim como um nada lhe aviva a impressão do mal, assim tambem uma leve pressão para o bem consegue enveredá-la por disposições de virtude; e a razão é que sendo ela fàcilmente impressionável, disputam ao mesmo tempo o império da sua alma as variadas influências a que pode estar exposta.

Disposições essenciais que importa cultivar no coração da criança.

1.º — **O Pudor.** É êste a salvaguarda da inocência e o encanto da idade juvenil. A criança pura entrega-se como por instínto às delícias da piedade e deixa-se cativar pela beleza da virtude, que lhe façam entrever. Falai-lhe de Jesus, do seu amor, das suas dôres, das suas virtudes, e vereis na flama scintilante do seu olhar, que ela compreende e se delícia...; mas, passe só a sombra do vício pela sua alma e essa candura apaga-se e fenece, franqueando-se brevemente a porta a todos os vícios.

Logo lhe sopra ao ouvido um maldito instinto a cla-

mar-lhe que se esconda e ei-la sem delongas hipócrita disfarçada e mentirosa.

Depois, mais tarde vencida pela mais despótica das paixões, como poderá combater com vantagem os outros defeitos!

Ninguem se admire, pois, de que, após os destroços do vício ímpuro, sossobrem na criança as felizes disposições que a tornavam amável; dora em diante, ela será impertinente e triste, desobediente e inconstante; a inteligência torna-se-lhe pesada e fecha-se o coração a todo o sentimento terno e delicado. É por isso que vemos tantas vezes meninos ou meninas, que eram o prazer e o encanto dos pais, mudarem ràpidamente e converterem em desilusão as melhores esperanças que neles depositavam. Quem causou tão súbita mudança? o mais das vezes, foi simplesmente o vício impúro a causa da catástrofe; e que infelicidade, se tal desgraça se não remedeia!

Os que teem experiência das almas sabem quanto é difícil mais tarde, senão impossível, corrigir os hábitos impúros contraídos na infância; mais um motivo para empenharem todo o seu zêlo em prevenir e obstar ao mal.

2.º — **A sinceridade.** É na educação o mais precioso auxiliar e na vida um penhor constante de éxito. Quando a criança tem o amor da verdade, não desconcerta a atenção, nem o trabalho dos educadores; é fàcil seguí-la nas evoluções da sua vida moral, corrigindo os desmandos da inexperiência e reprimindo os arrancos das tendências más. A sinceridade é o caminho para a rectidão e sabemos quanto concilía confiança um coração cheio de nobre franqueza; ao passo que a mentira conduz à hipocrisia, ao sacrilégio, à calúnia, ao furto, e desconcerta completamente os mais hábeis planos de formação.

3.º — **A probidade.** A injustiça é uma tara que se contrai mui fàcilmente na infância e é quàsi sempre a gula o íncentivo. Seduzida pelo apetite de guloseimas,

acostuma-se a criança primeiro a pequenos furtos e bem depressa se familiariza com a injustiça. Que acontecerá mais tarde? O desejo dos bens dêste mundo tornar-se-ha cubiça insaciável, que não contida pela virtude da probidade, perdida na infância, irá sem escrúpulo até aos maiores excessos. Dora em diante, quantos sacrilégios e que risco grave de condenação!... É certo que são tão poucos os que se acusam de prejudicar ou de haver o alheio e menos ainda os que se dão ao trabalho de o reparar! É portanto, desde a infância que urge prevenir o mal, porque contraído nessa idade o hábito da injustiça, torna-se para o futuro quàsi uma segunda natureza.

4.º — **A submissão.** A obediência é uma virtude para tôdas as idades; Deus a constituiu base de tôda a sociedade, religiosa particularmente; mas é na infância sobretudo que ela é indispensável: a inexperiência e a fraqueza fazem a criança estar em contínua dependência; como não pode guiar-se por si, reconhece espontâneamente a autoridade de outrem e submete-se, até à obediência cega; e com efeito, o segrêdo da victoria da tenra idade sôbre os seus inimigos está nestas palavras: «*Vis obediens loquetur victórias*».

Como formar a criança na virtude do pudor.

É tarefa delicadíssima, que demanda muito tacto e zêlo, ao mesmo tempo.

Instruir imprudentemente a criança — ou deixá-la na ignorância que beneficia o vício, são dois excessos igualmente perniciosos. Um silêncio sistemático, em vez de afugentar o perigo, antes estende mais longe a influência do mal. Com o pretexto de não ensinarem à criança coisas que não sabe e de não sugerir ideias lúbricas, abstem-se alguns confessores de nem sequer ao de leve tocarem no pecado sensual; e entretanto brotam e alastram talvez as más inclinações, sem receio de serem rechaçadas...; e quando mais tarde se suspeitar da gravi-

dade do mal e das proporções que atingiu, já o hábito estará por tal modo radicado e escravizada a tendência má, que se tornará quasi impossível sacudir jugo tão importuno. Eis como uma falsa concepção do pudor pode tornar cúmplice com o vício. — Por outra parte, no estado actual da sociedade, a iniciação precoce das crianças em todos os segrêdos da vida, parece-nos tambem um sistêma exagerado, nocivo muito mais do que benéfico. Se a ignorância crassa não resguarda a inocência, antes a põe por vezes em risco, o conhecimento circunstanciado e imprudente, pode provocar inutilmente perigos não menos graves. Antes da puberdade, por exemplo, que interêsse e utilidade podem ter as crianças em conhecer as leis sexuais e procriativas?

— Portanto, sem ensinar tudo, expliquem-se bem as leis fundamentais do pudor: faça-se em termos tão velados que fiquem na inocência os ignorantes e tão inteligíveis que firam e despertem a consciência dos já culpados. Cumpre esta missão principalmente aos mestres, aos pais e aos catequistas, mas na falta dêstes, faça-o discretamente o director. Para que fique no justo termo que preconizamos, usará de tôdas as precauções. Se possui o dom de interrogar, conhecerá bem depressa as necessidades do seu humilde dirigido e subministrará os ensinamentos acomodados à sua mentalidade, ao género de educação e ao ambiente. Eis algumas indicações: quando o seu olhar vigilante e perspicaz comece de observar que o pequenino vai perdendo daquela simplicidade e candura, que são o apanágio da inocência, ha motivo para suspeitar que não está inteiramente ilêso o seu coração. É então que urgem **investigações prudentes,** que alcancem a origem do mal. Pergunte delicadamente: com quem acompanha no jôgo..., com que pessoas fica durante o sôno..., se ha pessôas grandes que o tratam com mais carinho e familiaridade..., etc. É isto importantíssimo, porque ha infelizmente quatro grandes causas de perversão para a infância: *nas famílias ricas,* as amas pouco escrupulosas, *nas remedia-*

das, os criados e jornaleiros, *nas pobres,* a exiguidade do local e a falta de camas, e *no campo,* o guardar os rebanhos e a vadiagem. Deve portanto, variar de forma o questionário, consoante a classe a que pertencer a criança. Se nada descobre, veja se ela pratica a sós coisas que a fariam còrar diante dos pais e mestres, ou só com êles o sabêrem. As respostas deixarão muitas vezes *perplexo* o confessor, *equívocas* umas, imprecisas outras, de sorte que será temeridade levar por deante o interrogatório; neste caso, é melhor insistir ainda sôbre a necessidade da modéstia, do recato e do pudor, com os seguintes pensamentos, por exemplo: «Deus N. Senhor ama muitíssimo os meninos modestos, que nunca saem do quarto sem estarem convenientemente vestidos, que evitam olhar para pessoas que estão descompostas, que resguardam os olhos quando mudam de roupa e que se absteem de jogar com crianças de diferente sexo. E aos que não procederem assim ha-de castigar com o purgatório ou com o inferno, porque aquelas cousas são pecado, que Êle detesta sobremaneira e fazem envergonhar o Anjo da Guarda».

Outras vezes será fácil convencer-se da *culpabilidade* da criança. É preciso então que a declaração seja íntegra. E notemos que só deve acusar as faltas de que está realmente culpada, isto é, que cometeu com a advertência moral precisa. É inútil, portanto, e inoportuno perguntar tôdas as circunstâncias que mudam a espécie, cuja malícia não atinge e que pelo questionário viria a descortinar. A criança não distingue a diferença específica entre actos perfeitos e imperfeitos de luxúria.

Bastará, pois, que diga se cometeu acções impúras, a sós ou acompanhada, com pessoas de família ou pessôas estranhas, com companheiros ou companheiras, se por si mesma se resolveu a praticá-las ou convidada; se pensou voluntàriamente nessas coisas e falou delas, se teve olhares indiscretos, etc.

Advertimos *ainda que não se deve tomar sempre à letra as declarações,* pois acusam muitas vezes o que não cometeram: compreenderam mal as explicações do

catequista ou fazem ideia errada do que lhes pergunta o confessor. Infelizmente mais tarde uma curiosidade lasciva as impele a provocar por uma culpabilidade simulada um interrogatório minucioso, em matéria tão melindrosa; chegam até, sem os terem, a acusar pecados de cumplicidade, só para se vingarem duma pessoa a quem teem aversão.

Esquadrinhada a consciência, *urge remediar*. Excitará o pequenino à contrição sem o aterrorizar tanto que paralize de futuro a expansão e a integridade. Não deve portanto usar em geral de severidade: são antes para os prègadores e conferentes as considerações aterradoras. Prefira-se na confissão infantil apelar para sentimentos de amor de Deus, de piedade, de estima pela virtude e de respeito pelo Anjo da Guarda. Depois passa-se ao **propósito:** Induzir a criança a tomar uma resolução *precisa* e fácil de cumprir, tendo em conta que o esfôrço a exigir deve ser calculado na proporção da idade e acentuar-se na proximidade da primeira comunhão. Meio excelente é prometer a criança recitar todos os dias uma oração para conseguir a virtude da *pureza*.

Seria de lastimar que no entender da criança não fôsse a confissão outra cousa senão uma fórmula de acusação, seguida de uma exortação mais ou menos vaga e banal e depois, da absolvição, benigna e cómoda. Tornar-se-ia assim uma formalidade monótona, vexatória e fastidiosa, que o penitente alijaria dentro em pouco tempo ou converteria em perniciosa rotina; e mais tarde que dificuldade para o confessor, ao empenhar-se com zêlo em fazer progredir!

Como formá-la na piedade.

1.º — Deve habituar-se a criança a *cuidar bem o lado exterior da piedade:* não falar no lugar sagrado, haver-se respeitosamente diante do SS.^mo^ Sacramento e nos ofícios divinos, evitar na igreja movimentos de curiosidade, fazer bem a genuflexão, seguir as ceremónias por livro

adaptado à sua mentalidade, pronunciar distíntamente as fórmulas de orações, fazer bem o sinal da Cruz, etc.

2.º — *Auxiliar a atenção mediante certas indústrias*, como apontar-lhe uma intenção especial para cada exercício, propôr-lhe cada semana ou cada mez um mistério para considerar particularmente, etc.

3.º — *Activar o amor de Deus* mediante o exercício da Via-Sácra e a freqùência da Comunhão.

Observação importante. Deve considerar-se a Comunhão freqùente como um poderosíssimo meio para gravar no coração da criança o amor da piedade e da virtude.

Sejam quais forem os defeitos, a leviandade e a irrèflexão, não hesite o confessor em persuadir a comunhão assídua, *com tanto que tenha a certeza moral de não haver perigo de sacrilégio*. É esta condição restrictiva da máxima importância, porque longe de ser um preservativo para a inocência e um sustentáculo para a virtude, é, ao contrário, a comunhão indígna, um terrível venêno para a vida da alma, a ruína dos sentimentos nobres e generosos, que alimentam a piedade e a vivifícam, a extinção precoce das luzes da consciência e a destruição das principais energias e recursos para a boa formação. Que possamos conceber apreensões àcêrca da profanação dos Sacramentos por parte das crianças, é um facto que a experiência atesta e comprova o estudo psicológico da tenra idade.

Não é raro o caso, infelizmente! muitos hábitos víciosos se contraem antes da idade da discreção. Onde temos a garantia infalível de que a primeira comunhão os arrancará miraculosamente?... E conservada até ali a inocência, tornará a comunhão impecável a criança, a ponto de não contaminar para o futuro a sua joven alma a torpeza do vício?... O mundo actual está repleto de perigos tão graves e freqùentes e a criança é por sua natureza tão inexperiente, impressionável e fraca! Se após

a quéda, ela tem a consciência tão vigilante, que sínta lancinantemente o aguilhão do remorso, abster-se-ha de comungar sem lavar e purificar o coração; mas, *quantas crianças insensíveis em face da torpeza*, as quais não sorveram com o leite materno o horror ao pecado, não trepidarão em presença de comunhões mal feitas! Se portanto, *inconsideràdamente* as habituarmos a sentar-se à mêsa Santa todos os dias, será a rotina, que tanto invade a oração, que as encaminhará para a comunhão, mesmo no dia imediato ao em que cometeram uma torpeza, sem sentirem a necessidade de se lavarem e sem sequer nisso haverem pensado. *O que mais se agrava ainda*, quando a comunhão quotidiana é prática do maior número, costume de família e quando a criança sabe que será repreendida, se deixar de comparecer à mêsa Eucarística.

Veja em tais conjunturas o Confessor de quanta circunspecção não há mister. Sem dúvida, devemos sêr partidários da comunhão freqüente, mas sem comprometer a sua eficácia maravilhosa, nem a lançar em descrédito, por falta, na aplicação dos princípios, da virtude da *prudência*.

Não quer o zêlo um ardor inconsiderado, antes para ser autêntico, exige a chancela da discreção, como o supõe o decreto «*Sacra Tridentina Synodus*». — Para levar à comunhão quotidia proponha para cada dia da semana uma intenção nova.

II — DIRECÇÃO DOS JOVENS

Porque é particularmente importante a direcção da juventude?

1.º — *A mocidade é o tempo do entusiasmo.* Os generosos ardores que nesta idade refervem no fundo da alma são energia fecunda que não podemos deixar desperdiçar, quanto mais resvalar para o mal... Canalizá-los antes para bem da virtude, será um prodígio de sábia direcção.

2.º — *A inexperiência fomenta na adolescência inúmeros perigos.* Precisa, portanto, de socorro a joven inteligência para evitar as ciladas, que sob encantadôra e falaz aparência, encontra no caminho.

3.º — Diz a Escritura: «*adolescens juxta viam suam, etiam cum senuerit, non recedet ab ea.* A primavera da vida tem sôbre a vida inteira repercussão profunda e estende até à extrêma senectude a influência da sua orientação. Veja-se, por conseguinte, quanto é necessário estimular para o bem o ardor e a generosidade dessa quadra da vida.

4.º — *Reservou para si o Senhor em todo o tempo as primícias de tôdas as cousas.* Mais um motivo para consagrar ao Criador as primícias das criaturas mais perfeitas, imagens suas e semelhanças.

Disposições que importa inculcar à mocidade cristã.

1.º — *A nobilíssima paixão da pureza:* é o que basta para a preservar dos naufrágios fatais que a ameaçam... Despertam impetuosas na puberdade as paixões; os primeiros jactos das suas chamas imundas arremessam-se terríveis e inundam todo o ser com emanações fumegantes, asfixiativas. Se não se encontra no seu posto a sentinela, para pôr embargo ao fôgo, que alastra, o incêndio lavrará de modo inextinguível, e serão tristes, lúgubres, a derrocada e os escombros...; e sôbre os destroços das faculdades devastadas, virão bater em vão os restos da *fé* e da *religião* abaladas.

— *Contraria contrariis curantur.* Aos ferozes impulsos da paixão impúra oponha-se o amor nobilíssimo da virtude da pureza: é entusiasta a alma na mocidade e abre-se de bom grado a sentimentos generosos... Ao director, portanto, compete haver o dom e arte de apresentar as coisas..., de fazer entrever lá no alto, por cima

das estrêlas, uma virtude que scintila... uma virtude que os Anjos conservam ciosamente como um privilégio da sua natureza..., uma virtude que o cordeiro imaculado cobre de honras e felicidade..., que imprime aos hinos do paraíso mais jubilosa harmonia e ao triunfal cortejo do Rei da glória mais deslumbrante esplendor..., uma virtude que seduz todos os sêres, o universo inteiro.

É uma arte levantar os corações a regiões tão sublimes, arremessar as almas juvenís a cimos tão vertiginosos e, apelando para a sua audácia, fazer vibrar no fundo dos seus corações um retumbante «sursum»!... Ávante! conquistêmos êsse tesouro, levêmos até às nuvens o nosso esfôrço e tragamos de lá, como troféus, as vestes candidas e fulgurantes da virtude angélica! Jovens houve que, fascinados pela beleza desta virtude, viveram no mundo como Anjos, apresentando aos olhares do céu e da terra o espectáculo sublime, de que o Espírito Santo faz o elogio inflamado: «*quam pulchra est casta generatio cum claritate*».

2.° — **O valor.** Exerce-se e retempera-se nas lutas heroicas da virtude da pureza, mas necessita de mais vasto campo de acção e mais tangível; necessário não é procurá-lo muito longe... a Igreja, tão atribulada nos tempos que correm, demanda soldados, atletas generosos para defender a sua doutrina, vingar seus direitos e dilatar a sua influência. Vasta arêna, sem dúvida, para a juventude expandir os seus ardores e exercer o seu valor!... Procurem os adolescentes lugar nestas obras admiráveis, que fizeram surgir com uma fecundidade verdadeiramente mágica as modernas necessidades... Conseguirá, portanto, o Director dos seus jovens penitentes, que se enfileirem, segundo o talento, as aptidões, a saúde, a influência social no vasto trabalho, que empreende em todos os dominios que confinam com a Religião, a acção católica... E para que seja durável o seu concurso, infunda-lhes na alma, não só o ardor e zêlo legítimo, mas tambem o desinterêsse que se sacrifica e desprende. Não compreenderia o

seu dever de educador e de apóstolo da Igreja, o padre que deixasse estiolar na inacção ou em acção egoísta, os germens de actividade e dedicação, que geralmente distinguem a natureza juvenil.

3.º — **O amor de Jesus Cristo e da Igreja.**

E' êste o fóco que verdadeiramente alimenta o valor cristão. Sôbre o amor de Jesus, escreveu páginas incomparáveis o autor da Imitação de Cristo, que importa leiam e releiam os adolescentes. Jesus ama a juventude: *intuitus delexit eum*; ámem-no por sua vez os jovens e à sua Igreja, com as chamas ardentes do mais devotado amor. Este será tanto mais espontâneo, quanto mais puro fôr o coração, donde transborde. E se aprenderem a tomar gôsto pelo Evangelho, a saboreá-lo nos seus segrêdos admiráveis! Tem páginas que cativam, levantam, dilatam e absorvem.

Eis como, servir a Jesus Cristo e à Igreja se tornará a sua mais veemente ambição, consumir nesta empreza toda a energia e ardor, o mais suave e reconfortante prazer!

III — DIRECÇÃO DAS DONZELAS.

Mais sentimental do que judiciosa, vassalo do coração mais do que da inteligência, tributária antes de impressões vivas do que de convicções estáveis, não está a donzela bem premunida para dirigir por si mesma o seu curso.

Se não entrega a outrem o léme da sua vida, esperam-na as decepções, ameaçam-na os escolhos e tristes naufrágios hão-de surpreendê-la. Mas, consciente da sua pobreza e necessidade, ela inclina-se instintivamente para a direcção e é ir de encontro aos seus desejos e aspirações proporcionar-lhe um guia... Ora, o padre oferece á sua confiança os mais autênticos predicados. Homem de Deus, investido da autoridade mais santa e dum prestígio doutrinal, que cada dia mais demonstra, aureolado pelo resplendor da virtude, não pode deixar de impôr-se à atenção

da fragilidade e da inexperiência, que procura um sustentáculo e um conselheiro. Por isso, a donzela, longe de recusar o jugo da direcção, solicita-o e submete-se com encantadora docilidade. E qual será o sacerdote digno e zeloso, que recusará tomar as rédeas duma tal direcção? Sem dúvida, é *delicada* a tarefa, *laboriosa*, e quantas vezes *ingrata*. Mas, por árdua que seja, quem ousará alijá-la, sabendo que são inapreciáveis os frutos que podem resultar? Não é verdade que o futuro da sociedade está antes de tudo nas mãos da juventude feminina? não é a donzela de hoje que ámanhã transvasará no coração das gerações novas, juntamente com o sangue das suas veias, os hábitos da sua vida e os princípios da sua alma?... quão grande, pois, e profunda a repercussão que produzirá a bôa formação da mulher!... Dirigir, portanto, recctamente a donzela nos anos da sua orientação definitiva, eis para o observador atento, uma obra santa, eminentemente fecunda, digna de todo o esfôrço e do zêlo mais ardente.

Para que esta direcção seja *prudente* e *fructuosa* deve ser: *paternal* para triunfar da timidez e facilitar as expansões necessárias... *digna* e *austéra*, para obstar ás tão perniciosas afeições humanas.

1.º — A donzela, naturalmente tímida, fica quási sempre muda aos pés do confessor, que a não põe á vontade, nem facilita as suas comunicações. Imobiliza-a por si mesmo o prestígio do sacerdócio, nos meandros dum certo pavor, e paraliza muitas vezes os transportes da sua confiança. *Para que ela se decida a falar abertamente, é indispensável que o padre, fazendo-se todo para todos, esqueça a sua alta superioridade e demonstre uma paciência, bondade e dedicação sem limites.*

Importa mesmo que saiba ir de encontro às confidências e provocá-las caridosamente, com delicadeza e arte. E' aqui que se torna necessário atender ás observações que fizemos no Cap. II, a respeito da sinceridade.

Em matéria de pureza, deve realmente fazer-se vio-

lência a donzela, para pôr a descoberto as suas dificuldades e fraquezas.

Um sentimento secreto lhe clama que o pudor é o seu mais precioso ornamento e instintivamente tenta disfarçar quanto possa atingir a sua integridade e a sua honra. Os terrores mesmo que a fé apresenta para inspirar horror ao sacrilégio, nem sempre conseguem torná-la perfeitamente sincera.

Procede mais pela impressão do momento e pela impulsão dos sentimentos mais intensos que a ocupam na ocasião; ora, como os males presentes impressionam mais vivamente do que os da eternidade, deixa-se influenciar mais depressa pela apreensão de que vai ser repreendida e pela vergonha que lhe inspira o declarar-se, do que pelo temor dos castigos eternos; descer na estima do confessor, que a considera, assusta-a muito mais do que provocar as iras longínquas dum Deus invisível. Nem sequer as almas que ha muito tempo vivem na prática da piedade, escapam sempre a lei tão complexa do coração feminino. Importa, contudo arrancá-las a esta fatal tirania dum amor próprio doentio e tímido; o que conseguirá mui freqùentemente o confessor, quando, tendo-lhes dado tôdas as provas duma bondade calma, que nada altera e que se compadece mui depressa em presença das misérias humanas, *as sacode fortemente pela meditação, bem sentida, dos novíssimos, ou aproveita um acontecimento providencial que as tocou profundamente:* se neste momento, recorrendo às intuições do amor paternal, ou antes, maternal, êle consegue tocar a consciência no ponto preciso e poupar à penitente abalada uma parte da vergonha em se declarar, fazendo, por assim dizer, todo o esfôrço êle só, pela habilidade em sondar delicadamente os cantos e recantos do coração, o triunfo será certo... ; terá doravante na mão a chave dessa consciência, tão dificultosa de auscultar, e, na próxima confissão, forte pelo resultado obtido, voltará delicadamente à carga, prosseguirá com bondade e doçura as investigações, até à expansão plena do coração. Porque, é de notar, é raro que a donzela,

nestas condições, outorgue à primeira vez um inventário completo do misterioso estado da sua consciência... ; seria imprudente lisongear-se de conhecer a fundo quanto se passa num coração feminino, porque é muito astuciosa a filha de Eva, e sem egual na arte de fingir e enganar... Não se precipite por tanto em formar sôbre ela juizo definitivo e em lhe conceder plena e càndida confiança, que viria a falsear a direcção e a terminar em amargas decepções. Esteja antes na espectativa de descobertas novas e surpreendentes..., e em presença de revelações inesperadas, seja tão senhor de si, que não transpire da sua parte nem espanto, nem atitude impaciente; seria sufocar novas declarações e reforçar o acanhamento... ; antes, *sempre igual, paciente, bondoso e serêno*, felicite a alma pela sua sinceridade e franqueza.

Se tiver de mudar de atitude, será sómente para se tornar mais terno e paternal, à medida que se esbocem e transpirem as confidências.

2.º — *Bondade digna e sobrenatural.*

É certo que uma afeição *santa* dilata a confiança e facilita as comunicações, mas a afeição santa há-de conservar muito alto os corações e *nunca os desviar de Deus*; mergulha as raízes na estima e amor recíprocos, *que longe de fomentar familiaridade e sentimentos meigos e ternos, antes os dignifica e sobrenaturaliza*. Como pensavam bem os Santos, pondo-nos de sobreavizo contra os testemunhos de afeição demasiado humana, a que tanto se inclina o coração feminino! Por mais puras que sejam as intenções teme sempre a prudência os laços, de malhas *imperceptiveis* que entretece a afeição natural. Seja, sim, o confessor inesgotável em bondade, mas sempre *nobre* e assás austéro; tenha horror a carícias e meiguices e, fóra do confessionário, conserve sábia distância com as penitentes, porque, além do perigo, a que se expõe pessoalmente, mostrando-se muito humano, arrisca o prestígio sobrenatural, que exerce sobre os corações tão santa sugestão e rouba à direcção o vigor potente que electriza as almas e as forma

em sólidas virtudes; tanto mais que seria um crime, uma traição, desorientar as que tem por ofício conduzir para Deus.

A que tende principalmente a direcção da donzela?

A resguardar-lhe o coração, de sorte a ilibá-lo de todo o contacto de impureza, a torná-lo uma fonte de ardente piedade e um precioso instrumento de bem, na vida.

1.º — *Dirigir os primeiros esfórços de formação no coração da donzela,* nada tão necessário e difícil, porque a mulher vale o que valer o seu coração. Ela não vê, geralmente, não julga, não decide, não vive, senão pelo coração. Está toda onde tiver o coração.

2.º — A necessidade de amar, que a caracteriza, traz consigo, em tôda a idade, mas especialmente na adolescência, perigos lancinantes... O coração da donzela é como um vulcão em actividade, onde frémem impacientes, vagas de ternura e de afectos.

Os eflúvios de afeição que transbordam de dentro da sua alma semeia-os ela, ardentes como fôgo, pelos caminhos, que calca, perfumando-os com as graças delicadas de que lhe deu o segrêdo a natureza... Por onde passa desprende uma atmosfera inebriante, que convida ao amor.

Nisso vemos uma disposição providencial, que facilita a eclosão das famílias..., mas quantos perigos de profanação até soar a hora de fundar um novo lar e de fixar o seu destino! porque é tal a lei da natureza decaída que não podem permanecer virginais muito tempo as afeições entre diferente sexo...; elas levantam no íntimo do nosso ser uma efervescência lasciva tão forte e importuna que não raro geram o delírio e, na ocasião, precipitam no crime... É raro, de facto, recusar obstinadamente a donzela o que com instância lhe pede uma afeição apaixonada, que no seu coração, encontrou éco.

E, *prêso êste, é difícil não se tornar um joguete lúbrico nas mãos daquele que o conquistou.* A piedade, a virtude e o pudor protestam a princípio com energia, mas fala mais alto a voz do coração e abafa aquelas reivindicações, que se tornam cada vez mais tímidas... Outrora, revoltar-se-ia a sua dignidade a tal ousadía e estremeceria de horror à menor aparência do mal! .. mas hoje, com a sua varinha mágica, o amor fez tudo belo e radiante, os excessos mais graves tornaram-se como pequenas negligências, não só desculpáveis, mas até encantadoras... ; quando pois se asfixia assim a virtude, sob as pressões pérfidas do amor, quanto é difícil resuscitá-la! as lembranças lúbricas como que se estamparam na região dos sentidos e a cada instante agitam os germens da volúpia... ; representa-os a imaginação com sôfrega e grosseira embriaguês e descarrega sôbre a virtude novos golpes... Eis então perdido, apagado para a donzela o seu mais belo adôrno, o seu maior tesouro e perdidos os encantos a que nem sequer resistia o Espírito Santo: «*gratia super gratiam mulier pudorata...*». Ainda que não degenere em tais excessos a afeição, são contudo tristes, lamentaveis os estragos na alma; se em toda a mocidade se ocupa a donzela em mendigar de criatura em criatura, *cria em volta de si uma atmosfera de leviandade, de vaidade, de versatilidade, de tibieza, que dissipam todos os belos recursos da idade juvenil* e preparam pela loucura a inauguração dos encargos gravissimos da maternidade.

3.º — Não obstante todos os perigos a que expõe a afeição feminina, abstenha-se o director de estiolar na donzela a faculdade e necessidade de amar... ; atrofiar-lhe o coração seria insulto à obra do Criador. Em vez de desarraigar e arrancar os tesouros de ternuras, com que a dotou a Providência, *importa conduzi-las a uma expansão completa.* Quanto melhor souber amar, tanto mais se aproxima da perfeição do seu sexo e se torna competente para realizar com fruto a sua missão. Ora, nada ha tão próprio para atiçar e renovar estas chamas, como a

aproximação da fonte suprema de todo o amor. Empenhe se pois em lhe inspirar uma devoção muito terna ao S. Coração de Jesus e á SS. Eucaristia.

Ali encontrará o objecto concreto e palpável que reclamam tão imperiosamente as aspirações da sua alma; ali, poderá dilatar o coração, entranhar-se profundamente nesse oceano infinito de caridade e preludiar a vida de amor, forte e suave, que mais tarde lhe será de profícua influência.

Mas, como comunicar esta fervente piedade?

Infundindo-lhe, primeiro, pela virgindade grande estima e admiração: é bela, é sublime, ê a sua maior riqueza..., e grande estima pelas alegrias duma vida que só pertence a Deus... Dir-lhe-ha: «mais tarde a tua vocação ha-de dividir-te o coração..., consagra por isso até lá a Deus N. Senhor os melhores anos da tua mocidade, reserva-lhe as primícias da tua vida. Fecha os olhos às criaturas enquanto não sabes a escolha que has-de seguir. Um dia ser-te-ha lícito sorver a taça das afeições terrenas e inebriar-te até à saciedade. Por agora, sacrificando generosamente a tua natureza, contenta-te com as alegrias puras do amor divíno e com as consolações inefáveis duma piedade fervorosa; nada ha que tantas bençãos possa atraír sôbre o teu futuro, iniciando-te no amor verdadeiro, terno, forte, durável e poupando-te muitas e angustiosas decepções».

IV — DIRECÇÃO DOS ESTUDANTES

Na direcção dos colegiais e pensionistas deve exercêr se particularmente a vigilância do director:

1.º — *em combater a rotina nos exercícios da piedade* e sobretudo na recepção dos sacramentos da Penitência e Eucaristia.

O instinto de imitação com efeito conduz a praxes, que se convertem em hábitos, êstes degeneram em rotina e a rotina rechaça a piedade.

2.º — É preciso, nos pensionatos de meninas, precaver contra a *hipocrisia*, com que tendem, simulando piedade e virtude, a captar a estima e favor dos superiores... Quanta prudência não é precisa para regulamentar bem a freqüência da comunhão!

3.º — Urge ser inexorável com as *amizades particulares*, verdadeiro flagelo das comunidades; destroem a piedade, arriscam a virtude, peiam a aplicação ao estudo e avariam tôda a obra de educação.

4.º — *Ingerir-se prudentemente* entre mestres e alunos, para obstar a equivocações, dificuldades que possam surgir e ser inexorável com as cabalas, intrigas, conluios e com o espírito de insubordinação.

5.º — *Estimular ao trabalho e ao estudo.* A ociosidade é a ferrugem da inteligência e do coração e o fermento das disposições mais ignóbeis.

V — DIRECÇÃO DOS ADULTOS

Importa que os adultos:

1.º **observem os deveres sociais.** São êstes tão descurados às vezes, que é como se não existissem. É contudo muito grande a sua importância. Não os observar é lançar a desordem na sociedade, semear em toda a parte a discórdia e o mal estar. Cumpre por isso *insistir no respeito à autoridade, na dedicação à causa publica e aos interêsses da Religião, na benevolência com os inferiores* e na prática da *justiça, da probidade* e *da igualdade com todos, particularmente com os pobres.*

2.º — **Cumpram os deveres de estado.** Variam estes consoante a profissão; importa tê-los em grande conta, porque caracterizam a via especial que cada um tem de trilhar, servindo a Deus, para chegar à salvação.

Queremos tratar aqui de três categorias especiais: a) *com as pessoas que têm profissão de ensinar*, insistir na vigilância sôbre os alunos, na preparação consciênciosa das lições ou prelecções e na necessidade de desempenhar bem a função de educador. b) — *As pessoas que professam a medicina* curem em adquirir os conhecimentos necessários para não pôrem em risco a saúde dos clientes, tenham solicitude em tratar devidamente os enfêrmos, previnam êstes da necessidade de receber o baptismo ou os últimos sacramentos e obstem o mais possível às práticas abortivas ou anti-conceptivas. c) — *Aos comerciantes* é necessário precaver contra a maldita cubiça, que arrasta a fraudes, falsificações, lucros exagerados e negócios desleais. — Véle tambem por que os estalajadeiros e taberneiros não consintam excessos escandalosos... reuniões viciosas... divertimentos perigosos... e infracções às leis da Igreja.

VI — DIRECÇÃO DOS VELHOS

Que razões nos persuadem a interessarmo-nos especialmente pelos velhos, no que respeita à direcção? Em todos os tempos êles se impuseram à veneração simpática do mundo e são tambem o indispensável contrapêso que lhe sustém o equilíbrio...; são o tesouro da Igreja, que enriquecem com um passado de merecimentos..., são uma provisão magnífica de experiência e de prudência...; são a messe a curvar-se já deante da foice..., são a preciosa colheita que o Pai de famílias vai conduzir para os seus celeiros.... Como desprezá-los e abandoná-los, quando podemos ainda purificar e aperfeiçoar messe tão madura?! Curve-se, incline-se o Confessor com ternura deante dêstes que são hoje ruínas na terra e serão àmanhã galas no céu.

Chamado a socorrer tais penitentes, prapare-os para assegurarem a sua entrada no paraizo. Pela aceitação generosa da enfermidade, dos desgôstos e tédios, ajude-os a completar a *suprema purificação*, que os isente

do Purgatório..., *a aproveitar para a eternidade* o resto da existência, que o *tempo* já não aprecia... e a fazer resplender para *bem da Religião* a auréola de prudência, que os anos teceram em volta da sua fronte calva. *Ha-de precavê-los contra as fraquezas do seu coração extenuado,* obstando a que ternuras e meiguices extremas neutralizem a bôa educação da juventude, que êles tanto apregoam e encarecem... Ha-de ocupar-lhes o pensamento, em Deus, na esperança do céu, na paixão e morte de N. S. Jesus Cristo e numa devoção cada vez mais terna para com a SS.ma Virgem.

III — DIFERENTES ESTADOS

1 — DIRECÇÃO DAS PESSOAS CASADAS

Pontos em que é preciso insistir:

1.º — Deve evitar o **marido:** *a)* mau humor freqùente, repreensões e ralhações intempestivas, exaltações exageradas... *b) causar à consorte resfriamento* no amor que ela lhe consagra; *c) molestá-la* e *desgostar* — com saídas muito frequentes..., despêsas excessivas..., abusos de autoridade..., demasias no beber...; com demonstrações de desconfiança, de frieza e grosseria... e sobretudo com a infidelidade matrimonial. *d)* principalmente, não a arrastar à cumplicidade em práticas que a natureza repudia e que são ao mesmo tempo violação das leis santas do matrimónio.

2.º — Terá a mulhér a peito o seguinte:

a) — Consagrar desvelado amor ao marido...; *b)* — cumprir suas ordens e seguir o seu govêrno e direcção, àparte o caso de abuso de autoridade...; *c)* — *evitar leviandades* e imprudências que deem aso a desconfianças...; *d)* — *evitar desperdícios* e gastos excessivos em satisfazer a vaidade e sensualidade...; *e)* — cuidar pela

sua diligência e solicitude, em transformar o lar num recanto de paz e felicidade; *f)* — abster-se de *modos e palavras irritantes*, que provocam fàcilmente a ira e a impaciência; *g)* — *evitar certas reflexões e queixas* significativas, que são provocação para infidelidade aos deveres do matrimónio.

Dos pais que há-de exigir o confessor, tendo a seu cargo dirigí-los?

Que êles considerem como missão sua essencial quatro deveres: o da educação, o da autoridade, o da vigilância e o da correcção.

1.º — **Educação.** A. — Fazer os sacrifícios necessários, a bem da saúde e desenvolvimento físico dos filhos..., evitar escrupulosamente as imprudências, que possam danificar a saúde e a integridade corporal dos mesmos... não lhes impôr trabalhos acima das suas fôrças. B. — proporcionar-lhes instrução consentânea aos seus devêres..., ministrar-lhes sobretudo bôa formação religiosa..., ensiná-los dêsde a infância, pelo bom exemplo e bons conselhos, a praticar a virtude..., doutriná-los com admoestações sóbrias, mas persuasivas, instantes e cheias de unção. C. — Preparar-lhes *posição social* conveniente, de harmonia com a primeira educação e classe da familia.

2.º — **Autoridade.** A. — Não dêem margem a desobediências com ordens incongruentes ou contrárias à consciência. B. — Mandem pela forma que mais firmem a obediência: a) *com firmeza* e autoridade, sem dureza entretanto, nem rigidez, de sorte que os filhos compreendam que teem de se submeter e lhes é impossível insubordinarem-se; b) — *Com sangue frio e bondade*, para fugirem de os maltratar, de lhes perderem o afecto e para não azedarem o carácter; c) *com fôrça e perseverança*, sem abdicarem em face dos caprichos ou resistên-

cias infantís. c. — *Sancionem o mando:* a) *reprimindo* qualquer *desobediência*, com energia nos casos graves..., com justa proporção do castigo para a falta... com *quietação*, para não cederem à ira e à impressão do momento, deixando transparecer em tudo os sentimentos duma afeição recta e verdadeira, que corrigindo não visa senão ao bem dos filhos..., com *habilidade e rectidão* atendendo ao temperamento e mais circunstâncias. b) — *estimulando a obediência*, com palavras e incitamentos, com provas de afecto e de tempos a tempos, com remunerações.

3.º — **Vigilância.** *a)* — Nunca abandonem as crianças a si mesmas, particularmente nas circunstâncias de perigo para a fé ou para a inocencia; *b)* — não as confiem a *pessoas estranhas*, que não sejam de virtude comprovada, ou que não tenham a graça de estado para as formar. *c)* — Não as esqueçam, nem percam de vista.

4.º — **Correcção.** Importa: *a)* — reprimir prontamente, logo que despontem, as más inclinações, em particular a imodéstia, a mentira, o furto, a gula: e castigar, se não bastarem as repreensões; *b)* — escolher o *castigo* em proporção com a gravidade da falta e o temperamento da criança; *c)* — Não castigar com *arrebatamentos* nem com transportes de *ira* ou *mau humor*.

II — DIRECÇÃO DOS CELIBATARIOS

Combater nêstes:

1.º — **O egoismo.** Revela-se êste por várias formas: *a)* pela *avareza*. Enquanto por um lado os que são pais teem para o fim da sua vida a contar com o amparo dos filhos, cuidam os celibatários, privados de tal garantia, de angariar para a velhice pecúlio e recursos, a que possam ater-se. O receio de se verem sós e abandonados no declinar da vida, leva-os a amontoar economias, instinto

que não poucas vezes degenera em sórdida avarêza...; e quanto esta tendência endurece o coração! *b)* pelas *preocupações excessivas com a saúde.* Pelo afecto mútuo, que reparte o amor dum para o outro, desaparece ordináriamente esta solicitude entre casados, mas o celibatário concentra em si mesmo quanto é afeição e sente-se levado a tomar pela sua pessoa uma atenção impaciente e aflictiva; acontece depois que qualquer anormalidade o inquieta...: uma simples indisposição o aterra..., os mais leves sintômas tomam proporções volumosas..., e daí aos cuidados e apreensões, que os cobrem de ridículo e fazem um ídolo do seu corpo, é pequena a distância e tambem são poucos os que a não transpõem!

2.º — **O desabrimento ou azedume.** A maior parte das mulheres celibatárias são-no por resignação. É com pezar que suportam o «veredictum» do mundo, que não lhes proporcionou fundarem um lar. Contra o sexo que as desprezou acumulam venêno e não perdoam o menosprêzo a que foram votadas; quanto às rivais, que mais felizes conseguiram fixar-se, olham-nas com ciúme e aversão...; são, dum lado decepções, do outro corroída inveja!... É tudo isto o bastante para azedar o coração, afiar a língua, viciar a vida, corromper o carácter e torná-lo insuportável.

3.º — **O sentimentalismo.** Privados das ternas afeições da familia e não as compensando com o amor de Deus, corre-lhes o coração loucamente atrás das criaturas e ousa até fixar-se em pessoas, que Deus reserva unicamente para Si. Ou então, desiludidos, voltam-se tardíamente para a piedade, onde procuram mendigar consolações sensíveis, e, se lhes falta verdadeira direcção, cáem quási sempre num sentimentalismo miserável, nas estreitas veredas duma piedade mesquinha e rotineira, quando não acabam por despenhar-se nos desfiladeiros extravagantes do histerismo.

4.º — **Caprichos e quimeras.** Frustrados nas ardentes esperanças das suas afeições, acabam talvez por maldizer o mundo e por deixar atrofiar completamente o coração...; resignam-se então, na impossibilidade de ascenderem mais alto, a enveredar as suas afeições para os seres inferiores: uma ave, um cão, um cavalo; um animálculo qualquer, não só prende e cativa o seu coração mas torna-se até o centro do seu viver. E ei-los por fim ilaquiados nas malhas dos caprichos e manias, que tornam tão ridícula a sua vida e tão mesquinha e ignóbil a sua existência.

Como há-de o Director obstar a tôdas estas desordens?

1.º — *Inspirando ao celibatário um abandôno plêno nas mãos da Providência.*

Persuadir uma alma de que Deus não deixa ao abandôno os que filialmente confiam nÊle, é com certeza imunizá-la contra o vício da avarêza.

2.º — *Cultivar-lhe no coração uma ardente e sólida piedade,* que o transporte inteiramente para Deus e o pônha a salvo de profanação nas suas afeições.

3.º — *Impeli-lo vigoròsamente para obras de caridade e zêlo,* de sorte a fazê-lo saír de si mesmo, a utilizar para o bem a sua actividade, e a subtraír aos escolhos tão freqùentes da murmuração, dos mexerícos e de preocupações intempestivas, uma vida preciosa, que não é absorvida pelos cuidados e contratempos de governar uma família.

4.º — *Sugerir-lhe amor profundo* pela virgindade e grande aprêço pelo celibato cristão.

III — DIRECÇÃO DOS SACERDOTES

Contra que perigos há-de o Director prevenir e ressalvar as almas sacerdotais?

1.º — **Contra as relações imprudentes.** São estas a principal cilada, em que os esfôrços do inferno tentam surpreender a virtude sacerdotal. Santo Agostinho viu sossobrar virtudes que pareciam tão sólidas como as dos maiores santos. Por isso, como não tremer pela temeridade daquêles que vivem em assíduo contacto com o perigo! Em duas épocas da vida é êste particularmente mais grave: A) *Os primeiros anos do sacerdócio são circundados de escolhos.*

Enamorado pela virgindade, para a virgindade corre instintivamente o jóven sacerdote...! Através das núvens da abstração, entreviu esta virtude encantadora e a sua misteriosa magia cativou-lhe o coração. Jurou amá-la e dar por ela a vida... Mas, saído apenas do asilo, em que realizou a sua formação sacerdotal, aparece-lhe esta virtude na sua forma concreta, mais bela ainda, mais sublime. Vê-a reflectida em tantos rostos juvenís, cheios de candura e inocência, e incarnada particularmente na donzela virtuosa. Quem não vê o perigo em quedar-se nestas visões estonteantes, que prendem, cativam, enlaçam e seduzem! Perversidade e caducidade do coração humano! a admiração e simpatia avassaladora degeneram ràpidamente, e dão ao inimígo livre curso para iniciar a sua obra nefasta; pelo que, sob o enlêvo de afeições que se depravam, quantas vêzes se metamorfoseia o coração dum anjo no dum demónio! Tanto mais que a filha de Eva sobreleva na mentira e nas aparências falazes. Quantas vezes consegue reter cativo o reflexo da virgindade, sem conservar a virtude!...

E acontece que onde críamos ver anjos de luz, só encontramos espíritos tenebrosos, mascarados e pèrfidamente transfigurados...

Abeirar-se dêles é morte quàsi certa... O perigo

existe em tôda a parte, é, porém, maior nas cidades, onde o inferno se empenha sem tréguas em desvirtuar a pessoa do padre.

B) *Perigos terríveis podem surgir na idade madura.* Quando a natureza, após o seu pleno desenvolvimento, sente a proximidade da senectude, não admira que violentas convulsões a venham abalar.

Parece que então se lhe impõe com violência desesperada o instinto da conservação da espécie e a intima com insolência a pagar o seu tributo à consolidação da humanidade. A carne revolve tôdas as energias e assalta a alma com a mais cínica violência. É a hora dos grandes combates e dos gloriosos triunfos, prelúdio da doce acalmía e paz inalterável da velhíce. Mas, enquanto dura a luta, quanto importa vigiar e combater com denodo, bem como repudiar as relações imprudentes, que daríam ao inimigo terrível vasto campo de acção e de perversão!

Para todos é necessária a prudência e em tôda a idade; mas que dizer do levita que nos anos da infância e adolescência houvesse pago forte tributo à mísera paixão da concupiscência! É verdade que, graças à influência santificante do seminário, poude reconquistar na ponta da espada a graça duma castidade perfeita, mas, liberto por fim da disciplina potente da vida de comunidade, em contacto quotidiano com o mundo, repleto de ciladas, não sentirá acordar de novo o estímulo da carne e das ruins paixões?... Não irá o fogo amortecido, mas latente sob a cinza, incendiar-se de novo e levantar um turbilhão espesso de fumo, capaz de asfixiar a mais sólida virtude?... Quanta prudência e vigilância não ha mister o ministro de Jesus Cristo!

2.° — Contra um porte excessivamente mundano. O desejo da Igreja nêste ponto, traça-o claramente o Concílio Tridentino nêstes termos: «Decet omnino clericos in sortem Domini vocatos, vitam moresque suos omnes componere ut habitu, gestu, incessu, sermone

aliisque omnibus rebus nil nisi grave, moderatum ac religione plenum prae se ferant». Esta gravidade, impregnada do espírito de religião, de que fala o Concílio, deve constituír um distintivo na vida daquêles que, escolhendo ao Senhor para património, se afastaram e separaram do mundo; não admite costumes duvidosos ou frívolos, maneiras extravagantes, linguagem destemperada, chocarrices, volubilidades de cabêça e de olhar, andar afectado, modos bruscos e pretenciosos. A gravidade sacerdotal é antes o reflexo duma alma tranquila e serêna, senhora das suas impressões, alimentada por santos e austeros pensamentos, prudente e reflectida. Grangeia ao padre simpatia e confiança e resguárda-o contra muitos escolhos do mundo.

Pelo contrário, uma vida dissipada, frívola e mundana, faz desaparecer de diante dos olhos o homem de Deus e quebra as balizas àlem das quais devia sempre abrigar-se a virtude e piedade sacerdotais...; valerá ao padre talvez simpatias humanas entusiásticas, popularidade mesmo e a ilusão de fecundo apostolado, mas o bem produzido será o mais das vezes fantástico, fictício e falho de base sólida. *Para exercer sôbre as almas uma influência profunda e eficaz deve o padre ficar sempre tal como o designa S. Paulo:* o homem de Deus, o *alter ego* de Jesus Cristo.

3.º — **Contra a perda de tempo.** São imensos os prejuízos e perigos que ocasiona a preguiça e preciosos os instantes duma vida consagrada ao serviço de Deus e ao bem das almas. O bom emprêgo do tempo imuniza o padre contra os escolhos da ociosidade e adestra-o para o desempenho cabal da sua missão. É verdade que pode êle aos olhos do mundo passar por muito regular e irrepreensível, sendo aos olhos de Deus e da Igreja um servo inútil e indigno: para os fieis, em geral, dizendo missa, ensinando o catecismo, visitando os enfermos e ouvindo algumas confissões, parece que cumpre o seu dever e leva como deve a vida de ministro de Deus, mas,

àlém de tudo isto, quanto tempo poude perder..., tempo precioso que devêra aproveitar e de que dará estreitissima conta! Ora, para ser bem empregado, deve o tempo distribuir-se judiciosamente *pelos exercícios de piedade, trabalhos essenciais do ministério sacerdotal, obras de zêlo e caridade, estudo e descanso.* Não pode ser arbitrária esta distribuição, ou feita a capricho, consoante a impressão do momento, mas há-de traçá-la de antemão, com pêso e reflexão e consigná-la num *regulamento,* com a chancela do Director.

Disposições fundamentais que no coração do padre, seu cliente, deve radicar o Director espiritual.

1.º — **O desejo da santidade sacerdotal.** Nobrêza obriga, como sóem dizer! A vida do padre deve pois harmonizar-se com a grandeza das funções que desempenha.

Como é triste e desolador ver um encargo sublime desempenhado por um perverso, ou sòmente medíocre! Estólida coisa! prerogativas divínas nas mãos dum indígno ou à mercê duma alma vulgar! Tanto mais que o padre deve ser o modêlo e exemplar para o rebanho que tem confiado. Há-de ser, pois, a sua vida um reflexo da doutrina do Mestre. *Importa que os fieis vejam nas suas acções, muito mais do que nas palavras, a norma de procederem, «forma facti gregis»..* Demais, as bençãos que já Deus lhe há dispensado, predilecções, prerogativas, tantos benefícios e graças..., como há-de pagar tão grande dívida, senão aplicando-se à santificação do seu viver e mostrando-se digno quanto possível dos privilégios e dons que recebe constantemente! E como Deus usa servir-se dos santos para operar no mundo grandes prodígios de santificação, tornará o padre mais fecundo e fructuoso o seu apostolado se se empenhar com tôda a alma em se santificar. Não perca de vista que a santidade sacerdotal tem o seu código particular; tem um

ideal muito elevado e exigências muito amplas. Ás leis gerais da perfeição cristã, acrescem as obrigações particulares; a par dos devêres fundamentais que assentam no Decálogo, ha o ónus grave das virtudes eclesiásticas. Dão-lhe por isso fisionomia especial as *leis canónicas* e as *prescrições litúrgicas*. *A castidade perpétua* libérta-o dos cuidados e encargos, que arrefecem o fervor e comprimem o zêlo. *No convívio íntimo* com a Divindade encontra vigoroso impulso para cumprir os seus devêres e elevar-se a alta perfeição. Importa, pois, não esquecer, na direcção, êstes princípios e dar à santidade eclesiástica a orientação que lhe é própria e uma envergadura âmpla e magnânima.

2.° — **O amor da Liturgia.** É um tesouro a liturgia católica!... mosaico admirável de orações, preceitos e exemplos, que a alta sabedoria da Igreja argamassou com arte inegualável e que constituem para a alma uma satisfação plena de tôdas as suas aspirações. O alimento divino da piedade tem-no, em dóses comedidas e prudentes, tão sàbiamente distribuído, que a alma e os seus apetites se saciam inteiramente, sem vislumbre de enfado ou fastio. O lirismo, os arroubos de eloqüência, as altas espèculações da filosofia, as nobres aspirações duma sóbria piedade, entremeiam-se nas suas páginas tão cadenciadamente, que nelas se delicíam o poeta, o orador, o filósofo e o asceta. Aparecem-nos, ora o Espírito Santo, o divino Mestre, a Igreja, ora os Santos Doutores do cristianismo, os herois da santidade, que veem cada qual por sua vez, insuflar na alma os mais belos sentimentos, as resoluções mais santas. Ouvem alí os *principiantes* as reflexões austeras e as advertências graves, que infundem santo terror...; desviam assim do pecado e retiram do vício. Os *progressivos* vêem passar deante dos olhos sugestivos exemplos, que o instinto de imitação lhes leva a seguir e que arrastam a alma ao exercício das mais admiráveis virtudes. Os *perfeitos* sorvem a longos tragos o amor mais puro, impulsivo e profundo. Digno de cen-

sura é pois o padre que menospreza influências tão salutares da santa liturgia. Seja, portanto, a oração da Igreja, a piedade da Igreja, a base da sua piedade, o alimento primacial da sua devoção. Coopere nêsse exercício todo o seu ser: o côrpo, a alma e o coração; recomenda-o a Igreja com três palavras duma concisão sábia e luminosíssima: *digne, attente ac devote.* a) — *Digne:* Deve ser exacta a observância das rubricas. Cuidará o Director porque o discípulo as estude, as assimile e as recorde freqùentemente. Não são elas objecto muito próprio para leitura espiritual ou para penitência sacramental? Como seria oportuno no retiro de cada mez, rever as regras e prescrições litúrgicas, pois não repetem mesmo cada dia os bons cristãos o texto dos mandamentos? Mas êste conhecimento adquire o padre, não para fazer alarde de erudição e satisfazer a sua vaidade, mas para conformar com as prescrições o seu porte e a sua vida. É à teologia moral e aos Doutores da Liturgia, que compete computar a gravidade das transgressões, mas o padre pio e interior conduz-se mais pelo espírito de docilidade e desejo de perfeição, do que pelo temor de incorrer nas pênas eclesiásticas ou divinas. Tem êle sempre em vista executar bem tôdas as cousas e particularmente as funções sagradas; sabe que pràticamente a única nórma de rectidão é a direcção da Igreja, que o Espírito Santo governa; por isso é que exerce os actos litúrgicos, não segundo as suas preferências e modos de vêr, mas segundo as regras sagradas da Liturgia. b) *attente.* — Para tirar proveito da escola de perfeição, que é a Liturgia, cumpre prestar-lhe tôda a atenção. Pode na aula esforçar-se até ao cansaço o professor e exibir sábias e elevadas explanações, mas será tempo perdido se não prestam atenção os discípulos. Por conseguinte, fixará o padre tôda a atenção no sentido das ceremónias e palavras litúrgicas, compenetrar-se-há do espírito da Igreja para saborear até à medula o significado dos textos sagrados; serão abôno e garantia da sua atenção a inteligência dos Livros Santos e escritos dos autores

eclesiásticos, a preparação cuidada para as funções sagradas, o recolhimento habitual, a meditação, a vigilância em remover as circuntâncias de tempo e de lugar, que absorvem o espírito e dissipam a alma. c) — *Devote.* — A atenção prepara a devoção e alimenta-a, sem se confundir com ela. A devoção essencial só exige uma vontade generosa, pronta a entregar-se a Deus; mas só é completa quando entra em exercício, acompanhada de sentimentos, que partindo do coração, agitam e abalam as faculdades sensíveis e transportam todo o sêr aos cumes elevadíssimos do sobrenatural. Supõe esta devoção uma alma que combate, se esforça, reflete e medita.

3.º — **A Fidelidade na meditação.** Deve cada dia ter o padre tempo determinado para a meditação. Sacerdote algum, diz Pio x, pode escusar-se, sem incorrer no anátema de *negligente* e *pródigo* do bem da sua alma, de fazer assíduamente a meditação. Quando razões especiais o não impeçam, utilíssimo seria tomar como têma dela os *ofícios litúrgicos de cada dia.* Obsta assim ao capricho na escôlha do assunto, mostra deferência e respeito para com a Igreja, inícia-se melhor no conhecimento da Liturgia, prepára-se com mais fervôr e edificação para o desempenho das suas funções, presta à piedade pessoal ótimo alimento e consegue que todos os exercícios de cada dia (ofício divino, missa e meditação) convirjam para um mesmo e único objecto. Que forte presssão sôbre a vida do padre não deve exercer esta concentração de todos os exercícios num mesmo e único assunto!

4.º — **A dignidade sacerdotal.** Na direcção dos sacerdotes, seria grave falta esquecer êste sentimento, que de facto tem jus a lugar de honra. Além do *prestígio* de que reveste o *sacerdócio,* tem influência particular na sociedade, é um maravilhoso agente de edificação, um estímulo para a perfeição e supõe um conjunto de virtudes preciosas, que mantem em contínua actividade.

a) — *Nimbado por uma auréola de dignidade, o sacerdócio atrai a veneração e a confiança dos povos.* É incontestável, as aparências exercem uma influência fatal sôbre a opinião pública. Julga-se ordinàriamente o padre pela apresentação exterior e méde-se pràticamente a excelência do sacerdócio pela corôa de glória com que êle o cinge; pelo que, quando o mundo constáta que o padre apresenta algo de trivial e de vulgar, confunde num menosprêzo comum o sacerdócio e a pessoa que o incarna.

Se, pelo contrário, a figura do padre aparece sempre num quadro de honra e divíno, opera-se nos espíritos uma admiràvel transformação, em que a ideia do sacerdócio é indissoluvelmente unida à ideia de majestade e sublimidade; e o respeito da Religião e do padre impõe-se, com irresistível necessidade, aos povos cultos e incultos.

b) — *O sentimento da dignidade sacerdotal funda-se na consciência, que o padre tem do lugar excelso que ocupa na sociedade sobrenatural,* como representante de Deus e ministro de Jesus Cristo. Como homem de Deus, êle compreende que deve dignificar o seu mandato e conservar-se à altura do munus glorioso que lhe foi confiado. Tal mentalidade supõe vistas alevantadas, nobrêza de sentimentos e muito espírito de fé. Não pode portanto abrigar-se senão no padre de vida interior, que, com a luz sobrenatural, se habituou a ver as coisas com espírito de fé, independentemente das visões turbulentas que proporcionam o amor próprio e os preconceitos mundanos.

c) — *Para conservar todo o brilho da sua dignidade, deve o padre recorrer a um número importante de virtudes:* é a humildade, que fascinada pela sublimidade de Deus, cujo espírito inunda a alma sacerdotal, esquece a própria personalidade, para só engrandecer ao Senhor; é a castidade, que remove as mais léves nódoas e repéle os mais pequenos golpes, até ocultos, das paixões ignóbeis; é a caridade, que corta os propósitos desdenhosos

do egoísmo; é particularmente a mortificação, sob tôdas as formas, cuja influência mantém à altura da excelência sacerdotal todo o seu porte e todo o seu viver.

IV — DIRECÇÃO DAS RELIGIOSAS

Que fim principal deve ter o Confessor na direcção das religiosas?

Conseguir três coisas: *fidelidade perfeita* aos três votos (pobreza, castidade e obediência), *recolhimento* e *observância da Regra.*

a) — *Os votos constituem a essência da vida religiosa.* Observando-os, faz a religiosa *uma completa imolação* de si mesma e de todos os seus haveres e *suprime os principais* obstáculos que desviam de Deus, centro da perfeição. A pobrêza rebate a cubiça que escraviza tantos infelizes, porque faz renunciar por amor de Deus aos bens dêste mundo. A castidade faz triunfar da *concupiscência* e sacrifica os prazêres sensuais legítimos, pela renuncia às consolações da família. A obediência refreia a vontade, esmaga o orgulho e faz a Deus sacrifício do que o homem possui de mais precioso, a *liberdade.* Quem não compreende que os votos religiosos são remédio precioso contra as três concupiscências e sacrificam no altar da glória de Deus, os bens da terra, as satisfações dos sentidos e a independência da vontade?

b) — *O recolhimento é, pode dizer-se, a alma da vida religiosa.* O fervor, só o alimenta uma atmosfera de paz e tranquilidade.

Com efeito, tudo quanto projecta a alma para o exterior, afásta-a de si mesma e de Deus, divide as suas faculdades e expõe-na às investidas dos inimigos de fora.

Para aproveitar e progredir deve a religiosa concentrar suávemente as faculdades e aplicá-las, pela luta com o defeito dominante e pela aquisição das virtudes, ao tra-

balho da vida interior. *Uma religiosa sem recolhimento, deixa-se avassalar pelo espírito do mundo, começa a viver em tibieza, desgósta-se pouco a pouco da sua vocação e compromete o espírito da vida de comunidade.*

c) — *Pràticamente tem a observância da Regra importância máxima.* É a regra que garante a boa ordem na comunidade, que ressalva os votos e alimenta o fervor. Quando as religiosas deixam de a observar, deslizam pouco a pouco em *caprichos*, seguem as *inclinações pessoais* e cáem na *imortificação*, nas perdas de tempo e na vida distraída; um mal estar geral paira então e pesa sôbre a comunidade, o fervor desaparece, as vocações vacilam e as defecções sucedem-se assustadoramente.

Os inimigos do recolhimento, que o Director deve combater, são, àlém da inobservância da regra:

1.º — *As relações freqùentes e íntimas com as pessoas do mundo.* Há relações que são necessárias e que oferecem mais vantagens do que inconvenientes e estas são admissíveis, porque, é inegável, teem verdadeira utilidade. O que importa é empregar os meios para retirar ou neutralizar a sua influência funesta, como suprimir conversações supérfluas, rebater a curiosidade e acatar de contínuo a presença de Deus.

2.º — *A aplicação febril nas ocupações exteriores*, que se funda, ora no temperamento, ora em algum defeito, como a vaidade, a ambição, etc.

3.º — *As amizades particulares*, que absorvem o coração e preocupam o espírito, perturbam a alma e lançam em ruina a vida interior. São elas a lepra das comunidades.

4.º — *Os ciúmes.* São instintivos na mulher. Largando-lhes as rédeas, envenenam a alma, e paralizam a

vida religiosa. Chega-se até, sob o império desta paixão, a fiscalizar com azedume a distribuição dos emprêgos, o número de comunhões, e o tempo de demora no confessionário. Torna-se tudo isto, alimento de murmurações e perfídias e pábulo a pensamentos mais e mais vexatórios.

Emquanto o Director não formar em linha as fôrças da alma contra esta disposição diabólica, serão inteiramente estéreis os seus esforços.

Dever do Director quanto à observância da Regra.

1.º — *Deve falar da Regra com respeito e velar pela sua observância.* Deve esta, sem dúvida, ser interpretada com certa largueza de vistas e não ser imposta com mais rigor do que são os mandamentos. Mas não esqueça o Confessor que não possui jurisdição no foro externo e portanto não pode dispensar, no todo ou na parte, da sua observância.

Reduz-se a sua missão a interpretá-la nos casos particulares, em vistas do bem pessoal do penitente, sem nunca prejudicar o bem geral da comunidade. Faça, pois, abstracção das suas ideias e modos de ver pessoais, conheça as instituições e usos legítimos, encáre-os com o sentimento de respeito sobrenatural, a que de facto teem direito pela aprovação da Igreja, e abstenha-se sempre de manifestar seja diante de quem fôr, o mais pequenino menosprêzo por qualquer artigo ou disposição da mesma. Certas determinações, ao parecer pouco consentâneas à natureza humana, provocam fàcilmente irrisão ou comiseração, e contudo teem numa comunidade de mulheres importância verdadeira. ***Estimulará, portanto, a generosidade das penitentes, para que procurem na exacta observância da Regra, messe abundante de actos de renúncia, de mortificação e expiação,*** e a ocasião oportuníssima de fundamentar na alma aquéla disposição preciosa que N. Senhor proclama como indispensável à vida cristã e per-

feita: *si quis vult venire post me, abneget semetipsum et tollat crucem suam quotidie...* E quanto ao rigor em a observar, poderá fazer certa concessão à natureza, aplicando às suas disposições os princípios teológicos nos casos que dispensam da lei, mas, se a prudência o permite, muito preferível seria *incender dentro da alma da peuitente uma tão grande flama de fervor, que ela se transportasse a observar espontâneamente disposições e particularidades, de que em rigor estava dispensada.*

2.º — *Observar rigorosamente o silêncio.* É indispensável. Nas comunidades religiosas muito mais do que em qualquer outra parte, deve repetir-se a palavra do Espírito Santo: «*in multiloquio non deerit peccatum*». E, em verdade, de que valem as muitas conversações? Faltando assunto palpitante para falar, desliza-se insensívelmente para questões mesquinhas, estéreis e inúteis, e bem depréssa, em resultado, começam animosidades, ciúmes, susceptibilidades, má vontade e ódio, que não deixam de ter imediata repercussão no interior, com detrimento evidente para a alma. Lance pois, o Confessor um freio às línguas intemperantes e desmedidas e impônha de tempos a tempos penitências e novênas de silêncio absoluto.

Obediência.

1.º — **Fidelidade exterior.** Pode a religiosa faltar a esta por três modos: a) *pecando contra o voto;* recalcitrar contra o superior que manda legitimamente em nome da obediência, é falta grave em si, em razão do fim que o superior se propõe, ou em razão das circunstâncias; b) *pecando contra a virtude da obediência.* Quando o superior legítimo dá ordens formais, concernentes à boa administração e ordem da comunidade, importa obedecer-lhe, logo que não conste claramente que exorbita dos seus direitos. c) *pecando contra a perfeição da obediência.* O bom religioso conforma-se de boa

mente com os desejos legítimos do superior, atende às suas advertências e obedece até só com conhecer a sua vontade, sem carecer de ordens formais. Exigirá, por isso, o Confessor obediência no que fôr obrigatório e docilidade no que simplesmente de conselho; fustigará a desobediência propositada no que não é estrictamente obrigatório e a razão é que absteem-se muitas vezes os superiores de impor com fôrça de preceito, recomendações que não deixam de ter importância, com receio de proporcionar aos tíbios ocasião de falta; está outra razão na grave desordem que seria o hábito de omitir sistemàticamente o que não é de rigor obrigatório.

2.º — **Espírito de obediência.** Importa que não seja puramente material, farisaica ou maquinal a fidelidade em obedecer. Ainda que no cumprimento da lei, intender o que intende o legislador não obriga sob preceito, não deve contudo abstrair complétamente o religioso dessa intenção. Antes, devendo tender para a perfeição, cometeria falta considerável se descuidasse em absoluto o fim que têve o superior ao determinar tal ou tal disposição. Compenetrando-se, portanto, do espírito da obediência, recordará a palavra de S. Paulo: *«littera legis occidit spiritus autem vivificat»*. Uma fidelidade exteriormente irrepreensível, poderá em rigor evidenciar nm bom religioso, mas por si só, não conduz ao fervor e à perfeição. Deve, por isso, para atingir o seu escopo, ser céga, generosa, constante e prudente, a obediência.

Obstáculos à obediência, que o Confessor tem de combater.

1.º — **Antipatia com o Superior.** É certo que [illegible]ta, tanto pode ter razão de ser, como existir sem mo[illegible] justificado. Quando na comunidade não ha fervor, [illegible] muitas vezes em presença de [illegible] ou [illegible]

vantar o espírito de piedade. Pode a aversão nascer de falta de tacto e habilidade ou de rigidez extrema no superior, bem como nêste a *tibieza manifesta* lhe pode conciliar simpatia e confiança. Seja como fôr, tem de o Director obviar ao mal, quer suprimindo a causa, quer desenvolvendo entre os penitentes o verdadeiro espírito de fé e de religião.

2.º — **Afeições humanas.** É da natureza da mulher o afeiçoar-se fàcilmente. Por isso, quando as religiosas adquirem com a superiora afeição muito humana, são dóceis e obsequiosas, porém esta obediência que se torna lisonja, não só suscita ciúmes e animosidades, mas é tambem imeritória, por lhe faltar o princípio sobrenatural como fundamento; e demais arrasta a alma com rapidez para uma atmosfera de aridez e tibieza.

3.º — **A rotina.** É o maior escolho da vida religiosa. O hábito é como segunda natureza e por virtude dêle torna-se a vida do religioso um viver *automático*. Para seguir no movimento da comunidade, já não ha esforços a empregar como no princípio e prescinde-se dos impulsos de fervor; a obediência torna-se maquìnal, sem um sôpro de vida interior. Por conseguinte, precisa o religioso caído nesta habituação, de recolher-se muitas vezes interiormente, de reiterar as suas intenções e de vitalizar os seus actos, com o espírito de fé e piedade!

Pobreza.

1.º — *A religiosa deve ser fiel ao compromisso tomado perante Deus e a Igreja,* pelo voto, e, portanto, salvo o caso de costume legítimo, de permissão tácita ou devidamente presumida do Superior, não pode *apropriar-se* do que está a uso de outrem, não pode *reter* como seu qualquer objecto, não pode *dar*, nem *receber*, *comprar*, nem *vender*, ou *trocar*, seja o que fôr, não pode *destinar* a fim diverso, qualquer valor que lhe esteja confiado.

nem deixar *perder* ou *deteriorar*, nem *dispor*, seja do modo que fôr.

2.º — *Pratique a virtude da pobreza*, desapegando o coração *dos bens da terra*. Veja, não suspire pelas riquezas, a que renunciou, não alimente no íntimo do coração desejos por coisas que lhe são ilícitas ou repudia a sua profissão, não conserve o supérfluo para o seu uso e nem sequer deixe apegar o coração ao que lhe é lícito usar.

3.º — Tenha tambem o *espírito de pobreza*, contentando-se com o que de somenos ha na comunidade, considerando-se como um pobre, reconhecida por quanto lhe fazem e suportando com alegria as privações que acarreta a pobreza efectiva.

Castidade.

1.º — Evitará tôda e qualquer falta *interior* e *exterior* contra esta virtude. Não pode prevaricar contra ela, sem se tornar ré de dois pecados: um contra o sexto mandamento e outro contra o primeiro, pela infração do voto.

2.º — Evitará *tôda a imprudência*, que ocasione perigo, grave ou leve contra a pureza.

3.º — Aplicar-se-há à *perfeição da castidade*, pela vigilância dos sentidos, resguardo da imaginação e do coração, particularmente, por forma que todo o seu ser se sinta inteiramente desapegado das criaturas e transportado para Deus com todo o ardor.

APÊNDICE. — DIRECÇÃO DAS VOCAÇÕES

Os estados de vida, instituídos pela Providência divína são, segundo o grau de dignidade:

1.° — **O Sacerdócio.** Entra-se nêle pelo sacramento da *ordem*, que imprime na alma um carácter indelével, investindo o ministro de Deus dum poder sobrenatural e como que compenetrando-o duma potência divína, que o torna capaz de exercer as funções mais sublimes e realizar as operações mais admiráveis, no domínio espiritual.

2.° — **O estado religioso.** Obriga-se o religioso, neste êstado, a tender para a perfeição cristã, pela prática dos três votos de pobreza, castidade e obediência. A vida religiosa suprime a maior parte das ocasiões de pecado, multiplica os meios de santificação e desliga duma grande quantidade de preocupações terrênas. É particularmente vantajosa e geralmente recomendada, como muito mais propícia para a salvação.

3.° — **O celibato.** Com a ajuda da graça de Deus, é possível para todos e tambem muito de recomendar. O S. Concílio de Trento anatematiza quem pretender que não é um estado melhor e mais feliz do que o matrimónio.

4.° — **O matrimónio.** Tem o último lugar. É muito inferior à virgindade e pode dizer-se, dum modo geral, que não é obrigatório para ninguem. É certo que, elevado à dignidade de sacramento por N. S. Jesus Cristo, constitui um estado bom e santo, em si, oferece até preciosas vantagens, mas ao mesmo tempo apresenta graves inconvenientes, como declara S. Paulo numa das epistolas aos Corintios. Compreenderam-no bem os Apóstolos, quando disseram ao Salvador: *«nêsse caso, mais vale não casar»*.

Quais os sinais que indicam que um jóven pode aspirar ao sacerdócio?

1.° — *Um atractivo sensível e irresistível*, que arrasta o coração, antes do *qualquer reflexão*, para as funções e

devêres santos do sacerdócio. Deus comunica tais inclinações para significar a sua vontade e encaminhar para os degraus do altar os passos do futuro levita.

2.º — O *impulso* que comunica à alma o *conhecimento esclarecido e convicto* das *vantagens sobrenaturais* dêste estado. É donde nasce muitas vezes o desejo decidido de ser alistado na milícia sagrada.

3.º — Pode tambem, independentemente dêstes atractivos sensíveis ou reflectidos, considerar-se chamado, aquêle que, manifestando aos superiores eclesiásticos, com tôda a franqueza e sinceridade, as suas disposições interiores, *o Bispo convida* à recepção das ordens sagradas.

Quais são as almas que o Director deve orientar para a vida religiosa?

1.º — As que, por uma graça especial e um *atractivo persistente,* Deus impele a darem-se inteiramente a Êle.

2.º — As que fizeram voto de *entrar em religião* ou adquiriram por experiência própria, a convicção de que se não podem salvar no mundo, ou ainda as que sentem o desejo de ser chamadas a vida perfeita. Seja qual fôr a repugnância que tenham pelo estado religioso, devem ser dirigidas estas almas por forma a realizarem as disposições e aptidões, que tornem possível a sua admissão numa comunidade religiosa.

Quais deve afastar da vida religiosa?

1.º — As que um *dever grave* liga a uma família, ou o *bem público* retem no meio do seculo.

2.º — As que sofrem enfermidade incompatível com os devêres e exigências da vida de comunidade.

3.º — Aquelas a quem *fraquêza ou miséria incurável*, não permite esperanças de poderem viver habitualmente fiéis às obrigações graves da vida religiosa.

Quais destina Deus ao celibato?

1.º — As que não convindo para a vida religiosa, são afastados do matrimónio por uma impossibilidade material ou moral.

2.º — As que, experimentando atractivo *pronunciado e constante* pela virgindade e *repugnância instintiva* pelo matrimónio, não sentem vocação para as austeridades e obrigações da vida religiosa.

Quais importa impelir para o matrimónio?

1.º — Aquelas, a quem, o *bem espiritual ou temporal* duma nação, exige êsse sacrifício.

2.º — As que a êle se obrigaram por *promessa* e as que não podem reparar as *conseqüências duma fálta* ou culpa, que tiveram, senão pelo casamento.

3.º — As que se tornáram tão *escravas* de *hábitos criminosos*, que não teem outros meios eficazes para evitar as recaídas.

Almas que não sentem nenhuma vocação.

Conservem estas intacta a liberdade de escolher espontâneamente qualquer estado. É que Deus lhes deixa a faculdade de se decidírem por tal ou tal outra vocação, mais perfeita ou menos perfeita. Eis, substancialmente, a linguagem que lhes pode dirigir o Con-

fessor: «se vós casais, *é bom*; se preferís o celibato, *é melhor*; se tendes ânimo de vos imolar na vida religiosa, *é perfeito*.

Disposições que é preciso conseguir dos aspirantes ao sacerdócio.

1.º — Uma *piedade sincera*, que hão-de adquirir pelo hábito da meditação, da leitura espiritual, pela freqüentação dos ofícios sagrados e dos sacramentos, pela fidelidade a qualquer prática especial de piedade, aprovada pelo Director, por um porte exemplar na oração e no lugar santo, dando à piedade uma orientação decididamente eucarística, pois deve ser a Eucaristia o objecto principal, o modêlo e o alimento da sua devoção.

2.º — Observem sempre e em tôda a parte as regras da *modéstia mais edificante*..., fugindo de conversas inconvenientes, de vistas indiscretas, de posições suspeitas ou moles e de propósitos insulsos ou triviais; sejam inimigos irredutíveis das amizades particulares.

3.º — Formem-se na *obediência pronta e generosa*, que mais tarde hão-de observar com os superiores da santa Igreja; sustentem e defendam por tôda a parte, nos limites da prudência e do zêlo, os direitos da autoridade legítima e habituem-se a uma vida disciplinada, conformando-se generosamente com as minuciosas prescrições do regulamento.

4.º — Apliquem-se decididamente ao estudo, em todos os seus ramos, para adquirirem a sciência vasta e sólida, que a Igreja espera dos seus ministros.

5.º — Empenhem-se em edificar ao próximo com um porte sempre exemplar, num misto de *nobre simplicidade* e *dignidade cristã*.

6.º — Cuidem em se entregar a exercícios de caridade e zêlo, auxiliando com o seu concurso e dedicação, as obras moralizadoras e religiosas, que a Igreja recomenda (Conf. de S. Vicente de Paulo, óbulo dos pobres e das escólas, obra das Missões, etc.).

Disposições que deve imprimir nas almas que aspiram à vida religiosa o Director espiritual.

1.º — Apliquem-se ardentemente ao *amor de Deus*, praticando diáriamente os exercícios da meditação e leitura espiritual, e excitando em si, pela comunhão freqùente ou quotidiana, desejos ardentes de perfeição cristã.

2.º — Façam habitualmente verdadeiros esforços para evitarem as menores faltas e corrigir os *defeitos* principais; nêste intuito, pônham todo o empenho em se confessarem bem e em fazerem cuidadosamente todos os dias o exame de consciência.

3.º — Tenham pela *virgindade* grande estima..., cultivem com esmêro a virtude da purêza e fujam sempre dos prazêres mundanos e das ocasiões perigosas.

4.º — Evitem preocupações de *vaidade*, particularmente no vestir e no falar.

5.º — Combatam a *vontade própria* e o espírito de independência.

6.º — Sujeitem-se a um regulamento de vida, que lhes proporcione viver recolhido e interior.

7.º — Tenham em especial *sinceridade perfeita* com o Confessor, abrindo plenamente o estado da consciência.

Disposições que importa conseguir das pessoas que se pronunciam pelo matrimónio.

Cumpre: 1.° — Torná-las *aptas* para os devêres que lhes imporá mais tarde o seu estado. O mancebo saberá habituar-se a uma vida sóbria, digna e económica; a donzela industriar-se-há nas virtudes da vida doméstica, levando viver laborioso, honesto e reflectido.

2.° — Habituarem-se a sofrêr, com paciência, os defeitos e imperfeições dos outros, como haverão mister mais tarde nas adversidades contínuas da vida conjugal.

3.º — Formarem-se em *sentimentos de piedade sincera*, como hão de exigir no futuro um lar abençoado por Deus e as obrigações de educação e formação religiosa dos filhos.

4.° — Evitarem *divertimentos* e quanto desoriente o espírito e o coração: leituras profanas..., conversações frívolas..., vaidades..., imodéstia no vestir..., etc.

5.° — Serem *prudentes nas afeições e relações:*

a) — No entabolar relações em ordem ao matrimónio, entram em linha de conta: primeiro, a *conveniência* da pessoa, isto é, sentimentos religiosos, sinceros, constantes e profundos e dedicação, não ambígua, pelos interêsses da Religião; *segundo*, a harmonia de carácter; *terceiro*, a saúde, o género de educação, o estado de fortuna, etc. (São de ordem secundária evidentemente os predicados físicos, formosura, etc.).

b) — Não fomentem no coração afeições vivas, impacientes, por pessoa doutro sexo, *sem intenção decidida de casamento.*

c) — Não entrem em namoros ou conversas amató-

rias sem estar para *próximo* o enlace matrimonial. E chegado o tempo de entrevistas nêsse fim, sejam estas raras e breves, pois a demora e a freqüência são ocasião de excitações sensíveis e sensuais inteiramente inúteis e talvez pecaminosas; evitem conversas equívocas e provas de afeição baixas ou indignas; tenham porte respeitoso e reservado, sem espécie alguma de familiaridade; repudiem os encontros nocturnos ou em lugares perigosos, bem como as correspondências banais ou inúteis; não aprazem lugar oculto para se entrevistarem, nem sequer com a melhor das intenções; não tomem conjuntamente parte em divertimentos, jogos, danças, em família que seja. E depois da visita ou de correspondência trocada, mortifiquem a imaginação, banindo pensamentos, lembranças e fantasias sensuais.

CAPÍTULO QUARTO

DIRECÇÃO MÍSTICA

Conservando na sua obra uma unidade sublime, imprime-lhe contudo Deus uma extrêma variedade. É o que faz a beleza do mundo, tanto natural, como sobrenatural. Daí nas almas quanta diversidade de fisionomias! pois, não são menos variados os caminhos que conduzem à santidade.

A maior parte das almas santificam-se nas *vias comuns*, em que Deus opera pelas influências ordinárias da graça, mas um cérto número são levadas por *caminhos extraordinários*, em que Deus, para as aperfeiçoar, toma com elas *contacto mais imediato*, tão íntimo, *que toca pela união do paraíso*. É indispensável que o Director saiba fazer um justo discernimento e conhêça os vários trámites e processos da Providência, porque, na sua acção sôbre as almas, tem de obedecer aos desígnios de Deus e secundá-los, longe de os contrariar. Donde se vê, quanto é necessário conhecer bem esta sciência divína, que, no dizer de Santa Terêsa, é de importância extrêma no guia espiritual. Dois êrros deve evitar, graves e nocivos: *rejeitar à priori*, os caminhos místicos, por se revelarem nas almas com singularidades e extravagâncias, para quem as não vê senão com olhares inexperientes — e a *arrogância temerária* de comprimir e coarctar a acção divína dentro de limites acanhados ou degradantes, o que causaria a almas de eleição atrasos e desvíos tão lamentáveis, como já amárgamente censurava a Re-

formadora do Carmelo. Mas, **crêr muito fàcilmente** na vocação mística duma alma, é tambem expor-se a sérias ilusões e dar ensejo a insídiosos manejos do demónio, que contraría quanto pode as obras de Deus e se transfigura em anjo de luz para fazer vingar a sua acção nefasta.

Cumpre portanto que o Director estabelêça diagnóstico seguro e por conseguinte tenha ideias claras e precisas sôbre as vias extraordinárias, de que se ocupa a teologia mística.

Noções gerais

Correlação da Mística com a Ascética

Uma e outra teem um ponto de contacto, que as liga e une: *a união com Deus pela contemplação.* Mas a teologia *ascética* trata da contemplação, a que podemos chegar *pelos esforços da nossa piedade*, e a teologia *mística* da contemplação elevadíssima, que *vem directamente de Deus.* A ascética não leva as suas investigações alêm dos domínios da oração e da contemplação; estuda pròpriamente e aprofunda as *virtudes cristãs*, a sua natureza e espécies, as dificuldades e obstáculos, os auxiliares e os contrários. A mística circunscreve o seu estudo aos *fenómenos sobrenaturais*, que se chamam **«estados místicos»**.

O que são os estados místicos?

São uns estados inteiramente acima da alçada da nossa naturêza, comportando um género de conhecimento tal, que é absolutamente impossível, que os nossos esforços, por mais industriosos que sejam, o possam produzir, por um instante mesmo ou no mais insignificante gráu.

Nem todos os actos sobrenaturais estão fora do alcance da nossa naturêza; até um certo número são, não só possíveis a todos os homens, mas obrigatórios: orar, fazer actos de fé, de esperança e de caridade, etc. É certo que para sêrem efectuados sobrenaturalmente, é in-

dispensável o auxílio da graça, mas esta, na ordem presente das coisas, nunca falta às almas de boa vontade.

Por isso, o que, por exemplo, quizer orar, pode fazê-lo e conseguí-lo sobrenaturalmente, ao menos até certo ponto, porque Deus está com a graça à disposição da sua boa vontade. Mas, ha actos sobrenaturais, para a maior parte dos homens *irrealizáveis, por mais desejos que alimentem e por mais esforços que façam, para os produzir*. E aquêles poucos que obtiverem o privilégio de os efectuar, sentem perfeitamente que o devem a uma *graça especial*, que dêles não depende. Profetizar, por exemplo, é um acto sobrenatural, que ninguem pode realizar, sem chamamento de ordem miraculosa e sem privilégio especial de Deus. Segue-se, pois, que quem possui o dom de profecia, está num estado místico; da mesma sorte, o que é instrumento de visões reais e autênticas, o que recebe revelações, etc.

Observação. — Chamam tambem os autores aos estados místicos, estados *extraordinários*, porque ultrapassam as vias ordinárias da Providência..., *passivos*, porque a actividade humana não os pode produzir..., *sobrenaturais*, porque estão tanto acima da naturêza, que nunca por si o homem os pode alcançar.

Principais estádios dos estados místicos.

Além dum estádio intermediário, que serve de transição entre a contemplação adquirida e a contemplação infusa ou mística, *ha dois outros, de principal importância*, o primeiro dos quais comporta vários gráus: *a união não transformante ou noite do espírito e a união transformante ou desposório espiritual.*

Explanação.

1. — Nos confins das vias ordinárias, encontra-se um estádio que S. João da Cruz chama «a noite dos senti-

dos». Contem, posto que em *estado latente*, algo já da união mística, caracterizada, — *a)* por uma *aridez habitual*, proveniente da dificuldade de raciocínio e da atonia da imaginação; *b)* por uma *recordação de Deus, confusa, fixa e angustiosa.*

Define a sua naturêza o P. Poulain, designando-a pelo nome de união *submística*. Tem como objectivo purificar a alma e prepará-la para as doçuras da união mística, que devem um dia suceder-lhe.

2. — O primeiro estádio da união mística chama-se união *não-transformante*, em oposição à união do segundo estádio, que opéra na alma e nas faculdades uma modificação maravilhosa. Chama-se tambem *noite do espírito*, por causa das penas, com que entremistura as doçuras, de que é fonte..., e ainda *ligadura das potências*, porque as faculdades são impelidas de tal modo a produzir voluntàriamente reflexões e orações, que as diriamos ligadas.

Êste primeiro estádio admite três gráus sucessivos, que os autores ainda subdividem:

A. — **A quietação,** assim chamada por causa do repouso, que faz experimentar, logo após as angústias e martírios da união sub-mística ou noite dos sentidos. Êste primeiro gráu da ligadura das potências ainda não exclui por completo as distrações: *não tem encarcerada senão a vontade*. Admite duas gradações: *o recolhimento infuso*, às vezes acompanhado de silêncio admirativo, e *o repouso místico* ou contentamento e gôzo divíno.

B. — **A união plêna,** que chamam assim, porque, cativando a *imaginação*, a *inteligência* e a *vontade*, exclui todo o pensamento estranho e distração, mesmo involuntária. Esta captação avassoladora das faculdades, produz-se por várias formas: pela *embriaguez espiritual*, em que a alma, em glorioso delírio, ignora se fala, [illegible] fala, [illegible] vive, se chora (S.[illegible] Terêsa)...; e pelo

espiritual, que, sob a acção do amor, produz um tão grande abatimento, que a alma perde completamente o conhecimento de si e das coisas.

c. — **A união extática,** que avassala a alma tão completamente, que *suprime* em absoluto *a acção dos sentidos*, transportando o coração para os bens celestiais. Segundo o P. Poulain o êxtase, chama-se: a) *êxtase simples*, se se produz suávemente, a pouco e pouco, sem violência. Supõe-se ordináriamente que não envolve revelações; b) *rapto*, quando é súbito e violento; e c) *arroubo* do espírito, quando, diz Santa Terêsa, o rapto é tão impetuoso, que parece separar o espírito do corpo.

3.° — O segundo estádio chama-se *união transformante* ou *tálamo espiritual*.

É o ponto mais excelso dos estados místicos; nela se consumam, na medida compatível com a vida presente, os dons mais extraordinários da bondade divina.

Caracterizam êste estádio três elementos principais: *a)* a união quàsi *contínua*, quàsi ininterrupta, *com Deus*; *b)* na alma, *a consciência de participar, nos seus actos, da vida divina*, e *c)* de estar como que *transformada em Deus*. Numa palavra, no desposório espiritual, Deus apodéra-se não só *da vontade*, como na quietação, e *das potências*, como na união plêna, mas tambem de *todo o sêr* (substância e vida), de sorte que a vida de Deus e a vida do homem como se fundem numa só vida, transformada na de Deus a vida da alma.

Diagnóstico da união mística

Qual é a característica fundamental que faz reconhecer numa alma os estados místicos?

É um conhecimento experimental, que a alma tem na sua parte intelectual; de que possui a [illegible] *ente,*

conhecimento que apresenta certa analogia com o sentido do tacto.

Explanação.

1.—Em *tôda a união mística,* ha pela inteligência, um certo conhecimento *experimental* de Deus. Para possuír a Deus basta o estado de graça, mas não basta para o sentir, nem sequer para pensar em O sentir. Podemos, pelo nosso esfôrço, aplicar em Deus o espírito e recordar a sua presença em nós, mas não vão mais longe as nossas fôrças. Ora, sob a acção da graça, os estados místicos despertam no mais íntimo da alma, um sentido espiritual, que nos faz *perceber* a presença de Deus, no âmago do nosso ser. Tórna-se-nos assim Deus palpável, em certo modo, porque nos sentímos em contacto com a Divindade e mergulhados nEla.

2.—Esta percepção de Deus apresenta *analogias* com a *percepção dos objectos materiais, pelo sentido do tacto.* As almas místicas, segundo elas afirmam, *sentem uma impressão espiritual, que não tem semelhança com as impressões do sentido da vista, nem do ouvido, mas antes parece um contacto espiritual.* O objecto do conhecimento é um acto de fusão, que se exerce sôbre a alma. Ora para comparar esta impressão com o acto de *vêr ou ouvir,* éra preciso que esta désse conhecimento da *naturêza íntima* do ser que divisa, ou *dum dos seus pensamentos.* Por conseguinte, ninguem se deve admirar de expressões, como as seguintes que lêmos de certos santos: tóques divínos, abraços, contactos, apêrtos, infusões, imersões, etc.

Outros caracteres, de ordem secundária, dos estados místicos.

Enumera dez o P. Poulain, mas os principais, para o diagnóstico, são os seguintes:

1.º — A união mística é inteiramente ***independente da vontade***, por forma que a alma não a pode realizar, quando quér, nem fazê-la cessar directamente, quando lhe parêça, nem prolongá-la, quando deseje, nem aumentar-lhe a intensidade. Depende complétamente do beneplácito de Deus.

2.º — Esta união realiza-se ***numa contemplação, que não produzem raciocínios, nem considerações, nem imágens interiores de ordem sensível***. É de naturêza tão diferente da oração ordinária, ainda quando muito perfeita, que já os principiantes da união mística o constatam e admiram.

3.º — A contemplação mística ***dispensa***, cada vez mais, ***o trabalho ou esfôrço humano***, à medida que se torna mais perfeita a união. Êste trabalho, segundo o autor acima citado, consiste: a) ***em repelir as distraçôes***, que aparêçam, (nos gráus inferiores); b) em produzir, uma vez ou outra, ***actos adicionais***, para os quais a alma se sente inclinada e com facilidade; c) ***em reprimir o tédio***, causado pela semi-aridêz, quando a quietação é frouxa.

4.º — Deus, envia às almas que favorece com a contemplação mística, ***provações numerosíssimas***. Por vêzes, já de per si traz o estado místico sofrimentos peculiares que invadem a alma na oração. Grande causa de sofrimento, por exemplo, é a necessidade irresistível de alcançar cada vez mais de perto a posse de Deus; o que não admira, pois não é um instínto da nossa alma gozar mais e mais o que satisfaz as aspirações mais profundas do nosso ser?... ora, a alma sente-se impotente de augmentar a união, que começou; eis a origem dum verdadeiro martírio, que se chama *angústia de amor*; e ninguem aparece que proporcione consolações, para sua-
[illegible]

5.° — A união mística *dá impulso às virtudes, particularmente, ao espírito de sacrifício e à humildade,* mesmo no que esta tem de mais elevado, — o amor das humilhações. E até acontece produzir na alma um aperfeiçoamento instantâneo.

6.° — O estado místico *opèra sôbre o côrpo* e *recìprocamente.* É por isso que, mesmo nos estádios inferiores, a vista pode turva-se, os membros entorpecer, a respiração afrouxar, a circulação abrandar, etc.

Fenómenos exteriores

I — Fenómenos de glorificação.

Sendo a união mística uma certa participação antecipada da vida do céu e estabelecendo uma espécie *de fusão entre a alma e Deus,* é lógico que as pessoas que a possuem, *gozem desde já prerogativas diversas, próprias do estado glorioso,* e se tornem a séde de manifestações, em que as scintilações dos atrîbutos divínos se revelem visivelmente.

1.° — Ha almas místicas que recebem miraculosamente **conhecimentos,** que antes não possuiam, tais como, o dom de compreender uma língua estranha, o dom de atingir um estilo e eloqüência, que a todos causa admiração (Santa Catarina de Sena, Santa Rosa de Lima, Santa Maria Magdalena de Pazzi), etc.

2.° — Deus exerce sôbre o **côrpo** de certos santos uma acção tão prodigiosa, que muitas vezes Êle lhes vale de alimentação, assim como no céu é o alimento que sustenta a vida dos eleitos (Santa Catarina de Sena); ou então essa influência dispensa-os do *sôno* (Santa Ludovina); e por isso não admira, que, sendo Êle o auctor de tantos encantos espalhados pela Natureza, faça tambem scintilar nos santos influências que extasiam os sentidos,

concedendo a uns emanações de *perfumes* finíssimos (S. Filipe Néri, S. João da Cruz), de licôres balsâmicos a outros (Santa Terêza, S. Nicoláu de Mira), a êstes brilhos e *esplendores celéstes* (Santa Inês), àquêles *scintilações* luminosas (S. Luís Beltrão, S. Colombino de Sena).

3.º — Outras vezes, **transforma os sentidos,** por forma a dar-lhes um *alcance miraculoso,* semelhante ao efeito dos dotes dos corpos gloriosos, como ver através duma parêde, lêr no rôsto o estado duma alma..., sentir a infecção que exala o pecado impuro (S. José de Cupertino), perceber na hóstia da Comunhão sabor deliciosíssimo (S. Felix Cantalício), fazer ouvir a voz a distância considerável.

4.º — Acontece, no êxtase particularmente, fazer Deus participar o côrpo dos santos da sua espiritualidade e das **qualidades da resurreição,** dando-lhe a *agilidade* e a *subtileza,* libertando-o até das leis da *gravidade e do espaço,* de sorte a ficar umas vezes suspenso no ar, sem apoio, por muito tempo (S. José de Cupertino), e outras, a penetrar, sem entrada, em lugares fechados e a encontrar-se presente simultâneamente em vários lugares (Santo António, Santo Afonso, S. Francisco Xavier).

5.º — Recebem tambem os santos freqùentemente o dom de **curar os enfermos e o domínio sôbre os sêres materiais,** bem como sôbre os **demónios;** e assim restituem a saúde sem remédios naturais, ressuscitam mortos, multiplicam as substâncias, aplacam as fôrças revôltas da natureza e expulsam os demónios.

6.º — Comunica tambem Deus aos santos, por modo sobrenatural, **os padecimentos do divino Crucificado.** Estigmas miraculosos conhecemos em S. Francisco de Assis, Santa Catarina de Génova, etc.

II — Fenómenos de iluminação.

Quando Deus quér iluminar uma alma, já no desígnio de a elevar a uma contemplação mais perfeita de Si mesmo e das coisas divínas, já com o fim de lhe confiar uma obra de zêlo e caridade, infunde-lhe ideias novas sobrenaturais, que ela nem sequer suspeitava; são como relâmpagos que a deslumbram e transportam. É o que faz nas *revelações* e nas *visões*.

A. — **Revelações.** Deus pode revelar-se à alma e comunicar-lhe ideias novas: *a)* por *palavras exteriores*, que, como a palavra natural, produzem impressão no nervo auditivo; *b)* por *palavras imaginativas*, que, percebidas sem ferir o ouvido, afectam directamente a região cerebral, onde está localizado o sentido da imaginação ou fantasia; *c)* por *palavras intelectuais*, que férem imediatamente o espírito, sem concurso algum da sensibilidade interior ou exterior, isto é, palavras que consistem numa simples comunicação do pensamento, sem locução, nem emprêgo algum de linguagem humana.

B. — **Visões.** Podem compreender-se igualmente em três espécies: a) *visões oculares*, produzidas na retina por vibrações luminosas, que Deus efectúa directamente, ou por intermédio dum objecto material, que faz comparecer diante dos olhos; b) *visões imaginativas*, produzidas por uma imagem semelhante à que reproduziria na fantasia a visão dos objectos materiais; c) *visões intelectuais*, percebidas na inteligência, sem concurso da sensibilidade.

C. — Discernimento dos espíritos.

«Deus começa já desde esta vida, a iniciar os seus amigos nos segrêdos, não só da sua divindade, mas também nos segrêdos das almas, já por amor daquêles, a quem concede estas manifestações, já no interêsse das almas, a quem os santos, alumiados sôbre o seu estado, po-

dem dizer uma palavra, que as toque e converta e ministrar conhecimentos, que as iluminem, consolem ou aterrem e emfim orientem, para o seu escopo final». (Sauvé, États mystiques).

DIRECÇÃO DAS ALMAS MÍSTICAS

Com respeito aos que aspiram às graças dos estados místicos, que fará o Director?

1.º — Persuadirá que *desejem* e *peçam* a graça da contemplação mística, mas não os fenómenos exteriores que a acompanham. Diz Alvarez da Paz, «que é preciso distinguir da contemplação mística os dons particulares que lhe podem sobrevir, como os êxtases, os raptos, as visões, quer corporais, quer da imaginação. Desejar êstes dons e pedí-los é coisa interdita. Até aquêle que os houvér recebido deve declinar com humildade tão temerosa honra e pedir ao Senhor que antes o deixe caminhar pela estrada real do sofrimento. E quanto à contemplação mística em si, será lícito desejá-la? porque não? não é ela o meio mais eficaz de alcançar a perfeição? E se é lícito e legítimo desejar o fim, como será ilícito desejar o meio que a ela conduz? É um dom; para o alcançar importa desejá-lo e pedí-lo». (De Inquis. Pacis, l. v — part. II. c. XIII). O mesmo ensina Santa Terêsa no «*Caminho da perfeição*». Cap. XX.

2.º — Esforçar-se-ha por criar *disposições* que possam preparar a alma para êstes dons: *a)* a melhor disposição para Deus conceder os estados místicos é uma *grande pureza de coração* e a prática generosa *das virtudes sólidas*; é no que, antes de mais, é mister formar as almas que aspiram à contemplação. *b)* o *amor da solidão*, compatível com os devêres de estado, a prática da *obediência* e da *caridade*.

A inclinação para uma vida retirada, que fôsse causa de infidelidade às nossas obrigações e aso para

murmurações a nosso respeito, não é inclinação segundo a vontade de Deus e portanto não pode dispôr para a sua graça. Diz judiciosamente o P. Poulain: «os santos começaram quàsi todos por uma oração aturada e constante; é o caminho da alta oração. Não digo que devam ser longos os nossos exercícios, porque pode impôr-nos a obediência devêres que reduzam necessàriamente ao indispensável a nossa oração. Deus então não pode queixar-se da nossa inobediência. O que digo é que devêmos desejar e gostar de estar muito tempo com Deus. Quando é sincero êste sentimento, encontraremos com certeza horas livres para Deus, evitando particularmente sobrecarregar-nos de motu próprio com uma série grande de ocupações, que a obediência não impõe, mas apenas permite». (Grâces d'oraison, cap. XXVIII, 24).

Como procederá com as almas que Deus favorece com as graças místicas?

1.° — É preciso *certificar-se* se a alma realiza verdadeiramente os caracteres comprovativos da sua vida mística.

2.º — Cumpre prestar-lhes depois auxílio nas *provações* inerentes a êstes estados, dar-lhes alívio nas suas *angústias*, dissipar as perturbações, reanimá-las nos tédios e obstar ao desânimo e desalento, fatal à sua perseverança.

3.° — É preciso *conservá-las num estado de humildade*, sempre crescente, à medida que maiores forem os favores recebidos, porque o Senhor prefere sempre com a sua graça os humildes.

4.º — *Suprimam, sem escrúpulo*, nos exercícios de piedade, que são ocasião da contemplação mística, *os actos ou orações não obrigatórias*, em que encontrem *mais dificuldade*; para as orações obrigatórias, imponham-se

certos actos exteriores, que impeçam a *ligação* das potências e assim as poderão cumprir.

5.º — *Á acção divina associem a acção pessoal*, só enquanto não obste à primeira.

Com as almas que crêem haver visões ou revelações, que fará o Director?

1.º — É indispensável *a maior circunspecção*. É temeridade repudiar à priori qualquer fenómeno desta natureza, pois os processos de canonização provam que a Igreja admite a sua possibilidade e realidade; mas obsta a prudência a que se dê crédito, sem exame, aos factos extraordinários, que certas pessoas relatam como divinos. Não se pronuncie precipitadamente o Director, nem num sentido, nem noutro.

2.º — *Sem curiosidade, nem vanglória*, ouvirá com paciência as confidências nesta matéria, evitando repulsa ou ingénua admiração.

3.º — Fará que se tornem *mais humildes*, repelindo pensamentos de orgulho e desconfiando de si mesmas, *dóceis e abertas* com o confessor, excessivamente *reservadas* em publicar as revelações e visões, que julgam ter e *cheias de zêlo* em aproveitarem estas graças para se santificarem.

4.º — *Usará de severidade com as almas que demonstrem grande apêgo a estas graças e por isso vaidade e presunção.*

5.º — Deve *orar e pedir*, *examinar e consultar*, para averiguar se os factos extraordinários são naturais, diabólicos ou divinos.

6.º — Concluindo que não são divinos, obrigue com firmeza a *desprezá-los.*

Sinais que indicam a origem divina duma visão ou revelação.

1.º — Ha **sinais certos** que provam peremptóriamento que uma revelação é divina e tais são os milagres e as profecias, que realizam a um tempo a verdade histórica, filosófica e relativa.

2.º — Ha os **sinais presuntivos,** que tornam *provável* o carácter divíno da visão ou revelação:

a) — quando a *pessoa,* que se supõe favorecída é pacífica, judiciosa, *perfeitamente equilibrada,* duma sinceridade a tôda a prova, inimiga da vaidade, da singularidade e ostentação..., quando não *deseja,* nem *procura os favores extraordinários* e não aproveita deles senão para se tornar mais circunspecta, virtuosa e humilde... e finalmente quando já *chegou aos estados místicos mais elevados.*

b) — *Quando a visão ou revelação é em tudo objecto de edificação,* de molde a conduzir à virtude e deixa a alma, depois de lhe causar certo temor, na paz mais profunda.

Sinais que indicam a não divindade da visão ou revelação.

1.º — **Sinais certos:** *a)* — quando encerram coisas *contrárias à fé e à moral cristã,* ou indignas de Deus, sapientíssimo e santo.

b) — quando excitam directamente as *paixões* ma... conduzindo à sobêrba, à presunção, à sensualidade
c) — quando se dissipam com o sinal da Cruz, com a

vocação do nome de Jesus, com a presença duma relíquia ou com o uso de água benta.

2.° — **Sinais presuntivos:** *a)* — quando é pecadora a pessoa que as patenteia..., inclinada à sobêrba..., ou, pelo menos, pouco adiantada na vida espiritual..., sujeita a ilusões..., exaltada..., histérica; quando, tendo lido livros de mística, ficou com o desejo ardente de receber êsses dons..., quando se envaidece com êsses supostos favores... e se irrita por o Director não ligar crédito de boa mente a tais factos.

b) — Quando as visões e revelações tendem mais a satisfazer a curiosidade do que a *edificar o próximo*..., quando não teem outro escopo senão resolver uma questão controversa em teologia, história, astronomia, arqueologia..., quando são extravagantes e só encerram a doutrina comum dos livros ascéticos..., e quando apresentam sêres humanos ou angélicos sob formas ridículas ou de aspecto bestial.

Devem admitir-se confiadamente todos os pormenores que encontramos nas revelações e visões dos Santos?

Não, por muitas razões:

1.° — porque, às vezes, ha *alterações no texto*, ao corrigir certas expressões, no desígnio de as tornarem mais claras e aceitáveis.

2.° — Porque a revelação pode ter sido *mal interpretada* pelo que a recebeu. Diz a êste respeito S. João da Cruz: «as profecias e palavras que na antiguidade Deus dirigiu a certos personagens, não se realizaram segundo as previsões dêstes, porque as tomavam muito à letra... É por esta forma e por outras que se iludem muitas almas, etc.»

3.° — As visões que representam scenas históricas, como não teem por fim instruir-nos sôbre costumes e linguagem daquelas épocas, nem orientar-nos sôbre questões arqueológicas, não podemos pretender nelas *exactidão perfeita* nestas questões.

4.° — Como na acção divina pode imiscuir-se a actividade natural dos videntes, é possível que *desejos e idéias preconcebidas* se agitem na alma no momento da revelação sobrenatural e não possam depois discernir-se do que vinha de Deus directamente.

Como concluir pela divindade dos êxtases?

Têmos de seguir os mesmos sinais que seguimos para as visões e revelações. Diz o P. Poulain «que a dois quesitos deve atender-se particularmente nesta matéria: 1.° — em que se ocupa a alma, quando está privada dos sentidos? está cativada por *conhecimentos intelectuais de ordem superior*, e arrastada por um *amor imenso, ardentíssimo?* 2.°—que gráu de virtude tinha antes de chegar êste ponto e que *progresso* e aumento resultou depois? Se forem favoráveis as respostas, teremos probabilidades pela sobrenaturalidade do êxtase. Com efeito, o demónio e a doença não levam a imitação a tão alto gráu. Quanto aos efeitos psicológicos, não podemos concluir dêles, ordinàriamente nenhuma indicação. *A alienação dos sentidos pode apresentar as mesmas aparências no êxtase divino e no êxtase suposto*; contudo, podem acrescer-lhe fenómenos, que não só deixem de parte a hipótese da doença, mas tambem revelem uma causa sobrenatural, divina ou não divina, como no caso de levitação». (Grâces d'oraison, p. 395, n.° 67).

EPÍLOGO

Spiritus ubi vult spirat. Por tôda a parte pode ter a divina Bondade almas privilegiadas, que destine às vias extraordinárias da santidade. Seria triste, por isso, e de lastimar, que a ignorância ou os preconceitos do Director, em vez de auxílio, fossem estôrvo aos desígnios de Deus.

Se não podemos exigir de todos os sacerdotes igual inteligência dos caminhos e estados místicos, indispensável é contudo que sôbre o assunto possuam ideias bem claras e exactas; aliàs, grande detrimento hão-de causar a essas almas de eleição.

O pouco que deixamos dito àcêrca desta matéria será o bastante para que o sacerdote prudente saiba duvidar e conservar-se de sobreaviso. E se com o auxílio destas noções vier a descortinar uma alma com tendências místicas, os grandes tratados ou obras de valor, lhe ministrarão conhecimentos decisivos, com que possa valer à alma necessitada. E no caso de duvidar de si mesmo, por se julgar incapaz ou com falta de tempo, tenha consciência e coragem bastante para enviar a guia mais experimentado a alma que não tem fôrça para dirigir.

RESUMO DIDACTICO DE ASCETISMO

CAPÍTULO DE INTRODUÇÃO

I. — *Noção geral da direcção.* No sentido activo, consiste a direcção espiritual na acção do Confessor, posta à disposição das almas, para as ajudar a encontrar seguramente o caminho que as ha-de conduzir à santidade a que Deus as chama, enveredando por êle e prosseguindo através de tôdas as dificuldades.

II. — *Divisão.* 1.º — *Direcção pastoral:* a que proporciona a certa categoria de almas, os meios gerais para se santificar e chegar à salvação;

2.º — *Direcção de consciência:* a que tem por objecto cada alma em particular, ajudando-a a triunfar das dificuldades e a prosseguir pelo caminho que a deve conduzir para Deus.

Subdivisão: a) *Direcção mística,* que se refere às almas que Deus leva à santidade por vias extraordinárias; — b) *Direcção ascética,* que é a das almas que Deus conduz pelas vias ordinárias ou comuns.

LIVRO PRIMEIRO

DIRECÇÃO DE CONSCIÊNCIA

Capítulo Primeiro. — **Da direcção de consciência em geral**

1. — *Necessidade relativa.* — A. Em ordem à *perfeição* é necessária geralmente: — *a)* aos que tendem para a vida perfeita. — *b)* aos que estão em estado de perfei-

ção. — *c)* e, especialmente, aos sacerdotes com encargo de almas.

2. — *Objecto da direcção.* — Compreende, geralmente, quanto contribui para *purgar, robustecer* e *unir* a alma com Deus. Na especialidade, ocupa-se: *a)* das nossas *misérias*: faltas, imperfeições, enfermidades espirituais, perigos da alma. — *b)* Dos nossos *recursos* espirituais: aptidões, atractivos, hábitos bons, socorros externos que coadjuvam na virtude.

3. — *Freqüência da direcção.* Varia consoante a *necessidade* do penitente e o meio em que se exerce. Regra prática: *a)* conceder quanto é necessário ou sèriamente util. — *b)* cortar o que apresente inconvenientes, que não compensam a utilidade real.

4. — *Papel a desempenhar pelo Padre na direcção.* — 1.º — Deve considerar-se como *especialmente incumbido* pela Providência para dirigir as almas;

2.º — A êste mister deve aplicar-se com *zêlo*, e tornar-se *apto* a produzir frutos abundantes, adquirindo: *a)* a sciência. — *b)* A prudência sobrenatural. — *c)* o espírito de caridade, fugindo, por conseguinte, da zelotipia, da vaidade, de espírito mundano e das afeições humanas.

3.º — Obrigação esta muito mais urgente, sendo o padre Confessor oficial das comunidades religiosas.

5. — *Qualidades da direcção.* — Deve ser: a) *esclarecida*, supondo, portanto, no confessor conhecimento profundo das vias espirituais, sciência teológica segura, exacta e completa. — b) *Prudente*, isto é, impregnada daquela sabedoria sobrenatural, que sem desprezar os expedientes humanos que possam auxiliar, conta principalmente com os recursos da graça, e pensa em fazê-la frutificar. — c) *firme*, prosseguindo invariàvelmente até ao fim, contra tôdas as vicissitudes e obstáculos. — d) *Caritativa*, quer dizer, cheia de doçura e amor, sem re-

pulsa, nem enfado, em presença das mais fastidiosas misérias. — e) diversificada, consoante a necessidade das almas.

Capítulo II. — Código fundamental da Direcção de Consciência

I. — Disposições gerais que importa conseguir dos penitentes

1. — *Sinceridade.* — A. — É *necessária*, porque, tendo a direcção por objecto as coisas mais íntimas, de que só Deus, e a alma são testemunhas, só a sinceridade pode ministrar ao director os esclarecimentos que há mister.

B. — Deve compreender quanto interessa o movimento espiritual da alma: faltas, inclinações, dificuldades, etc.

C. — Certos *sinais* podem indicar ao Director a não-sinceridade, e a experiência com a graça de Deus, podem auxiliar o discernimento.

D. — Para conseguir a sinceridade, eis alguns expedientes: *a)* conquistar a confiança do penitente. — *b)* ajudar as declarações com bondade digna e calma. — *c)* facilitar as confidências pela arte em interrogar. — *d)* Pedir a Deus para os penitentes a graça da sinceridade.

2. — *Espírito da oração.* — A. É necessário, porque sem Deus nada podemos fazer.

B. — *Está ao alcance de todos*, porque só exige o recurso freqüentes à oração.

C. — É *favorecê-lo*, convencer o penitente da sua necessidade, levando-o a pouco e pouco a recitar [illegible]

ções fáceis, que se lhe sugerem, e a práticas exteriores, que geram um meio propício à piedade.

3. — *Generosidade.* — A. É *necessária*, porque Deus concede a sua graça na proporção da generosidade.

B. — *Provocar a generosidade*: *a)* estimulando a vontade segundo as leis psicológicas. — *b)* fiscalizando o cumprimento das resoluções. — *c)* felicitando, pelos esforços realizados.

4 — *Docilidade.* — A. É *necessária*, senão inútil seria a acção do director.

B. — *Meios* para a conseguir são: *a)* convencer da sua necessidade. — *b)* facilitar a obediência, com a exclusão de exigências exageradas, dispondo hàbilmente a aceitação de medidas custosas e usando de prudente firmeza.

II. — Princípios gerais que regem a vida sobrenatural

1. — *Lei primordial* da vida espiritual é a *conformidade*, perfeita, quanto possível, com a vontade de Deus, obedecendo-lhe — e aceitando o que a sua Providência nos impõe. Com efeito, para que o homem possa atingir a plena expansão do seu ser pela consecução do fim último, que é a glória do seu Creador, é meio indispensável a conformidade absoluta com o divíno beneplácito.

2. — O *trabalho importante* da vida espiritual, consiste: *a)* em *usar racionalmente* das creaturas, segundo o plano divino. — *b)* em imprimir às nossas faculdades a devida *preparação* para poderem usar racionalmente das creaturas.

3. — A *disposição fundamental* para viver sobrenatu-

ralmente é a *indiferença* antecedente com relação às criaturas, de sorte a não regular a escolha senão segundo as indicações de Deus.

III. — Meios gerais que favorecem o progresso espiritual

A. *Meios que libertam dos obstáculos*

I. **Fuga das ocasiões.** — 1.º — *Da ocasião em geral.* — A. Noção: tôda a pessoa ou coisa que duma forma ou doutra nos leva a ofender a Deus. — *Proxima*, quando arrasta para o mal com tal violência, que só com muita dificuldade, e portanto, em circunstâncias raras, se pode superar. — Aliàs, remota.

B. — Deve removê-las o director com zêlo proporcionado ao perigo que apresentam.

C. — Paa isso, usará de vigilância e destrêza para descobrir o perigo, saberá notificá-lo com franqueza, logo que apareça e revestir-se-há de firmeza para o remover ou ao menos tornar inofensivo.

2.º — Da ocasião, em especial.

1. — *Danças e bailes.* — A. Êstes exercícios físicos, que nascem da necessidade que sentimos de manifestar fortemente os sentimentos, que nos exaltam, podem revestir carácter recreativo, jocoso ou religioso.

B. — Geralmente, apresentam as danças perigo verdadeiro: *a)* certas danças são imorais por causa dos tactos e contactos, a que obrigam. — *b)* os bailes podem ser proibídos: a) por causa das danças inconvenientes, que admitem; b) em razão de circunstâncias, propícias para as paixões: companhias, música, orgias, solidão, tr...

da noite, etc.; c) por causa dos obstáculos que suscitam a uma vida perfeitamente cristã: luxo, dissipação, etc.

c. — Deve combatê-las o director: *a)* fazendo ver por um lado a beleza da virtude e por outro os perigos que contra ela êstes divertimentos suscitam. *b)* — Empenhando-se por que os penitentes entrem em associações que proíbem as danças.

2. — *Companhias.* — Desviar os penitentes de tôda a pessoa, cujo trato (conversas e exemplos) afasta da virtude e arrasta para o vício.

3. — *Leituras.* — Proibir tôda a publicação, cuja leitura produz a dissipação, enerva a disciplina, contagia os bons costumes e enfraquece a crença religiosa.

4. — *Vestuário imodesto.* — A. Urge combatê-lo, porque a desenvoltura no vestir é a negação do pudor, insidia à castidade, alimenta a vaidade, arrisca a saúde, consome recursos preciosos que deviam utilizar-se para o bem e malbarata em futilidades o tempo que o cristão deve empregar dignamente.

B. — São repreensíveis e condenáveis todos os modos de vestir, de molde a fomentar as paixões sensuais, já patenteando membros que num país cristão é uso cobrir, já manifestando, veladamente que seja, lugares que no côrpo a mesma natureza convida a esconder; igualmente os que sujeitam em demasia os membros, quer martirizando o côrpo e impedindo o seu desenvolvimento, quer sacrificando os interêsses do pudor e do recato, aos da elegância e da vaidade.

c. — Empregar meios conducentes ao extermínio dos excessos da moda; *a)* atraír a atenção para o quadro lastimoso de tantos infelizes, que nem sequer possuem o necessário para viver, fazendo compreender que na mo-

déstia está o melhor ornamento. — *b)* prevenir contra os decotes, fazendo ver o destino providencial dos vestidos, inspirando horrôr ao escândalo e fazendo ler vidas de santos de condição elevada.

5. — *Espectáculos e teatros.* — Combatê-los énergicamente, apontando a propósito os perigos, que referimos a quando das más leituras.

II. **Luta contra as tentações.** — A. A tentação é uma incitação para o mal, pela acção, singular ou conjunta, dos inimigos da alma: mundo, diabo e carne.

B. — O director deve dispor o penitente a tomar a atitude devida, em face das tentações: *a)* não combatida, a tentação conduz sucessivamente a vários graus de culpabilidade: a sugestão converte-se ràpidamente em pensamento, depois desejo, em seguida propósito e por fim acto; os actos geram hábitos e êstes o vício. — *b)* Combatida, porém, proporciona à alma vantagens preciosas: aumenta o amor de Deus, os merecimentos e a recompensa, conserva na humildade e na oração e inclina à comiseração.

C. — **Atitude com as tentações:** a) *Antes:* não se expor, não as desejar; prevenir-se contra elas e esperá-las sem inquietação. — b) *Na hora da tentação:* para umas, o máximo desprêzo; para outras, recorrer à oração, à diversão e renovar as resoluções. — c) *Depois:* no caso de triunfo, alegrar-se e agradecer; se consentiu, humilhar-se e reparar; na dúvida, não se deter a examinar, mas concluir do princípio: «*ex communiter contingentibus prudens fit praesumptio*».

D. — *Direcção das almas tentadas: a)* Deve o penitente primeiro descobrir as principais tentações. — *b)* Examine depois o director com tacto e prudência a origem e natureza da tentação e as disposições da alma

para com ela; *c)* estimule as almas indolentes, temerárias ou pusilânimes. — *d)* fortifique as timoratas, aprestando-as para novos êxitos.

III. **Mortificação.** — A. *Natureza.* — Consiste em combater, afastar ou destruir as obras e inclinações viciosas da nossa natureza corrompida.

B. — *Importância.* — *a)* Proclama Jesus Cristo no Evangelho a sua necessidade fundamental. — *b)* vantagens preciosas: desvia-nos do pecado e das imperfeições, dá satisfação à justiça divina, consolida e desenvolve nas virtudes, activa o fervor, garante a perseverança, imprime semelhança com Jesus Cristo e afugenta o demónio e as tentações.

C. — **Prática.** — *Principios: a)* Tem por fim domar a natureza, sanando e aperfeiçoando, e não destruí-la. — *b)* Deve marchar do principal para o acessório. — *c)* Deve acomodar-se às fôrças, necessidades espirituais, género de vida e temperamento de cada um.

D. — **Táctica** para formar na mortificação: *a)* fazer compreender a sua importância e necessidade. — *b)* Tornar amável ao penitente esta virtude pelo exemplo de Jesus Cristo e dos Santos; *c)* propôr para cada mortificação uma intenção nova e adequada.

IV. **Tribulações.** — A. *Noção.* — São tôda a espécie de sofrimento, que a Providência nos envia para nos desapegar da terra e levantar para o céu.

B. — *Razões* por que deve o Director valer às almas atribuladas. — As tribulações são benéficas ou nocivas consoante o uso que delas se fizer: — *a)* Bem aproveitadas, purificam, convertem, santificam e proporcionam consolações inefáveis. — *b)* Desprezadas, desorganizam in-

teiramente o maquinismo da vida espiritual, ocasionam desepêros, blasfémias, ciúmes, vinganças, etc.

C. — *Direcção: a)* não pedir nunca a tribulação. — *b)* valer-se dos meios ordinários que a prudência indica para evitar certas tribulações. — *c)* Aceitar as *inevitáveis*, como vindas da mão de Deus.

D. — Para que sejam bem aceites, faça o Director: *a)* compreender as vantagens acima enumeradas; *b)* As muitas tribulações são prova tanto maior do muito amor de Deus para connôsco. — *c)* nada mais sensato do que abandonar-se filialmente nas mãos de Deus.

Tribulações, em especial. 1. — *Aridez espiritual.* — A. *Noção:* é o estado da alma que, apesar-de todos os esforços, não pode, no momento da oração, excitar pensamentos piedosos, nem afectos de devoção.

B. — *Causas.* — O pecado, o vício; a doença, o cansaço nervoso; as preocupações excessivas, os negócios absorventes; a leviandade, a dissipação; a provação vinda de Deus.

C. — *Remédios:* Estimular a generosidade do penitente a empregar os meios de reacção que exigem as diferentes causas da aridez; felicitar a alma que faz quanto pode; eleve, nas ocupações, freqùentes vezes o coração para Deus.

2. — **Os escrúpulos.** — A. *Noção:* é um temor aflictivo e infundado de pecar ou de ter pecado (Poulain).

B. — *Causas:* temperamente melancólico e tímido; forte impressionabilidade da imaginação que falseia o raciocínio; educação oprimida; convivência com pessoas escrupulosas; direcção mal orientada; desejo excessivo

da certeza no que respeita à salvação; manejos pérfidos do demónio.

C. — *Inconvenientes*: *a*) O escrúpulo é um erro; *b*) é origem de perturbação; *c*) é causa de relaxamento e até de perversão; *d*) é um perigo para a saúde e para a sociabilidade.

D. — **Tratamento da alma escrupulosa:** *a*) Aos primeiros sintômas, estudar até diagnosticar. — *b*) Feito isto, armar-se de paciência, caridade e zêlo para prescrever os meios necessários e para os aplicar com bondade e firmeza inflexível; mas a primeira condição é uma obediência céga e invariável às determinações do director. — *c*) Exigir fidelidade inviolável às três regra seguintes: não acusar nunca as dúvidas ou tentações na matéria do escrúpulo; não repetir as acusações das confissões passadas; nas decisões, não se preocupar com as dúvidas, mas agir resolutamente.

3. — **Possessão e obsessão.** — A. *Noção.* — São atáques diabólicos, dirigidos contra os sentidos externos ou internos do homem, onde provocam operações ou impressões, anómalas e dolorosas: *a*) chama-se *obsessão*, quando a acção diabólica atinge sómente o côrpo e as faculdades sensitivas e não as faculdades intelectivas. — *b*) e *possessão*, quando o demónio inváde tão profundamente o côrpo humano, que parece incarnado nêle, fazendo as vezes em certo modo da alma, que êle substitue, pois esta perde o conhecimento, não tendo à sua disposição os instrumentos materiais, mediante os quais exercia a sua actividade intelectual.

B. — *Permite-as Deus*: *a*) para nos inspirar aversão ao demónio. — *b*) para nos fazer temer o pecado mortal — *c*) e o inférno; *d*) para nos exercitar na paciência e mortificação, purificando-nos ao mesmo tempo.

C. — *Almas vexadas pelo demónio: a*) Certificar-se se há realmente obsessão ou possessão. — *b*) purificar a consciência de modo a tornar insuportável na alma a residência do demónio; *c*) submeter a regime médico e sanitário a pessoa vexada de sorte a reagir contra a acção diabólica; *d*) recorrer ao jejum e à oração — *e*) exorcísmos.

4. — **Perseguições dos homens.** — A. *Natureza*: as pessoas virtuosas, particularmente as almas perfeitas estão expostas a tôda a espécie de contradições e de vexames, por parte dos maus e muitas vezes por parte dos bons.

B. — *Direcção: a*) testemunhar-lhes grande bondade; *b*) Alentar-lhes a paciência e a coragem, recordando o papel providencial das tribulações.

5. — **Ilusões.** I. — *Ilusão, em geral.* — A. *Noção*: No sentido moral, há ilusão, quando a inteligência não apreende o objecto do conhecimento segundo a luz da verdade, mas sob um falso brilho, que a transvia na directriz da vida.

B. — *Orígem: a*) a pobreza da nossa razão. — *b*) O influxo das paixões. — *c*) A influência do meio. — *d*) Os ardís do demónio.

II. — **Em especial:** 1.º — *Ilusões a respeito de Deus: a*) fazer da bondade divína uma ideia que favorece a presunção. — *b*) Conceber a justiça divína, sem lugar para a misericórdia.

2.º — *Ilusões com respeito a nós:* a) *quanto ao estado da nossa consciência:* tranquilizar-nos indevidamente. — b) *quanto ao grau de santidade:* deduzí-lo de sinais falíveis, como as consolações sensíveis na oração, as obras exteriores de piedade e de penitência, a retun-

bância das boas obras, a estima das pessoas virtuosas, a falta de dificuldade na virtude, a regularidade exterior. — c) *quanto aos nossos conhecimentos em espiritualidade:* o perigo de ter em menos conta a leitura espiritual. — d) *Sôbre as nossas aptidões e destino sobrenatural:* As aspirações impacientes a aflictivas.

3.º — *Ilusões com as criaturas:* *a*) àcêrca do meio em que se vive, que fazemos responsável pela nossa tibieza. — *b*) Amizades e simpatias que falseiam o nosso modo de julgar. — *c*) quanto à direcção: depreciar, exagerar, compreender mal a sua necessidade.

III. — *Remédios gerais:* *a*) a oração mental e o recolhimento. — *b*) mortificar o amor próprio, a carne e viver com grande pureza de coração. — *c*) estudar em livros de sólida doutrina as vias espirituais. — *d*) examinar atentamente e muitas vezes o íntimo da nossa consciência. — *e*) ater-nos com docilidade, às advertências do Director.

B. Meios de santificação

1. — **A Comunhão.** — Regras práticas: A. Vantagens da comunhão freqùente. B. — zêlo em assegurar o estado de graça e a intenção recta e pía. C. — *prescrições:* a) *proscrevê-la* na certeza moral de faltarem as disposições essenciais; b) *não a aconselhar*, quando essas disposições inspiram cuidado ou receio; c) *persuadí-la* com vigor às almas bem dispostas.

D. — Nada omitir do que possa tornar a comunhão fervorosa quanto possível.

2. — **Confissão.** — A. *Freqùência.* — Confessar-se tantas vezes quantas exigir o estado da consciência, permitirem as circunstâncias de tempo e lugar e persuadirem os interêsses da alma inteligentemente compreendidos.

B. — *Fervor:* fazer o melhor possível cada confissão.

Para isso: *a*) suprimir quanto comprometa a dignidade e o fruto do Sacramento; *b*) empregar os meios para que a confissão seja fervorosa: meios eficazes de conseguir a graça de se conhecer, de se declarar bem, de se arrepender; de conseguir um bom director e de secundar a sua acção; de desenvolver em si as melhores disposições para a acção do sacramento: aprêço pela confissão, sinceridade perfeita, ódio ao pecado; resoluções.

3. — **Oração.** I. — *Oração em geral.* A. — *noção:* é um colóquio com Deus, a quem exprimimos os nossos sentimentos de devoção e expômos as nossas necessidades. É vocal e mental, segundo é o côrpo ou a alma o agente principal.

B. — *Importância.* — *a*) É de necessidade de meio e de necessidade de preceito. — *b*) Tende por sua natureza a dar glória a Deus e a criar em nós disposições fundamentais de justificação. — *c*) é infalível na eficácia, segundo as palavras formais do Salvador.

C. — *Condições exteriores.* — *a*) A oração pode ser feita em todo o tempo e lugar e admite qualquer posição corporal. — *b*) Latitude esta que podem restringir as circunstâncias. — *c*) O desejo da perfeição prefere posições mortificadas que traduzem melhor o sentimento da piedade.

D. — *Qualidades:* *a*) atenção ou comparticipação do espírito; *b*) devoção ou participação do coração.

E. — **Para que seja infalível:** *a*) pedir o que interessa realmente à nossa salvação. — *b*) pedir com boas disposições; *c*) com perseverança.

F. — **Ordem prática:** *a*) primeiro, as orações de obrigação. — *b*) as que teem mais utilidade subjectiva; — *c*) selecionar em razão de excelência objectiva. — *d*)

ainda que valham o mesmo, preferir às devoções particulares as que contribuem para edificação do próximo e associam a alma à oração social da Igreja.

II. — **Espécies de oração.** 1. — *Oração vocal.* A. — *noção*: é o colóquio com Deus, manifestado exteriormente por palavras ou pelos sinais que a suprem: escrita, lágrimas, etc. — Pública, privada, litúrgica, não litúrgica, particular ou comum.

B. — *Vantagens.* — *a*) associar o côrpo às homenagens prestadas a Deus; *b*) prender mais a atenção. — *c*) dar aos sentimentos mais consistência; *d*) conformar-se com o que recomenda o Salvador; *e*) é um meio que pode bastar para a santificação.

C. — *Regras práticas*: *a*) não sobrecarregar com muitas devoções. — *b*) não ser escravo das muitas orações; *c*) restringir às vezes a oração vocal em benefício da mental. — *d*) fidelidade às orações usuais na prática da Igreja.

D. — **Fórmulas:** Primeiro as que provocam mais devoção e traduzem melhor o sentir do coração.

2. — *Oração mental.* A. — *Noção.* — É uma elevação da alma a Deus — para o reverenciar e suplicar, — para melhor o servir e glorificar.

B. — *Espécies*: *a*) Discursiva ou meditação, quando predomina o esfôrço da inteligência; *b*) afectiva, quando entra em maior escala a vontade e o coração. — *c*) intuitiva, quando a actividade se concentra num só pensamento afectivo, dominante.

D. — **Métodos:** *Escóla de Santo Inácio*: *a*) princípio da oração: adoração, oração preparatória, prelúdios (composição do lugar, graça especial). — *b*) Côrpo da

oração: exercício da memória, — do entendimento, — da vontade. — *e*) Conclusão: colóquio.

Escóla de S. Sulpício: *a*) preparação: presença de Deus, acto de contrição, invocação. — *b*) côrpo da meditação: adoração, comunhão, cooperação. — *c*) Conclusão: acção de graças, detestação, ramilhête espiritual.

4. — **Leitura espiritual.** — A. Importância. Amplia os nossos conhecimentos espirituais; desperta as energias latentes da nossa alma; dá mais precisão aos nossos conceitos.

B. — *Escôlha*: de espiritualidade sólida e ortodóxa; Conformada com as actuais direcções da Igreja e com as necessidades da alma.

4. — **Retiro.** — A. *Vantagem*: meio potente de fugir do pecado; dá nova orientação e vigoroso impulso para o bem.

B. — *Condições de êxito*: *a*) recolhimento absoluto — *b*) oração assídua — *c*) reflexões penetrantes e apropriadas.

6. — **Exame de consciência.** — A. *Noção*: é uma inquirição cuidada do estado da nossa vida moral, para a revigorar e aperfeiçoar, corrigir e levantar, consoante, no todo ou em parte, a acharmos orientada ou não para Deus e para a sua glória, pela conformidade com o seu beneplácito.

B. — *Espécies*: *a*) exame de vigilância: vigiar o movimento do nosso espírito e do nosso coração, para conhecermos a sua orientação. — *b*) Exame geral: indagar os nossos pecados, para os deplorar, apagar e reparar. — *c*) Exame particular: pesquiza das faltas e tendências, especializada num só ponto. — *d*) Exame de previdência: prevêr as ocasiões em que é preciso vigiármo-nos.

C. — *Prática do exame particular:* escolher a matéria bem determinada, dum exercício relativamente fácil, apropriada às principais necessidades da alma. Profligar primeiro os defeitos escandalosos e capitais. Trabalhar bem as disposições fundamentais da vida e da perfeição cristãs. Dividir bem a matéria. Fiscalizar práticamente.

D. — *Método: a*) Sentimento da presença e bondade de Deus. — *b*) Invocação do Espírito Santo. — *c*) relance do espírito sôbre a consciência; *d*) Contrição. — *e*) resoluções.

7. — **Provações.** — *Noção:* sistêma de formação espiritual, que inspirando-se simultâneamente no pensamento basilar de Santo Inácio e de S. Sulpício especializa e universaliza ao mesmo tempo, o esfôrço da alma, circunscrevendo-o a uma área muito restricta e só o conconservando nela um tempo determinado, de sorte a percorrer sucessiva e progressivamente os diferentes estádios, que conduzem à vida cristã e à perfeição evangélica.

Cap. III. — **Diferentes espécies de direcção**

Artigo 1.º — **Estádios da vida espiritual**

1. Direcção dos pecadores. — A. Considerações gerais para tôda a categoria de pecadores. O pecado é digno de imenso horrôr: *a*) em si mesmo, é o verdadeiro, o único mal que existe; *b*) nos seus efeitos: fealdade, estragos, castigos, escravidão.

B. — Diferentes categorias de pecadores:

1.º — **Almas dominadas pela impureza:** A. Urge curá-las: perigos da impureza. Paixão impetuosa, tirânica, tristemente fecunda, descristianizadora.

B. — Dificuldade em confessar as faltas, na contrição e no propósito.

C. — Função do Confessor: *a*) conseguir, apezar-de tôda a repugnância, uma declaração completa. — *b*) indagar as causas, para remediar; *c*) infundir grande horrôr pela impureza e grande estima pela virtude contrária. — *d*) traçar o regime a seguir: debilitar a acção dos inimigos: sobriedade, fuga das ocasiões, oração; fortificar a alma: devoção a Maria SS.ma, prática da piedade, sacramentos.

2.º — **Almas atreitas à injustiça.** A. — Quanto importa remediar a êste estado de alma. — A injustiça, que se comete por muitos modos é um grande mal e um grande perigo: *a*) compromete a salvação; *b*) fermenta a deslocação social; *c*) desacredita o cristianismo.

B. — *Remédios:* — Deve o director: *a*) inspirar vivo horrôr pela injustiça, mostrando a desordem, os perigos, a loucura. — *b*) indagar as causas para aplicar os remédios próprios, como fica apontado nesta obra.

3.º — **A irreligião.** A. — Diferentes formas, sob as quais se revela o déficit do sentimento religioso: desrespeito com a Magestade de Deus, com o seu santo nome, com a palavra divína, com as coisas sagradas e instituições divínas, com os lugares santos, com os días santificados.

B. — *Gravidade dêste estado.* — Os devêres religiosos são os mais importantes, urgentes e vantajosos. A sua violação foi muitas vezes a causa de graves flagélos sôbre os povos e os indivíduos.

C. — *Remédios: a*) Contra a mentalidade hóstil à Religião: procurar a causa e combatê-la até a dissipar, desanuviar o espírito dos preconceitos e ignorância, afas-

tar ou neutralizar as influências más, tornar simpática a pessoa do padre. — *b*) Contra a indiferença religiosa: respeitos humanos, cuidados excessivos da vida presente, o ambiente, as faltas da primeira educação. — *c*) Contra as leituras irreligiosas, sugerir o seguinte: miserável o filho que favorece os detractores de seus pais; é um venêno que se absorve todos os dias; triste sintôma, quando se dá preferência a jornais que blasfemam do que nós crêmos; são miseráveis as desculpas dadas para proceder assim; *d*) Contra a blasfémia: Horrôr que deve haver a êste pecado; — repare o blasfemador cada blasfémia. — *e*) Contra a profanação dos domingos: é ingratidão, é indelicadeza; perigos. — *f*) Contra o sacrilégio: gravidade e castigo dêste pecado.

2. Direcção das almas tíbias. — A. *Noção*: são as almas cuja vida sobrenatural frouxa e lânguida, lhes não permite praticarem a virtude e cumprirem os seus devêres, senão com indolência e fastio espiritual.

B. — *Sinais característicos*: 1.º grau: facilidade para o pecado venial. — 2.º grau: permitir-se quanto não é manifestamente pecado mortal. — 3.º grau: conservar afecto ao pecado mortal.

C. — *Causas*: — *a*) Certas *disposições*, que corroem na sua base a vida espiritual: dissipação, afeições apaixonadas, aversões; certos *defeitos*, que apoderando-se das tendências fundamentais da alma a projectam para inúmeras infidelidades: pecados capitais. — *b*) a insuficiências dos exercícios espirituais. — *c*) a raridade em comungar.

D. — *Cura da tibieza*. — *a*) desejá-la ardentemente. — *b*) empregar os remédios convenientes: alimentação espiritual suficiente; — acometer com resolução os defeitos que a causam; — logo no princípio, abraçar certas práticas de piedade, breves, boas de lembrar, fáceis de

cumprir e particularmente eficazes para despertar na vida espiritual; — fidelidade ao exame particular.

E — *Defeitos que originam a tibieza:* a) *soberba:* apêgo desordenado à propria excelência ou tendência para nos engrandecermos, o que pode ser por dois modos: pela estima exagerada de nós mesmos e pela estima imoderada, que pretendemos os outros tenham de nós. b) *Avareza:* amor desordenado às riquezas, isto é, aos bens dêste mundo, particularmente ao dinheiro. *c*) *luxúria:* paixão desordenada pelos prazeres dos sentidos. *d*) *ira:* movímento desordenado da alma, que se arrebata com violência para afastar de si o que considera nocivo. — e) *gula:* apêgo desordenado aos prazeres da mesa; f) *inveja*; tristeza por ser igualado ou sobrepujado pelos outros; *g*) *preguiça:* amor desordenado do repouso.

3. **Direcção das almas piedosas.** A. *Noção da piedade;* benéfica disposição do coração para amar a Deus. atracção veemente para as cousas divinas.

Pessoa piedosa — a que realiza êste estado.

B. — *Necessidade da direcção das almas piedosas:* *a*) sem direcção, caem na singularidade e desacreditam a piedade; — *b*) bem dirigidas, tornam-se admiraveis auxiliares do padre e a glória da Religião.

C. — Dum modo geral, aperfeiçoá-las por todas as formas, o mais possivel, de sorte a torna-las benquistas de Deus e dos homens e social e individualmente seres espirituais completos.

D. — **Em especial:** *1.º Formação da inteligência:* *a*) necessidade. — Esta formação, muito importante para a orientação e progresso constante nas vias duma piedade ampla e sólida, falta muitas veses nas almas que se entregam à piedade. — b) *objectivo:* infundir convicções, ideias claras, exactas, amplas, elevadas, sôbre as coisas

religiosas... e dar ao espirito uma orientação sobrenatural. c) *meios:* banir os livros de piedade mesquinha; recomendar o Evangelo e livros de piedade sólida; praticar diariamente o exercicio da meditação; frequentar cursos da religião; receber como penitência, a leitura de qualquer pagina fulgurante e vivificante. Ler sobriamente e com método. Reformar as ideias defeituosas.

2.º *Formação da vontade.* *a*) necessidade. Formar bem a vontade é conceder um general de valor às faculdades da alma. — b) *objectivo:* tornar a vontade firme na resistência, resoluta nas decisões, enérgica no esfôrço, constante e pronta na execução, pura e desinteressada nas aspirações.

c) *meios:* lançar mão das diversas influências que podem exercer sobre a vontade benéfica acção: excitação da graça, percepção nítida do escopo a alcançar; força impulsivo dos *motivos* que põem em acção, apoio dos sentimentos que conspiram no mesmo objectivo; ambiente benéfico; bons exemplos; influência de santas sugestões.

3.º *Formação do coração:* *a*) necessidade. — E' não menos do que a inteligência um motor poderoso da faculdade responsável, b) *fim:* comunicar ao coração uma singular delicadeza, que o arraste a comover-se ficilmente sob as inspirações da fé. c) *meios.* Suprimir qualquer acto grosseiro ou voluptuoso. Acostumá-lo a admirar as belezas da natureza e da Religião. Concretizar num acto externo os bons sentimentos colhidos.

4.º *Formação da consciência.* — *a*) necessidade. — A consciencia é o guia prático da alma na vida moral. — *b*) objectivo: tornar a consciência esclarecida, recta a delicada. — *c*) meios: fornecer ao penitênte bons exames de consciência, dar-lhe decisões peremptórias, nas dúvidas; rectificar a consciência quando extravia; combater os escrúpulos e o laxismo; prevenir contra a singulari-

dade e fanatismo, impregnando a alma de princípios nobres, de alcance prático; vigiar sôbre os mais leves movimentos e inquietar-se á simples aparência do mal.

5.° — *Formação do exterior.* — *a*) Necessidade. — Os defeitos exteriores escandalizam. Pela reacção do exterior sôbre o interior, a perfeição exterior repercute-se sôbre as disposições. — b) *fim:* desterrar os defeitos que escandalizam; melhorar o porte e torná-lo agradável, edificante.

6.° — *Virtudes sobrenaturais*. *a*) necessidade: *a*) a piedade tende por si naturalmente para a virtude. *a*) A boa formação das faculdades da alma não tem outro objectivo: praticar constantemente a virtude. b) *fim geral.* Fazer da pessoa piedosa uma imagem viva de Jesus Cristo particularmente pela humildade, mansidão, prudência e simplicidade. c) *disposição preliminar:* desejo ardente da perfeição.

A. *Piedade.* *a*) Noção. Em sentido restricto, é uma disposição que nos leva a cumprir assiduamecte, com generosidade e amor filial todas as práticas religiosas que conveem ao vosso género de vida. b) *meios* para conseguir uma piedade verdadeira: formar dela uma noção exacta; estimá-la e desejá-la; ser pronto no exercício, na fidelidade exterior, na intenção precisa e nas práticas eficazes.

B. — *Humildade.* *a*) noção. Leva ao próprio desprêzo e a aceitar o desprezo dos outros. b) *meios* de a cultivar: convencer da importancia primordial desta virtude (justiça, semelhança com Jesus Cristo, vantagens); exercer-se nesta virtude pelo exame particular sobre os diferentes aspectos da humildade; reserva, nos juizos, nas palavras e atitudes.

C. — *Mansidão.* *a*) noção. Virtude que nos leva a

proceder com o próximo pelo modo mais agradável e aprazivel. — *b*) método: *a*) infundir grande estima por esta virtude (palavras da Escritura, vantagens da mansidão); *b*) exercê-la pela prática do exame particular perpassando cada uma das disposições, cujo conjunto perfaz a virtude admirável da mansidão: caridade, paciência, dedicação e afabilidade.

D. — *Prudência*: *a*) noção. Prudência ou discreção é uma virtude que nos faz discernir e adoptar e que mais convem espiritualmente à nossa alma, e nos previne contra a exageração no exercicio das boas obras. *b*) Método: *a*) fazê-la desejar, dada a sua importância (advertências da Escritura), — Necessidade: *b*) exercer nela pelo exame particular nos pontos seguintes: consultar com Deus antes da acção..., proceder sem precipitação... não se determinar sob a impressão do momento.

E. — *Simplicidade*. *a*) Noção: virtude que nos coloca na disposição habitual de evitar a dissimulação e o deslize, que não impõe a prudência e todo o rodeio que nos desvia do fim supremo. *b*) — Método: comunicar estima por esta virtude (advertências da S. Escritura, — do Doutor da piedade — vantagens desta virtude); exercício, pelo exame particular, sobre a mentira, a duplicidade, os exageros, a afectação, — as evasivas do amor próprio.

4. — *Direcção das almas perfeitas*. A. Noção da perfeição: almas perfeitas são as que, tendo domado as inclinações perversas da natureza, adquiriram suficientemente o hábito das virtudes, para prosseguirem generosa e tenazmente na prática do bem.

B. *Fim*: *a*) precaver contra o perigo da tibieza; — *b*) provocar novos progressos; *c*) levar as faculdades da alma a tomar com Deus o contacto mais intimo possivel.

C. — *Meios*: *a*) prática assidua da oração. — *b*) exercício da presença de Deus. — *c*) Pureza de intenção; *d*) conformidade com a vontade divina. — *e*) prática do mais puro amor de Deus. — *f*) exercícios de zêlo e caridade.

D. — *Esplanação à cerca do exercício da presença de Deus; intenções; diferentes actos do amor perfeito.*

Art. 2. — **Diferentes idades**

1. — *Direcção das crianças.* — A. Importância. — Influência da idade infantil sobre a vida.

B. — Fim especial: conseguir cinco disposições essenciais: o pudor, a piedade, a sinceridade, a probidade e a submissão.

C. — Métodos: *a*) Para formar no hábito do pudor, evitar métodos muitos sistemáticos de iniciação. Examinar prudentemente. Excitar com arte à contrição, atender ao propósito. — *b*) Para formar na piedade, cuidar o lado exterior da piedade, ajudar a atenção com pequeninas industrias, desenvolver o sentimento do amor divino, pela Comunhão, Via-sacra.

2. *Direcção dos adolescentes.* A. Importância. Recursos a aproveitar. Perigos a desviar. Influência sobre o futuro. Preferências de Deus.

B. — Fim especial: Inculcar as disposições seguintes: *a*) paixão pela pureza; *b*) o valor. *c*) amor a Jesus Cristo e à Igreja.

3.º — *Direcçãa das Donzelas.* — A. Importância. A donzela tem necessidade de direcção e, bem dirigida pode prestar relevantes serviços à Religião.

B. — Qualidades desta direcção. Para que seja prudente e fructuosa, deve ser paternal e docemente austera.

C. — Fim especial: dominar o coração da donzela, de sorte que, evitando à pureza perigos lancinantes, se torne uma fonte de ardente piedade e um precioso instrumento de bem na vida.

4. — *Direcção dos estudantes.* — Fim: combater a rotina na piedade, precaver contra a hipocrisia, rigor contra as amizades particulares.

5. — *Direcção dos adultos.* — Fim: Observancia dos deveres sociais. — Dos deveres de estado: educação. — Os médicos; os comerciantes; os criados de servir.

6. — *Direcção dos velhos.* — Fim: garantir o desenlace final. — Utilizar a sua experiencia. — Precaver contra a fraqueza do coração.

Art. 4. — **Diferentes estados**

1. *Direcção dos casados.* — Fim: cumprimento perfeito dos deveres conjugais e paternais. — *a*) conjugais: o marido, — amor, fidelidade e honestidade. — a esposa: amor, delicadeza, dedicação. — *b*) paternais: boa educação fisica, intelectual, moral e religiosa: mando calmo, firme e constante; vigilância activa e industriosa; direcção inteligente e firme.

2. *Direcção dos celibatários.* — A. Fim: precavê-los contra os escolhos do celibato. *a*) o egoismo: avareza, preocupações excessivas com a saúde. — *b*) o azedume; *c*) o sentimentalismo; *d*) os caprichos.

B. — Meios: abandôno à Providência, obras de zêlo, amor da virgindade.

3. *Direcção dos sacerdotes.* A. Perigos: *a*) relações imprudentes: primeiros anos do sacerdócio; idade madura. — *b*) porte demasiado secular, que rouba prestigio e expõe. — *c*) perdas de tempo, que o tornam pequeno em face da sua alta missão.

B. — Disposições fundamentais: 1.º — Desejo da santidade sacerdotal: *a*) motivos: dever do bom exemplo; gratidão para com Deus; necessidade dum apostolado fructuoso; *b*) Código da santidade: decálogo, leis canónicas: castidade perfeita.

2.º — Amor da liturgia: *a*) motivos: meio fecundo de santificação; deveres de profissão. *b*) obrigações: observância perfeita, atenção, devoção.

3.º — Fidelidade à meditação: *a*) motivos: A negligência produz notável dano à alma sacerdotal.—*b*) particularmente recomendáveis, os textos litúrgicos.

4.º — Dignidade sacerdotal: — motivos, contribui para o prestígio do sacerdócio, é um agente admirável de edificação, um estimulante precioso para a perfeição; supõe e exerce inúmeras virtudes.

4. — *Direcção das religiosas.* A. Fim; 1.º — fidelidade perfeita aos votos, essencia da vida religiosa;

2.º — Recolhimento, porque a dissipação introduz o espírito do mundo, a tibieza, o tédio pela vida religiosa.

3.º — Observancia da Regra, aliás reinará o capricho, a imortificação, a dissipação, a perda de tempo, o mal-estar geral.

B. — Inimigos: relações muito intimas e frequentes com as pessoas do mundo; aplicação apaixonada às preocupações exteriores; amizades particulares; ciumes e zêlos.

c. — Função do confessor: *a*) respeitar a Regra e os usos legítimos; *b*) não dispensar da sua observância, mas interpretá-la, atendendo ao bem particular e ao bem geral. — *c*) exortar a observá-la generosamente; *d*) observância rigorosa do silêncio.

2.º — *Obdiência*; *a*) fidelidade exterior; espírito de obediência. — *b*) combater as antipatias com o superior, as afeições humanas, que roubam o sobrenatural à obediência, a rotina.

3.º — *Pobreza*: *a*) observância exacta do voto; *b*) praticar a virtude pelo desapêgo dos bens da terra. — *c*) espírito de pobreza.

4.º — *Castidade*: *a*) evitar toda a falta: *b*) remover as imprudências; *e*) perfeição da virtude pela purificação das afeições.

5. — *Direção das vocações*. I — Noção de vocação: *a*) primeiro, o sacerdócio. — *b*) segundo, o estado religioso *c*) terceiro, a virgindade no mundo; *d*) finalmente, o matrimónio. II — Sinais de vocação: — A. Para o sacerdócio: *a*) atrátivo sensivel e irresistivel; *b*) impulso, originado pela percepção clarissima das suas vantagens: *c*) chamamento por intermédio do superior, o bispo.

B. — Para a vida religiosa: — 1.º *Sinais positivos*: *a*) atractivo persistente — *b*) voto; *c*) impossibilidade de se salvar no meio do mundo: *b*) desejo intenso de ser chamado a uma vida mais perfeita.

2.º — *Negativos*: *a*) devêres de família e outros. — *b*) doença incompatível. — *c*) fraquezas incuráveis.

C. — Para o celibato: *a*) incapacidade para outros estados. — *b*) atractivo pronunciado e constante para a virgindade.

D. — Para o matrimónio: *a*) exigências de ordem pública; *b*) promessa ou conseqüência duma falta — *c*) Incontinência.

III. — *Disposições nas almas que aspiram a realizar a sua vocação:* A. aspirantes à *vida sacerdotal:* piedade sincera, modéstia edificante, obediência céga e intrépida, aplicação ao estudo, simplicidade e dignidade, zêlo.

B. — Aspirantes à *vida religiosa:* ardente amor de Deus, correcção dos defeitos, aprêço pela virgindade, fuga das ocasiões, renúncia à vontade própria, observância do regulamento, sinceridade e abertura de consciência.

C. — Aspirantes ao *matrimónio:* tornar-se aptos para os devêres de família, aplicar-se a sofrer com paciência os defeitos alheios, piedade sincera, evitar a dissipação, prudência nas relações.

A. M. D. G.
